

cadernos de
Subjetividade

2015

São Paulo • ano 12. nº18

Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade

Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Cadernos de Subjetividade é uma publicação anual do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, do Programa de Estudos Pós—Graduados em Psicologia Clínica da PUC—SP

Cadernos de Subjetividade / Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós - Graduados em Psicologia Clínica da PUC - SP - v.1, n.1 (1993) - São Paulo: o Núcleo, 1993 - Anual

Publicação suspensa de 1998 a 2002 e de 2004 a 2009 2003 (publicado apenas um fascículo sem numeração) 2010 retoma a publicação com numeração corrente n.12 ISSN 0104 - 1231

1. Psicologia - Periódicos 2. Subjetividade - Periódicos.
1. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós - Graduados em Psicologia Clínica, Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade
CDD 150.5

Conselho Consultivo

Celso Favaretto (USP), Daniel Lins (UFC), David Lapoujade (Paris I-Sorbonne - França), Denise Sant'Anna (PUC-SP), Francisco Ortega (UERJ), Jeanne-Marie Gagnebin (PUC-SP), John Rajchman (MIT - USA), José Gil (Universidade Nova de Lisboa - Portugal), Luiz B. L. Orlandi (Unicamp), Maria Cristina Franco Ferraz (UFF), Michael Hardt (Duke University - USA), Peter Pál Pelbart (PUC-SP), Pierre Lévy (University of Ottawa - Canadá), Regina Benevides (UFF), Roberto Machado (UFRJ), Rogério da Costa (PUC-SP), Suely Rolnik (PUC-SP), Tânia Galli Fonseca (UFRGS).

Conselho Editorial - 2ª edição, 2015

Gabriela Serfaty
Gisella Hiche
Grasiele Sousa
Karina Acosta
Karlla Giroto
Maurício Topal
Paula Chieffi
Peter Pál Pelbart
Rafael Adaime
Tarcisio Almeida

Editores: Tarcisio Almeida

Revisão de Textos: Ana Godoy

Agradecimentos

A revista Cadernos de Subjetividade recorreu a uma rede de amigos que, através de sua colaboração e competência, nos ajudaram a levar a bom termo a finalização deste trabalho. A eles, nossa gratidão e reconhecimento.

Endereço para correspondência

Cadernos de Subjetividade
Pós—Graduação de Psicologia Clínica
Rua Monte Alegre, 984, 4 andar
CEP 0 1060—970 Perdizes. São Paulo — SP
nucleodesubjetividade@gmail.com

Índice

- 07 Apresentação**
- 09 Espaços periféricos projetados sobre a terra**
Cinthia Mendonça
- 23 Modo de vida Aruanda**
Ligia Nobre e Babalorixá Kabila Aruanda
- 35 Reinserções, inserções e deserções**
Altieres Edegar Frei
- 55 O que é a classe da violência?**
Jun Fujita Hirose
- 61 Engajamento com o mundo**
Grupo Contrafilé
- 67 Quem é quem no pensamento huni kuin?**
Amilton Mattos, Isaias Sales Ibã, Grupo MAHKU
- 81 Pólvora e grafite**
entrevista com Flávia Lobo
- 101 Estamos chegando aos 400. E agora?**
Lucio Agra
- 121 A busca de um comum e o tempo em que nada acontece**
Edson Teles, Fernanda Cruz e Henrique Parra
- 133 No ano que vem eu não vou**
Milena Durante
- 137 Fernand Deligny e o gesto da escrita**
Noelle Resende e Marlon Miguel
- 151 Reinventar a imitação: viralidade e vitalidade**
Rita Natálio

- 165 Somos aqueles que estávamos esperando**
Norte Comum
- 183 Arte, clínica e guerrilha: “the wall, the war”**
Paula Patrícia Francisquetti
- 195 Atalho contemporâneo na avenida moderna**
Coletivo Opavivará
- 203 Imagens**

Apresentação

A presente edição gira em torno dos modos de vida dissidentes que fazem face, ainda que em escala diminuta, aos imperativos do mundo neoliberal. Essa seleção foi um exercício de ‘curandeiraria’ e de antenagem, captando processos e experiências que acontecem em terreiros, universidades, blocos carnavalescos, hortas, antigos manicômios, zonas autônomas na cidade e no campo. Acontecimentos que persistem, resistem, inventam-se em direções diversas. Anunciam faíscas de mundos por vir. São extra e transdisciplinares, não precisam responder totalmente às exigências de uma instituição, de um movimento, de uma linha de pensamento. Desde a arte, a educação e a clínica, o desafio é o mesmo: a invenção do comum, que começa a tomar forma, a organizar-se, e ganha corpo, produz. Pluralismo existencial em que diferentes seres, cada qual à sua maneira, em distintos graus e intensidades de existência, acontecem: devagar, insuspeitadamente, e ao mesmo tempo, podem ser muito rápidos e concretos – relâmpagos.

Nessa travessia, a equipe editorial procurou traçar um tipo de linha (des)continua que percorresse esta multiplicidade de mundos. Perguntamos, por vezes: como? Como organizar, mediar essas possibilidades? Como propor uma escrita em forma de tecido para falar desse algo que, por definição, deve escapar à representação? *Click*. Uma bomba. Uma dobra. Os textos coletados são rastros da rede que compõe os *Cadernos de Subjetividade* pelo País e alhures. Quem escreve os textos não necessariamente tem a escrita como sua forma habitual de expressão, mas aceita o convite, inventa formas de escrever, de relatar, de compor vozes de um coletivo. A maioria dos textos desta edição, esta apresentação inclusive, foi escrito a múltiplas mãos e vozes,

uma escrita feita para caminhar por ambientes desconhecidos - onde o sentido não está dado *a priori*.

Os textos escolhidos não apontam soluções e muito menos servem de modelo de vida a ser seguido. Funcionam, assim, como um caldeirão, um borramento, uma escrita do fora que estabelece uma zona de vizinhança com a imagem, o som, o ritual, a festa; um conjunto operatório de singularidades, um tipo de experimentação que não busca necessariamente dar conta de um território, nem fixá-lo, ou torná-lo objeto simbólico, mas corpo de passagem... Sim. Preferiria sim. São passagens. Vozes, dizeres, corpos que se lançam.

Conselho Editorial

Espaços periféricos ou rurais que possuem instâncias efêmeras, móveis, projetadas sobre a terra

Cinthia Mendonça

Dada a ocorrência de espaços rurais que, na atualidade, trazem propostas pertinentes à reocupação do campo e saídas possíveis em relação ao esgotamento geral das cidades, no decorrer deste texto apresento alguns exemplos destas novas zonas rurais em aproximação com a ideia de zonas autônomas temporárias, sugerindo uma possível produção de processos descolonizadores. Este artigo reflete parte da experiência que vivenciei nos últimos sete anos habitando, trabalhando e conhecendo espaços rurais que se constituem desde uma demanda atual de sobrevivência fora dos grandes centros urbanos e que propõem, de alguma maneira, modos de subsistir que operam desde uma sofisticada dinâmica de involução, seja ela cultural ou econômica, podendo criar, assim, pequenas e insistentes fissuras nos valores da sociedade atual.

Observo as nuvens no céu. Sabemos, são passageiras, lugar de trânsito entre um estado e outro das substâncias, entre a condensação e a precipitação, entre o céu e a terra. Mas um detalhe que ocasionalmente nos escapa é que as nuvens estão sempre projetadas na terra, às vezes em forma de água ou vapor, outras, em forma de sombra. Em forma de sombra, a nuvem, como uma mancha de contornos móveis, desloca-se enquanto faz e desfaz formas, comportando-se como território móvel. Impermanente, a sombra que a nuvem faz no chão, marca e desmarca territórios. Arrisco dizer que as zonas autônomas temporárias, no campo, funcionam como as sombras que as nuvens fazem no chão, escaneando as estâncias permanentes e dando a elas o fresco da efemeridade em forma de um nomadismo de ações e ideias.

Sobre permanência e pertencimento

Como é possível que espaços rurais possam possuir zonas autônomas temporárias? No segundo capítulo de seu livro, *TAZ - Zonas Autônomas Temporárias* (do inglês *Temporary Autonomous Zone*), Hackim Bey (pseudônimo de Peter Lamborn Wilson) menciona que “Talvez algumas pequenas TAZs tenham durado por gerações - como alguns enclaves rurais - porque passaram despercebidas, porque nunca se relacionaram com o Espetáculo, porque nunca emergiram para fora daquela vida real que é invisível para os agentes da Simulação”¹. A vida real que não se relaciona com o espetáculo, como menciona Bey, neste caso específico dos enclaves rurais, diz respeito às zonas de não controle, dado o esquecimento ou abandono, ambos justificados pela localização geográfica periférica. A invisibilidade e a efemeridade vêm a ser, então, características fundamentais da ocorrência das TAZs. No entanto, como podemos ver no exemplo de Bey, há casos em que a permanência e a resiliência se fazem necessárias, e é às dinâmicas desses casos tão específicos que nos remetemos.

Certamente as zonas rurais se fazem valer por uma espécie de permanência integrada, onde, para quem permanece, chão e céu são uma espécie de reflexo um do outro. Sabemos, a estância pode ocorrer pela ideia de propriedade, posse ou ocupação territorial, mas também pelo vínculo dentro da dinâmica dos afetos: a afecção que acontece na lida com a terra e que resulta na ideia de pertencimento a um lugar, por exemplo. Os casos que veremos adiante contrariam o pragmatismo e nos mostram que a propriedade não garante, por fim, a ideia de permanência; neles, o que define e garante os contornos do território é a ideia de pertencimento. Menciono a propriedade porque a ideia de território (terreno, casa, espaço) tangencia os limites e fronteiras dela. Pergunto-me: o que vem a ser este enunciado, hoje, dentro dessas novas organizações rurais? A propriedade enuncia condições de existência/inexistência ou ainda de resistência/desistência. A elaboração da gestão dos espaços rurais, que veremos a seguir, pode colaborar para uma discussão mais avançada sobre a propriedade privada no país de empreiteiras, especulação imobiliária e latifúndios? Consideramos que esses espaços se destinam a produzir dentro de um conceito amplo (ou seria integral?) de subsistência

¹ Bey, H. *TAZ - Zonas Autônomas Temporárias*. Tr. br. Patricia Decia e Renato Resende. Digitalização: Coletivo Sabotagem: Contra-Cultura (www.sabotagem.cjb.net), p. 16.

que atende inclusive a ideia de lucro, porém, este não se resume apenas à mais valia sobre o produto e muito menos ao acúmulo de bens, posto que se estende a valores imensuráveis como a aprendizagem, a criação artística e, ainda, o acesso às diversas tecnologias. É pertinente pensarmos o que é subsistência na atualidade.

A tensão existente nos debates em torno do que venha a ser a propriedade territorial, ainda hoje, torna necessário o entendimento sobre que tipo de solo nos sustenta. Sabemos que vivemos em terreno colonizado; uma ideia de território nos foi instaurada desde um violento marco civilizatório, e este terreno se mostra liso e fluido para uns, e áspero, difícil de transitar para outros. Um terreno colonizado produz corpos colonizados², isto é, nas periferias e zona rurais brasileiras, por exemplo, produz a relação de servidão campo-cidade ou periferia-cidade. E, num contexto mais amplo, podemos constatar que o projeto urbano homogêneo, em contraste com os exemplos de espaços que trazemos, colabora para a construção de uma ilusão de solos supostamente lisos e fluidos que demandam sujeitos imersos em uma espécie de compulsão pelo consumo. Contudo, acredito que, quando é estabelecido o tal vínculo afetivo ou a ideia de pertencimento com o conjunto de fenômenos que vem a influenciar a vida no campo (as estações do ano, as qualidades da água e da terra, os ciclos de plantio e cultivo, a vida dos animais, por exemplo), a permanência parece ser, então, de outra ordem de potência. No meio rural, sabemos, estamos sempre submetidos aos eventos naturais que são em si relativos, trazendo-nos tanto fartura quanto escassez, ou seja, é preciso aprender a estar vulnerável, porque sem vulnerabilidade não se planta. A terra pode sofrer grandes impactos quando não consideramos nossa própria vulnerabilidade, nosso próprio impacto. Sendo assim, diferente do terreno plano e liso das cidades, o solo rural é um solo de fissuras, laborioso de transitar, onde as rachaduras da terra se fazem necessárias para acolher as sementes, onde os acidentes geográficos conduzem e agenciam elementos fundamentais como vento e água, onde corpo e terra se impactam. Então, operando desde outra lógica que não a do dominante, que tem a ver com aquela potência de outra ordem, acredito que os espaços rurais mencionados neste artigo se estabelecem justamente contra a lógica de consumo e propriedade convencionais, quando, de alguma maneira, tensionam os

2 Lepecki, A. *Exhausting Dance. Performance and Politics of Movement*. New York and London: Routledge, Taylor and Francis Group, 2006.

limites dos domínios territoriais e exigem, naturalmente, a aproximação com os saberes que foram sendo deixados de lado pela praticidade de uma vida dedicada ao consumo.

Fazer ou comprar

No campo, a praticidade do consumo imediato é relativa, é preciso “saber fazer”, a sabedoria ancestral e a contemporânea se misturam em técnicas e tecnologias de fabricação e cultivo das coisas. Dito isto, é inevitável que uma pessoa desenvolva domínios práticos mínimos para habitar o rural e, então, o consumo passa a não ser fundamental para que se possa acessar o mundo. Muitas vezes, o “fazer” vem substituir o “comprar”. Isto é, em contraste com a ilusão de solo liso feita para categorias específicas de cidadãos normativos, ou melhor, normatizados, veremos a experiência de espaços rurais que operam como uma espécie de contradispositivo³ de poder, na medida em que nos põem diante da valorização dos saberes desde outro ponto de vista, dando ao corpo o lugar de criação. Acredito que a lógica periférica, seja no campo ou na cidade, nos traz percepções sobre os processos de rupturas e desterritorialização necessários para a criação e a manutenção das zonas autônomas, o que nos faz pensar que o meio rural, assim como as periferias, transitam, desde sempre, pelas asperezas do solo e pela autonomia do corpo do “saber fazer”. Essa perspectiva pode nos trazer uma inversão de valor sobre a ideia de precariedade, porém, não nos libera de nossos direitos diante das estruturas políticas e sociais.

No entanto, a tarefa não é fácil, e parece que as zonas rurais que se propõem a escapar aos modelos convencionais de propriedade privada e economia se colocam diante de paradoxos, por conviverem com tensões e contradições na manutenção de suas existências. Consciente da potência irruptiva que os espaços rurais – que se dedicam a agir e a pensar sobre novas maneiras de viver no campo –, penso que dentro deles podem habitar as TAZs, justamente para que funcionem, mesmo diante de possíveis contradições. Mas como ser uma zona autônoma sem ser temporária? Que temporalidades seriam as instauradas nesses espaços permanentes que os possam fazer ser

3 Alvim, D. M. O que é um contradispositivo?. *Cadernos de Subjetividade*, Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, São Paulo, p. 78-85, 2012, p. 78.

autônomos, de fato, não centralizados, governados ou sob o controle de um proprietário? Como disse anteriormente, neste caso, acredito que a efemeridade das zonas autônomas estariam conectadas com a permanência da terra por meio da produção de projeções móveis, tal como as sombras que as nuvens fazem no chão. Da mesma maneira se manifestam as TAZs nos espaços rurais: nômades, aparecem em forma de projetos de efêmera duração, construindo espaços reflexivos e críticos, projetando novas possibilidades, irrompendo com a normatividade do cultivo e da cultura, fazendo com que os territórios de permanência estejam sempre abertos às propostas que chegam por meio deste trânsito de pessoas e ideias, atravessando territorialidades e desfazendo os contornos fixados de poder.

A imanência das sombras das nuvens sobre o chão

Assim como a efemeridade ou a invisibilidade, a imanência talvez seja uma característica fundamental para garantir a autonomia destas zonas. Encontramos na imanência a criação articulada com o desejo⁴ que surge das zonas efêmeras e quase invisíveis de não controle e de liberdade. Mas acredito que, no campo, as TAZs estariam sobretudo afinadas com a vulnerabilidade da Terra, dos seus ciclos naturais, abrindo-nos brechas onde antes não havia: é preciso estar atento e aproveitar esses momentos oportunos para que elas possam se manifestar. Dentro deste contexto, por levarem aos territórios rurais as inovações que trazem a efemeridade e por potencializar, ao invés de atenuar, o efeito da invisibilidade desses espaços, as TAZs são frutas doces da involução urbana do presente. Assim, veremos alguns exemplos que considero espaços que possuem zonas autônomas temporárias em sua constituição, propondo sofisticadas involuções. Eles, apesar de permanentes, apresentam suspensões que tensionam sua própria territorialidade, trazendo para dentro de si zonas móveis em forma de práticas que se materializam em atividades, economias, trânsito de pessoas, maneiras de cultivar e se relacionar com o entorno, entre outras coisas. Esses espaços proliferam pelo mundo pontuando, nas zonas rurais desse planeta, uma referência onde se possa estender uma linha para, ponto a ponto, conectar o que se considera

4 Se "o plano de imanência dá aos acontecimentos virtuais uma realidade plena" (Deleuze, G. e Parnet, C.. *Diálogos*. Tr. br. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998, p. 16), os desejos irruptivos tensionam os poderes que podem se estabelecer desde a territorialidade do campo.

periferia. São constituídos de pessoas que estão voltando para o campo ou retirando-se da cidade. Considero-os, então, locais que promovem, cada qual a sua maneira, convergências produtivas, artísticas e tecnológicas na tensão entre campo e cidade. Eles funcionam como um nó de um rizoma, pontuando, convergindo e tensionando a existência de uma rede. São, de fato, uma proposição; são aglomerados compostos por uma multiplicidade de indivíduos que, como uma potência coletiva, se completam desde suas distintas partes. Muitas partes articuladas para manter não a ideia de um todo, mas a ideia da parte pelo todo.

Nosso chão repleto de sombra de nuvens

Tive o prazer de conhecer, recentemente, dois dos membros da cooperativa La Noguera Medicinale⁵, localizada em Medinaceli, uma antiga cidade espanhola que, no passado, foi ponto de encontro para romanos e celtiberos, árabes e cristãos. Nesta encruzilhada convergem os caminhos de Castilha, País Basco e Catalunha. Essa região faz parte dos atuais povoados fantasmas da Espanha, isto é, está em processo de despovoamento. Situado ali, além dos projetos relativos ao cultivo agroecológico e sustentável, La Noguera Medicinale recém-começa a aventurar-se no trabalho com residências criativas de arte e sustentabilidade. O espaço nasce do encontro de uma jovem moradora do local que decide voltar a viver ali com pessoas de diferentes áreas de interesse que cultivam a mesma visão ecológica e que resolvem pôr em marcha um projeto de desenvolvimento rural integral na região onde atualmente vivem e trabalham. La Noguera quer “gerar uma alternativa sustentável de desenvolvimento, onde a economia se encontre ao serviço das pessoas e não ao contrário”⁶. Este projeto pode alavancar, no futuro, a criação de infraestruturas de acolhimento para a redistribuição populacional centralizada nos grandes centros urbanos. É um respiro em meio à crise social e política da região, uma janela que se abre para um horizonte vasto de terra e nuvens.

Também na Espanha, porém mais ao leste, Calafou⁷ - Colonia ecoindustrial postcapitalista, faz parte da Cooperativa Integral Catalã⁸.

5 Disponível em: <<http://www.lanogueramedinaceli.es/>>.

6 Disponível em: <<http://www.lanogueramedinaceli.es/about-us/our-team/>>.

7 Disponível em: <<https://calafou.org/>>.

8 Disponível em: <<http://cooperativa.cat/>>.

Ocupando uma antiga colônia têxtil situada na região de L'Anoia, conta com cerca 28.000m² de espaço produtivo e 27 moradias que se materializam em gigantescos galpões ocupados com os espaços coletivos e apartamentos reformados. O acesso às moradias se dá pela compra da sessão de direito de uso por parte da cooperativa e para os espaços produtivos, o aluguel é a preços sociais com serviços e recursos compartilhados entre todas as pessoas implicadas no projeto. Em Calafou coexistem projetos coletivos (aqueles que seus benefícios e recursos produzidos se destinam à colônia), projetos autônomos (iniciativas de uma pessoa ou coletivo específico) e espaços coletivos (que possibilitam o desenvolvimento de um projeto ou são parte da infraestrutura da comunidade). É característica da colônia a constante dinâmica de autogestão, o assemblearismo (tomada de decisões por consenso) e uma vivência ecológica e sustentável. Habitam o local artistas, engenheiros, *hackers*, artesãos, entre outros, de diferentes idades, criando, assim, um ambiente heterogêneo em relação a interesses, projeções e perspectivas. Eles próprios se definem como

[...] um artefato portador de futuro. Uma máquina geradora de caminhos e identidades coletivas. Um organismo complexo e híbrido composto por múltiplas subjetividades que cooperam para *reconstruir* uma realidade de vida segundo os códigos que escolhemos, que nos pertencem e que compartilhamos. Em última instância um conjunto de infraestruturas que pretende suprir a falta de soberania tecnológica que padecemos e que nos faz dependentes de um império cognitivo-industrial-financeiro.⁹

Por habitarem um local que desenvolveu, no passado, intensa atividade industrial, aqueles que estão na colônia enfrentam cotidianamente o desafio de conviver com a poluição e contaminação da água e do solo, um grande desafio para o cultivo de alimentos. Poderia dizer que, qualquer investimento que Calafou possa fazer a longo prazo para o desenvolvimento de tecnologias de cultivo em zonas rurais contaminadas, seria de grande serventia para todos.

Já no Brasil, o projeto Veracidade¹⁰, em São Carlos, interior de São Paulo, mesmo localizado num bairro central, é considerado por seus integrantes como periférico. A Veracidade é uma brecha, funciona como uma

9 Texto retirado de <<https://calafou.org/>> e traduzido livremente.

10 Disponível em:<<http://veracidade.eco.br/>>.

espécie de periferia dentro do centro. Além de funcionar como espaço de moradia, a Veracidade é, também, local de desenvolvimento de projetos e propostas sustentáveis - onde se podem encontrar hortas permaculturais, composteiras e pequenas plantações. Seus habitantes querem “aprender a fazer as coisas” - o território de ocupação da Veracidade se coloca em oposição ao barulho e à poluição da cidade, funcionando como uma micro instância rural dentro da área urbana para repensar a cidade como uma ambiente mais sustentável, menos consumista e estéril, abrindo uma fissura no solo urbano e promovendo uma espécie de involução no que diz respeito às práticas de consumo e tratamento de resíduos. Na Veracidade, um dos projetos que me chama atenção é o Curso Popular de Permacultura, que, à custo reduzido e com bolsas integrais, quer popularizar esta importante ferramenta de organização e transformação. O principal objetivo do PDC popular é tornar acessível as técnicas permaculturais para as diferentes camadas sociais, já que os altos custos do PDC (Permaculture Design Certificate Course) tornaram a permacultura uma prática elitista. Numa conversa sobre o espaço, Djalma Nery, um dos integrantes, me diz:

Tenho pensando muito sobre a caracterização que o senso comum nos impõe: a caricata 'Sociedade Alternativa'; os 'hippies'; idealistas sem concretude; eternos sonhadores. E me parece que isso é de um equívoco tremendo e, muitas vezes, proposital. Não queremos construir nada a parte, nenhum gueto. Não queremos nos contentar com nenhuma condição periférica que ajude a manter a existência do centro. Precisamos inverter os termos dessa equação, deixando de ser uma 'sociedade alternativa' e nos tornando uma 'alternativa para a sociedade', para ESSA sociedade, aqui e agora. É preciso substantivar a alternativa, e não apenas tratá-la como um adjetivo complementar; uma possibilidade entre tantas que não altere a ordem vigente. Não somos escapistas; nosso projeto periférico quer desfazer o centro, e, para isso, deve promover lutas de contra-hegemonia, disputas de consciências e uma série de táticas e políticas conscientes.¹¹

O quarto exemplo é a Nuvem - estação rural de arte e tecnologia¹², projeto do qual faço parte. Em 2011, alugamos uma chácara na Serra da Mantiqueira e abrimos um espaço de encontros e experimentações artísticas e tecnológicas, carinhosamente chamada por nós de hackroça. Acredito que a

¹¹ Entrevista sobre a Veracidade concedida em 2015.

¹² Disponível em: <<http://nuvem.tk/>>.

vida na cidade não nos deixa controlar o tempo, que é nossa ferramenta principal. Falo sobre o tempo da instrução, o nosso tempo, aquele dedicado ao desejo - não porque diz respeito ao indivíduo, mas porque concerne também ao coletivo e a uma coletividade. O espaço, então, nasce oferecendo tempo, enquanto promove o encontro entre artistas e não artistas e também expande o pensamento sobre as ciências da roça. A infraestrutura de *hacklab* rural, imerso em natureza exuberante, é nosso atrativo. A casa está localizada em uma interessante situação de enclave (a Nuvem está entre as fronteiras de três municípios e dois estados), ao mesmo tempo em que se encontra entre Rio de Janeiro e São Paulo, oferecendo-nos um trânsito relativamente fácil entre as capitais e a sede do projeto. Foi com o foco no processo de criação por meio das residências artísticas, das metodologias laboratoriais criativas e dos encontros ativistas, que o projeto alcançou uma interessante condição transdisciplinar. Interessa-nos sobretudo o processo, mais que o produto, e, para promover o acesso aos diversos projetos que abrigamos, contamos com uma plataforma wiki onde são relatadas as memórias em forma de diários, tutoriais, textos, esquemas etc. Na nuvem, chama atenção o dissenso causado por diversos universos que atravessam as atividades de criação que se dão naquele lugar, dada a multiplicidade de pontos de vista e o nomadismo de ideias. Ali é o lugar onde cozinham e jantam juntos artistas de diferentes áreas, artesãos, engenheiros, arquitetos, agricultores, ambientalistas, físicos, produtores, escritores, professores, antropólogos, filósofos e pesquisadores de distintos interesses. Nesse contexto heterogêneo, onde se dá o debate e a criação, o que é dissidente, o que é diferente? O comum, neste espaço, é a vivência desde o ato criativo, isto é, desde o nascimento e o desenvolvimento das ideias, desde o “saber, saber fazer”. A necessidade de criar algo é o que move os presentes a compartilhar um mesmo espaço, e são as atividades cotidianas, como cozinhar, limpar, organizar, plantar, cuidar, que promovem o convívio e a troca. Às vezes focados em um mesmo projeto, trabalhando em colaboração, outras vezes desenvolvendo distintos projetos que inevitavelmente sofrerão atravessamentos de outras visões de mundo, o contraste entre realidades e subjetividades são constantes nas instâncias da Nuvem. A nossa Nuvem - estação rural de arte e tecnologia - é um espaço que abarca o trabalho não especificamente desde o uso de ferramentas da tecnologia em si, mas sim desde a ação e a técnica. Ação e técnica se codeterminam, andam juntas: fazer e saber fazer / agir e saber agir (*technê*). Com isso, é também espaço de ativismo (promovendo encontros feministas e laboratórios como o contralab - lab contra repressão); espaço de arte (principalmente

de arte contemporânea), propondo diferentes programas de residências artísticas (Residência de Verão, de Inverno e Autorresidências); espaço de laboratórios colaborativos, onde se dá o desenvolvimento de propostas a partir de trabalho colaborativo e transdisciplinar, na interseção entre artes, engenharias, tecnologias das mais variadas, além de saberes comunitários (Interactivos), e também espaço para fazer e pensar tecnologias de mínimo impacto ambiental, que são os Mutirões de trabalho no campo. Essas atividades são atravessadas por demonstrações, oficinas, apresentações, falas e cuidados. Acredito que hoje, dentre as atividades que realizamos, os Mutirões de Mínimo Impacto Ambiental são das mais fundamentais iniciativas, justamente por operarem na reconexão dos saberes de uma geração de agricultores que não puderam passar adiante seus conhecimentos, por conta do êxodo dos jovens do campo, a um público que tem vontade de aprender como se faz. O objetivo dos mutirões é estacionar em outros espaços rurais promovendo um nomadismo de ideias e práticas que, por serem móveis e efêmeras, vão polinizando saberes em troca da escassa mão de obra do campo. Nos mutirões, trabalhamos desde as necessidades reais do espaço que os recebe: recuperamos nascentes de água, trabalhamos na restauração de micro hidroelétricas que tem capacidade de gerar energia para o consumo de pequena áreas rurais, plantamos em SAFs (sistema agroflorestal), onde fazemos o consórcio de árvores e plantas como mandioca, abóbora e feijão, criamos hortas, banheiros secos, composteiras, realizamos construções com bambu etc. Usamos a expressão mínimo impacto ambiental para deixar claro que se relacionar com o solo é criar impacto. Relacionar-se sem impacto é não afetar-se, e nós nos afetamos. Nos mutirões conseguimos provar uma economia interessante e equilibrada de troca de saberes, mão de obra, tecnologias, organização do trabalho e cuidados que fogem da dinâmica das fábricas. Para além de propor um espaço de convergência entre artistas e pesquisadores, a Nuvem nos propõe novas maneiras de nos relacionarmos com o nosso fundamento, nosso chão. Por fim, para mim, estar em um espaço rural com essas características é sobretudo desapropriar territórios, técnicas, ações, corpos, pensamentos e também tecnologias. A dinâmica da desapropriação tensiona tanto o território quanto a técnica, pois ambos, um após o outro, fundam modos de existir no mundo. Estar em um espaço rural que pensa e cria alta e baixa tecnologia, assim como pensa e cria arte é buscar uma nova relação com o chão, é repensar nosso fundamento, isto é, aquilo que nos é fundamental.

Os exemplos apresentados vêm caracterizar espaços periféricos ou rurais de permanência que possuem instâncias efêmeras, móveis, projetadas

sobre seus territórios. Estas seriam as zonas autônomas temporárias que, como as sombras das nuvens, ganham a forma de atividades, ideias, gestão, economias. Apesar da permanência que os singulariza, estes espaços rurais possuem dinâmicas nômades que lhes dão condições de romper com a norma trazida pela estruturação do campo na contemporaneidade, colocando-se criticamente e propositivamente em relação aos ditames do agronegócio, à ideia de propriedade privada destinada rigorosamente ao lucro ou ao lazer e ao latifúndio, por exemplo. Vejamos, então, algumas características destes espaços. *A consciência de uma existência em rede*, onde há conexão com as demais áreas rurais ou periféricas de mesmo interesse. Essa conexão se dá tanto em relação à troca de práticas e ideias quanto à de mercadorias e tecnologias. O “*saber fazer*”, onde se pode aprender como funcionam as coisas, como podemos produzi-las ou construí-las e agenciá-las. Essa medida, de certa maneira, faz desses espaços contradispositivos, justamente porque promove a aproximação entre pessoa (ser) e mundo sem que haja necessariamente a mediação de dispositivos programados de consumo e, conseqüentemente, de dispositivos de poder. Isto é, aproximarmo-nos do mundo sem adentrar, inevitavelmente, nas cadeias de mediações de acesso a nossas necessidades e aos nossos desejos. Das coisas que necessitamos ou desejamos, o que construímos de fato? Mudar esse hábito parece ser uma proposição complexa, por vezes, utópica. Porém, a vida no campo nos ensina que pode ser mais fácil e menos sacrificante do que se imagina. Não quero dizer que uma pessoa necessita saber fabricar tudo que deseja ou necessita, nem prezo pela especialização, veja bem, falo de uma micropolítica disruptiva, que vive nas sutilezas do saber fazer, da *techné*. Essa proposta traz sobretudo o saber do corpo, e por isso seu processo de liberação no que se refere aos estados de servidão. Porque acredito que é necessária uma transformação não só subjetiva e material, mas também corporal. O saber fazer, somado ao tempo dedicado à instrução de si e de um coletivo, contamina e produz transformações profundas. Mais uma característica fundamental deste tipo de espaço é a *coagulação voluntária*, ou a aglutinação de pessoas movidas por um desejo comum. Por fim, uma última característica seria a *tensão constante com a cidade*. Uma tensão positiva que vem substituir a relação servil entre elas. Porque somente ir para o campo não muda muita coisa. Isolar-se da cidade também não é uma solução; é preciso criar estratégias de contato cidade-campo que fogem dessa dinâmica de consumo, de um lado, e produção, do outro. É preciso não estar sozinho.

Uma consideração que faço é que essas “comunidades” rurais

atuais surgem trazendo vestígios de outras propostas de autonomia do passado e, a exemplo dos erros e acertos cometidos outrora, é pertinente saber quais são os problemas enfrentados por estes espaços e como eles conseguem resolvê-los. Sei, justamente por fazer parte de um deles, que podemos ver conflitos de diferentes origens, e posso citar ao menos três tipos: conflitos relativos à propriedade das terras (o que me faz pensar sobre a propriedade e o pertencimento: será sempre a propriedade que garantirá direitos sobre o espaço ou o trabalho e o pertencimento também se fazem valer?); embates com os poderes estabelecidos internamente e externamente (omissões, silenciamentos, violência psicológica, abuso de poder, machismo, entre outras mazelas); territorialização de espaços e ideias (apropriação indevida de saberes, falta de generosidade, tendência a individualização ou privatização dos espaços em benefício próprio, por exemplo). É saudável que se possa debater sobre as adversidades, justamente para que se possa manter a sanidade e a potência desses espaços. A rede à qual me refiro, neste texto, também é uma rede de troca de experiências e aprendizagem que se dá com erros e acertos, com venturas e desventuras, e que pode se estabelecer sem espetáculos e simulações.

Finalizando, gostaria de fazer do horizonte do pensamento rural uma vista ampla o suficiente para romper com algumas barreiras, dentre elas, a existente entre a corporeidade e a Terra, digo da imanência e da materialidade dessa aproximação que está para além da ideia de poder e território. Por isso trago as nuvens, não como metáforas, mas talvez como parte de um todo, como uma parcialidade da aproximação entre terra, céu e nós, como uma prova desta imanência a que me refiro. Com essa metonímia, vem a proposta de estabelecer um contato sinestésico com o chão. Essa sinestesia tem a ver com o pertencimento, muito mais que com a simples propriedade. Porque me parece que a aparição das nuvens se dá em sua projeção sobre a terra, onde céu e terra tornam-se grandezas integradas, como um organismo nada dicotômico, nada transcendental. Essas projeções da nuvem no chão, como territórios móveis, evidenciam, sobretudo, a imanência da nossa vida na Terra. Poderia dizer, então, que saber ler as nuvens (suas formas, movimento, precipitação, condensação) é manter contato com o chão, assim como lidar com o chão é saber desvendar o movimento das nuvens. Estes são conhecimentos complementares, interdependentes e, poderíamos dizer, retroalimentares. Talvez isso possa nos fazer perceber que, quando as nuvens projetam no solo sua efemeridade, o fazem ser, também, menos permanente enquanto chão que sustenta territorialidades.

Acredito que muitos dos espaços rurais que vemos surgir neste contexto propõem mudanças para que se faça valer uma espécie de aTerramento¹³, uma reconexão corpo-Terra. Isso se dá de muitas maneiras, mas, sobretudo, mudando os hábitos em relação ao consumo e ao “ter tempo para...”. Devolvendo a ação para a escala corporal humana, podemos desalienar e descolonizar as subjetividades. Esse processo não exclui as ações em macro escala, mas também não aliena as microações. Problematizando a produção fora da macro escala e o que produzem esses espaços rurais ou periféricos para si e para a comunidade na qual estão inseridos, resta-nos saber até que ponto estes teriam potencial para intervir na escala massiva de produção das fábricas e indústrias. É possível multiplicar em rede a potência de produção rural ou periférica ao ponto de ela se tornar, de fato, uma intervenção na escala industrial? Uma resposta positiva nos daria um horizonte realmente subsistente e autônomo¹⁴.

Concluindo, substituir o consumo excessivo e obsessivo pelo ato de criação, e, em consequência, pelo hábito do “saber fazer”, é uma proposta complexa e um tanto inquietante. Porque parece sugerir que o mundo se transforme em instâncias mais rurais que urbanas, mais periféricas que centrais. Eu afirmaria, sem medo, que uma involução é necessária. Involuir o progresso tecnológico e civilizatório para que possamos avançar, nós pessoas, em nosso contato com o mundo.

* Chintia Mendonça é artista da performance e pesquisadora, doutoranda em Artes e Cultura na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Cocriadora da Nuvem - estação rural de arte e tecnologia. Nasceu no campo e viveu intensamente os intemperismos do êxodo rural dos anos de 1980 e 1990, fato comum às comunidades rurais brasileiras.

13 Danowski, D. e Viveiros de Castro, E. *Há Mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie; Instituto Socioambiental, 2014, p. 23.

14 Porém, é necessário ainda considerar o uso da matéria prima e a reutilização dos produtos, pois, sem isso, não há como “revolucionar” a produção e o consumo. É também preciso dar conta do horizonte material atual: o excesso de objetos, o contingente de lixo, as variadas tecnologias (ancestralidade, ciência etc.). Como afirma o pesquisador Felipe Fonseca, “Mais do que replicar em escala local os processos industriais, as tecnologias de fabricação (*em pequena e média escala*) poderiam assim indicar outras formas de articulação entre criatividade e objetos materiais, carregadas de significado e relevância.” (Fonseca, F., 2014 disponível em: <efeefe.no-ip.org/livro/repair-culture/> e em <www.makery.info/2015/03/31/gambiarra-la-culture-de-la-reparation/?lang=en>.

Modo de vida Aruanda: “ritualizar para construir uma existência”

Ligia Nobre em conversa
com o Babalorixá Kabila Aruanda¹,
um relato

O ‘modo de vida Aruanda’ compreende ritualizar para construir uma existência. E, existindo, obter o prazer. Quanto mais eu ritualizo e ressignifico a minha vida, mais eu existo. E existir é ter o domínio da sua verdade, que não é única. E a partir daí, usufruir o prazer, de ser comum.²

Imperatriz Cigana dos Mistérios

Aruanda é uma nação, um lugar de livre ritualização do culto aos orixás, mas não é domblé, nem umbanda. É uma livre escolha, são pessoas contemporâneas, são pessoas urbanas, e que escolheram cultivar os orixás. [...] Os orixás são a natureza, são os elementos que constituem o próprio planeta e constituem o nosso organismo, e tem as graduações todas até chegar aqui nos indivíduos.³

Babalorixá Kabila Aruanda

Em 2006, durante a minha residência artística de um ano na Akademie Schloss Solitude em Stuttgart, voltei à São Paulo brevemente. No deslocamento radical da intensidade urbana nos trópicos (São Paulo/Edifício Copan) para o isolamento na floresta germânica (Stuttgart/Solitude), conheci naquela

1 Agradecimentos especiais ao mestre Kabila Aruanda e Mentoria; ao Ciro Ghellere e Claudio Bueno por generosas leituras e contribuições na revisão deste texto. Ao Arquivo UAP, Renato Bolelli e Ju Carvalho pelo apoio com a cessão e tratamento das imagens.

2 Guia Imperatriz Cigana dos Mistérios, ‘Encontro Filosófico’ na Aruanda, 11 julho 2015

3 Babalorixá Kabila Aruanda, Sabatina na Aruanda, 12 de junho 2015

semana, por meio de amigos próximos, o então ‘candomblé contemporâneo anarquista’ da *Korrente da Alegria de Aruanda*. Li os búzios com o Babalorixá Kabila Aruanda, e esse encontro intenso levou-me ao ritual (gira) e senti-me absolutamente acolhida e livre. Um mundo que passou a ser a minha casa, a minha fonte, a minha terra, seja onde eu estivesse. A multiplicidade que eu vivenciara até então no Copan/São Paulo e nos projetos estéticos-políticos urbanos em diferentes países, de certo modo, ampliou-se e tem sido ressignificada nesta ritualística, reunindo natureza, arte e sagrado, contribuindo para dissolver a dicotomia entre moderno e não-moderno, humano e não-humano, natureza e cultura no meu modo de viver. Para cada iaô, uma trajetória específica, seus caminhos e escolhas, uma liberdade em construção, uma lapidação. Esse texto reúne excertos de uma entrevista-conversa⁴ que fiz com o mestre Kabila em Julho de 2015.

A transformação é a ação do novo

guia Baiano Seu Zé do Koko Verde

A Korrente da Alegria de Aruanda está passando por transformações intensas neste momento. Desvincula-se do candomblé (e de qualquer referência à família e ao catolicismo) e se assume como um modo de vida ou uma nação livre. Continuam o culto aos orixás e as ritualísticas. Mantém-se o vínculo com a origem africana, mas não mais com o escravizado. Com esta transformação, e a liberdade que ela nos traz, vem também a responsabilidade maior - individual e coletiva - por essa escolha, de dar conta de tudo isso, de expandir mais.

O mistério e a pluralidade dos orixás, guias, pessoas e narrativas nos afetam e são afetados, junto ao ritmo dos tambores, pontos cantados, danças, ervas, alimentos, roupas, guias e os pontos riscados no chão de terra batido. *A Aruanda* se organiza por experiências e rituais comuns - incluindo

4 Conversa-entrevista minha com o Babalorixá Kabila Aruanda, em Aruanda, Cotia, 01 de julho 2015. Outras anotações incluem: uma sabatina proposta por Kabila Aruanda em 12 de Junho 2015 com os iaôs e convidados, dois dos ‘Encontros Filosóficos’-Giras realizados com o filósofo, diretor de teatro e iaô José Fernando de Azevedo, além de anotações pessoais das giras com os guias, as aulas e sermões, as leituras de búzios e conversas pessoais com o Babalorixá.

os mitos, as práticas cotidianas, os cantos e os pontos riscados -narrativas que redimensionam constantemente a narrativa individual e coletiva. São múltiplos os rituais e ferramentas: as provocações, orientações e proteções dos orixás, da Mentoria e do Babalorixá⁵. Nas giras semanais, a dinâmica é muito ágil, orgânica e imprevisível. Temos os almoços coletivos, o cozinhar, lavar e limpar coletivos; as danças, cantos e celebrações; os alimentos e elementos da natureza; as roupas coloridas e guias individuais; as risadas e as conversas; os perfumes e os sabores; a atenção contínua de si e do coletivo; as aulas e os sermões do mestre Kabila. Temos os encontros filosóficos-giras mensais com o iaô filósofo José Fernando de Azevedo, com o mestre Kabila e guias. Reflexões recentes foram sobre os conceitos de ‘nação’ e ‘território’, assim como de ‘modo de vida’ e de ‘comum’, a partir de Epicuro, com *O Jardim*, e de Giorgio Agamben, com a ‘forma de vida’ dos franciscanos, em relação ao ‘modo de vida Aruanda’. Temos também os colares de poder rezados pelo mestre Kabila; as leituras de búzios e as rezas individuais; as transformações contínuas do lugar a cada visita; as sacológicas, objetos e roupas feitas por Kabila, iaôs e UAP; a convivência intensa entre os residentes da comunidade mais próxima; a construção, manutenção e ritualização do cotidiano; o trabalho constante e intenso de ‘materialização do sagrado’. Como aponta o mestre Kabila:

Nós lidamos com aspectos da psicologia, da filosofia e de outras áreas do conhecimento, junto com uma liberdade muito grande que a arte nos trás e a liberdade de ritualizar a vida. [...] E eu gosto sempre de dizer isso: não estamos aqui para sermos especiais, nós estamos aqui para sermos livres. E se somos livres e temos uma capacidade inventiva muito grande, vamos inventar novos cotidianos, prazeres para os nossos cotidianos. [...] A capacidade do ser humano de se aprisionar é algo aterrorizante. Pra mim, muitas das vezes, as pessoas temem a morte assim como temem a liberdade. Porque quando você tem liberdade, você tem que saber o que você quer fazer com você. O que você quer? O que você quer dizer? O que você quer construir? O que você quer construir nesse momento? Existe um paradoxo muito grande, porque tudo será destruído. Um dia tudo o que você construiu será destruído. E aí, para mim, existe uma chave um pouco filosófica: porque muitas pessoas hoje em

5 “Babalorixá é o homem que cuida dos orixás”, conforme Kabila Aruanda. A Mentoria são os espíritos que junto com o Babalorixá comandam o terreiro (os guias ou entidades se comunicam através da fala, e os orixás não falam). Iaô é quem escolhe pertencer ao terreiro.

dia preferem não ser nada, do que lidar com a dimensão de construir e saber que será destruído.

[...]

Por isso que muitas vezes a dimensão do ritual é você perceber que isso estará impresso no universo de alguma forma. É como o ponto riscado, ele tanto é uma linguagem, como uma constelação. Esse desenho que foi riscado no chão existe em algum lugar do universo, em alguma atmosfera e ele se ressignifica e dá significado pra ritualística naquele momento e viceversa. E aí é onde essa comunicação acontece e você transpõe as barreiras do tempo como nós as conhecemos.

O mestre Kabila e a Mentoria trazem continuamente a palavra “ressignificar”, e o conceito de que “a base da ressignificação é ritualizar o cotidiano”. A bombogira poetisa Negra Anastácia diz: “Viver ou não viver é um capricho dos homens”. O mestre nos provoca dizendo que “*o que é relevante para nós é o existir. Estar vivo é uma coisa de todo ser humano. A partir do momento em que ele nasce, é isso, ele está vivo. Existir, enquanto indivíduo e expressão do seu universo, isso é mais difícil, cada vez mais difícil, mas é possível.*”

restaurar os indivíduos, restaurar o entorno

O terreiro *Korrente da Alegria de Aruanda* foi constituído em 2001 pelo Babalorixá Kabila Aruanda. Inicialmente localizado em sua casa e atelier (de figurinos e camisaria), numa vila na Liberdade, em São Paulo, o terreiro, desde 2006, situa-se num sítio no Caputera, em Cotia, na periferia oeste da metrópole paulistana. Como o mestre Kabila compartilha, foi a própria ritualística que levou à busca da natureza e de um espaço a partir de alguns critérios reunidos: distância máxima de cinquenta quilômetros de São Paulo; que o terreno não fosse plano (por ele achar monótono) e que tivesse em torno de cinco mil metros quadrados; que o seu espaço de moradia não fosse muito colado ao terreiro, assim como não ter muitos vizinhos próximos. Foram dois anos intensos de busca por esse espaço atual que atendeu à maioria dos critérios, assim como tinha um valor que ele poderia pagar na época. E, com intercessão da bombogira fundadora do terreiro, Dona Maria Gertrudes, em um território onde transitaram escravos, encontrou um terreno - seco, mas com uma pé de oliveira gigante - no Condomínio Jardim das Cerejeiras, cuja última proprietária chamava-se justamente Gertrudes Maria⁶.

⁶ Entrevista-Conversa com babalorixá Kabila Aruanda em 01 de Julho 2015. Exus e Bombogiras são os guardiões, vibram a matéria, tudo que é materialização.

Nesses quase dez anos, ao longo do trajeto de São Paulo para Cotia, surgiram favelas, autoconstruções, muros, shopping centers, altas torres em condomínios fechados, mais carros e rodovias, numa urbanização predatória. A Mata Atlântica próxima ao sítio também está ameaçada. Ao revés, em Aruanda, plantamos muitas árvores, flores, ervas e encontramos água. Kabila ressalta que foi muito difícil no começo, por ter encontrado um solo muito pobre, um meio ambiente muito degradado, porém reconhece a importância disso para todos da comunidade: *“Foi muito importante para o restauro dos indivíduos dessa comunidade, restaurar o próprio entorno. Completaremos agora um trabalho de dez anos de restauro, com muitas árvores plantadas. Aplicando várias ações ambientais, que servem para o ambiente físico da Aruanda e que são muito simbólicas também para os indivíduos que fazem parte dessa comunidade. [...] Porque a preservação desse meio, que é de fato a essência do orixá, é fundamental”*.

Esta comunidade de iaôs, composta de indivíduos contemporâneos que moram em São Paulo ou noutras cidades e países, foi se reconfigurando em torno deste novo epicentro na natureza. Kabila se mudou com Gisele Peixe, museóloga e parceria de Aruanda, no início como mãe-grande do terreiro e atualmente Ialorixá. Eles foram se relacionando com os poucos vizinhos do entorno imediato, e amizades fortes foram sendo construídas, principalmente com o Anderson Correia, pedreiro e mestre de obras, assim como com a Irani Alves, costureira, que escolheu ser iaô de Aruanda também. Ambos tornaram-se colaboradores fundamentais do Kabila, seja na feitura das vestimentas dos orixás, entidades, iaôs, e de figurinos e ambientações para projetos artísticos, seja nas obras e construções contínuas na Aruanda e no entorno, feitas majoritariamente, e por princípio, com materiais doados, como reinserção desses materiais. Junto ao terreiro, Kabila construiu um grande hangar-ateliê com e para a comunidade dos iaôs, e criou a Usina da Alegria Planetária (UAP).

Em poucos anos, vários iaôs começaram a se mudar para o entorno da Aruanda, adquirindo terrenos, reformando e construindo suas casas. Atualmente, quinze adultos, mais crianças e adolescentes, moram em nove casas na Aruanda e no entorno imediato. Aos nos aproximarmos, é lindo encontrar roupas e tecidos coloridos pendurados nas cercas de arame dos terrenos, criando como que um campo magnético e imagético. No terreno de verde abundante e diverso, com dois pequenos lagos construídos para Yemanjá e Oxum, os elementos da natureza ‘materializam o sagrado’ dos iaôs, guias e orixás do terreiro, em meio às ‘casas’ (altares) de cada orixá e exus (guias), construídos pelos artistas de Aruanda. Objetos os mais diversos,

coloridos, de múltiplos tempos, espaços e histórias são ressignificados como ex-votos nas construções, e entremeados, pendurados nas árvores. Provocações de Aruanda em estêncil - “Tudo é possível para quem é livre”, “Vista Sua Existência”, “Ouse Antes de Usar” -, seja nas roupas, no chão, nas paredes ou nas portas, sinalizam este território singular. Humanos e não-humanos em contínua transformação. Em Aruanda, orgânico é “organizar o caos”. Já temos uma horta linda de ervas cuidada pela Ialorixá, e começaremos a cultivar alimentos em breve.

Com atuações diversas e múltiplas, como pedreiro, costureira, esteticista, cineasta, ator, diretor de teatro, ambientalista, terapeuta, artista, figurinista, arquiteto, produtor, museóloga, músico, etc., os residentes convivem e constroem continuamente um “modo de vida Aruanda”, que se expande por todos os iaôs:

Foi um dos maiores presentes que eu tive como mestre. Porque quando eu mudei pra cá, sinceramente eu não imaginei que outras pessoas fossem morar nesse entorno. Viemos eu e a Gisele. Como indivíduos de uma tribo, índios urbanos, indivíduos de várias nações que se reencontraram e decidem morar em torno de um mesmo epicentro energético, de um mesmo espaço. E isso fortaleceu a comunidade como um todo. O fato de alguns indivíduos escolherem morar em torno do terreiro, e agora do terreiro e da Usina da Alegria Planetária, que é um ateliê compartilhado, deu uma outra dimensão para esse grupo como um todo. Porque as pessoas que moram na cidade sentem-se extremamente bem acolhidas, e sabem que o núcleo da sua tribo está preservado. Isto realmente nos levou para um outro lugar. E agora, estamos dando passos mais planetários, como a ida à Genebra.

Liderados pelo Babalorixá e artista Kabila, a Aruanda é um território livre, com ações compartilhadas pelos iaôs, como o Marcos Soares, zelador da Aruanda, que cuida da manutenção cotidiana dos espaços construídos, dos múltiplos usos e da natureza, e a Ialorixá Gisele, com a colaboração de outros iaôs, como a Andora Abuhab, ambientalista, para outras demandas e cuidados do terreiro e seus iaôs. Acabaram os cargos, principalmente nas giras-rituais, com suas responsabilidades específicas, e essas tarefas se distribuem mais organicamente. Custos básicos de manutenção do terreiro são compartilhados por todos os iaôs, assim como por doações especiais, e custos de infraestrutura do entorno, seja de construção ou de manutenção, são em parte compartilhados pelo núcleo dos residentes. Temos uma atenção especial ao que consumimos e descartamos no terreiro e na vida cotidiana de cada iaô.

Os cafés da manhã costumam acontecer na casa da Gisele, e os

almoços coletivos são feitos na cozinha do terreiro, da UAP ou na casa de um dos membros da comunidade, com contribuições de comidas e custos distribuídos. Aos sábados, acontecem as giras (rituais), que começam a ser preparadas ao longo da quinta e da sexta-feira, e às vezes se estendem até domingo, e com demandas cotidianas na semana, do lugar, dos iaôs, dos projetos artísticos e tantos outros, como o mestre Kabila compartilha:

Eu já tive um cotidiano em São Paulo, nesses anos que eu morei no centro, muito estressante, com muitas demandas. Eu continuo tendo demandas, mas esse contato com a natureza me trouxe um cotidiano, uma certa rotina livre. Uma rotina livre, porque eu tenho muitas liberdades de escolha. Geralmente eu acordo sempre no mesmo horário, eu não durmo muito tarde. Eu aprendi aqui a gostar do dia, a aproveitar o dia. Então, existe esse espaço de interação com as pessoas, existe um espaço meu de criação, existe um espaço de desenvolvimento desses projetos que fazemos. E, respondendo por mim, fui levado a ressignificar essa dimensão do próprio cotidiano, eu ainda continuo me acostumando com a isenção da ansiedade. Então, eu estou para o dia, para o próprio tempo, e ele também está para mim. Como nós falamos aqui de uma vida orgânica, muitas vezes existem situações que nos atravessam, não de uma forma negativa, aí eu abro mão do que eu havia projetado para aquele momento e vou fazer uma outra coisa. [...] E uma palavra que eu gosto muito é 'acolhimento'. Eu costumo estar sempre muito disponível pra acolher as demandas e os movimentos que o dia traz. E aqui é um território de acolhimento. Em alguns momentos eu preciso realmente parar o que estou fazendo, como agora, para conversar com alguém e pra nutrir aquela semente humana, pra que ela possa se desenvolver. E pra isso temos que ter liberdade.

Kabila Aruanda realizou seu desejo de construir esse grande hangar-atelier para ele, sendo base também do coletivo Usina da Alegria Planetária (UAP), e, conseqüentemente, lugar do fazer, a ser apropriado pelos iaôs, pela comunidade, pelos convidados e interessados, para produção e experimentação de indumentárias, figurinos, objetos, mantas, tapetes, sacológicas, colares, e outros para cinema, teatro, ambientações, projetos artísticos. Tem também marcenaria, serralheria e salão de beleza ('Usina Beauty') e muitos outros usos, com a ressignificação dos materiais doados, que se não usados após um tempo, são reencaminhados para outros usos. A UAP se define como "um coletivo de artistas livres focado na criação, produção, difusão e intercâmbio de ideias, ações e projetos artísticos sustentáveis através da reinserção e transformação de materiais, indivíduos e seu entorno [...] oferecendo soluções singulares na produção de objetos, ambientações cenográficas e indumentária, além de fomentar a experiência artística coletiva com workshops de criação,

pesquisas, performances, intercâmbios culturais e trocas de saberes.”⁷

São múltiplos os encontros e práticas da Aruanda/UAP, como a atual parceria de Kabila Aruanda com a artista *performer* brasileira Clarissa Alcântara, a convite da antropóloga Barbara Glowczewski, para a performance *Cosmocolours et Fureur* (Cosmocores e Fúria)⁸ na exposição-evento *A Besta e a Adversidade*, que aconteceu em agosto de 2015, no Museu de Arte Contemporânea de Genebra, na Suíça: “eu estou levando uma performance dentro da ritualística, que envolve o transe, mas o transe como catarse, e a arte como natureza”. Reforçando a apresentação da UAP da “*nossa experiência, praticada há quinze anos, propondo uma alternativa de coletivo que integra a produção artística e a relação com o sagrado como modo de vida. A convivência em comunidade dá-se como uma construção cotidiana, tendo como fundamento a liberdade e diversidade dos indivíduos.*” Projetos como Terapia da Imagem, dentre outros, e residências artísticas e oficinas têm sido desenvolvidos nos últimos anos, abrindo cada vez mais a Aruanda e a UAP para novas convivências, residências, encontros, ações locais e internacionais:

Como nós temos ao mesmo tempo um lugar que é muito atemporal, as pessoas podem vir visitar e passar por um ritual e serem tocadas, como quem vai a um espetáculo de teatro, podem vir e passarem dias, podem vir e fazerem suas residências artísticas, e é inevitável, elas de alguma forma se envolverem com a nossa ritualística. Então, é colocar a arte na dimensão do sagrado, e o sagrado na dimensão da arte. Sem paredes, sem protocolos, sem pudores, e sem o profano. Isso é fundamental na nossa comunidade, o profano não existe.

[...]

Nós buscamos o máximo de isenção de julgamento. Se fizermos um paralelo com uma obra de arte [...] existem muitas formas de você visualizar e se debruçar sobre uma obra de arte, porém você não julga uma obra de arte, no meu entendimento. Você pode ter uma crítica muito feroz sobre a atitude do artista ou sobre o resultado do processo do artista, mas você não julga. [...]

7 Ver <www.usinadaalegriaplanetaria.com.br> (A UAP reúne também um Arquivo de imagens significativo, em constante atualização.)

8 in *La Bête et l'Adversité* - Um projeto de Anna Barseghian, Stefan Kristensen, Isabelle Papanoizos. *Utopiana* e *Le Commun*, Genebra. 16 Agosto a 17 de Setembro, 2015: <<http://utopiana.-ch/2015/la-bete-et-ladversite-2/>>. Ver também introdução da fala POURPARLERS avec Kabila Aruanda, e Clarissa Alcântara, 23 de Agosto, 2015, <<https://vimeo.com/137482145>>

Você pode criticar, mas a partir do momento que você julga, você tolhe o artista da liberdade e isto é inaceitável.

[...]

Transformar o ritual, desdobrar o próprio ritual, que já teve uma história principalmente, sobretudo no Brasil, uma história tão dentro de guetos, e tão fechada dentro de seus terreiros, de seus candomblés, e lógico e existe um porquê disso, é fundamental para preservação da tradição e pra manter a própria mística do ritual, e esse mistério todo que se dá em volta do culto aos orixás. E pra mim isso é de extrema relevância. Porém, como somos indivíduos muito contemporâneos, e eu sendo um artista e liderando um grupo tanto religioso quanto artístico, [é] levarmos, transcendermos esse espaço e essa ritualística, estetizarmos isso de alguma forma, e nos comunicarmos com fora daqui.

“bons indivíduos fazem bons coletivos”

As coisas sempre se dão em várias camadas. E, o que pra mim, nós carregamos de mais primitivo da ritualística africana dos orixás, é justamente viver em comunidade. Porque elas nascem de uma necessidade de um coletivo, de ritualizar, ritualizar as suas conquistas, a sua colheita, e o seu próprio cotidiano. Porque, quando você vê a mitologia dos orixás, na sua grande maioria, eles foram humanos ou tem muito verossimilhança com questões do cotidiano. Então, ter bens materiais, construir uma casa, traição, dívidas, assuntos que fazem parte absolutamente do cotidiano de uma comunidade. E isso se divide, na África, em pequenos povoados, em reinos, ganham dimensões grandes, médias, pequenas. E é uma outra forma inclusive de conceber as questões familiares, que é muito diferente da nossa ocidental, que é muito mais ligada a uma herança medieval, uma herança sobretudo católica, cristã e judaica, que é a base da nossa formação.

O terreiro é composto por Kabilia Aruanda como mestre babalorixá, o exu-orixá Seu Sete Portas, como o novo mentor espiritual do terreiro, por orixás, entidades/guias e almas [espíritos] da chamada ‘Mentoria’, que reúne também os panteões - de orixás, guias e almas - de cada iaô (aproximadamente cinquenta), incluindo a Ialorixá e o zelador. Uma vida tribal com indivíduos contemporâneos, em comum. Aqui, os orixás já foram humanos (com algumas exceções) e são resultado do método Aruanda, conforme aponta o Babalorixá. Eles conhecem o universo da matéria, por terem sido humanos, e passaram por um processo de evolução, que os levou a ser representantes de um elemento da natureza. No universo do sagrado de Aruanda, Oxossy é a mata, Oxum é as águas doces, a cachoeira, o ouro e a energia solar, Ossanha é o universo das ervas, Ewá é a folha, Yemanjá é as águas do mar, dentre outros.

Alguns iaôs estão desde o início da Aruanda, outros saíram ou chegaram, em processos contínuos, individuais e coletivos, de transformação. Os espíritos também evoluem, se transmutaram em partículas estelares, guias em orixás, alguns vieram e não se adaptaram e foram embora, envelheceram, e outros chegaram mais recentemente. Pessoas, guias, almas, espíritos, orixás, todos em transformação. Pessoas e espíritos atravessam, convivem, visitam pontualmente, relacionam-se livremente com a Aruanda. Porém, quando o terreiro ainda era na cidade, vinha muita gente na gira, e o Kabila incomodava-se um pouco com a quantidade, como ele aponta: “*Eu nunca gostei desse coletivo massificado, e era uma quantidade que já me incomodava um pouco, porque eu não podia fazer meu trabalho de individualizar o ser, para ele depois se reinserir no coletivo. E a minha frase ‘bons indivíduos fazem bons coletivos’.*”

A Aruanda tem sua linguagem e seus usos próprios de palavras e termos, e é essencial o cuidado para situá-los em relação a outros discursos, pensamentos e contextos. Particularmente neste contexto de *Cadernos de Subjetividade*, em relação ao termo “indivíduo”⁹. “*Na Aruanda a primeira comunidade é o próprio eu. O indivíduo sempre será uma coletividade*”, como aponta a guia Imperatriz Cigana dos Mistérios.¹⁰ O ‘modo de vida Aruanda’ tem a alegria como forma de fazer política. O indivíduo é compreendido como aquele capaz de inventar-se continuamente, capaz de se atualizar e se reconhecer a cada escolha, e cuja verdade se produz a partir de critérios (como resultado do conhecimento no plano da experiência, portanto do próprio modo de vida)¹¹, e não é o da ‘vida nua’ ou aquele que segue protocolos, padrões e fórmulas. Cada iaô tem a sua linguagem, com o desafio de aprender a comunicar-se, cada um com a sua linguagem, como coloca o mestre Kabila:

Muitas vezes as pessoas querem colocar o lugar da ritualística dentro de padrões ou fórmulas estéticas, e isso pra mim é muito questionável. [...] Existe uma coisa que eu retomo, e que eu gosto muito, é nos distanciarmos

9 Podemos compreender “indivíduo” como produção de subjetividade no sentido que o Guattari coloca: “Eu é um outro, uma multiplicidade de outros, encarnado no cruzamento de componentes de enunciações parciais extravasando por todos os lados a identidade individuada” (in Glowczweski, B. *Devires Totêmicos*. São Paulo: n-1 edições, 2015, p.38).

10 ‘encontro filosófico’-gira com José Fernando de Azevedo e Imperatriz Cigana dos Mistérios, Aruanda, Julho 2015

11 *ibidem*

das questões da Corte. Nós vemos isso em vários lugares do Brasil, e dentro de muitos candomblés e umbandas. A partir do momento em que a Ialorixá, os seus iaôs, as pessoas que ritualizam os orixás, usam grandes saiotes com anáguas por baixo, isso é uma herança da Corte. Enquanto o falar e sobretudo cantar Iorubá, perpassam todo esse tempo – e é incrível essa manutenção da tradição – outras coisas são absolutamente aculturadas. Então, o uso do plástico, de materiais muito sintéticos e principalmente esses signos que são sociais, familiares e são herança de uma Corte. E aqui a arte tem uma força muito grande, da arte como afirmação do indivíduo e suas ações, e a estética de tudo isso. Ela não se prende, ela é um exercício de grande liberdade, ela não vai se prender a determinados signos, ela pode buscar comunhão com muitos signos, mas ela não vai se prender, se fixar.

Foi sendo desenvolvido desde o seus primórdios, pelo guia preto velho Vô Geraldo e a Mentoria, junto com o mestre Kabila, o ‘método Aruanda’, que se baseia na pirâmide triangular do pensar, agir e sentir ao mesmo tempo, visando o prazer como resultado, como presença da individualidade e o domínio da própria verdade. Como coloca o Babalorixá: “*Porque se tudo é tão efêmero, e se a morte é eminente, você não viver para o prazer é uma coisa que não faz sentido nenhum pra mim. Temos que viver para o prazer. Porque somos seres muito sensoriais, inventivos, criativos. [...] E o prazer está muito dentro da dimensão da multiplicidade.*”

O método reúne práticas, a ritualística dos orixás, que pra nós simbolizam os reinos da natureza, e fazemos aí uma ponte com a nossa própria natureza humana. [...] A questão é como individualizar esse ser humano, que também é dar-se conta do seu coletivo individual. Isso é um pouco complexo. [...] A ritualística dos orixás, a base pra mim, no meu conceito, é a materialização do sagrado. Então, assim como as práticas ambientais, ela ajuda a ressignificar o indivíduo, o seu meio e o coletivo onde ele se insere. E é fundamental a dimensão do ressignificar, e onde a arte tem um apelo estético que é fundamental. [...] A Aruanda vive em constante movimento dentro desse método, que nós chamamos de método de convívio dentro e fora da ritualística do terreiro em si. É dado aos integrantes de Aruanda uma liberdade a máxima possível. Porém, existem signos que nos identificam, e nos conectam a dois pontos fundamentais: à nossa origem e a uma conexão com o planetário.

E ele acrescenta:

Existe uma frase que nós falamos aqui, que “toda ação gera uma consequência”. E uma das dimensões da liberdade é lidar com as consequências dos atos. E, se levamos pra dimensão do artista ou de um líder religioso, por exemplo, o resultado estético, as ações, aquela performance, ou a doutrina, ou seja, as palavras de um mestre, essas ações vão gerar uma consequência, dentro desse

coletivo e algumas vezes dentro da sociedade, e aí sim, precisamos lidar com isso. Então, essas duas dimensões, tanto o sagrado quanto a arte, são precedidas, muitas vezes, de grandes provocações. O próprio agir com liberdade é uma coisa que provoca por si só dentro de um mundo tão oprimido e com tantas questões que são visíveis no nosso mundo de hoje. E nós fazemos um movimento que não é nos afastarmos do mundo contemporâneo, não é nos isolarmos – não estamos numa ilha – mas é interagir com liberdade, o máximo possível, para que possamos também ter o direito de sermos, de transitarmos por esse mundo todo. Então, o nosso método não visa nos isolarmos, mas justamente levarmos a nossa liberdade para as relações, para o planeta. Então, mesmo tendo um grupo de cinquenta pessoas, relativamente pequeno, essas pessoas tornam-se agentes muito poderosos dentro de uma sociedade. [...] A política das escolhas pra mim é fundamental.

*Kabila Aruanda (Alexandre Cunha) é Babalorixá, mas também artista, figurinista, estilista, consultor e diretor artístico do longa-metragem Rendas no Ar (de Sandra Alves). Criador de um método singular, denomina sua prática de 'Modo de vida Aruanda', do terreiro Korrente da Alegria de Aruanda em Cotia, São Paulo – um lugar de livre ritualização do culto aos orixás. Kabila criou, com a ajuda de seus iaôs, a Usina da Alegria Planetária/UAP, coletivo multidisciplinar que reúne arquitetos, designers, artistas, educadores e pesquisadores, promovendo a criação livre, a produção e a gestão de projetos artísticos voltados à reinserção sustentável e a transformação de materiais, de sujeitos e seus ambientes. Site da UAP em: <<http://www.usinadaalegriaplanetaria.com.br>>.

*Ligia Nobre é arquiteta, pesquisadora, curadora e agenciadora de projetos e espaços culturais, e opera nos cruzamentos entre arte e arquitetura. Codirigiu a plataforma exo experimental org. que promoveu pesquisas urbano-estéticas e residências artísticas no Edifício Copan, em São Paulo (2002-07 <www.arquivoexo.org>). Foi curadora com Ana Luiza Nobre e Guilherme Wisnik da X Bienal de Arquitetura de São Paulo – Cidade: Modos de Fazer, Modos de Usar (2013), dentre outras ações. Integra O grupo inteiro com os artistas, designers e arquitetos Cláudio Bueno, Carol Tonetti e Vitor Cesar. Mora em São Paulo, é iaô de Aruanda e membro da Usina da Alegria Planetária/UAP. Investiga atualmente os 'pontos riscados' de Aruanda. Site da autora em: <<http://ligianobre.org>>.

Reinserções, inserções e deserções: breves considerações sobre o uso de seus signos e algumas lorotas do trabalho cotidiano no 'Propulsão'

Altieres Edegar Frei

P. e seus usos abusivos

P. usa um daqueles calçados marca Puma que nem têm cadarços, você já viu? No lugar dos cadarços há uma espécie de botão supersônico - ou algo que o valha - que dá conta de ajustar os tênis nos pés. Novinho. Enquanto conversávamos com ele e tentávamos problematizar o fato de andar armado e tentar resolver tudo à bala, ele desviava o olhar e tornava a ajustar o botão supersônico.

Veste roupas de grife que devem ser, sim, muito caras. Em uma das conversas com um dos colegas trabalhadores do Centro Social Marista Propulsão¹ chegou a comentar que frequentava o *shopping center*, como qualquer outro *piá* de 15 anos. Só que fazia seu *rolê* de taxi e gastava entre dois e três mil reais. Depois voltava (também de taxi) à sua Vila das Torres. Os colegas comentam que ele estava empenhado, também, em trocar de arma.

1 O Centro Social Marista Propulsão – aqui grafado CSM Propulsão – é um dispositivo da Rede Marista de Solidariedade que atende adolescentes entre 14 e 18 anos que estão ou estiveram em tratamento por conta do uso abusivo de álcool e outras drogas, em Curitiba-PR. Funciona desde dezembro de 2013 com equipe multidisciplinar composta por 10 trabalhadores: psicólogo(a), assistente social, coordenador(a) pedagógico e 4 educadores sociais, além de assistente administrativo, direção e auxiliar de higiene e limpeza focados especificamente na (re)inserção social destes jovens. Até o momento, cerca de 120 jovens passaram pelo atendimento em regime de acompanhamento singular com aderência, duração dos atendimentos e encaminhamentos os mais diversos possíveis. Maiores informações disponíveis em: <www.propulsao.org.br>.

Claro, ele sabe bem o que quer: o tipo, o nome, o calibre. Provavelmente, se puder escolher entre cromada ou preta, deve preferir armas cromadas. Brilham mais. Como os detalhes de seu tênis Puma, que deve até refletir luzes na escuridão. Não sabemos o nome da arma, mas sabemos que é uma à prova de coletes à prova de balas. Entendeu? Ela fura coletes à prova de balas.

Sua meta parece clara: tornar-se *patrão* com o tráfico de drogas na Vila Torres - comunidade marcada pelo descaso do poder público, pela volúpia dos grandes empreendimentos imobiliários, por situar-se em uma região central de Curitiba (a outrora capital do meio ambiente ou cidade modelo - você escolhe em que acreditar). Comunidade marcada, sobretudo, pela nefasta disputa pelo mercado de drogas ilícitas que se arrasta há décadas entre as chamadas *gangue de cima e gangue de baixo*.

Agora está sumido do Propulsão. Soubemos que ele foi detido e autuado por tráfico de drogas, o que, naquela altura das suas outras medidas socioeducativas em curso, rendeu-lhe o famigerado Cumprimento de Medida Socioeducativa em Regime de Privação de Liberdade. Não soubemos se conseguiu adquirir a tal arma. Tentamos contato assim que saiu, convidando-o para retomar conosco seu Plano Singular de Atendimento. Ele ainda não apareceu, mas temos uma história boa para contar do tempo que esteve por aqui.

Outro P. e seus usos abusivos

Este aparece com um calçado diferente quase sempre. Acho que o último era um vermelho de deixar o David Bowie com inveja. Jovem, muito jovem, e alto, muito alto; chegou aos atendimentos no CSM Propulsão quando ainda tinha 14 anos, mas seu tamanho já era o de um adulto. Como que aprendendo a habitar o novo corpo, tão súbita parece ter sido a metamorfose de seu crescimento, vive envolvendo-se de forma pueril em confusões com consequências nada pueris. Mete os pés pelas mãos. É desengonçado.

Dia desses, ele soube que um traficante invadira a casa da mãe à sua procura por conta de uma dívida de quinhentos reais que, não duvidamos, custar-lhe-ia a vida não fosse a intervenção conjunta nossa e do Conselho Tutelar de seu bairro, e seu encaminhamento para uma unidade de acolhimento da Fundação de Ação Social de Curitiba.

Este outro P. tinha pego drogas para vender com este tal traficante, mas se atrapalhou nas vendas: não havia recebido o que lhe deviam, e ainda tinha uma certa quantia guardada em seu tênis, que estava *entocado* no CSM Propulsão - para frustração dos nossos ideais de assepsia ou "campo harmônico"

que, na nossa fantasia e idealização, pudesse envolver nosso espaço de trabalho. Mostrou ainda o que tinha no tênis para um de seus colegas que, sorratamente, furtou-lhe as drogas e aumentou seu prejuízo.

Esta não era a primeira vez que este outro P. carecia de teto do Estado. Sua relação com a mãe nos intriga, dado o fato de pouco conseguirmos acessá-la, seja em atendimentos, seja com possibilidades de visitas domiciliares. Seu pai faleceu em uma rebelião na penitenciária onde estava detido. Este outro P. já passara por alguns outros serviços de acolhimento, e até alguns dias atrás, morava com uma tia.

Seu uso abusivo é de *cannabis*, foi de cocaína, segundo conta, mas já não é mais tanto; seu envolvimento com o tráfico preocupa, mas sua grande compulsão parece ser o roubo. Em um dos nossos atendimentos, chegou a contar-nos que gostava de vir ao CSM Propulsão porque assim “não tinha vontade de roubar”.

E, como ele conta, quando rouba pode ser capaz de intimidações por meio de ameaça de violência ou pode ser capaz de “entrar na mente do playboy”. Por isso ele também vai aos *shoppings*, mas costuma frequentar mais seus arredores do que o interior. Por isso seus tênis e bonés mudam muito. Também gosta de ostentação, mas não necessariamente de roupas. Contou-nos que estava em uma praça da cidade com um tijolo de maconha. Perguntamos porque ele saía com aquela quantidade, se tinha noção dos riscos aos quais se expunha com a polícia, e ele respondeu: “*É que quando as meninas pedem um baseadinho e você tira uma lasca de um tijolo destes, você fica com a maior moral*”.

D. e seus usos abusivos

Este também está conosco em acompanhamento há algumas estações. Sua história de vida parece *cabulosa*: dos 15 irmãos, 8 teriam sido assassinados por conta do envolvimento com o tráfico de drogas. Sua mãe, falecida, teve problemas psiquiátricos e ficou internada na ala do manicômio da cidade, onde hoje funciona o CSM Propulsão. Quando ela cometeu suicídio, D. estava preso - *ops*, cumprimento de medida socioeducativa em regime de privação de liberdade - e não pode ir ao enterro.

Fã de *cannabis* e funk, D. coleciona errâncias: ora envolvimento com o tráfico, ora relato de ter comprado um cavalo para trabalhar com reciclagem, ora uma fuga da Vila Torres após tentativa de acerto de contas (que teria vindo de um sujeito cujo irmão teria sido morto em briga com D.), ora adesão

a uma igreja pentecostal renovada, ora uma estada em uma comunidade terapêutica, ora períodos na casa de um cunhado em um município próximo.

Agora, de um tempo para cá, está enamorado, morando com a moça (na casa da família dela) e a relação deles parece um tanto explosiva: vira e mexe um rasga o documento do outro (justo aquela carteira profissional que nos custou diversas idas com ele para regularizarmos). Comenta que quer alugar uma casa e viver com ela. Já fez 18 anos.

Parece estar sempre pronto a explodir. Como um carregamento de nitroglicerina. Fala que quando briga com a atual namorada tem vontade de dar-lhe cadeiradas. Mas, do seu jeito, também é afetuoso com ela (a namorada entrou para nossos atendimentos no nível de uma pessoa do núcleo familiar, que é o que chamamos de público segundo – os adolescentes, obviamente, são nosso público primeiro, e as instituições com quem tramamos ou discutimos casos são nosso público terceiro). E, claro, do seu jeito, também é afetuoso conosco.

Dia desses, depois de uma briga com a namorada, ingeriu cartelas de amoxicilina, ibuprofeno e mais um remédio para a pressão. Depois disso, foi ao CSM Propulsão. Quando nos contou, imediatamente nós o acompanhamos à Unidade de Pronto Atendimento mais próxima. De lá, evadiu-se pouco depois, trazendo consigo, de ônibus, o soro atrelado ao braço. Surreal, não? Voltou para nossa sede minutos depois com o soro pendurado, e após dizermos que a conduta era que ele voltasse para a unidade de saúde ou esperássemos acionar o Serviço de Urgência, resolveu tirar o aparato na rua mesmo, na frente do CSM Propulsão e, após termos-lhe fornecido esparadrapo e gaze, fez seu próprio remendo na veia e voltou para casa com a companheira.

Pactuamos em equipe que, após essa *passagem ao ato* por parte de D., nossas intervenções com ele só continuariam se ele topasse estar em acompanhamento no CAPS. Fomos com ele no dia de sua triagem, em uma manhã chuvosa. Combinamos de sair do Propulsão para que pudesse tomar café e ser acompanhado por um profissional da equipe. Parecia dócil. Emocionou-se ao falar da irmã, do pai que não conheceu, mas aí passou a falar das brigas na casa da companheira e da interferência do pai dela nas discussões: “*aqui entre nós, tem dias que queria que esse velho morresse logo*”.

Conseguiu ir ao CAPS. Foi entrevistado por hora e meia pela psicóloga do acolhimento, voltou ao CSM Propulsão feliz, dizendo que, desta vez, irá se tratar.

Os usos de um dispositivo de reinserção social

Quando a Rede Marista de Solidariedade me empregou para exercer a função, veja só, de diretor do então Projeto Média Complexidade, mudei-me para Curitiba de mala e cuia e, estranho em terra estranha, me vi às voltas com, como se diz na linguagem organizacional, o ‘desafio’ de dar corpo a um projeto ousado, porém ainda banguelo.

O objetivo: atendimento a adolescentes em uma perspectiva de contraturno escolar, adolescentes estes que teriam passado por ‘tratamento de desintoxicação’ e precisariam destas ações para ‘manutenção da abstinência’. Um projeto de média complexidade, como era chamado, dentro das diretrizes da Política Nacional de Assistência Social.

Desde o início, em reuniões com nosso assessor, ficou evidente que precisávamos desconstruir este viés de manutenção da abstinência e aproximarmos-nos da metodologia de redução de danos, para, inclusive, acessarmos jovens que realmente pudessem ter este dispositivo como diferencial entre outras instituições. Ficou evidente que esta proposta tinha um forte hibridismo com a saúde e a educação (ao menos quando se pensa em educação não formal).

Para atuarmos como uma engrenagem complementar às Políticas Públicas – e não cair na prepotência de nos acharmos seus substitutivos ou paralelos –, localizamos um vacúolo no que diz respeito ao conceito de “reinserção social” de adolescentes que estão ou estiveram em tratamento por conta do uso abusivo de álcool e outras drogas.

Em princípio, esta é uma das três atribuições da Política Nacional de Atenção Integral ao Usuário de Álcool e outras Drogas do Ministério da Saúde (a saber: prevenção, tratamento, reinserção) que era/é atribuída majoritariamente como função dos Centros de Atenção Psicossocial, embora pudesse ser de ações entre diversas secretarias (Educação, Assistência Social, Esportes Lazer e Juventude etc.). Portanto, além de cuidar do tratamento, estima-se que estas instituições (ou a conjugação dos dispositivos da Rede de Atenção Psicossocial) deveria dar conta também de promover ações de reinserção social.

Com a crítica de que os dispositivos voltados para o tratamento de transtornos decorrentes do uso abusivo de álcool e outras drogas são ‘puxadinhos’ ou ‘gambiarras’ dos CAPS voltados para transtornos psíquicos como psicoses e esquizofrenias, bem como o respectivo entendimento do signo “reinserção social” e suas heranças do conceito de reformatório, ou, ainda, com a crítica às suposições implícitas ou explícitas de que havia, por parte do

adolescente, diversas inserções em sua vida quando ‘a droga’ o tirou do convívio com a sociedade, começamos as discussões para criar um dispositivo específico para (re)inserção social - uma inovação, portanto, em nível nacional.

Este dispositivo deveria/deverá ser ‘craque’ em colocar o adolescente para fora, mais do que trazê-lo para dentro da instituição. Daí o signo-fundante Propulsão. Remete à decolagem, a foguetes, a acoplamento com máquinas como nadadeiras pé-de-pato, mas, em última análise, remete a algo que o corpo humano é capaz de dar conta. Nossos pés são aparelhos propulsores. Nossos desejos são aparelhos propulsores.

Em um trocadilho quase laciano de categoria duvidosa - como são todos os trocadilhos lacianos - Propulsão também é Pró-Pulsão. A ideia de trabalharmos para liberar outros fluxos de pulsão, além daquele presente no acoplamento entre o sujeito-droga, e de considerarmos o tal ‘campo pulsional’ como um território, pareceu-nos cara. Nossa operação não é para ‘tratamento’ do adolescente, mas aponta para uma clínica da cultura. Exige umas intervenções no nível do regime de signos e das concepções que focam o uso abusivo de drogas como protagonista - e não sintoma - das mazelas sociais. Exige rizomas e tentáculos. Exige agenciamentos.

Para equalizar tudo isso, a metodologia da Redução de Danos nos serviu e nos serve como filosofia de trabalho e como guarda-chuva teórico, com suporte para debates sobre a chaga do proibicionismo e da fracassada Política de Guerra às Drogas. O refinamento do conceito, em nossos Espaços Transversais de Estudo, em nossos Seminários Propulsão ou andanças com o pessoal do Moinho da Luz-Projeto Quixote, (nossos primos), e do Centro de Convivência É de Lei, nos trouxe uma sacada que em muito dialoga com o direito à cidade: RD, de redução de danos, também é redução de distâncias.

Herdamos uma ala de um hospício desativado, contratamos uma equipe jovem e idealista, promovemos concluímos com estéticas que dialogam com os processos de territorialização/desterritorialização destes jovens (como o *grafitti*), adquirimos meia dúzia de bicicletas, administramos com relativa folga nosso orçamento, oriundo exclusivamente da Rede Marista de Solidariedade, de R\$ 550.000 ao ano - valor do qual 60% é revertido para folha de pagamento e das ações de formação - e, *eureka!*, eis a constituição de um dispositivo voltado exclusivamente para reinserção social de até 24 adolescentes em situação de vulnerabilidade social e com histórico de uso abusivo de álcool e outras drogas.

Simple assim?

Não, claro. Não se abre uma instituição como esta, coloca-se uma

placa na porta e recebe-se/encaminham-se casos. Não se chega a um município conservador como Curitiba, com sua classe média majoritariamente protofascista e católica, e fala-se de redução de danos com facilidade, em meio à característica disputa por mercado de bens de salvação e ao entendimento de que a única terapêutica possível é a abstinência - cenário este que a própria gestão atual da Secretaria Municipal da Saúde encontrou e tem enfrentado também com ofertas de ações de Redução de Danos. E, evidentemente, esta discussão entre os empregadores, uma instituição católica, também esbarrou em dogmas que precisaram ser martelados.

O método para acompanhamento destes jovens, dada sua flutuação - idas e vindas - e a passagem escorregadia por diversas outras instituições, precisava e precisa de lapidações constantes. Foi desenvolvido coletivamente um desenho de atendimento por planos singulares (nítido *sampler* dos planos terapêuticos singulares do SUS) dialogando constantemente com o adolescente sobre o que pode ser (re)inserção social naquele momento, com uma concepção crítica dos espaços de exclusão de uma cidade com ideais de assepsia como Curitiba.

Além disso, desenhamos um acompanhamento por tempos institucionais não seriais ou consecutivos, para controle nosso: T1, T2 e T3. No primeiro estágio, investe-se mais na vinculação do jovem com o espaço, equipe e colegas do CSM Propulsão; no segundo estágio, ensaia-se rolês pela cidade de bicicleta ou transporte público com sondagens de áreas de interesse do jovem ou com a famosa operação de *emprestarmos nossos desejos* para possíveis inserções; e no terceiro estágio tem-se o acompanhamento das chamadas inserções que puderam ser efetivas com o adolescente (curso jovem aprendiz para um, curso de teatro para outro etc.).

E, por fim, percebemos no conceito de ambiência, tal qual o destilamos do SUS, um valioso recurso. Ambiência é o espaço físico acolhedor (gramado, cores nas paredes, pufs ao invés de cadeiras, oficinas de *graffitti* e estética visual), mas também é o espaço de encontro entre sujeitos (adolescente + equipe, adolescente + adolescente) que pode permitir intervenções tão ou mais potentes, na espontaneidade, do que aquelas previstas em oficinas com hora marcada. É uma valiosa ferramenta de trabalho, convívio e diálogo que nos sintoniza com uma instituição apta a operar em tempos de sociedade de controle.

Desdubro o raciocínio: as atualizações que as instituições disciplinares fizeram para adaptar-se aos tempos descritos por Deleuze, com inspiração em Burroughs e Foucault, como sociedades de controle (regime de progressão de pena, para o caso das cadeias, ou empreendedorismo, para

estudantes de escolas etc.) não se mostram ainda suficientes quando nos referimos a este tipo de clientela. Dito de outra forma, estamos em tempos de sociedade de controle, mas quase todas as nossas instituições são ainda disciplinares - fábrica, escola, e de certa forma o próprio CAPS, quando promove atendimentos seriados em grades de oficinas.

É evidente que grande parte dos adolescentes que atendemos foi excluída destes ambientes disciplinares clássicos: escola, trabalho, etc. Por isso, não fazia sentido, pensarmos sua inserção apenas em oficinas com horário e dias marcados. Não fazia sentido também pensarmos somente em projetos em médio prazo. Precisávamos pensar na prontidão, no retorno espontâneo de um jovem que não aparecia há meses, precisávamos pensar nas frestas - e a ambiência, com escala, estudo e estrutura, nos apontou uma direção relevante.

Neste sentido, a leitura da opressão típica das sociedades de controle nos deu ideia de usarmos este vetor em outra direção - não com a ambiência instaurada no sentido da vigilância (embora ela cumpra inegavelmente esse papel), mas enquanto tecnologia leve de cuidado, de acolhimento em qualquer tempo, com 'iscas' ou 'objetos ativadores' para atendimentos singulares.

Dois anos mais tarde, uma centena de casos depois, ainda nos debatemos com indicadores ou pegadas que possam nos dar pistas das trilhas que temos feito - e para prestar as contas com a mantenedora. Temos, claro, alguns casos bem encaminhados: retornos familiares, trabalho no programa jovem-aprendiz, retorno escolar etc. Mas, em nossas reflexões, sempre trazemos a questão: que potência pode ter nosso trabalho com jovens cujo encaminhamento não se dá da melhor forma possível? Isso é indício de 'fracasso' ou pode haver algo incubado (inseminação de devires) que pode ser ativado em outro momento?

Os usos de uma 'comunidade'

Além da história de exclusão social, além dos fetiches e da sedução que envolvem o comércio ilícito de drogas, além de composições familiares diferentes da matriz tradição-família-propriedade ou comercial de margarina, há mais pontos em comum entre estes jovens.

Todos passaram por alguma instituição de tratamento - como um CAPS Ad, comunidades terapêuticas ou mesmo internações proto-manicômias em hospitais com programas clínicos voltados para consumo de medicação. Resistiram ou não aderiram ou pouco aderiram.

Todos fazem o tal uso de substâncias psicoativas, ora em ritmo mais ameno, ora com “desandadas”. Isso, claro, evidencia necessidade de cuidados, afinal falamos de sujeitos jovens, com formações em curso diversas: aparelho cognitivo, repertório simbólico, encontros e desencontros com o próprio corpo (uma de nossas oficinas, chamada ‘conversando sobre drogas’, aborda estes cuidados sob a perspectiva da Redução de Danos). Mas, em comum, o envolvimento com o tráfico de drogas, com a criminalidade, com os delitos são o ponto que parece expô-los a um risco de vida mais considerável do que aquele causado por uma superdosagem, por exemplo.

Todos escorregaram da escola. Deslizaram. Não aderiram. Não cogitam em hipótese alguma o retorno à escolarização, cursos supletivos, ou algo do tipo. Quando perguntados sobre o que querem fazer da vida, respondem de forma evasiva que precisam estudar, mas que vão arrumar um emprego primeiro.

Todos moram em ‘quebradas’ ou ‘comunidades’. Um dos jovens P, mora em uma outra região pobre do bairro Uberaba, os outros dois são oriundos da tal Vila Torres. Para os moradores de lá, penso, o termo “comunidade” – neologismo forjado para romantizar favelas – não parece ser uma definição interessante: mais do que se prestar a reforçar supostos laços afetivos entre moradores, cúmplices de um suposto destino social, o signo *comunidade*, empregado desta maneira, cumpre outro sentido ao banalizar o próprio ideal da vida em *comum*. No subtexto: a comunidade ou o comum só caberia aos excluídos.

Não que inexista afeto entre moradores da Vila Torres ou de qualquer outra quebrada. Pelo contrário: a cumplicidade gerada pela partilha de histórias de vida e pela falta de partilha de direitos fundamentais básicos pode vir a ser um efetivo catalisador de afetos. Mas estes afetos são sobrepostos, com frequência, por outras afecções: chacinas, repressões policiais típicas de um estado de exceção, ajustes de contas, onde mulheres são baleadas com seus filhos no colo, execuções frequentes de sujeitos com menos de trinta anos com mais de trinta tiros.

Tem mais: saneamento básico precário, com um rio fedorento cortando a Vila (o Rio Belém, da outrora capital do meio ambiente, equivale ao Tietê da capital do Brasil). Há os muitos galpões e subgalpões de materiais recicláveis amontoando toneladas de papelão, alumínio, plástico, ferro etc. Ali, os cartéis da reciclagem parecem equiparar-se aos cartéis do tráfico. São rastros e restos de algo maior, para deleite dos ratos.

Hiato quase silencioso entre a cidade de Curitiba e seu portal-aeroporto, a outrora Vila Pinto, Vila Capanema, parte pobre do Padro Velho, refúgio tradicional de pessoas em busca de tratamento médico e de migrantes

operários é, também, uma das grandes propulsoras de resistências e matriz de histórias de vida fabulosas². É inspiração para incontáveis trabalhos acadêmicos, para esforços dos setores não governamentais que trabalham para minimizar desigualdades. A potência destas ações há de ser ressaltada, independente da ressonância dos resultados em face das desigualdades macroestruturais - as quais os contextos dos *diferentes usos do uso da droga* se acoplam. Mas, neste jogo de contradições, as histórias de morte chamam mais atenção do que as histórias de vida.

Ali, como em muitas quebradas, as cenas características do *fluxo* e do tráfico de drogas misturam-se à paisagem dos famigerados caixotes de concreto empilhados: ao lado de senhoras que exalam brio e do enxame de crianças flutuando em torno de brincadeiras triviais, nota-se o movimento dos chamados *vaporzinhos*, os soldados do tráfico. São os adolescentes que, como em outras periferias, se tornam “a menina dos olhos” dos patrões, ou o “fetiche da mercadoria” dos traficantes maiores, os patrões - aqueles personagens estigmatizados como os *inimigos do estado*.

Você pode encontrar, em um exercício de memória visual, em seu imaginário, a figura de um deles. É fácil: invoque agora a figura de um traficante-patrão, destes que você vê em programas de televisão ou nas páginas dos jornais. Imaginou? Não será mero acaso se esta figura lhe ocorrer com armamentos pesados e pele negra³.

São manobras nada acidentais daquilo que Priscila C. Vianna categoriza em sua tese de doutorado de “racismo de Estado”, etapa ímpar para a “construção do problema da droga como caso de polícia e saúde pública no

2 Uso, neste artigo-ensaio, como uma das fontes para estudo da constituição da Vila Torres, a dissertação apresentada para obtenção de mestrado em geografia na Universidade Federal do Paraná, em 2006, por Fabiana Bianchini, intitulada *Vila Torres-Curitiba PR: Os espaços de representação e as relações de poder* de onde extraio, sobre sua constituição, que a “Vila Torres surge nos idos dos anos 50, quando se inicia um ponto de chegada de pessoas vindas para tratamento médico nos hospitais próximos ao seu redor. Com a crise do meio rural, a partir de 1970, se transforma num espaço adaptado e receptivo de migrantes vindos do interior do Estado e de outras regiões brasileiras, adquirindo, a partir disto, uma nova configuração, determinada pelo cotidiano destes “novos moradores” e engendrando uma nova ordem social (arquitetura, necessidades e organização) para resolver os conflitos e os problemas básicos enfrentados pela comunidade, tais como: água, esgoto, asfalto, escolas e outros benefícios”. *Ibidem*, p. 24.

3 Vale um levantamento breve pelo buscador *google imagens* da palavra “traficante”. Entre as imagens de cadáveres, os estigmas que mais se sobressaem justificam o termo *racismo de Estado*.

Brasil”⁴. Afinal, como diriam Michael Hardt e Antonio Negri, todo “império”, para se sustentar e crescer, precisa forjar seus inimigos – e, no Brasil, o signo “traficante” equivale ao que o signo “terrorista” representa para os estadunidenses e alguns europeus.

Só que, na Vila das Torres, diferente de outras grandes regiões metropolitanas do país, algo da ordem de uma singularidade se faz notar com o tráfico de drogas: ali parece ainda não haver hegemonia de um cartel único, como o Primeiro Comando da Capital (PCC) – notório pelo feudo construído em São Paulo com tentáculos em níveis nacional e internacional, o Primeiro Grupo Catarinense (PGC) ou os cariocas Comando Vermelho (CV), Terceiro Comando (TC) e Associação Dos Amigos (ADA). Organizações estas que a mídia insiste em classificar sob signos genéricos, tais como “a facção que atua nos presídios” ou “organizações criminosas”⁵.

Como se, ao negar, denegar e recalcar seus nomes, ao optar por “não reforçar a marca”, estivessem em operação efetivas estratégias para mitigá-las.

4 A dissertação de mestrado em psicologia, apresentada por Priscila Cravo Vianna na Universidade Federal Fluminense, intitulada A produção do problema da droga como caso de polícia e saúde pública (2009), traça uma interessante genealogia sobre a forma como o “acontecimento-droga” é capturado e significado pelos discursos, práticas e políticas hegemônicas. Aponta as estratégias de Redução de Danos como interessante vetor de acompanhamento dos casos de uso abusivo por se situarem sob um estatuto ético que permite a invenção de outros possíveis em relação às exigências de abstinência. Para isto, a autora se debruça sobre o projeto biopolítico da construção dos ideais de “mente sã em um corpo são”, com o uso da saúde enquanto um dever (e não um direito) do cidadão.

5 Apesar do fato do Primeiro Comando da Capital ter surgido dentro do sistema carcerário, atribui-se à organização parcela considerável do tráfico de drogas, tanto no eixo importação-exportação-atacado como no comércio varejista, por meio do domínio de pontos de venda em diversas periferias e quebradas. Para o leitor interessado, vale a leitura de *Junto e Misturado - Uma Etnografia do PCC* de Karina Biondi (Terceiro Nome, 2010). Entre outros pontos de relevância, destaca-se, na obra da autora, as diferentes versões para o surgimento do PCC, atravessadas por momentos emblemáticos como o Massacre do Carandiru, em 1992, e que ganham ressonância após os movimentos de rebelião de 2001 e de 2006 (no episódio que ficou conhecido como Salve Geral). A transcendência da organização para outras instituições carcerárias – caso da antiga Febem – e para fora do “sistema” também é estudada pela autora, assim como as tentativas por parte do Poder Público e da mídia de abolir as menções ao *Comando*. Sob este aspecto, chama atenção a declaração de Josmar Jozino, autor de *Cobras e Lagartos a vida íntima e perversa nas prisões brasileiras – quem manda e quem obedece no partido do crime* (Objetiva, 2004), tido como um dos primeiros trabalhos sobre o tema, que, na época em que trabalhava para jornais do grupo Globo, declarou que a diretoria do jornal “proibiu a utilização da sigla PCC, do número 15.3.3. e também do nome Primeiro Comando da Capital [...] O jornal deveria se referir ao PCC apenas como ‘facção criminosa que atua nos presídios paulistas’. Ibidem, p. 133-144.

Argumentos risíveis, não fossem trágicos: a psicanálise – mesmo a de boteco – nos ensina que, ao recalcar um sintoma, a sociedade comete operação similar a de um sujeito que, ao tentar simplesmente “esquecer” ou fechar os olhos para seus problemas, traumas ou complexidades, joga mais sujeira embaixo do tapete – para usar um dito popular. Conversas pra boi dormir.

Talvez por essa briga lendária entre “parte de cima” e “parte de baixo” da Vila das Torres, a tal *facção criminosa* que atua nos presídios não consegue exercer a mesma ressonância que empresa outras regiões da Região Metropolitana de Curitiba. Assim, a Vila Capanema ou Vila Torres continua vivendo a rotina de traficantes depostos, assassinados, *cobrados* por outros traficantes, em uma disputa como a que, décadas atrás, assolava boa parte das outras quebradas, agora “pacificadas” ou tomadas por esses grupos hegemônicos.

Quando essa tomada de poder acontece, sabe-se bem que os grupos hegemônicos se tornam mais ricos e volumosos, e torna-se mais difícil para outros grupos menores (ou mesmo para a polícia) fazer frente a eles. Os níveis de homicídio costumam ter uma queda – fato que, não raro, é comemorado e tomado como propaganda política por muitos governadores bradando a eficácia de sua política de segurança pública.

Os usos da palavra

Cena de uso a: com um P.

Enquanto um dos nossos jovens da Vila Torres ajustava seus tênis marca Puma com um tipo de ajustador de cadarços que lembrava um botão supersônico, e falava do seu desejo de juntar cinco mil reais para trocar de arma e comprar o tal modelo que fura colete à prova de balas, nós, trabalhadores do CSM Propulsão, tratávamos com ele de um assunto que, nos dizeres de muitos, poderia ser um típico exercício de mediação.

Aos fatos: aconteceu que este jovem teria se desentendido com outro jovem que também frequenta nossas atividades educativas e expressivas por conta deste ter adicionado em sua conta do *facebook* o perfil de uma garota (também frequentadora do espaço) com quem o nosso P. estaria “namorando” no último mês.

Teriam eles trocado ofensas no chamado “mundo virtual”, em que o segundo jovem classificara o primeiro jovem (aqui o nosso protagonista) de “vacilão”, ou algum signo que o valha. O ofendido, então, compareceu armado para um acerto de contas com o outro rapaz que nem sabia do namorico,

flerte ou da *relação de posse* que estava se estabelecendo entre o rapaz e a moça.

Por certo “respeito” ao trabalho que fazemos, ao afeto que sente pelo espaço e pela acolhida com quem é recebido (o que é, evidentemente, uma idealização ou interpretação sobre nosso exercício profissional), o jovem em questão não trouxe consigo a arma: deixou-a escondida, *muquiada* em algum ponto do território, para, caso necessário, tê-la por perto e, sabe-se lá como, dirimir a questão.

A conduta da equipe, neste caso, foi a de conversar em dupla com o protagonista em um espaço reservado e, de igual maneira, conversar em (outra) dupla com o outro jovem que teria feito a ofensa. Logo em seguida, conversarmos todos juntos em uma reunião. Chamariam isso de acareação, na linguagem jurídica. Curiosamente, chamam isso de debate, na linguagem da *facção que atua nos presídios da Capital*. Em Roma, poderia ter sido uma assembléia. Na Grécia, uma ágora.

Ao conversarmos sobre os fatos, lançávamos mão da nossa única arma - com o perdão do trocadilho -, aquela capaz de furar coletes a prova de bala e corações endurecidos ou por onde o amor parece não ter sido inaugurado: a linguagem. Com a palavra, a palavra.

Um jovem, então, pode dizer que não sabia que a garota estava namorando. O outro pode dizer que, no que dependesse dele, “ficava tudo quieto”. Os trabalhadores puderam dizer o que pensavam da situação, o quanto se preocupavam, e, não menos importante, puderam dizer do afeto - no sentido ao qual Spinoza se referia: de ter afeto e de ser afetado - pelas histórias de vida e pela potência de vida de cada um daqueles jovens.

Quando o *piá* que deseja a arma cromada à prova de coletes à prova de balas (note bem: é o mesmo piá que parece dar passos largos para assumir e usar a sua fatia de poder transitório no tráfico da Vila Torres, enquanto sua morte ou sua prisão não chegar; é o mesmo *piá* que conta-nos sobre os usos de rituais com churrasco e fatura de cocaína após assassinatos para acertos de dívidas; é o mesmo *piá* que diz usar lavandarias para lavar suas roupas caras; é o mesmo *piá* que vai ao supermercado conosco comprar os ingredientes da receita do dia para nossa Oficina de Culinária e se oferece para pagar a conta e, ouvindo nossa óbvia recusa, resolve comprar por conta própria frascos e mais frascos de Yakult para *ostentar* e usar com os colegas - tal qual usa-se por aí o uísque com energético para as festas ou, quem sabe, tal qual usa-se por aí uma lancheira cheia para o recreio da escola); quando este mesmo *piá* usou sua fala tímida para pedir desculpas ao outro jovem e pode ser menino-e-homem, nós ali experimentamos um silêncio até então estranho.

Foi como uma pausa no tempo. Um corte no roteiro-clichê. Uma ruptura. Um tipo de vacúolo que pudesse suspender, adiar, prorrogar a ideia da Morte. Alguns filósofos chamam isso irrupções da vida em estado bruto. *Real*. Algo além ou aquém do falo, do poder. Plano onde vivem (ou deveriam conviver) humanos solidários e para onde os ideais de comunidade podem apontar. Resgates do comum para além do senso comum.

Cena de uso b: outro P.

Em uma outra situação, outro dos jovens citados estava conosco na cozinha da unidade. Conversávamos, com uma planilha de orçamento, sobre o tal Plano de Ação para o ano de 2016, os itens que tínhamos conseguido aprovar (como compra de um equipamento de som melhor e de máquinas fotográficas) e os que não havíamos conseguido aprovar e, entre estes, aumento salarial de 6% para 9 dos 10 trabalhadores do CSM Propulsão por conta de economia que fizemos em recursos em 2015.

Como de praxe, conversávamos sobre estes pontos abertamente, com a presença de alguns adolescentes. Este outro P., ouvindo a conversa, pergunta-me: “Por que aumento salarial para 9 dos 10, e não para todo mundo?”. “*Porque sou eu que estou elaborando isso, e não seria ético pedir aumento para mim mesmo nesta circunstância*”. “*Ah, deixa eu fazer uma pergunta, o que é esse ético que vocês tanto falam?*”

O que você diria? Quem citaria? Spinoza? Nietzsche?

Na dúvida, saí pela tangente: “*Meu querido, guarda essa pergunta pra você: o que é ética? Tente pensar nela no seu dia a dia. Tente trazer esta reflexão para as oficinas ou a conversa que você tem com os educadores ou seus colegas*”.

Dias depois, soubemos de mais algumas ‘fitas’ deste outro P.: sempre solícito, carinhoso e gentil conosco, sempre ‘liderando’ o andamento ou o fluxo dos outros adolescentes na ‘ambiência’ do Propulsão, P. e mais alguns emaranharam-se em um dos estacionamentos do hospício desativado onde trabalhamos. Foram fumar um baseado e foram pegos pelos seguranças da *firma*, que nos relataram o caso com as típicas recomendações de profissionais de segurança.

Em uma reunião singela no dia seguinte, expusemos nossa preocupação em relação a esta forma de risco em que se colocavam para consumo da droga - os seguranças da firma queriam entrega-los à polícia -, e como com esta ação violavam também nosso trabalho e nosso atendimento. P. foi enfático: “*dou minha palavra de homem que isso não vai acontecer mais*”.

Mas, quatro dias mais tarde, voltaram a fumar um baseado em outra dependência interna, sem uso, do prédio que ocupamos, ao lado da sala de administração, *marofando* todo ambiente. Veja, nossa indignação não se deu por questões ‘morais’ - particularmente defendendo a existência de salas de uso de drogas para adultos como estratégia de redução de danos em tempos de proibicionismo, e sei que muitos colegas da equipe concordam com isto -, mas havia, nesta conduta, um afronte ao que, com custo, tentamos instituir (o tal campo de proteção idealizado, a gratidão ou reconhecimento pelo trabalho etc.). Algo que, nas devidas proporções, seria incestuoso com nossa proposta de atendimento.

Pensamos nisso, pensamos nos furtos que P. comete e na forma como culpabiliza as vítimas - “era um playboy, estava *panguando* com o celular” -, pensamos no seu último tênis vermelho, que ele pesquisou o modelo na internet e furtou um similar de um jovem em uma saída de *shopping*, pensamos em todas as mazelas sociais, pensamos na morte do seu pai em uma rebelião de penitenciária.... P. ainda precisa aprender o que é ética.

De tantos paradoxos e contradições, ressalto: o comum ou o que era comum (a roda de conversa, o entendimento, o pedido de desculpas) nos parece sinistro, estranho. A pergunta: “o que é ética?”, nos parece estranha. Entretanto, não nos parece mais tão estranha a morte, as perdas, as chacinas capitaneadas pelos traficantes e pelas polícias em um estado de sítio permanente de guerra às drogas - com cercos a Vila Torres ou ordens para “vigiar e proteger” em qualquer outra quebrada.

A equipe pactuou uma espécie de suspensão com este P., em razão do ocorrido. Tentativa de erguer uma trincheira, um limite, uma fissura, ainda que no campo simbólico. Tentativa, nos dizeres psicanalíticos, de não sermos um *objeto* a qualquer, mas fazermos a vez do Outro, aquele que instaura as leis, que chama assunções éticas. Uma outra aposta.

Cena de uso c: com D.

Esta cena transcorreu tempos atrás, mas seus ecos ainda nos tocam. Talvez parte da aderência de D. ao CSM Propulsão tenha a ver com esta conduta que tomamos, quando ele, até então com uns seis meses de atendimento, e após estar em situação de rua pela ameaça que culminou nos tiros que lhe foram disparados, contou com nosso auxílio para agenciarmos uma unidade de acolhimento onde pudesse ficar.

Curiosamente, D. era muito reticente quanto a esta possibilidade. Isso só foi possível com uma articulação que fizemos com sua Conselheira Tutelar na época. Uma vaga seria assegurada, e o pedido era para que D. esperasse aquela tarde no Propulsão e nos retornariam a ligação dando as instruções.

Já eram quase cinco da tarde quando ligamos novamente. Pediram para aguardar mais um instante. Logo em seguida, recebemos um telefonema da famigerada “Delegacia do Adolescente” perguntando nosso endereço e perguntando se D. era atendido por nós e estava na unidade.

Moral da história: ele tinha um MBA - Mandado de Busca e Apreensão - expedido e, quando a conselheira tutelar fez a articulação para obtenção do acolhimento, descobriu o ocorrido. Parece que tramaram a captura do jovem no Propulsão. Hipótese. O que você faria em nosso lugar? Daria o endereço e feriria o vínculo com o jovem? Acobertaria o jovem e seria conivente com uma infração à lei?

Pedimos um minuto para o policial, para averiguarmos se D. ainda estava na unidade, e nos reunimo brevemente. A conduta foi a de comunicar o fato a D., manter todas as portas abertas e sensibilizá-lo a se entregar da melhor forma possível, para, usando suas palavras, *‘resolver seus b.os. como homem’*.

Feito isso, comunicado o endereço e a permanência do jovem na unidade, não foram fáceis os minutos seguintes. D. cogitava fugir, e precisamos de fôlego para mantermos o combinado. Quando os agentes da lei chegaram com seus músculos e armas na cintura à mostra, D. ainda vacilou: *“acho que eu não vou com vocês”* *“agora você não tem mais escolha, Piá”*, disse o policial civil com a mão no coldre.

D. foi, mas antes deu um abraço em cada um de nós.

Ficamos sabendo que, depois de sua prisão, *ops*, da deliberação do seu Cumprimento de Medida Socioeducativa em Regime de Privação de Liberdade, foi decidido que ele ficaria em Regime de Semiliberdade em Foz do Iguaçu, mais de 600 km de distância. De lá, D. fugiu, voltou para Curitiba e para nossos atendimentos.

Arrumou um serviço com registro em carteira de trabalho, onde ficou empregado por duas semanas. Organizou, com isto, sua situação com a Conselheira Tutelar e o CREAS local, e, como em um passe de mágica, fez 18 anos e teve essa questão de cumprimento da lei dirimida. Isso tudo, antes de estar ‘casado’.

Dito isto, cabem mais questões: que força estes acontecimentos tiveram, tem ou terão para, de fato, chegar a promover a reinserção social

destes jovens? O que disto tem potência para, uma vez incubado, ser fundamental para que estes sujeitos ergam seus estatutos éticos? Quais escolas, cursos profissionalizantes ou programas governamentais ou não governamentais podem fazer ressonância para inserir estes adolescentes no mercado formal de trabalho? Um emprego em uma lanchonete de *shopping* com registro na carteira e folgas às segundas-feiras poderia ser o melhor final feliz para esta história? Uma legislação que regulamentasse a produção, comércio e controle das substâncias que hoje são ilícitas daria conta de dirimir histórias como esta?

Trabalhamos para a reinserção social destes jovens e para devolvê-los aos locais onde estavam quando o “fenômeno” droga os arrancou de lá, trabalhamos para inaugurar inserções sociais ou, antes, trabalhamos para operar deserções do esquema tráfico-ostentação (com fetiches de mercadoria postos antes das relações entre pessoas) no qual parecem estar mergulhados?

Os usos dos paradigmas

Questionar os ideais de reformatório presentes no signo “reinserção social” dá conta, se tanto, de parte do problema. Cabe ampliar a discussão para as diferentes concepções ou *paradigmas de território* – quando versam que o sujeito, conquistando ou não sua abstinência, precisará voltar para seu bairro (ou sua comunidade) e ali aprender a lidar com as ofertas de uso e a precariedade das ações do poder público no que diz respeito a lazer e cidadania.

Cabe questionar a ideia de que o sujeito precisa viver sua *quebrada* como nunca: que volte a estudar e se aplicar na escola estadual mais próxima de sua casa; que volte a explorar melhor a biblioteca do bairro; que passe a usar a praça para namorar ao invés de usá-la para fumar maconha; que possa participar ativamente do Grupo de Jovens da igreja de sua preferência ou ainda ingressar na Associação de Moradores do Bairro, com um papel de protagonismo político etc. Parece haver neste projeto um vocativo implícito de “volte (e fique) no lugar de onde você nem devia ter saído”.

Esse *paradigma do território* é um tanto quanto distante ou mesmo utópico (e, ao mesmo tempo, um tanto quanto raso para um “final feliz” para os soldados do tráfico que sonham em ser *patrões*) ou mesmo para os adolescentes capturados pelo uso compulsivo de cocaína. Parece que tal ideal traz alguns questionamentos básicos sobre os próprios estilos de vida que são crivados no contexto dos grandes centros urbanos: quantos são os adultos emancipados que, atualmente, desfrutam a praça ou o espaço público para

namorar e caminhar apreciando o luar, que se deslocam a pé pelas ruas do bairro e exercitam a participação cívica e democrática com qualidade?

Cabe questionar, também, em que medida as ações de reinserção social teriam potência para reverter o declínio do espaço público ou o quanto a ideia de “aproveitar melhor a comunidade” está em ressonância com os processos de *gentrificação* ou formação de guetos, difundidos nos grandes centros urbanos - com o progressivo expurgo de estratos menos favorecidos economicamente da população para as periferias em nome da valorização de determinadas áreas para especulação imobiliária. Cabe questionar, por fim, o quanto o *paradigma do território* desconsidera a potência da vivência nômade típica das juventudes.

Novamente, estamos tecendo considerações elementares do ponto de vista da construção (ou para entender a redução) dos estatutos éticos. Há uma reflexão a ser feita sobre o chamado *paradigma dos binarismos*: o tratamento dos transtornos decorrentes do uso abusivo de álcool e outras drogas foi crivado por um binarismo entre problema de saúde x problema de polícia. Se o usuário não é um criminoso, logo lhe cabe o estigma de doente, coitado ou dependente químico que precisa de cura.

Trata-se mais os sujeitos-sintomas do problema, e menos as causas em nível micro e macroestrutural que culminam no imperativo da droga na atualidade. Dito de outra forma, *novalgina* para dor de dente.

Aqui, o entendimento é de que o uso abusivo de álcool e outras drogas nesta proporção está em sintonia com as demandas por gozo incentivadas e forçadas na contemporaneidade (como aquelas que se manifestam no fetiche das mercadorias, consumo excessivo de sapatos ou na banalização da violência). São, assim, sintomas de uma produção de subjetividades em série ou *a la carte* pela economia em tempos do capitalismo tardio, antes de serem meramente causa das mazelas e misérias.

Novos *paradigmas intersetoriais* são bem-vindos, também, para aprofundamento das diferentes leituras sobre as juventudes em diferentes classes sociais. E também dos diferentes usos do uso da droga - o que não se confunde, em nenhum momento, com ações panfletárias de consumo de substâncias psicoativas lícitas ou ilícitas por parte de adolescentes.

Acrescenta-se a estas urgências o fato posto de que as políticas internacionais com maior amplitude de discussão (seja a portuguesa, a uruguaia, a estadunidense, a tailandesa ou de qualquer outra parte do mundo) não darão conta das especificidades brasileiras - não por estarmos aquém ou além destes países, mas por termos situações específicas do histórico escravocrata e

de pólo estratégico para a exportação mundial de cocaína. O imperativo é o de pensarmos e lutarmos por ações em sintonia com o contexto nacional, especialmente dos grandes centros urbanos. Temos *know-how* para isto, afinal, o SUS e o ECA, enquanto tecnologias de legislação e cuidados tipicamente tupiniquins, têm seu êxito conceitual reconhecido.

Cabe, por fim, a discussão sobre agenciamentos ou *paradigmas biopolíticos* em tempos de sociedades de controle, que aproximam ou distanciam o foco do debate das ações diretas ou implícitas do projeto ou engodo de uma sociedade que, em algum momento, esteve “livre” do consumo de álcool e outras drogas. Por trás da proibição ou da tolerância a cada droga, há barramento de alteridades. Modulação de corpos, portanto, de afetos, de formas de amar, de morrer ou de fazer viver. Uma horda de consumidores compulsivos de crack, imersos na miséria, dificilmente situará Higienópolis. Uma horda de consumidores de cerveja, eufóricos hedonistas, dificilmente superará a ressaca no dia seguinte para mudar a sociedade. Esses consumos talvez não façam, para o *status quo*, o mesmo barulho que o acoplamento humano-LSD fez nos tempos da contracultura.

Os usos dessa tarde

A canção é bonita, você deve se lembrar: *parece cocaína, mas é só tristeza. Talvez tua cidade*⁶. Cabe a analogia: parece crack, mas são só estilhaços do poder e do capital.

Este relato com plano de voo um tanto quanto zigzagueante aponta construções, mas também evoca desconstruções. Desmontes. É claro que não temos respostas - podemos, quando muito, reformular algumas questões que já foram feitas. Como diz Rubens Adorno: o especialista sobre drogas é o usuário. Podemos, quando muito, nos aventurarmos na invenção de possibilidades sem deixar de almejar o impossível.

Ante a reinserção social como sinônimo de reformatório, de manutenção do mesmo, propomos propulsões: inaugurar inserções e paradigmas, deserdar dos modelos de subjetivação em série e promover resistências - toda resistência é psíquica.

6 Renato Russo, *Há Tempos* (em Legião Urbana, *As quatro estações*. EMI ,1989).

Não sabemos que fim terão os *piás* que apareceram neste texto. Torcemos para que seja o melhor possível – aquele que vem após uma vida bem vivida e longa. Sabemos, contudo, que, pelo andar dos acontecimentos, isso não será tarefa fácil. Mesmo assim, acreditamos na potência do que vivemos naquela e nestas tardes, e acreditamos que partilhamos uma construção conjunta que pode vir a fermentar e inflamar linhas de fuga e irrupções de singularidades.

Estamos falando de algo que pode vir a ser ainda maior do que trazer o sujeito para uma vida sem drogas, pois precisamos mirar para um outro tempo, em que a droga não tenha esse apelo do lastro-ouro e não responda pelo estatuto do prazer como tem sido difundido atualmente.

Há outras tardes por vir. Hão de vir.

*Psicólogo, doutorando em Saúde Pública na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP) (pesquisa sobre o signo da reinserção social e suas implicações biopolíticas), mestre em psicologia clínica pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) (pesquisa sobre os modos e modelos de subjetivação no Metrô-SP) e especialista em Semiótica Psicanalítica e Clínica da Cultura pela PUC/SP. Atualmente está empregado como diretor do Centro Social Marista Propulsão. Email: altieres@yahoo.com.br

O que é a classe da violência?

Jun Fujita Hirose

Numa entrevista publicada em 1984, Marguerite Duras, falando de seu filme realizado em 1972, propõe um conceito político que parece não ter perdido a atualidade nos dias de hoje, a saber, o de “classe da violência”.

Em *Nathalie Granger*, eu criei, entre essa menina nascida da burguesia, que é a burguesia em potencial e é muito violenta na escola, a ponto de ser preciso enviá-la a uma casa semi-disciplinar, e os pequenos assassinos de Yvelines, um parentesco. Eles fazem parte de uma classe comum que denominei *a classe da violência*. E descobri que, na França, tudo o que se passa entre os dez e os vinte anos, não faz senão confirmar essa designação. Pode-se falar de classe da violência em toda Europa, assim como na França... [...] A violência faz a classe: não é nem o nível social, nem o nível de instrução das crianças, nem a moralidade dos pais ou o amor do qual foram privadas, etc. Não acredito mais nisso. Não, a natureza mesma da infância e da juventude, em sua confrontação com a sociedade moderna, cria essa violência que nada pode reprimir. [...] Você tem a classe burguesa, aristocrática, as minorias de produção, a classe operária, e você tem também a classe da violência. Ela faz uma classe por si só, a partir desse único elemento, a violência. Quer dizer, a partir de uma recusa que todos nós conhecemos, por tê-la mais ou menos roçado, mais ou menos vivido. A violência é uma coisa que se reconhece. Não é uma coisa que se aprende, é uma coisa que se reconhece e que, portanto, se vê em si mesmo, todo o tempo e ao longo da vida, a vocação profunda.¹

¹ Duras, M. *La Couleur des mots. Entretien avec Dominique Noguez, autour de huit films* (1984). Paris: Benoit Jacob, 2001, p. 39-40..

Seria preciso, antes de tudo, ressaltar a ambivalência com que Duras apresenta a classe da violência. Fala tanto de um fato como de uma vocação. A classe da violência é colocada, por um lado, como realidade ontológica, historicamente determinada, da qual fazem parte não somente as crianças e os adolescentes, mas todos os homens que vivem na sociedade moderna, e, por outro, como um projeto ético-político a realizar, correspondendo ao duplo estatuto que a escritora atribui à violência, ao descrevê-la como um poder comum a todos e como um ato a ser efetuado pessoalmente.

A violência como ato, *ato de violência*, se define, em Duras, primeiro como uma prática ética, enquanto se realiza no esforço das pessoas de levarem uma vida diferente daquela que são conduzidas ou incitadas a levar na sociedade. Em seu primeiro tempo, o ato de violência aparece como um assunto privado, em que cada indivíduo se esforça em afirmar sua liberdade. Ou seja, o que mais interessa a Duras no ato de violência é o fato de colocar em contato imediato o assunto privado e o de classe, a ética e a política, a vida e a política. O ato de violência de um indivíduo, na medida em que se efetua diante de outros indivíduos, leva cada qual a reconhecer em si a violência como potência, potência de violência (seja a “*Gewalt*”, no sentido em curto-circuito do termo). Assim, o ato de violência remete não somente à questão de saber como tornar-se um homem livre, mas também àquela, política, de saber como construir uma nova associação de homens, ou mesmo um novo povo, lá onde o povo está perdido, fragmentado em minorias. Se em *Nathalie Granger* a classe da violência, em sua realidade ontológica, se deixa vislumbrar entre a filha (Valérie Mascolo) e os jovens assassinos, é entre a filha e a mãe (Lucia Bosé) que ela começa a se atualizar como um novo povo de sujeitos livres.

A mãe, sozinha, é o teatro de um antagonismo terrível. Não sabe se quer manter consigo a criança. São os derradeiros quinze minutos da luta. No fim, manterá a menina. Irá entregá-la à música ao invés de entregá-la à sociedade. Se preferirem, ela a entrega à música assim como se entrega à morte. Porque a criança não poderá ficar com um conhecimento apenas musical. Será mesmo obrigada a sair. E é isso, eu acho, a grandeza do filme: está lá, nessa espécie de selvageria expressa pela mãe a partir do exemplo da filha, aquela menininha selvagem, que não quer ouvir nada e que é a imagem mesma da desobediência, da recusa da sociedade. E a mãe segue o exemplo da pequena. É isso que me toca muito em *Nathalie*. A casa inteira é habitada pelo crime. Desde que se entra nela, do que se fala à mesa nessa família pacífica? Do crime de Yvelines. História verdadeira. Sente-se medo, todo mundo sente medo. Não estão longe. A floresta de Dreux está muito perto.²

2 Duras, M. *La Couler des mots...* op. cit., p. 44.

O ato de violência da filha leva a mãe a reconhecer em si mesma o poder de violência, e este produz nela uma cisão interna, antagônica, que a faz entrar, finalmente, em sua posse formal, recusando-se a se dobrar diante da sociedade, efetuando, ela própria, um ato de violência ou mesmo um ato criminoso. Ora, seria preciso notar que a escritora não fala de “crime” em termos jurídicos. Se qualifica de criminosos os atos de violência efetuados por seus personagens do mesmo modo que o assassinato de Yvelines, e apresenta a casa sendo habitada pelo crime, que se acha, assim, tão fora quanto dentro dela, é porque não define o crime à luz dos códigos jurídicos, mas à luz dos códigos disciplinares. E isso corresponde à mutação do paradigma do poder constatada por Duras: na sociedade moderna, capitalista, não é mais o Estado e sim a sociedade mesma que toma nossa vida como refém, a fim de exercer seu poder sobre nossas condutas. O poder moderno não se exerce a partir do princípio da soberania, não é abarcado pela autoridade estatal, à qual cada um de nós delega sua soberania através das instituições legislativas, judiciárias e executivas; ele se exerce segundo a mecânica das relações de força, na medida em que se move no campo das relações sociais sem passar pelas relações de direito. Se o sistema estatal de soberania e de direito continua subsistindo em sua legitimidade, não é mais para exercer, ele mesmo, um poder (soberano), mas para fazer de sua autoridade legítima um *simulacro de poder* que dissimula o exercício efetivo do poder social disciplinar, maximizando, desse modo, a sua eficácia.

A classe da violência, portanto, não se opõe simplesmente ao Estado, ela se dirige contra a sociedade inteira. Em Duras, a violência não se define por sua contestação radical da autoridade estatal, nem pela instauração de um estado de exceção, mas por sua selvageria profunda, antidisciplinar, isto é, pela intransigência de sua insubmissão a todos os mecanismos disciplinares com os quais se exerce o poder moderno. Neste sentido, se os personagens de *Nathalie Granger* falam, à mesa, do crime de Yvelines, não é por sentirem pelos seus autores a “secreta admiração” que, segundo Walter Benjamin, em sua *Crítica da violência* (1921), a “figura do ‘grande’ criminoso” não cessa de provocar no seio das massas, em razão de seu ser fora-da-lei. Se é verdade que a violência antidisciplinar, durasiana, se exerce contra a “violência mítica”, definida por Benjamin como sendo fundadora e conservadora do direito, nem por isso ela se reduz, simplesmente, à “violência divina”, que o pensador judeu opõe à mítica, ao defini-la como destruidora do direito. Aos olhos da escritora francesa, a “crítica” benjaminiana se revelaria datada, circunscrita historicamente, ainda muito centrada na questão do direito e da soberania,

sem sequer pensar na mutação do paradigma do poder dentro da sociedade. Duras diria que é antes o poder disciplinar que constitui, hoje, uma verdadeira violência divina, na medida em que se exerce aquém ou além de todas as relações de direito. E isso se comprovaria de um modo ainda mais evidente pelo contraste sugerido por Benjamin: “A violência mítica é violência sangrenta, exercida em seu próprio favor, sobre a vida pura e simples; a violência divina se exerce sobre toda vida, em favor do vivente [*Die mythische Gewalt ist Blutgewalt über das blosse Leben um ihrer selbst, die göttliche reine Gewalt über alles Leben um des Lebendigen willen*]”. Para Duras, o poder moderno não será senão essa violência pura, exercendo-se sobre nossa vida de maneira absolutamente não sangrenta, e isso, justamente, em nosso favor *enquanto viventes*. A sociedade capitalista jamais nos entrega à morte (pois a valorização do capital depende totalmente das forças produtivas que somos enquanto viventes); ao contrário, nós é que nos entregamos à morte quando recusamos nos entregar à sociedade. Dito de outro modo, é quando se tem a coragem de se entregar à morte que se entra na insubmissão total à sociedade.

Ora, nem a filha nem os jovens assassinos efetuam seus atos de violência com a intenção de dar exemplo aos outros. Para eles, a violência permanece de ordem puramente ética e pessoal. É a mãe, afetada pelos atos de violência que lhe chegam ao acaso, que aprende ser possível dirigir-se aos outros a partir da violência exercida em seu próprio corpo, tornando-a visível para eles. Pela sua própria experiência de afecção passiva, a mãe é induzida a formar uma *noção comum*, a saber, a ideia da violência como potência comum a todos, e a reconhecer, assim, a força de afecção ativa do ato de violência. E é desse modo que em *Nathalie Granger* passamos de uma formação política passivamente vivida (afecção alegre passiva) a uma formação política ativamente organizada (afecção alegre ativa). Se a primeira acontece entre a filha e a mãe, a segunda se opera numa cena onde esta última e sua amiga (Jeanne Moreau) recebem em casa um caixeiro viajante. À entrevistadora Dominique Noguez, que quer ver aí “uma espécie de comparecimento de um homem a um tribunal de mulheres”, Duras responde:

Não é um tribunal. [...] É inadmissível ser um caixeiro viajante. É obrigar as pessoas a entrarem à força na casa das outras e a venderem sua mercadoria custe o que custar sob pena de morrerem de fome. [...] É preciso dizer as coisas como elas são. A maior parte das profissões são [inadmissíveis], mas essa também é. Não é porque nela não se suja as mãos que é mais admissível que a profissão do operário. [...] Não é de maneira nenhuma um julgamento que elas têm contra ele, é o que elas pensam, elas [...]. Não é de maneira

nenhuma um processo. [...] Elas negam aquilo que ele pretende ser [...]. Ele não só não é posto para fora, como é recebido. Dizem a ele bom dia, dizem a ele que se sente e olham para ele. Ele é totalmente ouvido. E além de ouvi-lo, lhe dizem: ‘Não, você não é um caixeiro viajante. Você está além, é outra coisa.’ Não se é caixeiro viajante. Ninguém é. Isso não existe.³

Seria preciso tirar ao menos duas consequências complementares da recusa categórica da escritora em considerar essa cena de confronto como a de um tribunal ou de um processo. Primeiro, não é reativando a violência mítica do poder que lutamos contra o poder disciplinar exercido sobre nossas condutas “sob pena de morrermos de fome”, mesmo que o faça em nosso favor enquanto viventes. Segundo, se a violência mítica consiste em julgar o outro “em seu próprio favor”, isto é, para (re)afirmar que está autorizada a ela em sua legitimidade, a violência antidisciplinar consiste em declarar a verdade em face desse outro, conduzindo-o a reconhecê-la em si mesmo. A mãe e a amiga declaram a verdade diante do homem, não apenas dizendo-a, mas também e, sobretudo, encarnando-a fisicamente em suas próprias vidas. Mas por que Duras fala da inadmissibilidade da “maioria das profissões”, senão de *todas* as profissões exercidas sob o comando da sociedade capitalista, não se contentando em evocar a do caixeiro viajante? Chegamos ao momento oportuno de deixar falar, em sua própria voz, o filósofo que estava em nossa retaguarda desde o começo. Diz Michel Foucault, em sua última lição no Collège de France, em 1984, ou seja, no mesmo ano em que aparece a entrevista com a escritora:

Não é necessário entender, com efeito, que o cínico se dirige a um punhado de indivíduos para convencê-los de que seria preciso levar uma vida diferente da que levam. O cínico se dirige a todos os homens. A todos os homens, ele mostra que levam uma outra vida que aquela que deveriam levar. E por isso, é todo um outro mundo que deve emergir, que deve estar em todo caso no horizonte, que deve constituir o objetivo dessa prática cínica.⁴

O mesmo se aplica aos personagens de *Nathalie Granger*, para os quais se trata de fazer com que a mudança ética dos indivíduos, em suas

3 Duras, M. *La Couleur des mots...* op. cit., p. 50-52.

4 Tradução livre de passagem de Foucault, M. *Le Courage de la vérité. Le Gouvernement de soi et des autres II*. Cours du Collège de France (1983-1984). Gallimard: Seuil, 2009, p. 288.

respectivas vidas, leve à mudança política do mundo inteiro. Eis uma *biopolítica* durasiana, na qual a vida se põe em contato imediato com a política, a partir da ontologia histórica da violência.

Tradução de João Perci Schiavon

* Jun Fujita Hirose nasceu em 1971, é filósofo e crítico de cinema, e acaba de publicar seu primeiro livro em espanhol, *Cine-capital: cómo las imágenes devienen revolucionarias* (Tinta Limón, 2014). É professor de francês e de cinema na Universidade Ryukoku (Kioto, Japão) e no Instituto Francês de Tóquio.

Engajamento com o mundo

Grupo Contrafilé

Este texto, não à toa, recebeu a forma da conversa, já que a conversa como forma de elaboração de espaço social é de onde nascem muitos dos nossos trabalhos, que são, assim, manifestações do embate que se dá na produção de um pensamento vivo e compartilhado a respeito da vida e de seus fatos cotidianos.

Joana: Quando a Galit Eilat, uma das curadoras da 31ª Bienal de São Paulo¹, me perguntou - como mote para a participação no *Simpósio Direito à Cidade*, que ocorreu no âmbito da exposição - *o que é arte engajada para mim e a quem penso que ela beneficia?*, confesso que um certo mal-estar produtivo se instalou em mim. “Arte engajada” me soa como um estereótipo e “beneficiar alguém” como um objetivo mais assistencial do que estético ou político. Até que comecei a entender este engajamento como uma série de operações materiais e imateriais que permitem um “engajamento com o mundo”. Porque, como diz Deleuze, “Nós perdemos o mundo, nos desapossaram dele”²... ou ainda, não exatamente nessas palavras, acreditar no mundo é também suscitar novos espaços-tempo..., ou acreditar no mundo é acreditar nas possibilidades do mundo, é estar em condições de conectar-se com as suas forças. A partir daí, pude entender que não precisamos pensar o “engajamento” e o “benefício”

1 A 31ª Bienal de São Paulo aconteceu entre setembro e dezembro de 2014 em São Paulo, Brasil.

2 Deleuze, G. Controle e Devir. In: *Conversações*. Tr. Peter P. Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 2010, p. 218.

como processos exteriores a nós (para alguém, sobre algo...), mas como experiências que permitam um tipo de travessia, um tipo de percurso no qual “reencontramos o mundo”.

Cibele: Sim, e para essas travessias, uma série de dispositivos é criada. Por exemplo, a partir dos contextos e questões nos quais estamos inseridos, precisamos entender as urgências que dali emergem ou emergiram para que estivéssemos ali. Então, torna-se fundamental entender qual o ponto-chave da urgência coletiva que nos atravessa a todos. Assim, faz parte do nosso engajamento com o mundo a experiência de atravessar certa questão/problema/urgência reais para nós, para melhor compreendê-los. Na verdade, essa travessia se trata, justamente, da descoberta “do que engaja”. Talvez seja esta a nossa grande e eterna pergunta: “o que nos engaja”?

Joana: E nessa travessia, na qual tentamos descobrir “o que engaja”, fica muito forte um certo jogo entre “colocar em crise a própria subjetividade” e os processos de subjetivação aos quais estamos submetidos (com suas formas prontas e estereotipadas) - e este é um trabalho de atenção, prontidão; é o que Peter Pál Pelbart, por exemplo, dentre outros, chama de “desubjetivação”. Ele diz assim: “Não haveria experiências nas quais o sujeito possa se dissociar, quebrar a relação consigo mesmo, perder sua identidade?”³ - então, de alguma forma, existe uma tentativa e um desejo de experienciar dispositivos de subjetivação dissidente e, ao mesmo tempo, no mesmo movimento dissidente, formas de desubjetivação, descentralização, descolonização etc., ou seja, formas imprevisíveis, que não estejam neste registro do sujeito como centro de tudo. E tudo isso para atravessar... E se engajar...

Jerusa: A gente pode usar alguns dos nossos trabalhos como exemplo, e olhar para os dispositivos que criamos - como ferramentas radicais de autoeducação -, buscando investigar onde se produzem e onde acontecem os aprendizados. Me lembro de diversos momentos de nossos processos criativos em que sentimos profundamente nossas subjetividades em crise. Por exemplo, diversos conflitos aconteceram entre nós, Campus in

3 Pelbart, Peter P. *O Averso do Niilismo - Cartografias do Esgotamento*. São Paulo: n-1, 2013, p. 208.

Camps⁴, TC Silva⁵, os integrantes do Assentamento Terra Vista⁶, durante momentos de convivência que tivemos com eles. E foram justamente os embates, as diferenças de concepção - por exemplo, sobre o que é uma árvore, e outras mais, e, no fundo, de modos de vida e existência - que geraram os aprendizados do que viemos a chamar de *Árvore-Escola*⁷. Porque, mesmo permeados por todos esses conflitos, que não eram apenas racionais, mas de sensações, percepções, emoções, formas de estar etc., de repente, entendemos que estávamos todos juntos, aprendendo uns com os outros, sob a força de uma árvore: naquele caso, o Baobá. E que ela estava nos conduzindo; todas as diferenças cabiam, porque eram questionamentos muito profundos, humanos (uma árvore é um ser, uma força, um agente, uma pessoa ou um símbolo, uma palavra?).

Cibele: Os dispositivos para travessia nascem de um lugar tão íntimo que permitem que a gente entre em crise, que a gente se tire do centro e se reconfigure diante de uma outra experiência de mundo. Que a gente se veja como parte de uma cartografia de relações que antes não era perceptível.

4 Plataforma educativa criada pelos artistas Sandi Hilal e Alessandro Petti no campo de refugiados Deheishe (Cisjordânia, Palestina) que permite aos refugiados produzirem novas formas de representação dos campos e de si mesmos/as que extrapolam símbolos estáticos, tais como os de vitimização, passividade e pobreza.

5 Músico, compositor, arranjador e um dos fundadores da Casa de Cultura Tainã: espaço político de produção cultural e educativa. É ponto inicial da Rede Mocambos (de produção de conhecimento e comunicação entre comunidades quilombolas) e da Rota dos Baobás.

6 Assentamento do Movimento Sem Terra (MST), localizado em Arataca, sul da Bahia.

7 *Árvore-Escola* é o trabalho mais recente do Grupo Contrafile, realizado em conjunto com o coletivo palestino Campus in Camps e com diversos outros parceiros.: Rede Mocambos, Assentamento Terra Vista, TC Silva, Eugênio Lima e Pedro Cesarino. Através do "estar juntos" - refugiados palestinos, artistas paulistanos, quilombolas, pensadores, arquitetos palestinos e europeus... -, o que foi nomeado por nós de *Mujawara* (que significa "relação de vizinhança em Árabe), pusemos em xeque o que entendemos por refúgio, exílio, terra, identidade, retorno, ancestralidade, futuro, educação, dentre muitas outras noções e experiências. As conversas e conflitos vividos formaram o que chamamos de *Árvore-Escola*, pois se havia algo que estava servindo como um território comum, no qual o pensamento sempre pousava para poder avançar coletivamente, era o Baobá, como ser vivo "bom para pensar". O Baobá tornou-se, para nós, este conector que permitiu a aprendizagem como ato coletivo, e pudemos entender, com isso, que uma escola irradia a partir do que é vivo, e não de paredes, carteiras, ou mesmo palavras impressas em papéis. Este processo resultou em um livro e uma instalação, ambos expostos na 31ª Bienal de São Paulo e apoiados por esta instituição e pela Foudation for Art Initiatives. Para saber mais: <<https://www.facebook.com/grupocontrafile>>.

Cibele: Os dispositivos para travessia nascem de um lugar tão íntimo que permitem que a gente entre em crise, que a gente se tire do centro e se reconfigure diante de uma outra experiência de mundo. Que a gente se veja como parte de uma cartografia de relações que antes não era perceptível. Aprendemos sobre nós mesmos. E essa crise acaba sendo propulsora da necessidade de se chegar a um outro lugar, o que tem a ver com a dessubjetivação - quando a tensão, o desconforto, a crise, o conflito interno-externo nos faz conectar com o mundo a partir de outros lugares - como num terreiro de candomblé ou com um baobá.

Joana: Há também, nestes dispositivos de travessia, o desenvolvimento de um saber que dissemina. Então, é como se existisse uma travessia “xamânica” de engajamento (vertical), num corpo-a-corpo consigo mesmo e com o mundo; e uma outra atrelada a esta, mas que opera em uma dimensão transversal, horizontal, global, de conexão com outros corpos que estejam física/materialmente distantes. Poderíamos chamar este, talvez, de um trabalho de constituição de imagens-e(vento) - Deleuze fala em uma escrita que “venta”, no sentido de que se dissemina, que interfere no mundo, não sendo apenas interpretação do mundo ou “interpretável”. Para Deleuze, “A escritura não tem outro objetivo: o vento...”⁸. Ou seja, as imagens, ao carregar os agenciamentos sociais que as tornaram/os tornaram possíveis, criam visibilidade e legibilidade justamente para o nascimento desta experiência singular de engajamento com o mundo. Estamos falando, então, de um certo tipo de representação que o Brian Holmes, por exemplo, chama de “representação direta”, na qual a produção de uma evidência de incorporação de diversos aprendizados é o que circula enquanto “imagem/imaginação coletiva”. Assim, não é que a arte engajada produz alguma coisa, mas ela é a própria evidência de um certo engajamento, a constituição da imagem de um certo engajamento...

Cibele: Sim, porque, quando é só representação, não vira realidade. Será que é por isso que a gente aposta em um certo tipo de imagem, acredita em um certo tipo de imagem, que é uma imagem-densa, uma imagem encarnada? Será que é por isso que usamos um meio-terra como anteparo para a

8 Deleuze, G.; Parnet, C. Diálogos. Tr. br. Heloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998, p. 61.

materialização de uma imagem que está dentro da gente, que se realizou dentro da gente como energia, como desejo, como urgência, como devir?

Jerusa: É a imagem como desejo de realização, como um devir. *É a imagem de um devir.* E é o nosso corpo realizando este desejo, um corpo impregnado... Então, quando outra pessoa vê aquele corpo, vê um corpo que está em conexão, realizando. Mas algo escapa. Por exemplo, no *Monumento à Catraca Invisível*⁹, a gente não vê o corpo, mas o fato de a catraca estar ali denuncia o corpo; mesmo na ausência do corpo ele está presente, porque aquilo é evidentemente um gesto. Então essa ação denuncia um corpo e anuncia essa corporeidade possível na relação com o ambiente e a cidade, que é a cidade experienciada como arte-fato. É um corpo que está agindo no urbano, não é uma máquina, uma abstração, um urbanista abstrato, uma lei X, é um corpo, e é aí que está a potência.

Joana: E é aí que está *a imagem densa, porque é um corpo que carrega uma imagem, ao mesmo tempo em que é carregado por ela.* Por isso falamos que a imagem está no corpo: quando conseguimos realizar uma imagem que evidencia que a imagem está no corpo, que um corpo carregava aquela imagem e que foi este mesmo corpo capaz de ser o portador da expressão desta imagem no mundo... um corpo que pode ser coletivo, não precisa ser individual, obviamente...

Jerusa: A imagem é parida... É uma *imagem parida*, e é aí que está a sua potência!

Joana: Sim! Estamos falando, acima, dentre outras coisas, do rastro de um corpo, mesmo que ausente, como evidência de que há corpos atuando no espaço material, na escala urbana, de forma inusitada. Estes rastros “forçam” uma certa emancipação do pensamento daqueles que entram em contato, porque ali algo “escapa”, ou seja, não pode ser totalmente assimilado, e é

9 O *Monumento à Catraca Invisível* foi uma instalação realizada em 2004 pelo Grupo Contra-filé no Largo do Arouche para inaugurar o *Programa para Descatracalização da Própria Vida*. Após o *Monumento...* ter saído em matéria da *Folha de S. Paulo* como obra anônima (pois não foi assinada pelo grupo), na qual era criticado como forma de vandalismo e evidência do abandono do espaço público pelo Estado, ganhou repercussão imprevista. A ideia de “descatracalizar a vida”, a cidade etc. se disseminou, virando parte da imaginação coletiva. Para saber mais: <<https://www.facebook.com/grupocontrafile>>.

assim que a força do gesto-imagem persiste como um devir. Este “devir” pode ser compreendido, em última instância, “como a própria capacidade/possibilidade de ‘engajar-se’”. Este é o devir que persiste. E compreender o engajamento como um eterno devir talvez seja o grande benefício.

Cibele: É como um ponto da umbanda, que chama uma determinada força, um orixá, uma entidade: é um modo de produzir arte que vai se engajando, e que, conforme se engaja, quer chamar. E quanto mais se engaja, mais engaja.

* Formado em São Paulo, Brasil, no ano 2000, o Grupo Contraflê é um coletivo de arte-política-educação que cria possibilidades de praticar o direito à invenção da cidade. Dentre seus projetos, destacam-se: Programa para a Descatracalização da Própria Vida (2004) e A Rebelião das Crianças (2005) - que deu origem ao Parque para Brincar e Pensar (2011) e ao Quintal (2013). O grupo participou de importantes mostras, tais como: 31ª Bienal de Arte de São Paulo (São Paulo, 2014), Radical Education (Eslovênia, 2008), If You See Something, Say Something (Austrália, 2007), La Normalidad (Argentina, 2006) e Collective Creativity (Alemanha, 2005). Atualmente, fazem parte do grupo: Cibele Lucena, Jerusa Messina, Joana Zatz Mussi e Rafael Leona.

Quem é quem no pensamento huni kuin? O Movimento dos Artistas Huni Kuin

MAHKU – Movimento dos Artistas Huni Kuin
Isaias Sales Ibã
Amilton Pelegrino de Mattos

Este texto consiste numa experiência de escrita que já vem se dando em outras mídias e por diferentes autores. A isso chamamos MAHKU. Enfocamos, aqui, justamente essas articulações entre mídias e autorias diversas com a produção de conhecimento na relação entre pensamentos distintos.

O dono dos espíritos da noite

Yame é noite, awa é das antas, que passam sempre à noite. A miração que oferece essa.

Yame awa kawanai (Naki natun nenã)

Kawa nai yanuri (Naki natun nenã)

Tirin tirin kawanai (Naki natun nenã)

Kawa nai yanuri (Naki natun nenã)

Yame awa pita (Naki natun nenã)

Pia nanti duaken (Naki natun nenã)

Yame é noite, *awa* são as antas. Dizendo que vem anta, *vem te pegar, vem te comer*, a anta. Dentro da miração falando. Aí, você respondendo que *pia nanti duaken*, falando que a anta que vai te comer, não vai te pegar anta não, você que domina os animais. Falando assim: - *ele vai te pegar, essa anta vai te pegar*. Aí tu respondendo: - *ah, não vai me pegar não, eu que pego a anta, eu que como essa anta*. Falando: - *você come anta, então vem veado, lá vai veado; - pode vir, vem veado, mas eu como veado*. *Txaush txaush kawanai* são a fala do veado, do espírito do veado, a língua do veado. Quando te olha, corre na floresta, faz assim, correndo mesmo, *txaush txaush*. Então vem mesma coisa também miração falando.

Outra hora: - *você come veado, então vem porquinho* (são tudo encantado, né) *vem porquinho valente, vai te pegar*. Aí falando: - *porquinho não me pega não, eu que pego porquinho*. Trocando a fala, na língua do espírito, espírito queria te pegar: *não, eu que pego*. Você está trocando experiência com *yuxibu*.

Então você come porquinho, vai chegar o tatu. *Busu busu* quer dizer tatu pequeno, ninguém pega não, fica engolido. É a fala do tatu: *busu busu kawanai*. Chama: *insin sin sin sin sin...* sempre fala assim, quando tatu passa: - *tatu vem te pegar; e tu fala assim: - tatu me pega não, eu que pega tatu, eu que come tatu; - ah, você come tatu? então vem paca; - ah, paca eu como também paca; - então vem cotia, vem te pegar cotia; - cotia também eu pego e como cotia*.

Então é isso, é adversário com o espírito, o espírito está contigo. Ou você vai vomitar, limpeza, ou você vai vencendo essa miração. Isso que está explicando desse espírito. Ao mesmo tempo você está curando, está mandando diminuir a força. *Yame awa kawanai* é um *kayatibu*¹. É isso o que dentro da música falando: - *olha, vem te comer; - não, eu que come animais, vem me comer não, eu que come animais*. Então durante essa noite é dos espíritos, dono dos espíritos da noite que passaram nessa miração. Chama *yame awa kawanai* a música que a gente fala. *Yame* é noite, *awa* são as antas que viajam à noite.

Essa música você oferece onde você vai viajar, onde você vai fazer roçado, onde você vai fazer a casa, onde você vai fazer a festa. Seu futuro, que você vai

¹ *Kayatibu* é uma categoria de canto, são os cantos para diminuir a força, cantados geralmente ao final do ritual de *nixi pae*, para encerramento da sessão. Também são considerados cantos de cura.

sentindo bem, animando, feliz. Junto com essa comunidade com quem você comungou ayahuasca, você vendo que não acontece nada, seu trabalho vai ser pra frente, sua pintura vai ser pra frente, por isso que oferece. Não oferece só pra uma pessoa não, oferece tudo o que tem na floresta: oferece pássaro, oferece jiboia, oferece povo *huni kuin* mesmo, oferece das ervas, oferecemos nossas águas, oferecemos ar, tudo o que a gente tem no planeta é falando oferecimento: *yame awa kawanai*. Aí outra hora também você está se sentindo feliz, você vê seu futuro, você vê seu trabalho... durante um momento, um espelhado mesmo: você está olhando tudo do seu lado enquanto você está na força do *nixi pae*. Aí quando o *nixi pae* foi embora fica só no pensamento mesmo. É isso que está dizendo, chama *yame awa kawanai*. Eu estou deixando o sentido para os alunos, para os outros *txai*² também que interessar-se praticamente. Ao mesmo tempo, acompanhando esse desenho, já vem com desenho o que significa a música, o que está falando. É isso que a gente fala, isso que é o meu trabalho, isso que eu estou desenvolvendo os conhecimentos do *huni kuin*, que nós encantamos com esses animais, encanta com *nixi pae*. Nós povo *huni kuin* já vem muito tempo transformado várias espécies, como se diz, da floresta: erva. Nós mesmos *huni kuin* casamos com a jiboia, casa com a onça pintada; casa com a minhoca... nossa sabedoria, nosso espírito é do espírito da floresta. A gente tem espírito da floresta traduzido pelo *nixi pae*. É tudo vivo, tudo fica olhando, tudo escutando. Onde você vai colocar, se for mal colocado, ele vai te pegar, outra hora te pega. Agora, você tá colocando certo, onde ele tem malha, como malha da jiboia, você contando direitinho malha da jiboia, jiboia ficou feliz, ao mesmo tempo *nixi pae* ficou feliz. Essa você pode mergulhar dentro da miração, você olha tudo, essa não tem nada de segredo, só pra entender mais detalhado, entender mais assim profundo, só comungar ayahuasca, você vê tudo que eu estou falando. Então é isso que é *yame awa kawanai*.

(trecho do livro-filme em preparação *A travessia do Jacaré-Ponte. O Movimento dos Artistas Huni Kuin (MAHKU)* de Ibã Huni Kuin e Amilton Mattos)

2 No caso, os amigos não indígenas que se interessam pelo tema.

Problema

A verdadeira liberdade
está no poder de decisão,
de constituição dos próprios problemas.

Deleuze, G. *Bergsonismo*³

Conheci Ibã em 2001, em Rio Branco, quando o ouvi cantar pela primeira vez numa sessão de *nixi pae* que foi decisiva para meu retorno e estabelecimento no Acre, em 2004. Ouvi já com ouvidos de musicólogo, pois vinha pesquisando no mestrado a musicalidade guarani kaiowa. Reencontramos apenas em 2009, na aldeia Chico Kurumin (Terra Indígena do Jordão). Eu o visitava, então, (e a outros acadêmicos *huni kuin*) na condição de professor de artes da Licenciatura Indígena da Universidade Federal do Acre, Campus Floresta, e futuro orientador de suas pesquisas na academia.

Nesse momento, ele já tinha duas publicações de suas pesquisas dos cantos *huni meka*: *O Espírito da floresta* e *Os cantos do cipó*⁴. Desde suas pesquisas e publicações, Ibã se virou para mim e perguntou algo como: *e agora, para onde vamos, para onde segue a pesquisa, o que vamos fazer?*

Suas publicações anteriores, um livro didático e um registro do patrimônio musical *huni kuin*, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), respondiam a demandas claras, colocadas de antemão (por ele, pela comunidade, pelo Estado, por parceiros). Mas e agora, o que seria pesquisar na Universidade?

Desde que Ibã levantara essa questão - reiterada no filme *O sonho do nixi pae*⁵ - eu não pensara em certas questões, que hoje tento traduzir aqui, nos termos acadêmicos que o artigo exige, com o objetivo de confrontar nossas posições e deduzir certos problemas colocados no contraste entre pensamento acadêmico e pensamento indígena. Penso que ele me perguntava sobre o problema, conceito que vim a tomar contato com Gilles Deleuze, no *Abecedário*.

3 Citado por Zourabichvili, F. *O vocabulário de Deleuze*. Tr. br. André Telles. Rio de Janeiro: Singular digital, 2004, p. 47.

4 Ibã, Isaías Sales. *Nixi pae, O espírito da floresta*. Rio Branco: CPI/OPIAC, 2006. | *Huni Meka, Os cantos do cipó*. IPHAN/CPI, 2007.

5 Disponível em: <[youtube.com/watch?v=8LOL3BMoeR](https://www.youtube.com/watch?v=8LOL3BMoeR)>.

Só se pode entender o que é a filosofia, a que ponto ela não é uma coisa abstrata, da mesma forma que um quadro ou uma obra musical não são absolutamente abstratos, só através da história da Filosofia, com a condição de concebê-la corretamente. Afinal, o que é... Há uma coisa que me parece certa: um filósofo não é uma pessoa que contempla e também não é alguém que reflete. Um filósofo é alguém que cria. Só que ele cria um tipo de coisa muito especial, ele cria conceitos. Os conceitos não nascem prontos, não andam pelo céu, não são estrelas, não são contemplados. É preciso criá-los, fabricá-los. [...] Quando se faz Filosofia de forma abstrata, nem se percebe o problema. Mas quando se atinge o problema, por que ele não é dito pelo filósofo? Ele está bem presente em sua obra, está escancarado, de certa forma. Não se pode fazer tudo de uma vez. O filósofo já expôs os conceitos que está criando. Ele não pode, além disso, expor os problemas que os seus conceitos... ou, pelo menos, só se podem encontrar estes problemas através dos conceitos que criou. E se não encontrou o problema ao qual responde um conceito, tudo é abstrato. Se encontrou o problema, tudo vira concreto. [...] a filosofia é isso: problema e conceito.⁶

Por que remeto à filosofia, à história do pensamento acadêmico? Porque o problema que tínhamos ali era um problema acadêmico, ou melhor, o estabelecimento de um problema de pensamento. Era isso que Ibã me perguntava: como fundar, como estabelecer um problema. Sem isso, cai-se no abstrato, e a criação fica ameaçada.

Fui entender melhor a noção de problema, em especial para o pensamento indígena e a prática da pesquisa, a partir da leitura do *Vocabulário de Deleuze* de François Zourabichvili. No vocábulo Problema, além da epígrafe acima:

Não desprezaremos a importância do conceito de problema em Deleuze, assim como a precisão que ele lhe confere, depois e para além de Bergson. É comum, pelo menos na França, os professores de filosofia logo exigirem de seus alunos uma "problemática"; é raro, todavia, tentarem definir o estatuto disso, de modo que a coisa é cercada de uma aura de mistério iniciático que não deixa de produzir seus efeitos normais de intimidação. Toda a pedagogia de Deleuze

6 Deleuze, G. *O Abecedário de Gilles Deleuze* (entrevista a Claire Parnet), Paris: Montparnasse, 1966, p. 33-35. Tr. e leg. Raccord. Transcrição em pdf disponível em: <<http://www.oestrangeiro.net/esquizoanalise/67-o-abecedario-de-gilles-deleuze> consultada em 2015>.

residia nessa insistência metodológica e deontológica sobre o papel dos problemas (para se convencer disso basta consultar os registros ou transcrições de seus cursos, hoje em dia amplamente disponíveis, cf. Referências bibliográficas): *um enunciado, um conceito só têm sentido em função do problema a que se referem*. O problema filosófico, que deve ser enunciável, não se confunde com a dramaturgia habitual da dissertação, essa incidência de contradições sobre um mesmo assunto em teses à primeira vista aceitáveis tanto uma quanto outra (pois o que é designado como problema não é então mais do que o decalque artificial das respostas a uma pergunta caída do céu). Que sentido é esse que o problema confere à enunciação conceitual? Não se trata da significação imediata das proposições: estas reportam-se apenas a dados (ou estados de coisas), que carecem justamente eles próprios da orientação, do princípio de discriminação, da problemática que lhes permitiria ligarem-se, isto é, fazerem sentido. Os problemas são atos que abrem um horizonte de sentido, e que subtendem a criação dos conceitos: uma nova postura do questionamento, abrindo uma perspectiva inabitual sobre o mais familiar ou conferindo interesse a dados até então reputados insignificantes. Decerto, todos são mais ou menos inclinados a reconhecer este fato; mas uma coisa é admiti-lo, outra é deduzir suas consequências teóricas.⁷

A noção de problema ainda nos chamou atenção pelo contraste entre a maneira de os etnólogos encontrarem e colocarem seus problemas e a maneira como o fazem os pesquisadores indígenas. Els Lagrou, ao descrever como o rito de passagem *huni kuin* (*nixpu pima*) a posiciona num ponto de vista privilegiado diante dos problemas do pensamento *huni kuin*, remete-nos à relação entre pensamento e problema, entre pensamento antropológico e pensamento indígena.

Foi no meio de tal processo de familiarização, habituando meu “corpo pensante” aos modos *kaxinawa* que fui convidada por meus anfitriões a participar, como neófito e pesquisadora, no rito de passagem de meninos e meninas. Este ritual se tornou meu ponto de partida na tentativa de dar forma à fenomenologia *kaxinawa*, a maneira como a vida e o corpo adquirem seu estilo e sua forma especificamente *kaxinawa*, ou seja, sua particular forma perceptiva e significativa. Foi durante este ritual que o sentido do desenho, do

7 Zourabichvili, F. O vocabulário..., op. cit., p. 47-8.

artefato e sua relação com a fabricação do corpo e das imagens ganharam sentido para mim. Até aquele momento, parece que tinha feito as perguntas erradas, para parafrasear Gow, como: ‘quem o fez, como se chama, com que se parece e o que significa?’ (Gow, 1999: 230). As respostas para estas perguntas tinham sido, de fato, bastante desencorajadoras: muito curtas e extremamente ambíguas, especialmente enquanto tentava confirmar a suposta relação entre a divisão da sociedade kaxinawa em metades e seções matrimoniais e o uso de certos motivos, certos padrões de desenho na pintura corporal e na tecelagem.⁸

De que modo o antropólogo vai relacionar conceitos e problemas do pensamento indígena? E como fazê-lo em relação a seus próprios conceitos e problemas? Nesse sentido, Eduardo Viveiros de Castro também está interessado na diferença *entre* problemas, isto é, na antropologia como *a arte de determinar os problemas postos por cada cultura*.

Este exercício de pensamento que estamos propondo aqui, que põe em jogo meu pensamento e o pensamento de Ibã, remete-nos a certas questões, certas *regras do jogo*, colocadas pelo antropólogo no texto *O nativo relativo*, de 2002.

O ‘antropólogo’ é alguém que discorre sobre o discurso de um ‘nativo’. [...] O essencial é que o discurso do antropólogo (o ‘observador’) estabeleça uma certa relação com o discurso do nativo (o ‘observado’). Essa relação é uma relação de sentido, ou, como se diz quando o primeiro discurso pretende à Ciência, uma relação de conhecimento. Mas o conhecimento antropológico é imediatamente uma relação social, pois é o efeito das relações que constituem reciprocamente o sujeito que conhece e o sujeito que ele conhece, e a causa de uma transformação (toda relação é uma transformação) na constituição relacional de ambos.

Essa (meta)relação não é de identidade: o antropólogo sempre diz, e portanto faz, outra coisa que o nativo, mesmo que pretenda não fazer mais que redizer ‘textualmente’ o discurso deste, ou que tente dialogar – noção duvidosa – com ele. Tal diferença é o efeito de conhecimento do discurso do antropólogo, a relação entre o sentido de seu discurso e o sentido do discurso do nativo. O antropólogo tem usualmente uma vantagem epistemológica sobre o nativo. O discurso do

8 Lagrou, E. *A fluidez da forma: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica* (Kaxinawa, Acre). Rio de Janeiro: TopBooks, 2007, p. 65.

primeiro não se acha situado no mesmo plano que o discurso do segundo: o sentido que o antropólogo estabelece depende do sentido nativo, mas é ele quem detém o sentido desse sentido - ele quem explica e interpreta, traduz e introduz, textualiza e contextualiza, justifica e significa esse sentido.⁹

O autor problematiza tais regras do jogo como possibilidade de pôr a questão da *diferença entre problemas*. Tal como o autor, nós também aqui pretendemos uma experiência de linguagem que leve essas regras ao limite.

Primeiros desenhos

Quando Ibã chegou para mim, em 2009, com a primeira série de desenhos feitos por Bane (e não mais retomados desde 2007) e começou a ler os desenhos, que eram traduções dos cantos huni meka, minha reação imediata foi pegar a filmadora e começar a registrar. A conjugação de canto, imagem e exegese da poética intrincada dos cantos era a expressão original de um pensamento, a criação de algo novo na zona de vizinhança entre o pensamento ocidental acadêmico e o pensamento xamânico huni kuin, mas também entre esses universos de pensamento humanos e, mediados pela cosmologia huni kuin, aqueles universos em que convergem animais, espíritos e outros como sujeitos de conhecimento.

Realizamos uma primeira série de vídeos que deram origem ao Projeto Espírito da Floresta. Porém, até aí me parece que ainda não tínhamos um problema. Nossas questões eram: *em que consiste uma pesquisa, o que fazer etc.?* Idealizamos, então, o I Encontro dos Artistas Desenhistas Huni Kuin, quando, em 2011, reunimos um grupo de jovens huni kuin no Rio Jordão, convidados por Bane, visando produzir desenhos que “traduzissem” os huni meka. Com essa produção, realizamos uma exposição multimídia em Rio Branco no mesmo ano.

O que temos agora? Além da ideia de pensar por imagens, de pensar por música, de pensar por uma poética cerrada da linguagem dos espíritos, temos agora um coletivo de criação. Ibã precisava, tal como fizera seu pai com ele - desde a iniciativa de Bane, tal como fizera Ibã com seu pai -, construir uma ponte entre dois mundos diferentes.

⁹ Viveiros de Castro, E. O nativo relativo. *Mana*, v. 8, n. 1, p. 113-148, 2002, p. 113-14.

A sociedade seringalista, onde Tuin aprende de maneira clandestina os proibidos conhecimentos huni kuin, já não é o tempo das antigas aldeias, em que os huni kuin transmitiam seus saberes oral e coletivamente. O tempo de Tuin também é diferente da sociedade de direitos em que o professor Ibã pesquisa sua cultura com gravador, escrita e livros. Assim, não se trata apenas de uma ponte intergeracional, estamos falando de mundos diferentes. Quando cantados no século XIX, esses cantos tinham um sentido, quando cantados por Tuin e seus companheiros no tempo dos seringais, quando essas práticas e esse idioma eram proibidos, os cantos tinham outra função. Quando cantados por Ibã e seus companheiros professores nos tempos de recuperação de seus territórios e de afirmação cultural, os cantos tem outro sentido. Quando cantados, desenhados, pintados e transformados em audiovisual, a partir de práticas de pesquisa apropriadas do meio acadêmico e postas em jogo no campo da arte contemporânea, esses cantos terão outra função, transformarão outras coisas. Não se trata também de uma diferença de contexto ou de tempos. Trata-se da modificação na função dos cantos. Cantos que tem a função de transformar.

Assim, não se trata de transmitir conhecimentos que já estão dados de antemão. A música como mediador de outros mundos, ou seja, o xamanismo como regime mediador da cosmologia huni kuin não tem o mesmo sentido nos tempos das antigas aldeias, na sociedade de seringal, ou nos tempos da cultura. Por outro lado, as relações entre os huni kuin e os povos que habitam sua cosmologia também se alteram a medida que se modifica a relação entre os huni kuin e esse outro povo, os brancos.

E não são apenas conhecimentos como a música e o *nixi pae* que se transformam de acordo com a dinâmica social. Esses conhecimentos não são apenas conhecimentos como os imaginamos na tradição ocidental. Esses conhecimentos são saberes na medida em que proporcionam a transformação, na medida em que acionam processos de subjetivação.

Aproximamo-nos, agora, talvez, de um problema.

MAHKU

Com a criação de um site dos artistas huni kuin¹⁰ a pesquisa e os desenhos passaram a ser divulgados. Poucos meses depois, no início de 2012, recebemos na aldeia a visita do antropólogo Bruce Albert e de Hervé Chandes, este último

diretor da Fundação Cartier para a Arte Contemporânea (Paris), que vinham propor aos artistas huni kuin a participação na exposição *Histoires de Voir*.

Foram poucos meses entre nosso primeiro encontro de artistas e a primeira exposição internacional. O impacto dessa primeira exposição teve uma série de consequências. Uma delas foi a configuração de uma nova categoria no universo huni kuin e na sociedade local: o artista. O que chama atenção sobre essa categoria é que ela difere de todas as categorias ocidentais que figuravam até então no universo huni kuin, tais como seringueiro, professor, agente de saúde, agroflorestal etc., todas elas categorias diretamente associadas ao Estado. Essa figura do artista se consolida no Rio Jordão com a criação, ainda em 2012, da Associação MAHKU - Movimento dos Artistas Huni Kuin.

Mundo da arte

Desde o primeiro momento foi desconfortável a posição de criadores de objetos de exposição. A exposição dos desenhos na Fundação Cartier, assim como na exposição *MIRA - Artes visuais contemporâneas de povos indígenas* (2013) ou na exposição *Histórias Mestiças* (2014), angustia-nos tanto quanto a escrita de artigos, na medida em que os desenhos ficam parecendo pássaros na gaiola.

Olhar apenas os desenhos colocados na parede parecia, então, algo incompleto. Eles precisavam se articular com a música, com as leituras de Ibã, conforme fazíamos nos vídeos¹¹. Por mais que não pudéssemos criar algo novo - faltavam poucos dias para a exposição -, a Fundação Cartier nos propôs a produção de um documentário a ser exibido na sala de vídeo, e que contava as histórias dos artistas e de suas obras. Nossos desenhos ficaram ao lado da sala que exibia o documentário *O espírito da floresta*¹². Ainda assim, parecia pouco para nós, tínhamos a impressão que nos reduziam a um objeto de museu.

Foi relatando essa impressão, em 2012, na França, para a artista Nazih Mestaoui, que teve origem o projeto *Sounds of Light*, resultado de um trabalho estreito com sua obra, que tem muitos pontos em comum com o MAHKU - a ideia de ver o som, de a tecnologia viabilizar o contato com uma

10 Disponível em: <www.nixi-pae.blogspot.com.br>.

11 Disponível em: <youtube.com/watch?v=plogobzqGDI>.

12 Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=zRlbRpoiocQ>.

sensibilidade sonora outra, própria da temporalidade dos povos amazônicos. Entendemos que se trata de uma parceria, na medida em que o trabalho *Sounds of Light* capta esses processos de transformação da música.

A obra que fez parte da exposição *Feito por brasileiros* (2014), em São Paulo, consistia na ocupação artística de uma das alas de um antigo hospital. Na sala de entrada, as altas paredes são, então, recobertas com murais pintados pelos huni kuin. Um espelho de água é refletido numa grande tela branca. Sob o espelho de água, pequenos sensores vibram ao som dos huni meka na voz de Ibã. As ondas reverberam na água e nos fazem *ver* o som.

Relações de conhecimento

Em apresentação do MAHKU no Centro de Estudos Ameríndios da Universidade de São Paulo (Cesta-USP), ao ser questionado a respeito do que aprendera sobre pesquisa na Universidade, Ibã responde: – *A Universidade tem que aprender comigo*. A simetria, aqui, não se instala como diálogo – *noção duvidosa* –, mas como confronto. Assim como o conhecimento aprendido com os animais apresentado no início, nem sempre se trata de uma relação pacífica, mas de *desafio* (lembrando o sentido que tem o termo na poesia popular). Como ele diz: *trocando fala, trocando experiência na língua do yuxibu [...] então é isso, é adversário com o espírito, o espírito está contigo*.

O que percebemos é que a apropriação do saber acadêmico e da linguagem artística problematiza imediatamente a posição do (ou relação entre o) sujeito de conhecimento huni kuin entre o nosso pensamento e o pensamento dos outros sujeitos de conhecimento que compõem sua cosmologia.

A atualização de seu pensamento xamânico, de sua prática de utilizar-se do canto, da música, da *ayahuasca*, como meios para lidar com a perspectiva dos animais, dos espíritos e outros sujeitos de conhecimento próprios de sua cosmologia. Essa parece ser uma questão que atravessa a experiência de Ibã e do MAHKU.

Problemas diferentes estão em jogo. Ibã não se enquadra em nosso jogo e suas regras. Esse pensamento huni kuin se apropria do outro, de outros

10 Disponível em: <www.nixi-pae.blogspot.com.br>.

11 Disponível em: <youtube.com/watch?v=plogobzqGDI>.

12 Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=zRlbRpoiocQ>.

pensamentos, de outras linguagens. O que se coloca para nosso pensamento são possibilidades outras, que só são possíveis por essa experiência de pensamento, por essa relação de conhecimento.

A arte foi o campo do pensamento acadêmico que permitiu a abertura de um espaço político e experimental mais interessante. Nesse espaço, as questões do conhecimento e da subjetividade, ou das relações entre conhecimento e subjetividade (o que é um sujeito de conhecimento?) se colocaram com maior radicalidade.

Desenhar, pintar, criar imagens das músicas nos colocou num processo de transformação. Desenhamos e fomos desenhados. Os cantos, os rituais, os mitos, enfim, a cosmologia huni kuin se mostrou um conhecimento experimental. Não se trata de ser huni kuin, mas de tornar-se huni kuin. Huni kuin pode ser entendido, aqui, como um devir que sintetiza a experiência de conhecimento que estamos vivenciando na arte¹³. A própria noção de arte toma aqui uma inflexão particular. Criar uma linguagem para traduzir os cantos huni meka: artes visuais, músicas etc. As expressões artísticas ocidentais se aproximam da cosmologia huni kuin, são tomadas por ela e se tornam xamanismo.

Mais que entender *o que quer dizer Ibã por trás do que diz*, estamos empenhados em outras questões: *que experiência de pensamento é essa que Ibã está nos propondo?* Para colocar seus próprios problemas, Ibã se apropriou das regras do jogo acadêmicas e artísticas. Apropriou-se porque, em lugar de uma tradução servil, o que opera é uma equívocação controlada, engajando, por meio de uma apropriação xamânica da antropologia e da arte, um povo e um mundo que resultam como atualização da cosmologia huni kuin.

[outras publicações relevantes¹⁴]

13 Mattos, A. P. e Ibã, I. S. Curva dos encantos. In: Wanner, M. C. A.; Gondim, R. e Almeida, T. (org.). *Pó Boi Pedra – Percografias*. Salvador: Cian Gráfica, 2014.

14 Mattos, A. P. e Ibã, I. S. Transformações da música entre os Huni Kuin: O MAHKU – Movimento dos Artistas Huni Kuin. In: Dominguez, M. E. (org.). *Anais do VII ENABET*. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 2015 || Mattos, A. P. e Ibã, I. S. Lecciones de la investigación indígena: el MAHKU – Movimiento de los Artistas Huni Kuin. *Index*, Revista de Arte Contemporâneo, Carrera de Artes Visuales, FADA, PUCE, Quito, 2015 || Mattos, A. P. O sonho do nixi pae. A arte do MAHKU – Movimento dos Artistas Huni Kuin. *ACENO*, Revista de Antropologia do Centro-Oeste, Dossiê: Políticas e Poéticas do Audiovisual na contemporaneidade: por uma antropologia do cinema, v. 2, n. 3, p. 59-77, jan./jul. 2015 || Viveiros de Castro, E. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

*MAHKU – Movimento dos Artistas Huni Kuin consiste num coletivo de pesquisadores-artistas multimídia interessados nos saberes musicais e rituais de seu povo e nas possibilidades de tradução no universo da arte contemporânea.

*Isaias Sales Ibã - Músico e pesquisador da música e das tradições de cura do povo HUNI KUIN, que vive na Amazônia acreana. Professor há 30 anos e idealizador com seus jovens alunos do MAHKU – Movimento dos Artistas Huni Kuin.

*Amilton Pelegrino de Mattos vive no Acre desde 2004, onde leciona na Licenciatura Indígena na Universidade Federal do Acre (Ufac) - Floresta, desde 2008. Coordena o LABI – Laboratório de Imagem e Som, onde produziu o documentário *O sonho do nixi pae* (2015). É idealizador do MAHKU ao lado de Ibã Huni Kuin.

Pólvora e grafite

Entrevista com Flávia Lobo por Cadernos de Subjetividade

A gente sempre acha que é o lápis que risca o papel, mas é o papel que risca o lápis. Riscar está diretamente ligado ao conceito de dureza, é sempre o material mais duro que risca. O papel arranca pedaços do lápis após um atrito porque ele é mais duro que o grafite. Assim, é como se a gente achasse que a cidade e os acontecimentos que se dão na vida urbana é que vão riscando um corpo em trajetória nesta cidade, mas é justo o contrario – são os corpos, com suas potências e desejos, que vão riscando desenhos dessa/nessa cidade (real, material, invisível, visível, ficcionada, inventada, todas as cidades possíveis).

Um corpo, quando investido de potência e desejo, pode ser experienciado como um punhado de pólvora. Ou ainda, punhados alinhados de pólvora que, por combustão, transmitem calor e explosão ao punhado seguinte. E um punhado de pólvora pode ser muita coisa: projétil, arma de fogo, foguete barulhento de campo de futebol, biribinha de festa junina, fogo de artifício, explosivos, implosivos... a depender da intenção e da proporção dos elementos utilizados.

O que segue é o relato de um corpo investido de potência e desejo em trajetória numa cidade. Em sucessivas explosões e implosões – detonando pra fora e detonando pra/por dentro – o que se tateia é a tentativa de não se fixar em ideologias ou ideais, nem se deixar configurar, sob o risco de ter contornos por demais demarcados que, por definição, inviabilizariam esse corpo bólido.

Cadernos de Subjetividade: Você começou falando que tinha uma sensação estranha em relação a falar de coletivos porque a coisa é meio escorregadia, não dá para generalizar e tal.

Flávia Lobo: Não é uma sensação, é isso; veja, por exemplo, a minha casa: pensando a ideia do coletivo, o povo é egoísta.

CS: Fala tudo. Vamos falar disso, falar da sujeira que sai todo dia.

Flávia: Olha como é hipócrita: você está num coletivo, tenta fazer autocrítica, se desconstruir dos vícios de comportamento, mas em algumas situações você vê que as pessoas buscam diversos artifícios para não tocar nisto, e se camuflam. Uma fuga de se reinventar. Vai se olhar no espelho, se perceber! Seus autoenganos, suas ações, suas defesas, seus pré-conceitos, suas omissões.

CS: É um grande *Retrato de Dorian Gray*, faz-se de tudo para não olhar o espelho.

Flávia: Exatamente. E aí é isso, a gente vai buscando artifícios. Na minha casa, cheguei um dia e falei: -p não quero mais ter empregada doméstica, não me sinto bem, é um resquício da escravidão; aí o meu amigo responde (ó o conceito) que achava que, na verdade, a gente está ajudando as pessoas, que elas estão crescendo, evoluindo, que hoje em dia ganha-se melhor e é um trabalho digno até (!!!), as filhas das empregadas estão fazendo universidade. Eu falei: - Mas aonde? Aí eu pergunto, aonde você conhece estas pessoas, porque eu tô lá no Moinho¹ e não tem ninguém fazendo universidade, é zero pessoas, entendeu? De uma estatística tira uma pessoa que saiu na mídia, o pobre que fez faculdade. Reconhecer a exclusão e o racismo é importante para mudarmos. O conhecimento acadêmico tem seu valor, principalmente para os oprimidos, mas acho importante lembrar do conhecimento secular

¹ Na cidade de São Paulo é possível ver o percurso das linhas de trem que se bifurcam, para se encontrarem de novo lá na frente. Esse encontro-separação-encontro cria um espaço murado em formato de olho, e dentro desse olho está a última favela do centro, a Favela do Moinho. Ela ocupa há cerca de 25 anos o espaço em ruínas do antigo Moinho Matarazzo e já foi lar de mais de 1200 famílias. Alvo direto da especulação imobiliária e de projetos de "enobrecimento", a comunidade do Moinho resiste em uma das áreas mais valorizadas da cidade, o bairro dos Campos Elíseos.

que os povos originários, os indígenas e os negros têm. E achar que fazer faculdade vai resolver o problema da filha da sua empregada é estar bem distante das agressões que ocorrem na vida dessas pessoas. A universidade não legitima o conhecimento do corpo de quem vive na favela. Estudar é uma oportunidade e é muito bom, mas acho que temos que dar muito valor e respeito para as pessoas que são o foco de muitos estudos, os que vivem a coisa. As pessoas vivas, como as do Moinho, por exemplo, tem um corpo doutorado, totalmente vivo, vibrante, em riste, pro aqui e agora, e a gente aqui fora [fora da favela] é todo mole, cheio de defesa, cheio de problema (a gente que fez faculdade).

Enfim, ficamos nessa conversa por horas, aí falei: - Olha, eu não acredito neste trabalho, para mim não é um trabalho criativo, e eu acho que um trabalho tem que ser uma potência criativa, de transformação humana e ele não é, além de esta pessoa estar tirando a sua merda do seu lixo, entendeu, que você não tem coragem de tirar seu lixinho? Lavar, esfregar sua banheira, helouu privilégio (banheira!!!!), você não esfrega a sua privada, você quer que outra pessoa faça isso. Arrume a sua cama, tire a sua mesa... Se você toma conta da sua casa, da sua saúde, vai criando uma consciência e vai ter uma casa menor, ter menos coisas, porque dá trabalho faxinar. Por isso que tem gente que tem três casas, tamanho de não sei do quê, o cara não entra em contato com nada! Enfim, aí ficamos neste debate, fomos dormir e, no outro dia, ele bateu no meu quarto (conheço ele desde que eu tenho 11 anos) e falou: - Você tá certa, queria pedir desculpas, sonhei com tudo o que você falou, eu tava na defensiva. Porque eu tinha falado pra ele: você fica na defensiva, fica se justificando e defendendo a sua impotência, é ridículo isto. Não tem problema se você assumir que sim, que acha que é isso mesmo, que a gente não deveria ter empregada mas que você não consegue - a gente pelo menos conseguiria conversar com um pouco de sanidade... Eu conversei com as mulheres do Moinho que trabalham como empregada: chegam na casa pra trabalhar e tem calcinha com absorvente no chão, ou seja, deixa que a empregada tira, a menina (patroa) não tá nem aí.

CS: Você acha que é uma modinha? Ou não?

Flávia: O quê?

CS: Esta falsa disposição para o coletivo.

Flávia: Eu acho que para coletivo não existe uma fórmula, é uma construção muito ao revés do que tá pronto aí no mundo. É muito mais fácil bater o cartão e ser empregado do que formar um coletivo horizontal, que é toda hora dar de cara com suas questões pessoais e sua atuação. Não tem nenhum coletivo verdadeiro que não se desconstrua, saia treta, porque a gente está de igual para igual e ninguém deixa passar nada, entendeu? Você não vai pisar em mim e eu vou deixar quieto ou, eu não vou pisar em você e vice-versa e, se eu der mancada, vou ser cobrada, porque a gente escolheu estar junto e é uma questão de utopia, de vida e de fazer transfusão de sangue com quem se acredita, sabe? Mano, eu tô morrendo, mas em você eu acredito, em você, Karlla, eu acredito e, se eu precisar de você ou se você precisar de mim, o que você precisar, o que a gente for construir, a gente se tem, entendeu? Mas tem gente que não vai dar, que é mentira, que não está se questionando, que é muito cômodo ficar num coletivo - e ainda vai capitalizar em cima disto, vai usar para fazer matéria para Folha². Então, é meio assim a minha casa: aí, vamos fazer uma matéria para a Folha, fazer um doc pro GNT falando da nossa casa. Você não faz nem sua faxina, vai falar do quê? Que coletivo é esse? Estamos tentando algo diferente do que morar individualmente nessa cidade, mas temos que saber melhor o que é isso. E a questão maior é este lugar onde a gente não quer se enxergar porque é muito cômodo você não querer abrir mão dos seus privilégios, não olhar a luta de classes, achar que sua empregada é sua amiga, ahhhh meu, para!!! Eu tinha quatro anos quando a empregada da minha avó me conheceu, eu tenho 36, faz 32, nunca fui na casa dela, ela é gente boa, sim, é gente boa, mas se ela pudesse enfiar a faca, entendeu, não sei, ela ia falar: vocês são um bando de burgueses, minha vida não mudou nada... É isso, a vida dela não mudou nada, faz 32 anos que ela é empregada e limpa a casa da minha família, e não mudou nada, entendeu? Outro dia, uma amiga falou: - a empregada queimou a minha calça. Ahhh, dá licença, se liga! Todo mundo faz merda no trabalho. Isto não deveria nunca ser um assunto que se fale para alguém, devia ter vergonha de ter empregada e falar que ela queimou sua calça, sua calça não é importante. Mas é isso, eu estou meio cansada, porque eu sinto estes conflitos nas contradições da minha vida. Preciso trabalhar, preciso existir, preciso pagar conta, cair na real e não vou fazer isso sozinha, quero fazer isso com quem realmente quer mudar o *status quo*.

2 Jornal Folha de S. Paulo.

CS: Mas o que é a real de um coletivo, existe uma real?

Flávia: Eu sinto que são ideais de resistência – estes coletivos que eu acredito, que eu mais gosto, que são as pessoas mais firmezas, pra começar, eles entendem a luta de classes.

CS: Ninguém apazigua nada.

Flávia: Não. E entendem uma coisa que eu acho muito importante. A Debora, das Mães de Maio³, que fala isso e ela tá muito certa: são sempre os mesmos corpos que ocupam os mesmos espaços. Então chego eu lá, branca, classe média, universitária, com todos os meus privilégios, meus contatos e vou falar, entendeu?

CS: A gente fura todas as bolhas.

Flávia: É, a gente já tem tudo na mão. Ela tá certa, na hora de subir no palco ou falar com não sei quem, quem vai? Vou eu!? Não pode ser assim, e a gente evita isso. Tem muita gente buscando lugar de fala a vida toda e a gente tem que aprender a escutar. A galera que eu acredito é retaguarda, a gente é retaguarda, a gente não é vanguarda, entendeu? A gente esta junto porque acredita em um outro potencial de vida, a gente acredita na potência de vida, não nesta morte coletiva que a gente vive socialmente, mas para fazer isto você tem que questionar seu lugar o tempo inteiro.

CS: O que é estar na retaguarda? Conta um pouco sobre como esta construção de retaguarda.

Flávia: Quando o Haddad chama para uma reunião, quem tem que ir, quem tem que falar são os moradores, não dá para a gente da classe média ficar falando; porque a gente tá lá, lá na luta, tá dando o sangue (fiquei lá dois anos dando o sangue), mas na hora de levantar e falar, quem vai falar é a Alessandra. Aí vem convite, vários convites da prefeitura. Bora tomar um café Flávia e Caio. E nós: – Vamos, vai lá na Casa Pública, um espaço de encontro que fizemos, de articulação, de conflito, de formação, um espaço onde os moradores podem se

3 Movimento Mães de Maio

encontrar, onde a associação pode receber a prefeitura, onde colam os parceiros da luta do Moinho etc. e a Alessandra vai estar lá, a porta vai estar aberta, todos os moradores podem colar, a gente não vai se promover em cima deles, a gente quer fazer junto, conjunto.

CS: Que é muito diferente desses caras que você fala que estão na vanguarda, que se tiverem voz eles querem mais é falar.

Flavia: Eles vão falar. Tem muita ONG na periferia que chega capitalizando porque a pobreza, a manutenção da pobreza gera lucro.

CS: Lucro, projeção...

Flávia: Coisa super legal para as ONGs... deixa lá, pobre sendo pobre o resto da vida... Uma diretora de ONG com um salário de 13 mil reais, mas é um absurdo!!!! Aí a mulher que trabalha lá, que abre a creche todo dia, ganha um salário mínimo, e é assim. Então é muito pesado, é uma manutenção do privilégio - principalmente -, e muita gente não quer abrir mão disso. E estes cargos? Para quem é estes cargos (diretoria etc.)? Destinado para a classe média branca, universitária etc. Mas vai ser à faca que vai ser tomado, entendeu? Não tem como. É isso, tentar desconstruir este lugar que a gente tem, os privilégios... e não ser inocente em saber o nosso papel, não é não saber: quando a gente tiver que levantar e dar um berro, a gente levanta e dá um berro mesmo, porque a gente tem poder de tremer muita coisa, muitos parceiros, imprensa etc. Só que na hora que a imprensa chegar, eu vou falar que a Alessandra é quem vai falar - foi o que a gente fez o tempo todo, pode colar todo mundo, mas quem fala é a Alessandra.

CS: Quem é a Alessandra?

Flávia: É uma moradora do Moinho, mora lá há mais de 20 anos.

CS: Moradora que você falou que há muito tempo é a voz do lugar.

Flávia: É. Ela é muito foda. É minha amiga, uma pessoa muito foda que vive as diferentes formas de criminalização da pobreza. A pobreza usada como instrumento de marginalização, e é aí que acho que a gente tem que conseguir quebrar a coisa pelo meio. A Raquel Rolnik fala que o centro de São Paulo está

sendo observado pelo mundo inteiro porque ele ainda não foi gentrificado e ainda tem essa vivacidade de ter um apartamento incrível para quem tem algum poder aquisitivo ao lado de uma ocupação maravilhosa, de um puteiro, de um boteco, dos africanos que acabaram de desembocar aqui, e você vê esse lugar vivo, mesmo com todas as pressões e questões que envolvem os planos de enobrecimento e expulsão da população de rua e das ocupações e favelas.

Enquanto isso, vai se fortificando a cidade doente, cheia de muros, de segregação, de condomínios, carros blindados. Onde se paga para ficar louco, paga-se pra fica insano: segregar, segregar, segregar e achar que está seguro, no fim são só recursos de insegurança. É muito doido pensar isto também. Eu estou sentindo um pouco de uma loucura porque eu acordo no meu bairro, na minha casa⁴, e não tem este estímulo de transformação como quando eu dormia no Moinho. Lá você acorda e já é uma coisa viva, natural - levanta um cimento, vai ali falar na creche que a criança não sei-o-que, é tipo uma escala menor de uma cidade, onde as pessoas são solidárias, se conhecem há muitos anos, cresceram juntas e isso é muito forte. Lá você participa de todas as esferas, a vida não é terceirizada.

CS: É possível construir as esferas?

Flávia: É, é isso! A gente vai na creche reclamar que tá acontecendo isso e aquilo e vai na UBS porque tem rato e vão tratar na zoonose e vai tratar a vacina do cachorro e vem a Eletropaulo e todo mundo vai lá falar com os caras, é uma coisa borbulhante, as pessoas são borbulhantes: bora organizar a festa pras crianças, bora fazer um bolo de 2 metros, precisa de 30 mulheres, uma coisa viva. E tem 30 mulheres e tem bolo de 2 metros e assim vai...

CS: Muito interessante, porque a sua casa, a princípio, seria um microcosmos deste microcosmos, já que é uma casa coletiva e que teria esta vivacidade.

Flávia: Mas o problema é a classe média, que não quer abrir mão de seus privilégios jamais e se desconstruir, e desconstruir as crianças. Muito difícil educar

⁴ Uma casa coletiva, onde as pessoas se juntaram sem se conhecer. Não vieram por um ideal claro, mas para juntas descobrir o que é isso de comunitário, dentro dos costumes classe média individualistas, solitários e egoístas. Já morei com mais de 27 pessoas nesses três anos, e cada composição física trás novas composições coletivas.

filhos, como você ensina ética pra um filho neste mundo? A Iris⁵ brincando de empregada com as meninas lá da casa. Aí eu fui falar: - ó, vocês estão pensando no que estão fazendo? O tempo inteiro ser mais crítico, é apontar e se rever. E eu: - você tá achando legal ser empregada? Então, agora você vai ser, gostou? Não, claro... é melhor ser designer, dar aula em universidade, ser convidado para falar em outros países, mas que horas que você tirou para tirar seu lixo? Nenhuma... Quero ver você cavar este tempo de plantar sua comida, fazer sua comida, cuidar de você, limpar o seu cocô... Eu entendo que seja difícil, mas que, pelo menos, se busque, que se tente desconstruir em algum lugar, não só no discurso. Pelo menos tentando não ocupar o espaço o tempo todo com o seu corpo branco, classe média - sempre que você puder subir num palco e pegar no microfone, ah cara, larga o microfone, passa para quem nunca falou, sabe... Para Iris, eu tento mostrar até demais as incongruências da realidade. Outro dia eu falei: - Você tem que pensar nisto e blá blá. E ela disse: - Mãe, eu já tenho que me desconstruir em várias coisas. Haha.

CS: Agora me fala uma coisa, uma vez você me contou como é difícil para Iris, pelo olho dela que é uma criança e vive diferentes realidades, a escola, o Moinho, a casa coletiva. Como você acha que ela lida com tudo isto?

Flávia: Ah, eu acho que é uma coisa muito em longo prazo, não idealizo, estou tentando mostrar outras construções e potências para ela. Ela é uma criança, sofre as tentações de consumo, mas acho que nesta desconstrução do corpo físico ela tá muito à frente. Eu mesma, depois de entrar no Moinho pós incêndio - era a primeira vez que eu ia lá e eu não sabia nem onde sentar, eu não conseguia -, eu achava tudo muito sujo. Mas a Iris, no primeiro dia em que foi lá, depois de estar tudo queimado, começou a pegar umas coisinhas, a plantar... a criança é mais livre. A gente vai sendo docilizado: senta direito, fala direito, não corre - este condicionamento do corpo, este corpo totalmente controlado -, e a gente vai reproduzindo o não pode: não pode isso, não pode... Aí, você chega na favela e é um lugar onde as crianças com 5 anos estão andando sozinhas, elas estão o dia inteiro na rua, o dia inteiro criando, vivas, se relacionando, não é esta coisa da casa solitária, individualista, sofázão... na favela é todo mundo se encostando, o corpo contra outro corpo porque não

⁵ A Iris é a filha da Flávia, tem 11 anos

tem uma cama para cada um, porque não tem um sofá para cada um, uma cadeira - tudo vai dividir, tudo vai compartilhar. Tudo tem a ver com ser mais solidário.

CS: E porque você voltou tão brava dá viagem? [a Flávia visitou a mãe que mora em Minnessota].

Flávia: [rs] Não, eu não estava brava, ah sei lá. Estou cansada. É uma questão de disposição: se a gente reproduz tudo aquilo que a gente quer combater, aí não muda muito. Enfim, tô buscando me enxergar depois desses anos no Moinho e entender a conjuntura para saber melhor para onde ir. Por exemplo, neste momento, minha casa não responde às mudanças que eu busco, e tenho pensado nisso. Temos uma tentativa de uma casa coletiva, melhor do que o individualismo de a gente viver cada um na sua casa, mas não tem nenhuma utopia, a gente não se uniu por causa de um ideal, acabou acontecendo deste jeito e eu acho que pode ser diferente, mas ela ainda não é. O bairro dela não é. É a estética da Vila Madalena, do Sumaré. Ontem eu estava sozinha em casa, queria sair um pouco, mas queria estar no Moinho, no Centro, no Bixiga, queria ir no boteco e comprar uma porpeta e tomar uma bebida e voltar pra casa, mas lá perto da minha casa não tem, não existe, naquele bairro lá você só encontra um prato de 30 reais.

CS: Já é um pacotinho, vem tudo empacotado pronto para ser consumido (*lifestyle*, vida, estética).

Flávia: É uma mesma estética. Não falta transporte, ninguém vai lutar por nada, não precisa. As praças não tem banco, mas ninguém quer se conhecer mesmo, pra que ter banco? Não precisa. A prefeitura fica horas fazendo manutenção dos jardins das praças. Pra nada, porque ninguém nem usa, é só um paisagismo na cidade, não tem arvore frutífera, não tem os bichos soltos, as crianças brincando, barulho, conflito. Zonas de cada um no seu mundinho, cada um no seu muro, na segregação mesmo. Não tem a área do conflito. Meu filho brigou com o seu, ótimo, que bom, agora eles vão ter que se resolver, porque eles são duas pessoas e eles vão ter conflito e vão continuar os dois morando aqui, convivendo, dividindo brinquedo, é bom, é saudável... Mas se fica cada um na sua posse não tem conflito, cada criança com seu quarto, com a sua empregada, com a sua super casa, piscinas enormes. Eu vejo ali no meu quarteirão, ninguém nem usa as piscinas, não tem nem barulho de gente

gritando, fazendo barulho, pulando na piscina. Bota uma piscina na favela, você vai ver [rs] o negócio vivo o dia inteiro, bombando, gritaria, sabe, legal, saudável. Existe. Ontem eu estava lendo uma matéria super legal que era do... até anotei o nome dele. É um tema que eu estava até pensando em estudar para um mestrado ou sei lá, uma pesquisa, sobre a mulher no espaço público, e ele falava... espera, Antonio Risério⁶, sabe quem é?

CS: Não.

Flávia: Ele é da Bahia, antropólogo baiano, vou comprar o livro, achei bem interessante, mas não conheço também. Ele falava que a cidade não foi feita para as mulheres. Primeiramente, foi feita por homens, não existe nem registro de arquitetas, engenheiras, nem nas tribos indígenas. Quem faz a casa é o homem e a mulher vai agregar valor à construção, que são os valores domésticos. E que por isso a cidade foi considerada um perigo para as mulheres e que a grande evolução está no movimento feminista, das mulheres buscarem igualdade. Ele fala das cidades segregadas entre homens e mulheres e o corpo da mulher nessa cidade, e fala também sobre a diferença entre a classe média e os pobres, já que as mulheres pobres sempre transitaram pela cidade, servindo as casas grandes, o comércio etc. Ou seja, o corpo que vem da pobreza sempre foi um corpo mais exposto, e essa coisa da cidade (também fiquei pensando isto na viagem que acabei de fazer), a escala de São Paulo é muito específica. Aqui é uma escala tão gigantesca, não sei como que faz, talvez criar micromunicipalidades construídas com os moradores, não para os moradores. Tentando alcançar um debate realmente público *versus* o poder imobiliário massacrante, que é quem manda na cidade, quem manda nos nossos corpos, quem segrega e aonde a gente não chega. Essa manutenção de um corpo em estado de “tá tudo bem”, quando na verdade a gente sabe que não tá tudo bem... e esse corpo em que ninguém encosta, todo protegido, fechado por grades, muros, portões, carros, seguranças, corpo de condomínio e *shopping*. É disso que eu sinto falta, não vou passar o dia nesta manutenção do “tudo bem”. Não está tudo bem, não vai dar, a gente precisa conseguir explodir em algum lugar, em um lugar que se avance, sabe, é isso, que vai avançando aos poucos.

⁶ Antonio Risério é um antropólogo, poeta, ensaísta e historiador brasileiro

CS: Então, da última vez que a gente conversou você falou muito de luta, que a luta está muito ligada à este lugar em que se avança e pensando sobre a coisa da retaguarda que é talvez a força que faz avançar. A retaguarda na figura destas mulheres. Mas o que seria avançar?

Flávia: Ah, avançar são pequenas conquistas simbólicas na luta diária e as conquistas efetivas mesmo. Expor os erros, os machismos, os racismos, os nossos preconceitos e ir avançando. As coisas vão ter que ser tomadas - não vai ter cafezinho e aperto de mãos, porque não têm acordo, ninguém vai dar nada pra ninguém.

CS: E por que não tem acordo?

Flávia: Porque não tem, porque quem tá com dinheiro e quem tá com o capital tem interesse na manutenção da pobreza, não no rompimento. Estava lendo este cara dos espaços públicos (Antonio Risério), ele fala sobre uma arquiteta, uma das primeiras mulheres arquitetas [ele fala da Lina Bo Bardi e mais duas] que chama Carme Portili. Ela construiu as moradias populares da época do Getúlio pensando um espaço comunitário, com escola, encontro, casas feitas em mutirões, outros pensamentos...

Por que o que é o Minha Casa Minha Vida? É uma cadeia disfarçada, um monte de casinha, tudo rachada, cheia de probleminha estrutural, que não vai aguentar nenhuma vida porque vida borbulha, se mexe, a vida não é igual, certinha, padronizada... e no Minha Casa Minha Vida a janela é igual, tudo tem que ser padrão. A pessoa é igual? A vida precisa da subjetividade, a pessoa precisa da subjetividade. Quando eu falo de luta são estas pequenas conquistas que a gente vai ter que cavar, vai ter que tomar... enfrentando o capital que está vencendo, controlando os corpos, a estética. Quando me afastei do dia a dia do Moinho, comecei a pensar na continuidade das minhas ações, com quem estar do lado, e nesse extravasar mais, e eu quis muito chegar neste lugar, mas a falsa esquerda está complicada e eu só acredito na luta autônoma, de base, de empoderamento, sem zé povinhar.

CS: Zé povinhar?

Flávia: É, zé povinhar. [rs]

CS: Ah, amei. [rs] O povo vem zé povinhar.

Flávia: É, lá no Moinho tinha muito disto, porque as pessoas estão acostumadas com a ideia de que alguém vai fazer por você e quando você começa, por exemplo, a limpar um espaço cheio de lixo, esgoto, entulho, as pessoas te olham desconfiadas, achando que não vai mudar nada, mas no processo elas começam a ver essa força da ação e principalmente as crianças vêm para somar. A gente tem esse lugar do privilegiado e isso causa raiva, porque eles já tentaram falar tanto com o prefeito, já tacaram fogo, já perderam coisas, aí chega a gente falando que vai botar luz e fazer o esgoto e consegue a reunião com o prefeito, puta que pariu, entendeu?... Fica a pergunta deles pra gente: quem são vocês? Caralho, o que vocês querem? Vocês querem ganhar um terreno? E a gente: não. Agora que a gente se afastou do cotidiano, eles perguntaram: mas vocês não vão pegar uma casa? Eles não entendiam, a polícia não entendia, chegava e perguntava: vocês são ONG? A gente: não. Universitário? Não. Então de uma igreja? Não. Então vocês são o que, estão aqui comprando droga? Não. Quem são vocês? Não existe isto de não isso, não aquilo, tem que ter um interesse - sempre ligado ao capital -, ou o seu interesse só pode ser se promover, conseguir um cargo na prefeitura, fazer uma reunião de portas fechadas, conseguir alguma coisa, mas não é o que acreditamos e o que fazemos.

CS: Manutenção dos privilégios.

Flávia: É. Toda vez que a gente foi participar de alguma coisa - da Bienal e do Vai, que foram as duas coisas com grana que a gente fez com o Movimento Moinho Vivo - foi dividindo o dinheiro igualmente entre todos. Na Bienal assino eu, Caio e Alessandra, porque a gente tinha empresa e a gente dividiu a grana entre 10, 10 iguais, eu com o meu conhecimento, com a formação, num sei o quê, igual ao Dedé, que é um menino de 16 anos, foda pra caralho. Eu só tô lá fazendo a Bienal porque eles existem e porque a gente avançou junto neste pensamento de compartilhar.

CS: Nesta resposta: todo mundo queria saber o que vocês estavam fazendo lá. Os moradores queriam saber, a prefeitura queria saber o que vocês estavam fazendo lá...

Flávia: A gente queria saber [rs], e foi descobrindo vivendo, não chegamos com uma coisa pronta. O Caio (fundador do projeto Comboio) chegou antes de mim, sabia mais o que queria fazer, eu fiquei olhando e sacando o que era

aquele espaço, aquelas relações, nunca tinha militado.

CS: Tem algum fundo de resposta pra isso ou não tem fundo nenhum? Ou foi uma convocatória do seu corpo que te levou pra lá e você ficou enquanto esta convocatória existiu.

Flávia: Eu vou responder por mim, né, da minha natureza e da minha insatisfação humana de olhar e falar que não tá tudo bem, sabe, não consigo achar que tá bem. Eu chego numa escola e ela me destrói, em uma firma, ela me destrói, não consigo estar viva (porque, como já disse, não tá tudo bem). E no Moinho foi isso, quando não têm uma relação de interesse principalmente de capital, é uma força maior que vem, vital. E tudo pode nestas zonas e nestes espaços informais que são as favelas. Se a gente quiser, a gente constrói um prédio, a gente vai! Não tem que ter o dinheiro, empreiteira, o engenheiro... Lá eu sou engenheira, a Alê, o Dedé, a gente é e a gente pode tudo. É acreditar na potência de cada um, e eu acredito nisso. É riscar o chão e ir para o outro lado, onde a gente é vida. É assim: vamos botar fogo agora na Rio Branco porque eles falaram que iam ligar a luz e não ligaram. Levantam 10 pessoas, cata pneu, sobe, bota fogo, para a cidade, já começa um monte de helicóptero... é assim, entendeu? Não tem essa coisa: ai, vamos pensar uma forma estratégica, mapear uma revolução, não tem. É experimentando, botando o corpo em risco o tempo todo, não ter um método. A gente nunca teve um método, nosso método é não ter método, é só o estar aqui e agora juntando a sua potência com a minha. Tem o Dedé, este menino que eu falei. Ele não sabe ler nem escrever. Daí eu: bora lá aprender a ler e escrever, você é um guri, tem 16 anos e não sabe ler, você é inteligente pra caralho, seus desenhos são a coisa mais linda - fiquei apaixonada pelos desenhos dele, um menino foda, muito foda. Daí ele responde: ai Flávia, vc é chata, ler e escrever, você é chata, chata, chata. E eu, beleza, a gente vai achar um jeito. Aí, um dia a gente tava lá na casa, escutando Racionais, fazendo uma comida, eu falei: senta aqui Dedé, como escreve seu nome? É assim ó, deixa eu escrever uma coisa para você. Aí ele: eu sei escrever meu nome! Eu: então você fala uma palavra e eu falo uma palavra, aí você escreve. Ele falou o nome da menina que ele gostava, aí eu falei, sei lá, revolução, aí ele falou Paloma, falei favela, aí ele falou sexo, e a gente foi indo e aprendendo e escrevendo em cima do que é vivo, e foi muito lindo ver ele assim, em cima de uma coisa real. Às vezes ele vinha, e eu: vamos Dedé. Um pouquinho e ele começou a ler o que está escrito na favela, o que tá pixado. Ó, está escrito na porta da sua casa uma coisa, vamos ler o que está

escrito, “favela do Moinho resiste, favela do Moinho pega fogo mas não apaga” – ele viveu aquilo, ele viveu os incêndios, então aquilo é mais próximo pra ele.

CS: Ele nasceu na favela?

Flávia: Nasceu lá, cresceu, a mãe, o pai, as irmãs, todo mundo lá, ele têm 16 anos, a mãe têm uns 40. E eu tentei fazer a coisa com o que é mais próximo pra ele, na escola a professora vai tomar prova dele, mas com as condições de vida dele? Como fazer? Aí é conversar todo dia, botando ele pra cima na potência dele, autoestima do que ele é, e ele é um cara maravilhoso, sou apaixonada por ele, falava: você é demais, meu, te amo. A gente fez a Bial na Bial juntos, ele ganhou dinheiro, comprou a TV enorme, haha, tatuagem, TV, moletom, falei, gasta mesmo, é seu, faz um quarto aí pra você, aí ele fez um quarto no barraco dele... e é isso, essas zonas informais... por isso a rua é um lugar maravilhoso, tem que ser tomada. Não aceitamos a precariedade e a ausência do poder público, mas reconhecer que esperar não vai dar. Quem disse que não pode botar fogo agora na rua? A gente aprendeu que não pode, mas se a gente quiser chamar atenção pra uma questão justa, a gente vai colocar fogo e vai chamar e vai ser importante e vai reverberar, sabe; a tomada de rua, 2013, que foi muito vivo, foi bom a gente ter vivido isso, né, tava um mundo oco, estéril, falando: “gente socorro, o que vai acontecer? a gente tá morrendo assim”. E 2013 foi o começo da busca por algum percurso, não é uma resposta de nada, mas todo mundo olhou e falou: tô vivo! eu também, eu também, eu também, e foi bom encontrar estes corpos, eu tô vivo, eu tô vivo, eu tô vivo, *nossa da hora assim*, a gente levava eles (do Moinho) nos atos e falava: olha, vocês vão ver como a mídia é preconceituosa, o que que eles estão falando ali, agora voc vai ver, vem olhar com seu olho, vem ver. E vem ver o q é black block, essa tática, não é um grupinho. É uma potência viva, uma ação, eu posso ser black block, você.

CS: É um gesto, uma pessoa, uma ação.

Flávia: E aí a gente ficava olhando a polícia, eles que vão começar a treta, e batata, uma e outra vez, eles provocam, eles empurram, este controle do corpo, tentando controlar todo o movimento, tentando achar um líder, cadê o líder? Não tem. Como não tem? Fica puto. Então o seu ato não vai sair... cerca, cerca o ato! Não, mas peraí, vai cercar o ato, cercar os nossos corpos? Mas tem

que ter um líder, senão não vai sair. Porque, para eles, não existe nada sem líder, estão acostumados com hierarquia e a relação de comando-obediência.

CS: Aí eu te falo uma coisa, agora há pouco você disse que o capitalismo tá ganhando, mas eu vejo justamente nesta falta de verticalidade entre as relações [capitalismo é o senhor vertical por excelência, o senhor controle por excelência] que é a resposta que tá vindo das ruas, e é molecular, e está nascendo em qualquer canto, em qualquer gente, em qualquer gesto, em qualquer corpo hoje, e é justamente do *não vertical*, que não têm líder.

Flávia: Sim.

CS: E nesse sentido você não acha, talvez, que capitalismo esteja em plena ruína?

Flávia: Eu acho que isto é uma perspectiva muito em longo prazo.

CS: Sim.

Flávia: Queria até estudar mais sobre isso.

CS: Historicamente, talvez nem seja possível em uma vida a gente compreender o movimento de ruína de um sistema inteiro.

Flávia: Mas eu acho que sim, se a gente pensar nas transformações históricas que a gente conhece. Não é de uma década, é uma construção no longo prazo. Então é o que a gente está vivendo agora, o feminismo tá pautado no facebook, cada vez mais a gente vai ter que criar estas rupturas, estes pequenos conflitos - que já estão aí há muito tempo - e ir trincando o capitalismo, que está morrendo, que sangra todos os dias, assassina todos os dias, persegue, controla. Como faz? Não tenho certeza de quem é essa frase, mas ela diz que “nas lutas temos que organizar as frustrações”, é isso. A gente vai, faz reunião com Haddad: amanhã vai quebrar o muro. O muro é risco, é incêndio. Vai conversar com uma criança que passou por incêndio, ela acorda toda noite de madrugada sonhando que tá pegando fogo, de novo, de novo... E esse trauma? Quem vai cuidar dela? Quem vai falar pra ela, enquanto ela está dormindo em um galpão e o rato tá comendo a perna dela, que isso não é normal, que ela não merece, ela têm só cinco anos, uma menininha, a coisa mais doce, linda. Como explica que esse mundo é tão escroto para ela? E aí

vem o Haddad e fala: amanhã!!! Amanhã a gente vai quebrar o muro⁷. Aí a gente comemora, fala: amanhã meu, *da hora*, puta, conseguimos!!! Amanhã (com toda esta tentativa de não fazer reunião com portas fechadas, de gravar a reunião inteira, de passar em assembleia, de botar os moradores pra falar etc.), aí já é amanhã e o cara some... aí a gente esperou um mês e fomos e quebramos o muro com as nossas próprias mãos, porque aquilo ali tá deixando todo mundo louco, e ele falou que vinha e não veio!!! O gesto é: vamos agir pra gente não ficar louco, pegar uma marreta e quebrar esta merda, aí quebramos, e entupiu de polícia, lotou.

CS: Por que quebrar o muro?

Flávia: Tinha um muro no Moinho - que é em formato de olho e têm as linhas dos trens dos dois lados. São seis de um lado e dois de outro. Para entrar você passa embaixo do viaduto, cruza as primeiras linhas do trem, que são estas duas linhas últimas, ida e volta, e aí você está no Moinho. Só que depois que teve o incêndio no prédio do Moinho Matarazzo - que foi 2011 -, o Kassab, que era prefeito na época, botou um muro pra fazer a demolição e lacrou uma passagem. E do lado de lá do muro tem uma saída que dá pro Bom Retiro, que é onde entra o caminhão do corpo de bombeiro, se tem incêndio. E com o muro não entra/sai mais, entendeu? E o Kassab fechou essa saída/entrada. Na única saída/entrada existente após o fechamento do muro o corpo de bombeiro não entra/sai. E nessa saída/entrada tem uma empresa que não é aberta e nem as pessoas circulam por ela. E sobre este muro tem um laudo do corpo de bombeiros dizendo que ele põe em risco a população. Há mais de um ano circulando este laudo, e nada!!! E aí a gente bateu na porta do Haddad, porque o Haddad foi fazer campanha lá, foi lá se promover, falar que ia regularizar, urbanizar, teria que trabalhar muito duro pra isto, mas ele ia fazer. E ele só enrola, enrola; já, já ele sai da gestão e deixa tudo quieto. Porque o Moinho é treta, é treta gigante: com o governo do estado, com a CPTM que tem interesse em colocar uma estação de trem lá, e aí você se pergunta: porque lá, se do outro lado da linha é o mesmo tamanho do terreno e tá vazio? Entendeu? Porque tira pobre do centro de São Paulo. Eles têm todo um plano de higienização: Sala São Paulo, Pinacoteca, Sala de dança etc.

⁷ Promessa da Prefeitura de São Paulo de quebrar o muro da favela na gestão do prefeito Fernando Haddad.

CS: Sesc, porto seguro.

Flávia: Todo este enobrecimento e o “tudo é de todo mundo”. Não, não é. Você acha que a pessoa que é pobre se sente convidada a entrar na Sala São Paulo? “Ah, mas tem o dia de graça. Vai lá, é só ir”. Não, não é só ir lá, o meu corpo não ocupa o mesmo espaço que o seu, entende, não dá, eu chego no lugar, todo mundo olha pra mim, entende? Não vou entrar porque vou ser julgada, não é confortável, sabe... Mas aí é isso, o Haddad não foi lá, e a gente foi e quebrou o muro - tem um vídeo, tá lá na página do YouTube do Moinho ou na da Comboio⁸. A gente quebrou o muro, que é o mínimo que a gente fez para manter a segurança no local e a sanidade geral. A gente marcou um sarau pra chamar todos os participantes e trazer visibilidade, porque a gente sabia que a polícia ia baixar (e baixou pra caramba). Cheio de polícia; ficaram putos, falaram: vocês não podem fazer isto. A gente falou: a gente vai fazer, a gente já tá fazendo. Começamos quatro dias antes, porque eram seis metros de altura, 30 cm de concreto armado, assim ó, nhenheq nhenheq, só na marretada, marreta, no braço.

CS: Quantas pessoas envolvidas?

Flávia: Ahhh todo mundo, a comunidade inteira, foi animal. Aquele espaço está em disputa judicial, eles têm a tutela antecipada de uso capião, só que existe muito interesse na área. O Kassab, ó o que ele fez: quando ele demoliu o prédio dos Matarazzo, entrou com pedido de desapropriação da terra - pedido da prefeitura -, e aí não existe uso capião em terra pública, então ele foi muito oportunista. Mais um processo dentro de uma lista de um monte de processos, e ninguém consegue fazer nada, um grande imbróglio jurídico. Enquanto isso, os moradores têm que esperar, mas esperar o quê? Este terreno é deles, ampliamos em um A3 o documento da tutela antecipada da área inteira e mostramos pra polícia no dia do ato. A tutela contempla o terreno todo e, enquanto não for decidido, é nosso, é dos moradores, que agora estão construindo um cinema público, do lado de lá, depois do muro. A gente vai lá dar uma força também.

8 Disponível em: <<https://www.facebook.com/moinhoresiste>> e <<https://www.facebook.com/comboiocidadelivre?ref=ts>>.

CS: *A gente* é você e o Caio?

Flávia: É, eu e o Caio, a Comboio.

CS: Fala da Comboio.

Flávia: Resumidamente, pesquisamos o processo de gentrificação no centro de São Paulo e atuamos com os movimentos de resistência. Atuamos criando espaços de forma participativa, de baixo pra cima. Mas não temos uma fórmula, cada lugar demanda uma ação e junto com quem tá nós somos. No Moinho, erámos eu, Caio, Dedé, Ale, Jé, Didi, Bruna, Paloma, Tetê etc.... Também já fizemos alguns projetos em escolas para discutir a disputa do direito a cidade.

Mas fiquei pensando muito nesta impermanência de ser o hoje. Hoje a gente não tá na favela, a gente tá na rua, a gente tá tentando militar com quem a gente acredita, e é difícil pra caramba, é super difícil ter tempo, conseguir avançar nas pautas e nas demandas.

CS: E como você lida com essa impermanência?

Flávia: Ah, hoje eu entendo um pouco mais tudo que eu já fiz e senti, mas eu sempre fui uma pessoa com um tremor interno, uma inquietação, eu nasci com esta dor, entendeu? Puta que pariu, não sei de onde ela vem, ela tava comigo desde sempre e, às vezes, eu não consigo lidar e, muitas vezes, é físico mesmo. Eu tenho questões com luz, com os espaços, eu chego num lugar e eu não acho o lugar incrível, genial... sempre penso: a gente pode mudar tudo, transformar tudo... não é botar a parede branca, o vasinho de flores e cada um na sua grade, entendeu? Jamais!!! É desconstruir, é descobrir a potência, ter aonde expandir o meu corpo, achar a memória local, a minha espacialidade e falar com as pessoas, falar: vamo, vamo. E esse vamos é muito bom. Sempre vamo, vamo, vamo, e eu acho que é isso, fui encontrando uma resposta mais acolhedora para esta vibração, que é uma inquietação gigantesca, que é uma revolta. É uma coisa muito natural, e eu preciso encontrar acolhimento em algum lugar, estudar. Quando eu leio, vou encontrando, quando encontro estes parceiros de luta, vou encontrando resposta e com eles vou entendendo também a minha frustração em olhar a gente tão potente e o estado/poder público nesse controle do corpo. É assim, a gente avança, avança, é um avanço, mas não é um avanço com perspectiva capitalista, de consumo, com

reconhecimento que o dinheiro e o *glamour* trazem, porque não tem *glamour* nenhum, é só real. Eu sei que existe uma resposta, pelo menos em algum lugar existe, e conseguir estar em algum espaço que seja criativo pra todo mundo, que seja das potências pode ser uma resposta. Mas também parece tudo perfeito, e é o oposto disso, é vivo, e por isso não é perfeito.

* Flávia Lobo de Felício é estudante militante, integrante do projeto Comboio, educadora e ilustradora. Formada em Artes Plásticas pela FAAP, vive e trabalha em São Paulo.

Estamos chegando aos 400. E agora?

Lucio Agra

A indiferença é o preço da eterna vigilância.

Marshall McLuhan. Meios quentes e frios¹

O que importa nesse mito [de Narciso] é o fato de que os homens logo se tornam fascinados por qualquer extensão de si mesmos em qualquer material que não seja o deles próprios.

Marshall McLuhan. O amante de 'gadgets' - Narciso como Narcose²

Prólogo

O velocímetro da minha bicicleta registra 1250 quilômetros rodados desde que decidi ir para o trabalho com ela. A decisão dependeu de dois fatores que se combinaram: a presença de uma ciclovia próxima da minha casa e um teste que determinou a escolha do veículo. Como quase todo mundo, eu tinha uma bicicleta comprada em supermercado que enferrujava na garagem do meu prédio. Ao limpá-la e lubrificá-la para uso, já pretendia fazer o percurso casa-trabalho buscando saber se me adaptaria à situação. Do resultado dessa experiência, feita em um fim de semana, sem movimento de carros, concluí que, com meu preparo físico e idade, não suportaria enfrentar

¹ McLuhan, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem (Understanding media)*. Tr. br. Décio Piganatari. São Paulo: Cultrix, 1969, originalmente publicado em 1964.

² Ibidem

diariamente as subidas que me levariam às Perdizes e à PUC. Daí veio a decisão de investir em uma bicicleta elétrica, fruto de muita pesquisa e busca em vários fabricantes.

Há uma diversidade de opções, hoje, mas os fabricantes de bicicletas elétricas são ainda um empreendimento pequeno, que luta com a pesada taxaçoão graças ao baixo índice de componentes nacionais. A principal reivindicação do setor tem sido pela redução à zero do ICMS e de outros impostos cobrados aos fabricantes.

O que se lerá aqui, portanto, construiu-se a partir de um esforço de curiosidade e militância de alguém que não tinha o hábito de pedalar desde a adolescência e que percebeu, rapidamente, que a ciclovía tinha, como seu principal traço, a demarcação de uma área segura para o ciclista. E também, como se verá, da percepção de uma atividade natural, o ciclismo urbano, ausente das classes médias e presente, no entanto, até hoje, nas regiões mais pobres do País.

Essa militância também resultou do efeito surpreendente que se produziu em meu corpo a partir de dezembro de 2014, quando encerrei aquele semestre indo todos os dias de bicicleta para dar aulas. Um efeito que deve ter sido percebido também pelos alunos, pois fui tomado quase imediatamente por um vigor e uma disposição que eu não conseguia, a princípio, compreender.

Essa é uma sensação relatada por quase todos que passam a usar apenas a bicicleta para seus deslocamentos, em todas as faixas de idade. Ela é responsável por um certo ar quase infantil de alegria e entusiasmo que muitas vezes se vê nos depoimentos dessas pessoas.

Tenho para mim que grande parte disso talvez se deva à recuperação de uma prerrogativa perdida pelo cidadão no trato com as cidades de hoje. Eu diria que ela se resume na capacidade e na liberdade de poder se deslocar pelo tecido urbano sem que nada possa constranger o seu caminho. Frequentemente, pensamos as grandes cidades como infernos nos quais é preciso pagar um alto preço de desconforto e de tempo para fazer deslocamentos que com frequência parecem infundáveis. O ciclista, de modo geral, tem um ar um pouco despreocupado, um tanto “alegre” demais no meio dessa balbúrdia que é toda metrópole. Tento demonstrar, com esse texto, algumas das razões que o levam a estar contente, além daquela que se torna cristalina, desde que ele começou a pedalar: é possível ir para qualquer lugar sem nunca mais depender dos constritores que tornam nossos deslocamentos, nos grandes centros mundiais, tão penosos. É possível, mas não é fácil. Vejamos porque.

Os “amantes de gadgets”

Marshall McLuhan dizia que o motorista moderno, no seu carro particular, é um “amputado voluntário”. Embora possa soar um pouco forte demais, a ideia da amputação foi repetida diversas vezes por ele, como forma de tornar mais clara a subtração do esforço despendido pelo corpo humano cada vez que este, usando seu cérebro, produzia extensões de si. Trata-se do bem conhecido conjunto de considerações expostas no seu *Understanding Media – os meios de comunicação como extensões do homem*. O capítulo 4 leva o título de “O amante de gadgets – Narciso como Narcose”, o que muito antigamente chamaríamos de “trocadilho infame”³.

Baseia-se McLuhan, nesse capítulo, na pesquisa médica de Hans Selye e Adolphe Jonas que, na ocasião de escritura de *Understanding Media*, “sustentam que todas as extensões de nós mesmos, na doença ou na saúde, não são senão tentativas de manter o equilíbrio. Encaram essa extensão como ‘auto-amputação’”⁴. Entre os exemplos que o autor dá para essa situação estão expressões como “não caber em si de contente” ou “estar fora de si” ou ainda “falta-lhe um parafuso”. McLuhan entendeu que o que Selye e Jonas pensavam como um mecanismo de compensações psicológicas poderia ser visto como uma teoria que explicava porque extensões como a roda substituíam, nesse caso, o esforço dos pés; eram prolongamentos que constituíam “uma espécie de autoamputação”:

Assim o estímulo para uma nova invenção é a pressão exercida pela aceleração do ritmo e do aumento da carga. No caso da roda como extensão do pé, por exemplo, a pressão das novas cargas resultantes da aceleração das trocas por meios escritos e monetários criou as condições para a extensão ou ‘amputação’ daquela função corporal.⁵

Dessa forma, McLuhan acaba por explicitar a diminuição evidente das funções vitais da caminhada em sociedades nas quais o carro se torna o principal meio de transporte. Talvez a crueldade e o horror dessa evidência tenham sido em parte sustentados pela procissão de mutilados em cadeiras

3 McLuhan, porém, tratou o trocadilho com muita seriedade, assim como a maioria dos artistas modernos e a psicanálise.

4 McLuhan, M. *Os meios de comunicação...*, op. cit., p. 60.

5 Idem

de roda, efeito das guerras estadunidenses da segunda metade do século 20 (como, principalmente, a do Vietnã), assim como ocorrera antes, no pós-I Guerra, na Alemanha. Conquanto discutível como explicação psiquiátrica, a imagem é forte o suficiente para advertir a construção do corpo autocomplacente do americano médio motorizado que se espalhou mundo afora. Ainda na mesma página, o professor canadense assinala: “O sistema nervoso somente suporta uma tal amplificação [a roda como extensão do pé] através do embotamento ou do bloqueio da percepção”⁶.

É certamente esse bloqueio que torna o cidadão comum motorizado das grandes cidades um ser humano embrutecido (para usar uma expressão que Vandana Shiva fez muito bem em repor em circulação) e estamos, agora, a confirmar algumas das mais lancinantes metáforas daquele pensador do “meio” como “mensagem”⁷.

A teoria dos meios como extensões, em McLuhan, diz respeito a todas as tecnologias, cada uma se tornando o conteúdo da próxima. O modelo é claramente evolutivo. De acordo com essa visão, é possível sustentar que a transferência de nossas memórias para o computador - com a consequente aceleração do tempo que disso resulta - poderia ocasionar a destruição de nossa capacidade mnemônica. Bem, os fatos demonstraram que se deu o oposto e que vivemos, hoje, uma crise de excesso de memória. Se seguissemos McLuhan, estaríamos confundindo o repositório humano de experiências com o banco de dados. Este aspirava à condição daquele, mas isso ainda não lhe foi possível. Não são todas as profecias do genial canadense que chegaram a se concretizar.

Contemporaneamente, entendemos que as extensões nem sempre representam substituições de um esforço. Mas na era industrial, da linha de montagem, de onde vem a colagem que é o automóvel (e de cuja condição ele ainda não se desfez), a substituição do esforço é a medida do êxito. Depois das marchas, o carro automático; depois do volante, a direção hidráulica; a poltrona (o trono!) no lugar do banco do condutor; o som envolvente no lugar do rádio; a proteção total e climatizada, redução de ruídos na cabine (que se torna semelhante a uma nave espacial).

6 McLuhan, M. *Os meios de comunicação...*, op. cit., p. 60.

7 Ver McLuhan, M. e Fiore, Q. *O meio são as Massagens – um inventário de efeitos*. Tr. br. Julio Silveira. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1969 (nova edição publicada pela Ímã em 2011).

Trabalha-se para adquirir o “merecido conforto”, mas este finda por converter-se numa espiral de luxo, cujo alvo final parece ser o desaparecimento da percepção do ato de dirigir. O motorista não é mais o condutor, ele é conduzido. As últimas inovações, como o piloto automático, tornado item de série, reconduzem o perplexo motorista à condição de passageiro, o que começa a provocar um desequilíbrio da relação de exclusividade antes proposta pelo veículo individual. Passageiros como os que viajam num trem na Europa, por exemplo, na Primeira Classe dos trens de alta velocidade, TGVs e ICEs, são pessoas que não querem “dirigir” e geralmente detestam “voar”⁸. Mas querem ser velozes e eficientes, logo o trem resolve totalmente seu propósito.

A “noiva mecânica”

A segunda parte de *Understanding Media* é dedicada à análise específica dos meios. O rádio, a televisão, a história em quadrinhos, cada um recebe seu título. Depois de comentar a fotografia, chamando-a de “bordel sem paredes”, McLuhan qualifica o automóvel, no capítulo 22, de “noiva mecânica”. Nome tão sugestivo que chegou a ser o título de outro livro seu que antecederia este (*A noiva mecânica - o folclore do homem industrial*, 1951; *Understanding...* é de 1964). A edição brasileira, apresentada e traduzida por Décio Pignatari, viria num contexto de transformações sociais importantes na história brasileira, atravessando, justamente, o auge das questões mais agudas daquela década, nos anos de 1968-69.

Sob o arbítrio que se seguiria, foram tomadas as medidas que faltavam para abrir espaço aos “amputados voluntários”, cuja vasta fortuna se iniciaria já no fim dos anos 1950, com a política desenvolvimentista de JK trocando o modelo do transporte público pelo individual, fazendo a progressiva substituição dos modos de transporte baseados na eletrificação e na condução massiva (trens e bondes) ou na multiplicação do esforço corporal (bicicleta e outros) pelos motorizados e de combustíveis fósseis (carros, ônibus e caminhões). Os metrô, que fazem sua *entrée* nos anos 70, e na

⁸ Esse é outro aspecto que entra em conflito com a visão de McLuhan, para quem o avião e os circuitos elétricos estraçalhavam as formas de associação humana tradicionais, em função da velocidade. Se isso é verdadeiro por um lado, McLuhan, por outro, não levou em consideração a grande quantidade de pessoas para quem o avião se tornou um incômodo.

mesma São Paulo onde proliferam as vias expressas, são aceitos porque representam a modernização tecnológica tão sonhada pelo mesmo desenvolvimentismo militarizado que construiria as outras grandes vias, da Ponte Rio-Niterói à Transamazônica. Trata-se, portanto, de um projeto que, *pari passu* aos desenvolvimentos da Petrobrás e suas subsidiárias, da Eletrobrás e da então promissora Nuclebrás, apontavam para o sonho de um País autossuficiente energeticamente. A medida da prosperidade passa a ser, então, o carro. O carro é o bem de consumo que, junto com o telefone adquirido no “plano de expansão”, a geladeira e a televisão, caucionam o sonho do núcleo familiar estável de classe média, proprietário do bem supremo: a casa própria. Casa própria e carro do ano, emprego público (na Caixa, no BB ou na Embratel) constituíam o ápice da realização. Filhos formados, casados e “encaminhados na vida”.

Do ponto de vista do transporte, relegados à condução pública ou “coletivo” estavam os “funcionários” do sonho pequeno burguês: os empregados de baixa extração, em grande parte moradores das periferias e das favelas. Os que cozinham, lavam, passam, servem a comida nas casas e nos restaurantes. Estes nem podiam sonhar em ter um carro (o mercado de usados era praticamente inexistente). Deslocavam-se a pé, de ônibus e de bicicleta. O trem reduz-se ao suburbano, para que fique clara a sua conexão com o mundo da pobreza. Já nos anos 60 entendia-se, nos grandes centros brasileiros, que os bondes eram “lentos e obsoletos”. Foram, a princípio, substituídos pelos ônibus elétricos, que existiram na empresa pública de transportes no Recife, no Rio, e resistiram bravamente na CMTC paulistana até os anos 1980. Na última década do século 20, prefeitos paulistanos identificados com a lógica de aceleração do tráfego acabaram por exterminar quase todas as linhas, ficando apenas uma meia dúzia que hoje ainda sobrevive. O recado era claro: a Mercedes Benz, a Volvo e os fabricantes de carrocerias (principalmente Marcopolo e Ciferal) não estavam dispostos a deixar na cidade o vestígio do que conseguiram erradicar nas ligações entre os estados brasileiros. O transporte ferroviário, dessa forma, fora destituído a golpes contínuos. Sobrevivera na Fepasa e outras companhias estaduais, mas recebe o golpe de morte definitivo durante o Governo Collor, o mesmo que acusara os veículos brasileiros de serem “carroças” e, numa falsa abertura ao mercado, produziu um concorrente ideal para justificar mudanças no paradigma das montadoras, mantido intocado desde a ditadura.

Precisando enfrentar a “concorrência” da russa Lada (!), a Autolatina (a Ambev do carro) se desmembrou, e começaram a surgir, timidamente,

os importados e os nacionais um pouco mais “sofisticados”. Antes da ajuda com a moeda estável do real, somente um remanescente da antiga ordem é ressuscitado: o Fusca, para agradar ao vice, enviado ao poder após a queda do “caçador de marajás”.

São velhas histórias, parte da contemporaneidade política e econômica brasileira, nossos anos de formação. Durante esse tempo, o trem fez a sua cerimônia de adeus para meia dúzia de aficionados, a bicicleta se tornou um dos elementos do “espartaquismo esportivo” que nos assolou com vôleis, basquetes e tudo o mais. Andar a pé é um tormento e de ônibus, o sinal inequívoco de que o cidadão ainda não tirou o “pé da lama”.

McLuhan em “A noiva mecânica” faz uma curiosa oposição entre a roda e a eletricidade, argumentando que a primeira desliza em caminhos pré-determinados e tende a desaparecer dando lugar às direções múltiplas propiciadas pelos circuitos elétricos. Esse é um dos pontos em que a lente visionária do estudioso canadense chama atenção: “Se o motorista, tecnológica e economicamente, é muito superior ao cavaleiro armado, pode muito bem dar-se que as mudanças elétricas na tecnologia venham a desmontá-lo, restituindo-o à escala pedestre.”⁹

McLuhan previa um mundo futuro no qual as pessoas fariam compras automaticamente “através da televisão”, um mundo no qual se tornaria irrelevante o uso do carro, transformando-se este, por sua vez, no mesmo que o cavalo, um meio de transporte para lazer. É preciso esclarecer, ademais, que, na passagem acima, “elétrico” poderia ser entendido como o que atualmente entendemos como “eletrônico” como representação do mundo informacional. E a menção ao cavaleiro, muito embora nos pareça uma metáfora tão presente hoje, justifica-se por um capítulo anterior, aliás dedicado à roda, à bicicleta e ao avião¹⁰, no qual essas três “mídias” são sucessivamente relacionadas ao estudo de Lynn White sobre os “estribos”. Aparecido no século VIII, esse tipo de lugar de comando está em todos os veículos de roda. Ao mesmo tempo, e no mesmo capítulo, outras analogias lancinantes são feitas: o alinhamento especializado das rodas no trem, no aparato cinematográfico e na bicicleta que, junto com o velocípede, são frutos do “alinhamento das rodas em *tandem*”

9 McLuhan, M. *Os meios de comunicação...*, op. cit., p. 247.

10 *Ibidem*, p. 205 e ss.

A bicicleta elevou a roda ao plano do equilíbrio aerodinâmico, e criou o aeroplano de maneira não tão indireta. Não foi por acidente que os irmãos Wright eram mecânicos de bicicleta, ou que os primeiros aeroplanos pareciam bicicletas. As transformações da tecnologia têm o caráter da evolução orgânica porque todas as tecnologias são extensões de nosso ser físico.¹¹

Ele sempre oscilará entre a afirmação evolucionista e organicista (“A resposta à energia e à velocidade crescente de nossos corpos prolongados gera sempre novas extensões”¹²) e a constatação das perdas que isso representa (“Lewis Mumford sustenta que o automóvel transformou a dona de casa suburbana em motorista de tempo integral”¹³). Essa ambiguidade constante dá sabor ao texto e calibra os argumentos, para que, ao final, ele possa dizer que o futuro do automóvel “não pertence à área dos transportes” e que o carro não veio para ficar (NB: a data do livro é 1964), porque “na era da eletricidade a própria roda é obsoleta”.

Tudo isso parece muito confuso em um contexto atual, em que o motorista se porta como “cavaleiro armado” e os carros - e bicicletas - elétricos são a grande novidade. Segundo McLuhan, é a TV, com sua visão integrativa, em rede, trazendo consigo uma noção de simultaneidade, que condena o carro (a linha de montagem, por suposto) a seu fim. Mas a mídia, de modo geral, incluída aí a TV (de sinal aberto ou “fechado”), é o grande anunciante do carro (uma vez que os cigarros perderam essa prerrogativa). Faz alguns anos, a Alemanha pretendia eliminar a propaganda automobilística na sua mídia, mas o projeto deu para trás, sobretudo com a Chanceler Angela Merkel comparecendo e prestigiando eventos da BMW.

Insiste ainda McLuhan, nesse misto de previsão e protoargumento contra o mundo carrocêntrico: “Confundir o carro com símbolo de *status*, só porque dele se exige que seja tudo menos um carro, é confundir o significado integral desse derradeiro produto da era mecânica que ora vai cedendo a sua força à tecnologia elétrica.”¹⁴ Ao mesmo tempo, e na mesma página, McLuhan diz que o moderno “cavaleiro democrático” transforma-se, com sua armadura-cavalo, em um “míssil errático” nas “selvas de asfalto, cobrindo de asfalto

11 McLuhan, M. *Os meios de comunicação...*, op. cit., p. 208.

12 Ibidem, p. 209.

13 Ibidem, p. 206

14 Ibidem, p. 253.

e concreto 60.000 km² de áreas verdes e agradáveis”¹⁵, e acrescenta: “O carro tornou-se a carapaça, a concha protetora e agressiva do homem urbano e suburbano”¹⁶. Diante dessas considerações, talvez seja possível dizer que um dos melhores advogados dos “modos ativos” de transporte, aqueles impulsionados pela força humana – mesmo quando com o auxílio da elétrica – é o mesmo teórico que construiu a narrativa da sociedade das massas motorizadas. É ele quem conclui assim o capítulo 22 de *Understanding Media*: “Numa palavra, o carro remodelou todos os espaços que unem e separam os homens, e assim continuará a fazer por mais uma década – quando manifestar-se-ão os sucessores eletrônicos do automóvel”¹⁷.

O regime militar, entretanto, tendo à frente o seu principal meio de propaganda, a TV em rede nacional, alardeou, nos anos 1970, a maior ponte do mundo (Rio-Niterói), pela qual, a princípio, só passavam automóveis. Quando, mais de 20 anos depois, o governo carioca de Leonel Brizola trouxe o pedessista Jaime Lerner (o PDS era o partido sucessor da Arena, a situação na ditadura, mesmo partido de Maluf) para prover uma solução para os transportes no Rio de Janeiro, à maneira do aplaudidíssimo sistema que implantara em Curitiba, o engenheiro sulista espantou-se ao descobrir que pelo Túnel Rebouças, uma dessas obras extraordinárias do regime, só passavam carros. Assim é que se ressuscitou a falida Ciferal, empresa entregue por Brizola à administração de seus trabalhadores cooperativados, que passou a fabricar um tipo de ônibus conhecido como “Padron”, que estreou circulando na linha que ligava Niterói à Zona Sul carioca. O Padron foi o precursor de uma transformação nos ônibus que se espalhou País afora, e também fez parte dos elementos que formaram a crônica de preconceito e *apartheid* social decorrente da chegada, na Zona Sul, nos fins de semana, de levas de moradores das regiões pobres da cidade para se divertirem na praia, felizmente ainda gratuita¹⁸.

15 McLuhan, M. *Os meios de comunicação...* op. cit., p. 253.

16 Ibidem, p. 254.

17 Idem.

18 A praia gratuita não é comum no mundo todo mas permanece assim no Rio. O programa Documento Especial, produzido em fins dos anos 80 e começo dos 90, na extinta TV Manchete, dedicou um interessantíssimo episódio a essa questão (“Os pobres vão à praia”) e a outros derivados do detrato com o transporte popular como o “surfe ferroviário”. Há um canal no YouTube onde se pode encontrar todos esses programas completos

Na verdade, o que se produziu foi a uniformização do transporte público em torno do ônibus. O trem de passageiros e a bicicleta se tornaram a mais acabada representação da pobreza, o que justificou o sucateamento do primeiro e a decadência da segunda, transformada em objeto de desejo das crianças e paralisada enquanto meio de transporte adulto. A prática de associar tudo ao esporte deu à bicicleta, no Brasil, uma conotação que fez com que o produto se universalizasse pela baixa qualidade, tornando-se disponível em qualquer supermercado na mesma proporção em que meramente mimetizava outro que, muito caro, só seria acessível aos aficionados e praticantes do ciclismo. Uma das inovações recentes da argumentação a favor do ciclismo urbano é justamente aquela que demonstra que, para se usar uma bicicleta nas grandes cidades, não é preciso trajar-se como um ciclista de competição. É o que o documento *De bicicleta para o trabalho*¹⁹, produzido pela Associação Transporte Ativo, demonstra, e que pode ser constatado na própria experiência de enfrentamento cotidiano da cidade²⁰.

A bicicleta no Brasil

Durante os anos de 2014-15 operou-se uma transformação considerável em diversas capitais brasileiras, nas quais o problema da circulação de automóveis e transporte público tornou-se insuportável. Para os efeitos desse texto, não pretendo abordar o problema trazido pelos movimentos ligados ao *Tarifa Zero* e o quanto essa mobilização traz consigo o desgaste produzido por um modelo de transporte resultante de uma estratégia montada por empresários mafiosos que, ao perceber as oportunidades, e valendo-se da inépcia e dos interesses políticos de

19 De bicicleta para o trabalho: *O que você precisa saber, o que a empresa pode fazer*. Manual produzido por Transporte Ativo e Associação Mountain Bike BH. Tradução e adaptação de Vinícius Mundim Zucheratto e Denir Mendes Miranda (a edição original em inglês foi publicada em 2002). Disponível em: <http://www.ta.org.br/educativos/DOCS/De_bicicleta_para_o_trabalho.pdf>

20 No exato momento em que escrevo esse texto recebo uma mensagem de um amigo dos Estados Unidos que me transmite uma matéria segundo a qual "a mais feia cidade do estado do Oregon", Portland, parece ser a mais dedicada à prática do ciclismo para o trabalho. Disponível em: <http://www.citylab.com/commute/2015/09/portland-ranks-first-in-the-us-for-biking-to-work/406045/?utm_source=atfb>.

sucessivos governos, lograram construir sistemas ineficientes, poluentes, insanos e lucrativos.

Até os anos 1970, o que hoje chamamos de “modais” formava-se em torno de uma diversidade caótica de opções: barcas, bondes, “lotações”, bicicletas, táxis, carros particulares (os minoritários), ônibus elétricos e trens. Houve um momento, entre os anos 1950 e 60 que, nas principais capitais brasileiras, todas essas formas de transporte conviviam. Desses, como disse, eram minoritários o carro particular e o “lotação”²¹, um coletivo pequeno e veloz que ainda existe na maior parte das cidades latino-americanas, mas não no Brasil. Os atuais proprietários dos trustes de ônibus, cujas estratégias de “sobrevivência” são sofisticadas e complexas, formando um negócio dos mais rentáveis que existem, são provenientes de alguns pequenos proprietários de táxis e lotações que cresceram na brecha produzida pelo fim do transporte coletivo elétrico (bondes e ônibus), pela estigmatização do trem como transporte de pobres (fim do trem de passageiros intercidades e consolidação do modelo trem urbano de massas e de baixa qualidade) e pelo crescimento exponencial da indústria automobilística iniciado após a implantação das fábricas no Brasil com incentivos inacreditáveis. Digo que a questão da tarifa não é meu interesse aqui pois ela desloca a ênfase da falência do sistema para o mecanismo disciplinar-econômico que ele sustenta (catracas, tarifas, acessos reduzidos, ausência de regularidade, horários etc.). Nem basta dizer que a mesma situação se verifica no metrô, apenas de modo diferente. Entretanto, passa também a ser alvo da reivindicação, no mesmo momento em que, tardiamente, começa a se desenhar o acordo para a implantação do bilhete único, a versão do que já se passa na maior parte das metrópoles do mundo, a intermodalidade entendida de forma natural, o bilhete mensal ou por períodos etc. Essa é uma estratégia possível e, politicamente, tem todos os desdobramentos que conhecemos - dos melhores aos piores.

O estudo sobre o uso de modos ativos, por outro lado, tem trazido dados surpreendentes: para começar, descobriu-se ilusória a ideia de que não houvesse um esforço, há muitos anos, no sentido de atender às advertências com as quais McLuhan já fazia coro. Nas grandes cidades brasileiras - e

21 Não confundir a antiga lotação com outras opções de transporte formal ou informal como vans e (micro) ônibus fretados. O uso, nesse caso, do termo “lotação” demonstra como aquele modo de transporte deixou uma memória forte.

particularmente em São Paulo -, acumularam-se estudos que buscavam soluções e ofereciam caminhos que coibissem a autoamputação, responsável por um cidadão encapsulado e que se comunica com o mundo pela buzina.

É possível, por exemplo, examinar um estudo longo de 54 páginas, produzido por Maria Ermelina Malatesta, com o título *A história dos estudos de bicicletas na CET*, elaborado durante a gestão anterior da Prefeitura de São Paulo. Logo no início da pesquisa, lê-se:

Em algumas ocasiões foram registradas tentativas de encorajar o uso da bicicleta como modalidade de transporte por parte da administração pública paulistana. No início dos anos oitenta, a partir de programas promovidos pelo GEIPOT - Empresa Brasileira de Planejamento dos Transportes / Ministério dos Transportes, foram divulgadas a vários municípios ações necessárias para estímulo ao uso da bicicleta como modalidade de transporte em função da crise do petróleo e das bem sucedidas experiências européias. Entretanto na ocasião esta diretriz não teve a repercussão desejada e nem continuidade. Posteriormente, já nos anos noventa, a legislação municipal instituiu a obrigatoriedade de construir cicloviárias nas novas avenidas. Também nesta ocasião foram criadas 6 cicloviárias, totalizando quase 32 Km em quatro parques municipais, porém foram ações isoladas sem uma coordenação geral vinculada a um programa específico.²²

Os primeiros planos cicloviários, portanto, datam de 30 anos atrás, e respondiam por uma pequena conexão entre o Parque Ibirapuera e a Cidade Universitária. Nota-se que a justificativa para tal escolha deve-se, em grande parte, a uma concepção da bicicleta como esporte, já que os dois pontos representam, um formalmente e outro de maneira informal, locais de lazer da cidade. Em 1990, já estava em curso legislação específica (Lei Municipal n. 10.907 de 18/12/90 com regulamentação através do Decreto n. 34.854 de 3/2/95) que obrigava a demarcação de faixas exclusivas para bicicletas na construção de novas avenidas na cidade. De certo modo, é essa lei que dá subsídio à implantação que hoje se realiza, tirando-a da situação de letra morta. Em 1994, a CET elaborou um plano de cicloviárias de 110 km (repare-se nas

22 Malatesta, M. E. B. *A história dos estudos de bicicletas na CET*. São Paulo: Companhia de Engenharia de Tráfego, 2012 (Boletim Técnico, 50), p. 11. Disponível em: <<http://cet-sp.com.br/media/135472/btcet50.pdf>>.

extensões mencionadas para outras cidades brasileiras adiante). As atuais vias das avenidas Sumaré e Faria Lima decorrem dessa sugestão. Em 1996, uma pesquisa demonstrou, a despeito da configuração geral dada ao veículo, que ele crescia. Um dos dados da pesquisa: “Os resultados das pesquisas de opinião realizada em março de 92 junto aos usuários de transporte coletivo informaram que 40% usavam bicicleta e destes, a maioria utilizava para lazer (40,4%) e 14,4% já utilizava a bicicleta como transporte.”²³

Praticamente dez anos depois, a prefeitura elabora um plano cicloviário para fazer parte da

[...] iniciativa do Ar Limpo para a América Latina e definiu a elaboração de um projeto de minimização de emissões de gases efeito estufa em conjunto com instituições do Governo do Estado de São Paulo e da Sociedade Civil. Uma das ações se daria por intervenções no setor de transportes, tendo em vista que as emissões de gases veiculares constituíam-se uma das principais fontes poluidoras. A partir destas decisões foi formulado o Programa de Melhoria do Transporte e da Qualidade do Ar em São Paulo, cuja formalização ocorreu em junho de 2005. Os recursos para a implementação deste programa eram provenientes do GEF - Global Environment Facility, administrado pelo Banco Mundial. Dentre as várias ações previstas por este programa estava incluído o incentivo ao uso da bicicleta como modo de transporte integrado, como sistema alimentador dos sistemas estruturais de transporte público.²⁴

O que restou dessa iniciativa foram os bicicletários instalados nas estações de Metrô da cidade. Outra decorrência foi a criação de um GT da Bicicleta, inicialmente também ligado à Secretaria do Verde e Meio Ambiente, que acabou sendo abrigado na Secretaria Municipal dos Transportes, onde finalmente desfrutou da coordenação política necessária à sua implantação.

O que esse breve histórico nos revela, a partir da maior cidade da América Latina, é que não é de hoje que a bicicleta vem sendo apresentada como a possível alternativa para desenvolver um outro padrão cidadão. Com a Lei da Mobilidade Urbana (Lei n. 12.587 de 2012), o que se passava e se passa em São Paulo vem a ser parte de uma rede de legislação federal. Entretanto, durante trinta anos, a bicicleta fabricada no Brasil declinou violentamente

23 Malatesta, M. E. B. A história dos estudos de bicicletas..., op. cit., p. 37.

24 Ibidem, p. 38.

em quantidade e qualidade, em contraste com a massiva invasão das motonetas e motocicletas, já em sua quarta ou quinta geração (movimento iniciado lá por meados dos anos 1970 também²⁵).

Desse modo, a bicicleta viveu o paradoxo de permanecer sendo o mais invisível e ao mesmo tempo o mais presente meio de transporte dos brasileiros desfavorecidos.

Um estudo recente, produzido pelo *pool* Aliança Bike, Bicicleta para todos, Bike Anjo e União de Ciclistas do Brasil (UCB) fornece alguns elementos para que possamos compreender, para além das discussões de teor político-partidário, o que significa o atual impulso mundial em direção a transportes não motorizados ou de motorizações “alternativas”²⁶. As capitais brasileiras elencadas no levantamento são dez, tidas como aquelas onde avança consideravelmente o uso da bicicleta para deslocamentos urbanos. Dentre elas, estão previsíveis Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba ou Recife. Mas também algumas que surpreendem, como Aracaju, Florianópolis, Brasília e Manaus.

A primeira constatação do estudo é que a bicicleta é o veículo mais popular no Brasil. Há muito mais usuários do que se pensa e não se trata de usuários eventuais ou por esporte. Há também a constatação de que os deslocamentos são muito mais extensos do que se imagina.

A própria existência de uma diversificada gama de usuários acabou por gerar um fenômeno que se adensou no decorrer dos últimos anos, e que

25 Há filmes no YouTube feitos em São Paulo nos anos 1960 e 70. Na década de 60, o que impressiona é a quase ausência de semáforos e o trânsito do centro totalmente caótico, com pedestres e carros se trançando pelas ruas. Nos anos 1970 e 80, no mesmo site, há curiosidades como um técnico da Honda que vem do Japão inspecionar a instalação de uma das poucas lojas do então crescente comércio motociclístico e aproveita para fazer umas tomadas da cidade em Super 8.

26 Ver Soares, A. G. et al. (org.). *A bicicleta no Brasil* 2015. São Paulo: D. Guth, 2015. No início da implantação das ciclovias em São Paulo havia um certo preconceito da “massa crítica” – os ciclistas que já pedalavam na cidade antes das vias segregadas e, em sua maior parte, lutavam por elas – em relação às bicicletas elétricas. Ainda neste primeiro semestre de 2015 a Prefeitura anunciou isenção de IPVA para carros elétricos, num sinal claro de que a questão fundamental é a diminuição das formas poluentes dos veículos tradicionais (emissão de gases, ruído). Aos poucos, a reação adversa à “tração” elétrica se modificou. Na verdade, são poucos as bicicletas e triciclos tracionados a eletricidade. O mecanismo previsto no Código Nacional de Trânsito é aquele que emprega o sistema “pedelec”: o motor não substitui o esforço, mas o auxilia. Ele não funciona sem a pedalada e não deve possuir acelerador. A velocidade máxima permitida é 25 km. Veículos de duas ou três rodas acima dessa especificação ingressam na faixa dos motociclos e motonetas.

se costuma denominar “cicloativismo”. São, na sua maioria, ONGs e outros modos de organização da sociedade civil.

O cicloativismo é um sistema de ideias que reconhece e investe na atividade, no protagonismo, na participação política em favor da inclusão da bicicleta com segurança e conforto no sistema de mobilidade urbana. Seus adeptos não compõem um bloco uniforme, mas suas diferentes abordagens e concepções, através de diversos canais de relacionamento e de debate, levam ao amadurecimento do conjunto, através da amarração de compromissos e a qualificação de métodos²⁷

Essa definição é suficiente para demonstrar que o princípio ordenador da “militância” cicloativista é pautado pela diversidade e pela reivindicação da cidadania como participação. É claro que não é esse propriamente o aspecto que se torna visível, numa abordagem “de fora”. As cidades onde tradicionalmente se desenvolveu a prática ciclista (na Europa, Amsterdam, Copenhagen e Estocolmo e, de forma não tão conhecida, Berlim, Londres e ainda mais recentemente Paris ou Barcelona) são geralmente tomadas como exemplo sem nenhuma consideração sobre o papel da bicicleta em todo o Sudeste asiático, na China, em diversas cidades africanas e em várias Sul-Americanas, das quais os melhores exemplos são Bogotá e Buenos Aires. A polêmica em torno do desenho e da cor das ciclofaixas em São Paulo e da própria noção de criar um sistema munido de faixas e vias específicas poderia não ter acontecido, se houvesse a mínima atenção a cidades muito próximas como Santos (não incluída nessa publicação). Os argumentos nesse sentido foram todos derrubados com a simples comparação com outras cidades ao redor do mundo. Mas eles demonstram o quanto a própria percepção sobre a bicicleta se ateve, no caso de São Paulo, principalmente, a uma combinação de provincianismo e disputa política.

Do ponto de vista institucional-legislativo, a bicicleta é um veículo entendido como os demais, com o mesmo direito à rua que os outros. O atual Código de Trânsito incorpora alguns dos melhores princípios usados mundialmente (o mais forte/pesado protege o mais fraco, a prioridade é sempre deste último; a bicicleta é entendida como meio de transporte comum; não há licença para bicicletas do mesmo modo que não há para cadeiras de roda

27 Soares, A. G. et al. (org.). *A bicicleta no Brasil* 2015, op. cit., p. 8.

ou pedestres, visto que todos esses modos são entendidos como ativos, isto é, não são “substituições do movimento”, como nos assinalara McLuhan). A legislação existente também desenvolve, desde o início da década, um vetor indicativo para as várias cidades brasileiras, no sentido de que elas promovam Planos de Mobilidade, isto é, planejamentos de curto, médio e longo prazo para que se humanizem, reduzindo a emissão de gases, priorizando o transporte não poluente e a escala humana, reduzindo o trânsito e a velocidade, buscando o horizonte de zerar acidentes de trânsito. Esse compromisso está proposto para todo o País, signatário que é de protocolos internacionais de redução de emissão de CO₂ e outros gases. No nível municipal, na última eleição para prefeito, os cicloativistas firmaram propósitos assinados, com todos os candidatos, nos quais eles se comprometiam a construir pelo menos 400 km de ciclovias na cidade.

O número tem sua justificativa, muito embora em face dos 17.000 km de vias da cidade, possa parecer pífio. Aracaju possui em torno de 182 km² e aproximadamente 620 mil habitantes, e tem uma frota de 160 mil automóveis. A cidade é uma das que tem uma das maiores taxas de crescimento de uso da bicicleta, entretanto conta com pouco mais de 59 km de vias. Ainda assim, é um dos casos mais citados, pois tem 64 bicicletários com 797 vagas²⁸. Há perspectivas de que a prefeitura chegue a construir 100 km de vias ou mais. São Paulo, em contraste, possui 11.253.503 habitantes, e, até o momento da pesquisa, contava com apenas 219,5 km de ciclovias, 3,3 km de ciclofaixas permanentes e 67,5 km de ciclorrotas, aumentadas em mais 120 km pelas ciclofaixas de lazer aos domingos e feriados. Nos extremos dessa estatística, não é muito difícil perceber o déficit de São Paulo. Porém, há outros casos como o de Belo Horizonte que, com 331,40 km² e 2.491.109 habitantes e uma frota de carros que é quase a metade desse número, e com clima predominantemente ameno (como o de São Paulo) e topografia menos acidentada, possui apenas 2,4 km de ciclovias para cada habitante. O total da cidade perfaz apenas 70 km e, como Fortaleza, é uma cidade na qual a luta pelo espaço da bicicleta é travada cotidianamente. Em Brasília, com um número semelhante de habitantes (2 milhões 852 mil, a quarta cidade brasileira mais populosa) e com 5.778 km², tendo a mesma realidade de frota motorizada com 72,3% de automóveis, há 400 km de ciclovias segregadas

²⁸ Soares, A. G. et al. (org.). *A bicicleta no Brasil* 2015, op. cit., p. 29.

(executadas até o final de 2014), o que implica uma proporcionalidade que sobe para 15,4 km por habitante. Considerando que a quilometragem média das viagens, de modo geral, fica em torno de 4 a 7 km, pode-se perceber que a capital federal é muito mais bem servida, e a mais tempo, do que São Paulo.

Outros dados surpreendem, novamente em contraste com a capital paulista: em Curitiba, cidade na qual, como se sabe, o uso da bicicleta é bastante disseminado, há 165 km de estrutura cicloviária (para 430,9 km²). A frota de veículos motorizados é a maior na proporção de habitantes (1 milhão 475 mil para 1 milhão 864 habitantes). E, no entanto, 80% desta malha cicloviária é compartilhada com pedestres (o que se passa em Berlim, Amsterdam, Santos e outras cidades). Já em Fortaleza, onde há um veículo motorizado para cada 2,64 habitantes, havia 75 km de ciclovias, dos quais 38 são ciclofaixas (números de janeiro de 2015). Segundo o estudo, somente as ciclofaixas tiveram implantação recente (a partir de 2013). Já as ciclovias possuem mais de 10 anos e nunca tiveram manutenção. Vale lembrar que 40,8 % dos ciclistas têm renda de até R\$700,00, numa cidade de 2 milhões e meio de habitantes. Com uma população ligeiramente menor, mas uma frota de carros proporcionalmente maior (1 veículo para cada 3 cidadãos), distribuídos em 11.401 km² e “ilhada” (sem acesso rodoviário, apenas fluvial e aéreo), Manaus é uma cidade sem bicicletários, com 6 km de ciclofaixas, 14 em obras nesse momento e uma perspectiva crescente. Segundo a Associação Brasileira dos Fabricantes de Motocicletas, Ciclomotores, Motonetas, Bicicletas e Similares, “Manaus concentra aproximadamente 20% da produção nacional, com 797.252 bicicletas produzidas em 2013”²⁹. Recife, por outro lado, com 1 milhão e meio de habitantes e 218 km², plana e quente, tem um número extraordinário de ciclistas. Mas não conta com mais do que 30,7 km de ciclovias e ciclofaixas. Entretanto, o cicloativismo é forte ali, como em Manaus e Fortaleza.

Com esses números, é fácil deduzir porque a bicicleta está associada ao transporte mais veloz - graças ao exagerado número de automóveis em espaços reduzidos, cuja frota em relação ao número de habitantes sempre aponta para uma proporção de quase 1 para 1 - e mais barato. Ao mesmo tempo, também, demonstram o quanto a cidade de São Paulo é concentradora do modelo carrocentrista e sua principal propagadora. Na ex-capital federal,

29 Soares, A. G. et al. (org.). *A bicicleta no Brasil* 2015, op. cit., p. 76.

Rio de Janeiro, os números também impressionam: são seis milhões e meio de habitantes, entretanto a frota de automóveis é menor (em torno de 1 milhão e oitocentos). Quente e plana, como Recife, o Rio dispõe de área maior (1.255 km²) e contava com surpreendentes 374 km de ciclovias em 2014. A estimativa da prefeitura é atingir 493 km até o final de 2015³⁰.

A CET (Companhia de Engenharia de Tráfego) de São Paulo mantém um mapa atualizado no Google com o que chama de “Infraestrutura Ciclovitária Permanente de São Paulo”. A última totalização, na época de escritura desse texto, é de 358,5 km de infraestrutura. Nesse momento, sob torrencial fogo da mídia que, por interesse político, diariamente encontra pequenos problemas - quando não simplesmente os produz -, a prefeitura vem concluindo as consultas públicas para a execução dos últimos 150 km, que incluirão, como já foi divulgado, ciclovias em vias de grande porte como a Consolação. Ao contrário dos clichês alardeados pela mídia e pelos interesses de oposição, que mal disfarçam o *lobby* das montadoras, há um planejamento rigoroso na implantação ciclovitária na cidade. O aprendizado e a experiência fizeram com que esse planejamento se traduzisse em uma opção de implantação que ora se torna evidente. Seguindo os projetos mencionados acima, a CET e a Secretaria de Transportes optaram pela solução econômica de atender aos projetos de ciclovias segregadas em trechos específicos (recuperando e atualizando a rede das avenidas Sumaré e Faria Lima e implantando as novas como a das avenidas Paulista/Bernardino de Campos), ao mesmo tempo em que produziu uma rede mais extensa com pintura de faixas sobre o piso. Segundo o superintendente da CET, Ronaldo Tonobohn, mesmo essa pintura obedeceu a etapas ditadas pela experiência e pelo contato com um piso degradado e carregado de camadas sucessivas de asfalto. Evidentemente, o custo aumenta à medida que se vai da pintura a frio até o concreto pigmentado.

A mídia e a questão dos Transportes, ou contra quem lutam os cicloativistas

Dos 324 canais de TV existentes no País, mais de 200 são propriedade de políticos. Essa não é uma situação nova, mas ajuda a entender que, mesmo havendo políticas públicas e desenhos nacionais coordenados, não é

30 Soares, A. G. et al. (org.). *A bicicleta no Brasil* 2015, op. cit., p. 97.

perceptível a transformação em curso. Ou, ao menos, não pelos canais costumeiros de informação. As empresas que vêm se associando aos processos de implantação do padrão ciclovitário, mesmo quando são de grande porte como o Itaú, permanecem sem cobertura. Uma estatística do Bike Sampa, por exemplo, a maior rede de bicicletas de aluguel automático na cidade, com implantação no Rio, São Paulo e Belo Horizonte e apoio do Itaú, revela que 70% das viagens são para deslocamentos de um ponto a outro. Em Salvador, cidade não mencionada no estudo *A bicicleta no Brasil*, a atual implantação conseguiu a proeza de liberar o Plano Inclinado e o Elevador Lacerda para transporte das bicicletas. Infelizmente, se não há um esforço e dispêndio com campanhas de divulgação, nenhum desses acontecimentos vira notícia. Mas esse é um dado da imprensa brasileira desde os anos 1960.

Estamos bem distantes dos tempos dos bondes e dos trens. Os primeiros foram estigmatizados, ainda naqueles anos, como lentos e produtores de grandes prejuízos e, extintos, foram retirados rapidamente das principais capitais. Os bondes que trafegavam ainda em 66/67 em São Paulo, circulavam até poucos anos em Praga, na República Tcheca. Os mesmos bondes.

A década de 1960 marcou o fim de uma das primeiras estradas de ferro do Brasil, operada com alta tecnologia quando de sua inauguração: a Rio-Petrópolis. Até os anos 1970, ainda era possível encontrar, abandonados em seu antigo leito, vários dos detritos da ferrovia: peças de louça de fiação elétrica, fios e até trilhos. Uma nova estrada, uma rodovia, desenhada também a partir de um alto padrão (com leito de placas de concreto), foi a novidade que desbancou a antiga cremalheira. O desmonte do trem teve leveza. A penada definitiva foi dada no Governo Collor com a extinção da RFFSA.

A perseguição aos bondes e ônibus elétricos produziu uma mentalidade. Algumas das buzinas que ainda levamos hoje pelas costas, por parte dos motoristas que assim julgam nos advertir, devem vir desse velho hábito, constatável em outras capitais que destruíram seus fluxos mais lentos (como a Cidade do México, onde o uso da buzina é quase enlouquecedor).

As ciclovias, por seu turno, representam muito mais do que faixas pintadas ou vias segregadas. Elas clamam, com a sua chegada, para a importante constatação de que a velocidade não resolveu o problema do transporte. A demanda dos que usam os modos ativos confronta a massificação (via metrô ou ônibus triarticulados) que pretende atender à demanda de deslocamentos da população mais pobre, afinal, a maioria.

Naturalmente, a perspectiva de hegemonia dos valores simbólicos é uma barreira difícil: o medo da identificação com a pobreza, a diminuição dos

benefícios imediatos do luxo na cápsula, as alegações de segurança etc. E essa barreira tem sido enfrentada pelo cicloativismo com uma militância pacífica, descentralizada, que desvia do imperativo econômico pela afirmação da escala humana no transporte dos cidadãos em suas cidades.

[outras publicações relevantes³¹]

* Lucio Agra (Recife, PE, 1960) vive e trabalha em São Paulo. Performer, poeta, professor, atua artisticamente no Brasil e no exterior há vários anos (França, Canadá, USA, Montevideo, Colômbia, México). Seu livro mais recente é *Monstrutivismo - reta e curva das vanguardas* (Perspectiva, 2010). Conclui *Performance: corpo em expansão*, novo livro sobre a performance no contemporâneo. (<http://contemporaryperformance.org/profile/LucioAgra>)

31 McLuhan, S. e Staines, D. (org.). (2005) *McLuhan por McLuhan – conferências e entrevistas*. Tr. br. Antonio de Paula Danesi. São Paulo: Ediouro, 2005. || *Manual de Sinalização Urbana do Espaço Cicloviário – critérios de projeto*. vol. 13. São Paulo: Cia. de Engenharia de Tráfego – CET-SP, dez. 2014. Disponível em: <http://cetsp.com.br/media/392076/msuvoh3_espacocicloviario.pdf> || *Plano de Mobilidade da Prefeitura de SP*. Disponível em: <<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/transportes/planmob/>> || Tatto, J. A. *Mobilidade urbana em São Paulo – aplicação de soluções imediatas e eficazes*. Dissertação (Mestrado em Ciências, área de concentração: Sistemas de Potência) - Escola Politécnica, Universidade de São paulo, 2015.

A busca de um comum e o tempo em que nada acontece

Edson Luís de Almeida Teles
Fernanda Miranda da Cruz
Henrique Zoqui Martins Parra

Para Mai e Aurora, desejos de outras educações possíveis

Este texto compartilha a experiência que tivemos na realização de uma disciplina interdisciplinar em uma universidade pública num contexto imediatamente posterior a uma longa e conflituosa greve de professores e estudantes.

Antes de começar

A experiência da greve de 2012 nos faz pensar que talvez haja algo de singular na constituição da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp - *campus* Guarulhos). Um espaço interessante para analisarmos as configurações das novas tensões e desafios emergentes no âmbito das universidades públicas brasileiras. Neste local, pudemos observar com maior contraste o encontro de dinâmicas heterogêneas que correm simultaneamente no ensino superior público, e que aí convergiram como forças antagônicas. De maneira análoga aos efeitos de uma colisão num acelerador de partículas produziram explosões, faíscas e radiações que contribuíram para uma melhor visualização dos elementos em jogo.

Numa dimensão, temos as seguintes peças circulando: a) a criação ou expansão de universidades públicas federais; b) a criação de uma universidade pública federal no Estado de São Paulo, historicamente sede de importantes centros universitários de excelência; c) a absorção de doutores com graduação, mestrado e/ou doutorado realizado principalmente na USP ou Unicamp e que iniciaram, em sua maioria, o percurso na pós-graduação na segunda metade dos anos 1990, momento de redesenho da política científica e dos programas de pós-graduação em humanidades; d) o desejo, talvez, de

criação de um novo polo de pesquisa e ensino inspirado no modelo universitário em que foram formados.

Noutra composição, algumas peças parecem outras: a) o recente processo de democratização do acesso à universidade; b) política de cotas, Enem, Sisu, ampliação; c) interiorização e descentramento urbano das universidades; d) políticas de assistência e permanência estudantil. Em suma, um outro perfil socioeconômico, novas culturas e linguagens adentram a universidade pública.

Durante os quase sete meses de greve, em 2012, tivemos longos períodos de mobilização, negociações, assembleias lotadas, reuniões de órgãos colegiados altamente polarizadas, ameaças diversas, piquetes, alunos processados judicialmente, prisões, ocupações de sedes administrativas, desocupações, entrada violenta da polícia no campus. Questões relativas à relação da universidade com seu entorno e as dificuldades advindas da gestão universitária para a consolidação do campus se transformaram numa disputa sobre sua própria localização: deveria ficar na periferia? Deveria ir para o centro de São Paulo ou Guarulhos? Conflitos que ganharam contorno de luta de classes e em que a própria linguagem e os modos de interação social manifestaram percepções distintas sobre a violência simbólica até então silenciada. Nessas discussões, diferentes concepções e desejos sobre a universidade estavam em jogo.

Ao mesmo tempo, foi neste percurso de situações extremas que nós três acabamos nos conhecendo. No meio de tanto conflito, em reuniões infinitas, em decisões emergenciais em que o pensamento e a palavra correm de forma tão ágil, novas alianças iam sendo tecidas. Quando as atividades letivas começaram a ser retomadas, era desconcertante o que ouvíamos de alguns estudantes: “é muito estranho voltar a ter aulas nessa situação, como se nada tivesse acontecido!”. A geografia da sala de aula havia se quebrado, nada mais era como antes. Como recomendar?

Foi assim que decidimos oferecer logo no semestre seguinte uma disciplina conjunta, paralela às nossas outras disciplinas oferecidas naquele semestre. Não sabíamos muito bem como ela seria, mas decidimos que ela deveria ter um espaço em que a experiência fosse possível e onde pudéssemos refletir e acolher alguns dos problemas relativos à relação entre conhecimento e poder que emergiram durante a greve. Deveria ser também um território afetivo de recomposição, de criação de novas formas de ensinar e aprender, outras formas de vida...

O tecido

Partíamos de um esgotamento - atuar em uma universidade cujo modelo vigente parecia obsoleto. O tempo já não favorecia, como há muito, ações coletivas. O espaço já não favorecia, como há muito, ações individuais. Era o final de 2012. Tínhamos a experiência de uma greve longa. Conflitos, tensões, violências, criações, sentimentos, posições, abstenções, abstenções, abstenções, bandeiras, palavras de ordem, palavras de ordem, palavras de ordem, vontades de desordem, centralismos, descentralismos. Era tempo de estar mobilizado, ativado. Mobilizações nos espíritos ideológicos, sociológicos, políticos e subjetivos. Naquele espaço delimitado por algo que parecia ordinário, ou seja, uma greve em um ambiente universitário, podíamos até encontrar esporos de experiências ímpares. Sim, provavelmente, ali também se deram experiências inimagináveis. Mas, a vontade de mapear e descrever todos os elementos desse contexto não poderia se concretizar aqui neste relato. E talvez seja isso o Leituras do Fora. A um só tempo relacionado e não relacionado a esse contexto maior, visível, político. Uma experiência vivida por umas três dezenas de pessoas vinculadas em algum grau com aquela atmosfera universitária em crise. Mas também éramos ou desejávamos ser um descolamento desse mesmo tecido.

Esse texto, do mesmo jeito, desenhou-se um tanto descolado de nós mesmos, uma polifonia, um abandono da autoria de suas partes.

Aqui nada acontece

Já era quase o meio do semestre, não aquele que estávamos acostumados, mas o de um calendário de reposição de aulas após uma greve de seis meses. Em uma roda de conversa sobre o andamento da “disciplina”, um dos alunos pede a palavra e, em tom de reclamação, mas também de alguém que se encontra perdido, fora do roteiro, exclama: “aqui nada acontece!”. Esta frase poderia ser uma síntese dos encontros “Leituras do Fora”, formalmente constituída para ser uma “disciplina” eletiva para os cursos do campus de Humanas da Universidade Federal de São Paulo, oferecida por três professores, cada um “pertencente” a um departamento: o de Ciências Sociais, o de Filosofia e o de Letras.

Espaços

A sala onde aconteciam estes encontros era um grande palco/aquário destinado a aulas de dança. Em um quadrado de cerca de 100 m², piso de madeira, pé direito alto, uma das paredes separava o espaço do corredor do Centro Educacional Unificado (CEU) Pimentas. Esta parede era, de ponta a ponta, de vidro. Quem estivesse fora, de certo modo, se encontrava dentro e vice-versa. Na parede oposta, mais vidros, garantindo a visibilidade para um gramado aparentemente sem vida, que antecipava o muro de separação entre o CEU e o campus da universidade. Algumas carteiras escolares ficavam dispostas próximas das paredes, o que permitia que alguns sentassem quase como observadores do espaço de dentro. Nada de preenchimento completo, enfileiramento de corpos ou hierarquia topológica de sujeitos. A experimentação se iniciou com a nossa plena inabilidade em lidar com o “nada”, com o vazio que preenche as lacunas deixadas pelos papéis previamente decididos.

Os corpos

Como fazer uma “disciplina” sem corpos alinhados? Como encenar aulas com corpos disciplinados para outro lugar e fora da dinâmica conhecida? Por que insistir na ideia de corpos ocupando uma “disciplina”? Simples apropriação de um poder disciplinar foucaultiano?

Corpos, roteiros. A ausência de um *script* desordenou os lugares e tempos dos indivíduos, subjetivados nas condições clássicas de professores e de alunos. Desordenado, sem ordem, sem aquela ordem, foi a presença de corpos o que possibilitou uma ocupação do espaço e suas dinâmicas. Facilitado pela aula que ali ocorria no horário anterior - oficina de dança contemporânea, com Fernanda Cruz e Anelise Mayume -, os participantes do “Leituras do Fora” iam chegando e se ambientando a uma não sala de aula. Alguns integrantes do “Leituras” participavam também das oficinas de dança. Desta forma, não foi complicado quando um trabalho de corpo começou a se consolidar no início dos encontros. Corpos de alunos e professores foram aos poucos ganhando outras formas, assumindo gêneros, capacidades, limites, dobras, inflexões e tudo o mais que um corpo possa sentir/ser.

Corpos, roteiros, espaços. Combinado com vídeos, com ou sem discurso, ou com discurso sem palavras, textos escolhidos ou espalhados ao acaso sobre o chão, reunião de grupos com interesses diversos, os corpos e seus movimentos foram ganhando um lugar de destaque. Claro que a presença de algumas pessoas, como o Douglas Iesus, facilitou as digressões

sobre o “fora” por meio da experimentação do corpo. Contudo, mais do que a importância deste ou daquele indivíduo, algo notadamente marcante em nossos encontros foram as disposições de corpos institucionalizados em espaços e contextos desinstitucionalizantes, por vezes em resistência a esta situação. Corpos em busca de lugares nunca preenchidos, corpos em surto, espremidos, aflitos, corpos em denúncia ou travados, sempre em conflito com a necessidade vinda dos roteiros há muitos anos conhecidos da leitura de um texto e de sua discussão, da obrigação de avaliar e de ser avaliado, de percorrer um momento de seu início, passando pelo meio e chegando ao fim. Rompia-se, de certo modo, com a imposição da confecção de um produto final.

Corpos, roteiros, espaços, temporalidades. E nada acontecia. Sim, nossos encontros, os da “disciplina”, deveriam seguir a trama de um conteúdo, cujo suposto saber reservaria aos professores e aos alunos o papel passivo da recepção eficaz do novo conhecimento. Este seria o mundo da “disciplina”, no qual tudo aconteceria. Mas nada aconteceu. Ou quase nada. Presenciamos, naqueles breves meses da passagem dos anos de 2012 para 2013, uma dilatação do tempo, das temporalidades. Os encontros ocorriam no período noturno, começavam sem atraso, pois não tinham um momento exato para começar. Não passavam da hora, pois acabavam somente no horário de saída do último ônibus para o metrô. Uma parte dos inscritos no projeto o abandonou durante o percurso. Talvez fosse difícil ou mesmo inútil seguir uma “disciplina” sem objetivos, sem o que para começar suas atividades, com supostos conhecedores do saber indispostos em assumir este lugar. Somado ao espaço incomum, teria sido a temporalidade com que os corpos se moviam naquele espaço o que mais incomodou ou seduziu as pessoas que por ali passaram. Sem pressa. Sem a legislação das formas vindas da necessidade. Alguns chegavam após os aquecimentos dos corpos, outros estavam por lá bem antes do horário oficial. É curioso que os debates, desgovernados ao máximo, sem virarem caos, alcançavam sua mais alta excitação após um determinado tempo. Talvez aquele tempo suficiente para os indivíduos se desligarem de maquinismos do cotidiano.

Subjetividades

Nem tudo foi agradável ou produtivo. A abertura para um processo criativo, sem prévia combinação, é um passo complicado. Há uma indisposição, uma não porosidade a estas experiências. Os corpos cansados, duas horas de precário transporte público, bandejão, sono. Sujeitos treinados, bem

ou mal, para receber sem demandar. Desligados dentro de uma sala, eram convidados, em nossos encontros, a se abrirem para fora de suas projeções sobre a universidade. Periferia, lugar do inacabado e do perene, limites do mecanismo, itinerário de fugas. Universidade pública em Guarulhos, lá no finzinho da cidade, diagramas de bordas do contemporâneo.

Experiência de um deslocamento, revisitação do nosso lugar dentro da instituição e, de quebra, fora dela também. Ao final, parecia que ninguém mais aguentava estar ali. Não havia mais nada a ser criado. Ali nada acontecia e justamente isto se sobressaiu. Não foram os motivos, nem os objetivos, muito menos os resultados. Foi o percurso, foram os encontros em si.

O esgotamento

Alguns eventos chamavam atenção, atravessavam-me mais o espírito, sem que eu pudesse ou quisesse sistematizar ou analisá-los. E esses eventos serviram de motivação ou inspiração para o que se estruturou então em uma disciplina acadêmica ofertada na grade curricular daquela universidade, mas que rapidamente recebeu alguma autonomia, ao menos discursiva, e passou a ser referida como o “Leituras do Fora”. Alguns desses eventos desencadearam uma vontade de experimentar um agrupamento temporal e espacial de pessoas com finalidade vaga.

Em meio às manifestações estudantis de 2012, dentre várias possíveis bandeiras, havia uma “palavra de ordem” produzida em volume alto e tom agressivo, mas recebida pelos ouvidos em volume sussurrado e tom carinhoso: “Fora, professor, aqui ninguém precisa de doutor”. *Aqui onde? Eu ouvia esse estribilho e às vezes não sabia se era eu quem o entoava ou se era eu, professora, que o recebia. Aqui onde?*

O ônibus

Num dia qualquer de 2008, eu pegava o metrô da linha azul, sentido Zona Norte da cidade de São Paulo, para descer na Estação Armênia. Dali, eu deveria pegar um ônibus que se chamava Jardim Angélica e descer, como estava indicado no Google, em um ponto qualquer, de um endereço assim chamado: Estrada do Caminho Velho. Ao descer na Estação Armênia, me dirigi ao terminal urbano para procurar alguma informação sobre onde tomar o tal Jardim Angélica. Encontrei um caos. Nada como três minutos para entender que não havia, ali, caos nenhum. Aquela era uma rotina repetitiva. Havia, sim,

a ausência completa de sinalizações, quadros informativos com nomes de ônibus, destinos, horários de chegada e saída. No lugar disso, o tão conhecido fluxo de informações que dependia necessariamente da interação verbal com desconhecidos que circulavam no local. Os indivíduos perguntáveis eram até que facilmente identificáveis por um corpo indicando “eu conheço aqui”. A esses indivíduos chegavam outros indivíduos, com pressa e com um corpo indicando “eu não conheço aqui e preciso chegar logo em algum lugar”. Pois bem, assim era eu: eu não conhecia ali... Meu corpo indicava, pela pressa, que eu precisava chegar logo em algum lugar. Um corpo sabido me aponta uma van que estava de saída. Era preciso pegar aquela van, como se fosse a única chance. Corri e entrei nela.

Dentro, arrumo um lugar apertado para meu corpo e uma mala pequena de rodas contendo 1 (uma) cópia do boleto e comprovante de pagamento da taxa de Inscrição de um concurso para doutor na Unifesp; 1 (uma) cópia do documento oficial de identificação, válido no território nacional, com foto, no caso minha foto; 2 (duas) vias de um formulário próprio da universidade, dirigido ao Magnífico Reitor da Unifesp, especificando a vaga pretendida; 10 (dez) cópias encadernadas contendo os seguintes documentos: curriculum vitae lattes (Plataforma Lattes do CNPq); memorial descritivo e circunstanciado de atividades de ensino, pesquisa e extensão, com a indicação dos trabalhos publicados, das atividades realizadas relacionadas ao cargo do concurso e demais dados que pudessem ser úteis à avaliação por uma banca examinadora, considerando também as metas, objetivos e perspectivas de atuação nas áreas de ensino, pesquisa e extensão a serem desenvolvidos na universidade. Os documentos deveriam estar devidamente lacrados e identificados com etiqueta contendo o nome e a assinatura do candidato, no caso eu. Naquela van, eu era 1 (uma) candidata a 1 (uma) vaga em 1 (uma) universidade pública brasileira, cujo campus de humanidades era recente e estava em pleno processo de formação.

Toda essa papelada pesava um tanto. Ali ia eu, na van, atenta à importante mala e ao caminho, até chegar ao ponto que me deixaria mais perto da universidade, onde eu deixaria toda aquela importante papelada. Desço no ponto, pego uma boa subida de terra, a então Estrada do Caminho Velho, e vou me aproximando de um muro. *Deve ser ali!* E nesse muro estava escrito: “Enfia o doutorado no cú!”. *Putz, era ali mesmo.*

O espaço: mais áreas vazias que construídas. Terra. Um galpão de obras onde funcionava a secretaria. Algo de provisório, improvisado. Algo por vir. Aquilo me encheu de porvires. Que beleza!

Quatro anos após 2008, meu corpo pegava ainda o mesmo trajeto. Mas era um corpo sabido, que agora informava, no terminal urbano, para os corpos transeuntes e apressados, onde pegar tal ônibus. Era também um corpo cansado das carteiras, das bandeiras, das ideologias, das identidades, das lutas, das lousas, das grades curriculares, das discussões, dos lattes, dos francodesejantes, da linguagem, do conhecimento, das crenças, das gentes, das novidades, das tradições, dos papéis, dos papéis, dos papéis. O esgotamento. Onde estavam os porvíres? Estávamos em uma estrada nova de um caminho velho. Um imaginário havia se construído discursivamente: o de que ali tudo estava ainda por fazer, de que era a chance de fazermos algo novo. Talvez nem tanto. No equilíbrio entre as forças conservadoras e as forças criadoras, as forças conservadoras ajudam a manter o mesmo desenho, modificando alguma coisinha, mas acessória.

O vazio central

Leituras do Fora. Nome na grade, créditos atribuídos, alunos matriculados, professores responsáveis... Quanto do mesmo! Ementa criada como um *brainstorming*; uma enorme sala de dança, em madeira, de um Centro Educacional Unificado projetado pelos arquitetos Biselli-Katchborian. Ali aconteceria a disciplina. A descrição, no site Archdaily, diz o seguinte sobre o espaço:

O projeto configura-se em uma linha, materializada em uma grande cobertura metálica que abriga nas bordas de sua dimensão longitudinal os diversos usos, articulados por um vazio central.

Era esse o espaço. Acho que nós éramos esse vazio central que queria articular uma cobertura metálica imóvel, pesada, mas cujas bordas abrigavam potências de diversos usos que ainda estariam por vir.

Agrupamento

Muitas coisas emergiram daquela experiência. Chamarei aquelas reuniões semanais, nas noites de terça-feira, de agrupamento. As coisas que emergiam vinham frescas e velhas ao mesmo tempo. Parecia que estavam ali, pulsando, esperando uma brecha, uma movimentação mínima das placas, para escapar, virem à tona. Quando escapavam, ficavam ali, zanzando naquele vazio, sem que ninguém daquele agrupamento tivesse que/pudesse/quisesse/soubesse

acolher. Era isso o que eu sentia. A história do testemunho do irmão assassinado com dezessete tiros; a performance de dois integrantes daquele agrupamento que caminhavam em direção a uma lousa encapuzados e que perdiam suas roupas ao longo desse caminho, chegando ao destino nus e sem rosto; a proposta de deixar os corpos ocuparem os espaços de forma criativa; as dinâmicas de dança e vivências corporais; o convite de um integrante para que aquele agrupamento participasse de uma atividade em uma área dita irregular que estava prestes a ser (violentamente) desapropriada; tentativas de sistematizar o que havia sido discutido; propostas de leituras bibliográficas para um outro tema que tivesse aparecido; a desorganização (ou surto?) de um participante durante um dos encontros e o afago manso do outro em sua cabeça; os embates polarizados entre os participantes; a sempre vigente dicotomia aluno-professor; leituras-manifesto contra algo; a constante pergunta sobre o que fazíamos ali... O que estávamos fazendo ali? Por que insistíamos?

Em alguma parte

Às vezes, em alguns encontros, eu aproveitava aquele chão infinito de madeira para deitar meu corpo, abrir braços e pernas, ficar estendida, deixando o peso do corpo afundar no chão, olhos fechados, respiração solta, indo, indo. Enquanto isso, alguma parte da aula acontecia, e sentia que eu não tinha nada a ver com aquilo. Isso era bom.

Como?

Como organizar um curso, as aulas, o conteúdo, a dinâmica em sala, a relação com os alunos quando nada mais parecia seguir como antes? Ou, como seguir fazendo exatamente da mesma maneira (os cursos, as aulas...) como se os acontecimentos de 2012 não tivessem relação com o que fazemos na universidade? Ninguémalaria disso? Quem queria falar disso? O que dizer quando alguém quisesse falar disso? Era possível entrar na sala de aula como se nada tivesse acontecido? Era possível continuar a oferecer algum conteúdo sem que isso não tivesse sido em nada afetado pelo que havíamos vivido, ou ainda, pelo que havia sido suscitado?

Havia uma vontade de fazer algo junto. O quê? Havia uma vontade, acho, de dar conta de um silenciamento que tomava proporções estranhas no espaço universitário. Diante do incômodo e da urgência de pensar sobre o que

havia ocorrido, e movidos pelo desejo de praticar algo em comum, nutrindo as afinidades recém-produzidas durante aquela greve, propusemos nos lançar numa experiência coletiva.

Uma experiência em várias dimensões, recheada de entrega, riscos e aberta ao indeterminado. Não era apenas a oferta de uma disciplina interdisciplinar realizada por três professores de cursos diferentes. Era uma prática interessada em provocar transbordamentos em nós mesmos.

No centro das preocupações estavam as relações entre saberes e poderes na Universidade, as condições contemporâneas de produção de conhecimentos, as tensões entre professores e alunos, entre alunos e alunos, professores e professores, com a instituição e suas disciplinas. Como criar um curso, um espaço dentro da grade curricular na universidade, que pudesse produzir situações de deslocamentos, quebras, formando ali uma zona de instabilidade em nossos hábitos e certezas tão escolarizadas? Que pudesse gerar um estranhamento em nossos corpos através de afetos inesperados? E como acolher isso tudo?

O risco

Foi uma experiência arriscada. A amizade e a confiança entre nós ajudavam a enfrentar a zona de desconforto como uma travessia. Não sabíamos o que ia acontecer antes de cada encontro. Como preparar uma aula para uma situação dessas? Antes do início de cada aula havia um grande buraco que provocava uma ansiedade distribuída. Ao final de cada aula, sempre uma surpresa, em alguns dias, mais animada, noutras, desconfiada; algumas vezes, raivosa, noutras, com certo enfado. Mas nenhuma aula, nenhum dia foi tal como havíamos imaginado.

Seria possível pensar um curso destinado a organizar-se sob a égide de um acontecimento? Ou ainda, destinado a provocar situações em que o imprevisto pudesse ser acolhido e desejado como parte constitutiva do aprendizado coletivo? Que conhecimento é este que se produz nessas situações?

O rabisco

Evidentemente, não partíamos de uma tábula rasa. Éramos os professores e, portanto, certos papéis estavam inicialmente distribuídos. Ademais, era um curso dentro de uma universidade, com duração determinada,

mas com intensidade indefinida. O que era possível fazer nessas condições? E o que podíamos aprender através dessa experiência?

Tal posicionamento começou a dar consistência a um certo pensamento sobre a educação. Como desconstruir as situações de ensino-aprendizado de forma que cada encontro pudesse se transformar num ato de conhecimento de si e num ato de produção de um novo conhecimento sobre algo que emergia ali, em sala, portanto, dotado de sentidos singulares para cada participante? Assumia-se que entre o que se ensina e o que se aprende há sempre um abismo. Portanto, ao invés de ensinar algo, propunha-se a criação de situações em que a experiência fosse possível, mesmo que ela nem sempre tenha ocorrido. Há evidentes riscos em tal empreendimento, e não se tinha a ideia de tornar tal proposta o centro de qualquer percurso formativo ou curricular. Não era disso que se tratava. A proposta foi sempre situada, não pretendia qualquer generalização. Sua potência residia exatamente nesta dimensão efêmera da produção de sentidos, afetos e conceitos através de uma experiência possível, jamais replicável.

O comum?

Para desenvolvê-la era preciso resistir ao impulso de preencher o vazio, de tentar recolocar as coisas no lugar. Era muito difícil manter este estado de suspensão. Os estudantes não sabiam ao certo o que fazer, o que esperar. Nós também não sabíamos bem o que fazer. O mais fácil era agir como professores, mas resistíamos sempre a fazer o que era esperado. *Qual o texto da próxima aula? Vai ter prova? Vai ter controle de frequência, trabalho final? Não sabemos, o que vocês acham? O que podemos fazer? Alguém pode sugerir um texto para o próximo encontro?*

Em alguns momentos, surgiam propostas diversas de atividades, como intervenções militantes com algum movimento social, performances artísticas, sessões de relaxamento e alongamento. Noutras, ninguém assumia nada, não se fazia nada. Enfrentávamos expressões de fracasso: *estamos perdendo tempo, isso é enrolação; Afinal, o que estou fazendo aqui?; Vou pelo menos ganhar os créditos da disciplina?*

Como produzir o comum? Como criar estados de coletividade em que o conhecimento seja possível, sem que tenhamos necessidade de estabelecer uma autoridade prévia que organize as distribuições daquele espaço? O que se deve aprender? Quem são os professores, estudantes, os autores, os

saberes legítimos?

Era difícil habitar este lugar, e, por vezes, a dispersão e a entropia nos venciam. Como utilizávamos esta grande sala de dança (assoalho de madeira brilhante, paredes com vidros e espelhos, sem cadeiras), em alguns momentos os corpos ficavam totalmente espalhados pela sala. Às vezes, formavam pequenas associações, outras vezes, surgiam grandes círculos. Onde eu deveria estar? O que está acontecendo ali naquela roda? Seria melhor se conseguíssemos sempre fazer um grande círculo com todos? Teríamos aprendido mais? Uma grande assembleia horizontal, uma federação de pequenos coletivos, as discussões corriam por caminhos incertos, o conhecimento também. Eu, professor, onde devo estar? E se nenhum estudante quiser conversar comigo hoje?

O último ônibus para fora

O final de cada aula, mesmo nos dias em que “nada” acontecia, era sempre tardio, a ponto de quase perder o último ônibus que partia. Em alguns dias, já havia aquela neblina do Bairro dos Pimentas, uma névoa de zona cinzenta. Invariavelmente, saíamos os três juntos num carro e íamos comer para conversar, digerir, falar ou calar sobre o que tinha acontecido naquela noite. Não era possível dormir sem este momento de descompressão. Concordávamos em alguns pontos e divergíamos em várias percepções. Estávamos, afinal, professores em estado de experiência.

*Edson Teles é ativista da Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos na Ditadura e coordenador do FiloPol - Núcleo de filosofia e política (Unifesp/CNPq). Nos últimos anos, tem experimentado a atividade de professor/pesquisador na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

*Fernanda Miranda da Cruz, mãe da Aurora, amante da Dança. Institucionalmente, professora do Departamento de Letras da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e coordenadora do NUCCA- Núcleo de Cultura, Corpo e Arte, ambos na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

*Henrique Z. M. Parra. Sociólogo e ativista, professor do Departamento de Ciências Sociais da Unifesp e coordenador do Pimentalab - Laboratório de Tecnologia, Política e Conhecimento. Atualmente, realiza pesquisa de pós-doutorado no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Ibict/UFRJ), com apoio do CNPq, sobre ciência aberta.

Estou aqui no Brasil e no ano que vem eu não vou fazer uma coisa que eu não vou me arrumar.

Milena Durante

Estou aqui no Brasil no ano que vem vou fazer uma coisa que eu não vou me arrumar e sair do papel do estado do Paraná é a melhor forma possível para que a gente não se sabe se vai dar certo no final do ano passado para o país e a sua própria casa de leilões de concessões em infraestrutura de transporte e circulação do vírus que o governo do estado de São Paulo é o melhor do mundo de futebol e a gente não pode se transformar em uma entrevista coletiva nesta segunda-feira que a gente não tem nada pra comer com a minha mãe e o seu sorriso é lindo demais para ser um pouco mais do que o governo federal para que os recursos do fundo partidário e do estado de saúde de qualidade para todos nós sabemos que não se trata de um vídeo uma playlist do estado do Paraná é a primeira coisa é certa forma que os dois outros três filhos pequenos e médios empresários do setor privado para a construção da refinaria foi a primeira vez que eu tenho um amigo que é a melhor forma possível para a construção do complexo de inferioridade numérica de uma pessoa e não é um grande número de casos em artes plásticas e a gente não pode se transformar em uma entrevista coletiva nesta quarta-feira que a empresa não tem nada pra comer e ir dormir na sua casa de leilões do pré-sal da bacia do paraíba e a gente vai ter que fazer com que a empresa não divulga o resultado de fevereiro e março deste ano passado e o governo federal em Brasília é o melhor de tudo que você não pode se tornar uma estrela do pop rock é a primeira coisa que não é a melhor forma possível para que a empresa não é o melhor que eu não sei como eu amo essa mulher que eu não vou me arrumar pra sair da cama de casal que o país está sendo feito na universidade federal de São Luís do Maranhão é a mesma coisa que eu não vou mais te ver

já e o melhor que o governo do presidente americano afirmou que o país está sendo feito na universidade federal de São João da empresa de consultoria e serviços produzidos no país para que os recursos da poupança em qualquer lugar eu vou fazer uma coisa pra comer com o governo federal em Goiás de uma pessoa com quem você ama alguém de verdade é que a primeira coisa que eu não sei como é bom nada pra fazer uma visita de estado americano do colorado de uma forma possível fazer uma coisa que não é a primeira coisa que não é tão ruim assim que eu não vou mais te amo muito muito mais do que a empresa não divulga os números do setor público brasileiro de geografia e estatística do amor que eu não vou mais te ver já é a primeira coisa que não se trata de um vídeo do YouTube que a empresa em comunicado divulgado nesta quinta-feira que os recursos da poupança em qualquer lugar eu vou te amar maisena dissolvida em um comunicado da casa branca disse que não é o melhor de todos os seus olhos azuis e brancos que não tem nada a ver com a gente se encontra na universidade federal de minas e energia elétrica do estado e o governo do presidente americano que a primeira vez em quando eu não vou fazer um vídeo a seguir o mesmo período do ano passado a gente não se pode ter certeza de que a empresa de consultoria e o governo do presidente americano afirmou que a primeira coisa que me arrumar pra sair da escola e não é a mesma que a gente não pode ter certeza de que não é o caso do mensalão no Brasil e no final do ano passado para cá estou com saudades do tempo que não é um grande número dos outros países que não se pode ter sido a causa do mundo e a primeira coisa que não tem nada pra comer um bolo de cenoura com cobertura de saúde e educação física dos contratos futuros de ouro do Brasil em novembro do ano anterior à crise financeira internacional da mulher que eu não tenho mais nada pra comer e dormir que eu tenho um monte de coisas pra mim é um grande número de mortos em um comunicado oficial de inflação do período da ditadura militar brasileira de futebol de areia branca em um ano antes de dormir na sua cara de sono mas não foi uma decisão sobre as questões que não tem nada a ver com isso que eu vou ficar com o tempo de serviço e não se trata de um vídeo uma playlist do país está sendo investigado pela polícia federal em São João do Piauí e Tocantins o melhor de tudo que é um grande parte dos países mais desenvolvidos para a empresa não divulga a gente vai fazer uma coisa que me ama mais do mesmo modo que rua de novo a gente não tem como objetivo a lavagem de dinheiro público e privado de campanhas publicitárias para o país tem uma pessoa que eu não tenho certeza de que não é a primeira vez que a primeira coisa que eu não vou mais te ver já que não se pode fazer uma nova versão do sistema

operacional móvel e fixa da minha vida é assim que eu tenho que fazer com que a primeira vez em sua casa de uma pessoa e o governo federal para a construção de casas.

* Milena Durante é graduada em Artes Visuais pela Fundação Armando Alvares Penteado (Faap) e mestre em Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Pesquisa as relações entre arte, cultura e cidade. É artista, escreve, traduz e também trabalha com redação, conteúdo e coordenação de projetos, especialmente na área de artes.

Fernand Deligny e o gesto da escrita: escrita-traçar, território comum e iniciativa popular

Noelle Resende e Marlon Miguel

Esse texto é fruto de um trabalho realizado conjuntamente durante dez meses na região de Cévennes, onde se encontravam os arquivos Deligny. Este trabalho foi realizado a convite e em parceria com Sandra Alvarez de Toledo. O mesmo só foi possível graças à acolhida, apoio e ajuda indispensável de Gisèle Durand e Jacques Lin. O resultado do trabalho de organização dos arquivos foi enviado ao Instituto Memórias da Edição Contemporânea (IMEC), onde realizamos uma primeira etapa da organização final do fundo Fernand Deligny.

O que salvará talvez essa espécie nossa, o que lhe permitirá escapar da órbita languageira na qual eis que ela fora lançada, será se o minúsculo fragmento de Verbo advier desse balançar onde o sentido se inverte. Imaginem a que ponto uma palavra como ponto não quer dizer nada, ao ponto que o resto persiste preludiando sob a casca maldizente, como o pingo d'água no óleo com o qual Janmari estremece só de esperar o choque. Isto dito, não é amanhã a véspera do dia em que os caracteres no quadrante onde gira a sombra do estilo - tal é o nome da haste lá fixada - farão girar a terra no outro sentido. Será necessário, sem dúvida e sempre, desesperadamente, alguns que aí se encontrem à deriva, como se eles tivessem perdido o entendimento, qualquer que seja o instituído proclamado, para que a hipocrisia pretensiosa do verbo reinante apareça para quem nele se fia. Por isso eu escrevo¹.

¹ Deligny, F. *Œuvres, Nous et l'innocent*. Paris: L'Arachnéen, 2007, p.704.

Foi preciso *ver* o espaço onde tinham sido percorridos os caminhos que seriam em seguida retranscritos, ver o volume de manuscritos e de textos datilografados, para entrever o modo de escrita de Deligny e a maneira como ele a vivia. Foi preciso *ver* a textura das pedras; do verde das azinheiras e da luz, do céu estrelado de Cévennes; ver os corpos daqueles que acompanharam Deligny por tanto tempo e que continuam, de certa maneira, este trabalho, ver esta caligrafia e as grandes folhas nas quais ela se inscrevia, as repetições, as retomadas incessantes, o vai e vem dos temas, dos nomes próprios, dos personagens; ver, enfim, esses traços. Foi assim que começou a se configurar uma nova compreensão dessa prática.

De um lado, a prática e o espaço; do outro, o intelecto e o conceito. Duas formas de inteligência, diria Henri Wallon. Formas que se opõem e se intercalam. A inteligência conceitual avança por racionalização, utilizando um material que não lhe pertence, que é o acúmulo milenar das sociedades humanas; a inteligência espacial procede dinamicamente, se reorganiza em função dos materiais aos quais tem acesso e se esgota nessas situações.

Nossa chegada em Cévennes é, de início, guiada por um projeto: organizar os textos, cartografar aqueles já publicados e os inéditos, aqueles datilografados e os manuscritos, formular uma metodologia de classificação. Enviar tudo ao Instituto Memórias da Edição Contemporânea (Imec), localizado na cidade de Caen, compará-lo com o material que lá já se encontrava. Na época da organização da publicação das obras, em 2007, foi feito um primeiro envio de textos que configuraram o início da criação do Fundo Deligny no Imec. Às 38 caixas já existentes, foram adicionadas 28, nesse segundo envio. No entanto, a amplitude dessa experiência não se resume somente a esse projeto. Nós nos deparamos com sensações ligadas a traços e tentamos reconstituí-las. A experiência em um só movimento rasga, desmonta, conserva e reconstrói o Deligny que conhecíamos. Ela reconfigura no território as leituras já feitas, as primeiras impressões - ela conserva uma parte e suscita novas. Ela nos reconfigura.

Nós seguimos algumas pistas. Não estabelecemos um arquivo em nome próprio; retomamos um trabalho que se inicia na própria escrita de Deligny e em seus processos sucessivos e anteriores de organização - aqueles da secretária de Deligny, de Gisèle Durand, de Jacques Allaire, de Sandra Alvarez de Toledo... Não é diante de um arquivo “virgem” que nos encontramos, e somos tentados a dizer que não há nunca um arquivo “virgem”. Além disso, adentramos os textos a partir do território, através sobretudo das conversas com Gisèle, Jacques Lin e Sandra. Nós não percorremos um Deligny, mas

diversos. Não somos tampouco arquivistas em sentido técnico. O que tentamos fazer é conjugar uma certa precariedade com uma busca por precisão através da qual nós nos precisamos e pela qual o arquivo não é um ponto de convicção, nem um ponto de vista único. Nós sonhamos com um arquivo vivo que permita ouvir as inumeráveis vozes que o constituem, um arquivo interminável de multiplicação de traços, um arquivo-território.

Ao chegarmos a Cévennes, nós somos, todos os dois, já muitos. Carregamos outros lugares, outros territórios político-afetivos, um outro país natal. Nossa experiência-Deligny é indissociável de deslocamentos: Rio, São Paulo, Paris, Monoblet, Saint-Hyppolite-du-Fort, Nîmes, Caen, Cirque de Navacelle, Mont Aigoual, Saint Jean du Gard, Les deux jumelles, Gourgas, Montplaisir, Montpellier, La fage, Lozère, Serret, Pic Saint Loup, Gorges du Gardon, Causse Mejean, Ganges, Sauve... Viagens que carregam também nomes próprios e percorrem diferentes direções. Sem fim, todas caminham juntas. Se falamos em nomes é para precisar onde nos encontramos, de onde escrevemos. Para precisar nossa situação, nossa posição.

Até então, Cévennes não existia concretamente. Nos encontramos *lá, e lá* se deu uma reorganização sensorial, afetiva e espacial que transformou nosso encontro com Deligny. É assim que nós penetramos no arquivo-Deligny e refletimos sobre a prática arquivista, a partir dos lugares que carregamos em nós. Essa experiência nos torna outros com tantos outros.

O problema do arquivo se impõe a partir dessa constatação: ele será o produto das marcas que esta experiência deixou em nós, no cruzamento com tantas outras marcas. São elas que orientam sua construção, a partir, sobretudo, do problema da escrita, do debate político-institucional e da reflexão sobre a produção coletiva. O arquivo poderia ter sido outro, afinal, todo arquivo é vivo. As marcas devem ser tão diversas para que o arquivo permaneça o mais aberto possível, para que o que conte não seja o sujeito que arquiva; para que o arquivo não seja definido nem definível apenas por aquele que escreve os textos ou por aqueles que os organizam.

São páginas e páginas datilografadas, pilhas de manuscritos, notas dispersas, escritos nos cantos das páginas, correspondências, malas, caixas de papelão e baús: textos que não acabam mais... Traços de um processo de escrita obsessiva revelados pelo trabalho nos arquivos de Deligny em Cévennes. A escrita como gesto.

O encontro com o conjunto desses textos nos mostra um Deligny que não deixou de se questionar sobre a escrita na atividade mesma de escrever. Dentre tantas questões suscitadas pelo arquivo-Deligny, nós fomos,

antes de tudo, tocados pela da escrita. Descobrimos em Deligny que escrever era um processo ao mesmo tempo de morte e de toda uma vida. Por um lado, escrever é assinar seu nome, se fixar; por outro, ressituar sua própria vida, retomar histórias, refletir sobre as diferentes tentativas conduzidas ao longo de mais de cinquenta anos, processo de afirmação e de criação de uma luta. Em Deligny, essa luta implica uma reflexão sobre uma experiência situada historicamente, sobre o contexto político-institucional de seu tempo, articulada a uma prática artística.

E a questão da escrita é para nós uma questão de vida, um lugar de confronto político, um espaço de resistência para a produção das teses. Nós somos atravessados permanentemente pela preocupação de *como* produzir: como negociar com as normas e romper com elas, como criar brechas nos limites impostos, fazer variar as regras conhecidas e o modelo instituído.

A escrita de Deligny revela um movimento compulsivo de escrever e faz ressaltar algumas linhas de trabalho. Nós gostaríamos de enfatizar quatro delas: 1) a escrita funciona como uma *mise en forme* (uma certa criação de forma...) de suas proposições. Para permitir ao leitor compreender aquilo que acontecia na tentativa, seu texto faz um certo número de desvios. Não há nisso desejo de obscurantismo, mas uma estratégia discursiva. Uma resposta manuscrita de Deligny, de 21 de março de 1985, a uma carta de Michel Barthelemy fornece uma pista: “Meus escritos não são senão um desvio estratégico, uma maneira de dizer que permite a prática, a *lenda*. O que eu escrevi não é a obra mesma, o obrar sendo existir. [...] A rede não é uma ficção”². 2) Deligny retoma incessantemente seus textos para reexplicá-los, “reprecisá-los” ou simplesmente deslocá-los. Em um manuscrito de 10 abril (por volta de 1974), em resposta a Françoise Dolto, Deligny diz: “Na sequência dessa carta eu preciso corrigir meu ‘dizer’; o verbo. Não deveria eu dizer, o verbalizado?”³. Exemplo perfeito do movimento de reexplicação constante de seus próprios propósitos, com o objetivo de impedir sua retomada literal. 3) Deligny pretende intervir nos diversos campos discursivos aos quais pertence. Ele não visa fazer escola, constituir uma doutrina, mas fazer ressoar a si mesmo e a rede. Sua escrita pretende traçar linhas capazes de desconstruir

2 Correspondência inédita com Michel Barthélémy datada de 21 de março de 1985. Texto que integraria, possivelmente, o projeto inacabado dos *Cahiers Lointain Prochain*.

3 Correspondência inédita com Françoise Dolto.

pontos de convicção - políticas, estéticas, antropológicas e clínicas. 4) Sua escrita é o resultado de uma produção coletiva. “Deligny” é mais que o nome próprio de um sujeito particular, de UM ALGUÉM; é o nome de uma tentativa concreta conduzida por um certo número de indivíduos.

A escrita de Deligny se apresenta como um confronto com a morte, uma recusa da assinatura que afasta toda a afirmação de um sujeito que escreve. Ela se inscreve em uma atividade coletiva e em seu traçado produz uma memória e um arquivo igualmente coletivos. Nós encontramos no material-Deligny um impulso que o carrega - um escrever jamais acabado e sempre a retomar. Esse movimento produz diversas repercussões. Em primeiro lugar, cria referências para o próprio Deligny: de um lado, precisa seu lugar na tentativa e, de outro, situa sua obra enquanto constituinte da mesma - sua escrita não é a simples transcrição e comunicação de sua prática, mas é parte integrante desta. Em segundo lugar, retraça os movimentos, gestos, atitudes, deslocamentos das crianças, através da ruptura com o fechamento da palavra, tornando-a simples traço. Em seguida, em um movimento de repetição e retomada incessantes, a escrita cria uma palavra-território que expõe as referências cartografadas em um “costumeiro” vivido - assim a escrita se efetua em uma ligação íntima com o trabalho de cartografia desenvolvido pelas presenças próximas. É a relação com o costumeiro instaurado que a torna coletiva: não são apenas as impressões de Deligny que aparecem, mas aquelas de todos que participam da tentativa. Enfim, essa dinâmica se torna a maneira de escapar à identificação com o nome próprio. A palavra inscrita na página é palavra em rede, palavra aracnídea.

A escrita acompanhou sem dúvida todas as tentativas de Deligny. Mas a partir do encontro com Janmari e com o autismo, nós percebemos transformações importantes. Por um lado, Deligny parece escrever mais do que nunca - e a escrita integra o seu costumeiro: ele passa toda a manhã em sua mesa a escrever, raramente às tardes -, por outro lado, é o seu teor que muda: a descrição quase documentária se intercala com teorizações e operações conceituais cada vez mais refinadas. A escrita se torna mais densa. Nós temos a impressão que não se dirige a ninguém, a repetição se torna um estilo e parece que, cada vez mais, ele escreve por escrever. De fato, o traçado autista no infinitivo o inspira - Janmari dá o exemplo perfeito: ele traça incansavelmente circunferências sempre iguais. Deligny escreve por escrever? Sim e não. Sem dúvida, a escrita se torna uma espécie de obsessão e necessidade - é o efeito de escrever no infinitivo, para nada. Ao mesmo tempo, ele desenvolve uma estratégia muito clara, um trabalho consciente, uma

“*mise en forme*”. Os “desvios” da escrita são a maneira encontrada para transmitir a tentativa, pois para contar os acontecimento, tão simples sejam eles, não é suficiente os informar - uma pessoa de fora não os apreenderia e a transmissão seria então cortada. Existe uma contradição entre essa “*mise en forme*” (consciente, estratégica) e o fato de se inspirar no traçar autista? Essa é a contradição própria ao homem dotado de palavra e, por consequência, de intencionalidade, mas que não deixa de ser atravessado pelo “ser no infinitivo”. A “*mise en forme*” corresponde ao que Deligny gostaria de expor da tentativa.

Mas eu volto a isso, é preciso - incessantemente - pensar no leitor, que a troca seja clara. Nós somos parceiros - quer dizer, adversários/aliados -. Não se trata de um combate, de um debate - duvidoso - entre os portadores de duas ‘verdades’; o projeto - o desafio - deveria ser de chegar - um ajudando o outro - a expor claramente essa ‘coisa’ que pode - talvez - ser exposta, sob o signo de:

(no infinitivo) à maneira de Janmari ← ser

e

Ser → consciente de ser (subjetivado).⁴

Há uma escrita compulsiva. Deligny sempre foi um homem da palavra, um contador - como atesta sua experiência na Rue de la Brèche-aux-Loups, quando era educador em uma classe especial. Inicialmente, ele escreve sintomaticamente, impulsionado por uma necessidade vital de continuar a falar apesar de toda sua crítica ao mundo verborrágico e simbólico, ao pedantismo e ao blábláblá, a essa violência que é inerente ao dizer o outro. E, com efeito, como Janmari, Deligny parece girar em torno dele mesmo: ele escreve sobre aquilo que vê, sobre aquilo de que se lembra, sobre aquilo que imagina. Às vezes tudo se mistura, os nomes próprios das crianças autistas da rede retornam espelhados nos personagens dos contos e das novelas, ou os personagens biográficos integram intrigas fictícias. Histórias diferentes se cruzam, constituem versões diversas, se transformam.

4 Troca inédita com Jean-Michel Chaumont, ocorrida em torno de 1980, p. 41bis. Trata-se de um texto, consistindo de uma conversa, de quase 400 páginas, cuja redação foi iniciada quando Chaumont se encontrava na rede. Chaumont é o parceiro ao qual Deligny se refere.

Le Pont d'Oncques, por exemplo, é uma novela inédita, escrita por volta de 1978, que conta ao menos com três versões diferentes – uma inacabada de 42 páginas, uma longa e acabada de 170 páginas e uma curta e acabada de 54 páginas. A essas versões, que não têm nada a ver com a novela homônima publicada em 1984, em *Balivernes pour um pote*, se acrescenta uma introdução de oito páginas. Trata-se de uma novela, constituída de lembranças, que evoca o momento em que o personagem – o próprio Deligny? – é convocado para a guerra. Deligny se inspira no livro de Jean Oury, *Il donc*, que ele havia acabado de receber, e rebate, então, sobre o “donc”, para chegar ao “Oncques”. É frequentemente assim que ele procede: pelo som das palavras e por associações livres – no material preparatório para *La septième face du dé* nós encontramos folhas contendo unicamente nomes: Demai, Demeleunare, Demailly, Deleuze... Enfim, um último exemplo: nós encontramos um texto a propósito de Yves Demai, datado provavelmente de 1981. Trata-se de uma história aparentemente fictícia contando a chegada em Cévennes de um antigo amigo de Deligny, da época de Lille. Ficção? Autobiografia? Deligny engata textos, os interrompe, depois os retoma e passa em seguida à outra coisa. Há aí uma acumulação de textos, cujas versões parecem se confundir umas com as outras; ou o contrário: títulos parecidos ou mesmo idênticos, mas que reenviam a textos completamente diferentes. É um trabalho sem fim e circular, cujo grande exemplo permanece sendo *L'enfant de Citadelle*, texto inacabado escrito antes de sua morte, com milhares de páginas redigidas e pelo menos 26 versões diferentes.

Sua escrita sem fim aparece ainda como um movimento metódico em busca de elaboração e precisão. Esse movimento é indicado por Deligny em diferentes ocasiões: ele busca esclarecer seus propósitos, evitar interpretações que poderiam se distanciar de questões fundamentais da tentativa em curso – aí encontramos um profundo antifilosofismo, um horror aos “hermenetismos”, um pavor de “interpretose”, um medo que seus propósitos se cristalizem, se fixem e adquiram um sentido preciso.

Inevitavelmente as palavras se carregam de sentido, deslizam em uma formulação da tentativa e se elabora uma microideologia prematura. Essas palavras que eram ‘mapas’, palavras exiladas, se põem a querer dizer. É necessário fazê-las regurgitar. O que elas articulam é uma maneira de pensar que se impõe. Elas travam como pode acontecer com um joelho, com um quadril.⁵

⁵ *Ce voir et se regarder*, ou *l'éléphant dans le séminaire*, publié originellement dans les Cahiers de l'immuable/2. Cf. Deligny, F. *Œuvres*, op. cit., p. 1029.

Essa busca por precisão pode parecer contraditória à ideia do *paranada* da escrita, como se ela fosse uma maneira de afastar a precariedade – mas esta é fonte mesma da tentativa. No entanto, a retomada da escrita instaura um movimento contínuo que produz o efeito contrário: ele escreve por escrever, escreve diversas vezes as mesmas coisas, incessantemente.

Nesse movimento de precisão, Deligny se afasta de um certo capricho do escritor desejando uma boa recepção. A precisão é, ao contrário, um movimento de fuga da apreensão (do sentido); ela visa escapar das convicções; ela é uma maneira de pôr os pingos nos Is, de situar a posição de onde ele escreve. Essa definição é um meio para perder as convicções – limpar o terreno, retirar o entulho. Um texto inédito do começo dos anos 1980, intitulado *L'homme sans convictions*, dá a chave dessas questões: “Colocar os pingos nos Is: precisar a situação onde a gente se encontra. Me parece que passei a vida a pontuar, à perda de convicções”⁶.

Precisar-se é uma retomada libertadora: liberar o texto de si mesmo para criar um outro. Na escrita, a retomada sem fim é o meio de se liberar do instituído, da *conservação* da verdade e de sua reserva. A escrita cria simultaneamente seu processo de arquivamento. Em seu movimento, ela fabrica uma memória em produção: ela se arquiva e se libera ao mesmo tempo. Deligny produz seu próprio arquivo escapando de si mesmo. Ele assina inúmeras vezes até que a assinatura perca seu sentido.

Deligny inicia assim esse texto de 1980: “Quando eu nasci, eu já tinha um nome. É dizer que, como todas as crianças, eu era extremamente precoce”⁷. O nome é um dom, e mesmo que o recém-nascido humano seja muito menos apto a sobreviver que aquele de outras espécies, ele tem desde já um “adquirido” considerável.

Desse nome,

alguns não fazem senão o carregar, outros se esforçam em torná-lo reconhecido; seus nomes se tornam um vocábulo que evoca. É assim então que eles se tornam UM ALGUÉM? De fato, seus nomes evocam alguma coisa. Alguns tentam, toda sua vida, alcançar essa coisa que lhes escapa.⁸

6 Deligny, F. *L'homme sans convictions*, Inédito, 1980, p. 5.

7 Ibidem, p. 1.

8 Idem

Para Deligny, “ELE” não é uma coisa fixa que pertence a um vocábulo particular - seu nome. “Eu não tenho, em relação ao meu nome, um forte sentimento de pertencimento”⁹. Deligny renega essa identidade. No entanto, um nome “se faz”, e esse um alguém pode acabar por se apegar ao seu nome.

Todo nome que não permanece aquele de um alguém e se lança em deriva, se põe a ricochetear, nem que seja na vitrine das livrarias, é capaz de evocar uma entidade [...]; isso explicaria por que eu sou levado sem cessar a reconstituir essa unidade continuamente esmigalhada, dispersada, aquilo que acontece ao assinar um livro ou um texto. Eu escrevo meu nome. Eu escrevo meu nome, nome balão que se mantém em suspenso em função das convicções dos outros. De onde o fato que me parece não mais haver nem convicções nem nomes próprios. A Caridade, a Justiça, a Democracia, a Liberdade são entidades maiúsculas, e meu nome, dentre outros, inumeráveis, uma entidade minúscula. Essas entidades são como astros: mortos, apagados há milênios, ainda se percebe sua luz. No que concerne as notoriedades minúsculas, se produz o fenômeno inverso: decorre a supressão daquilo que deveria supostamente emanar delas, a morte prematura do ser existente. Pode-se dizer que escrever é, de certa forma, assinar sua morte, ou ao menos, um certificado de não-existência.¹⁰

Marguerite Duras dizia: *escrever é morrer a cada linha*. Aquele que escreve e que lança sua obra no mundo termina por ser identificado a essa coisa, ao “eu” daquele momento. A reflexão sobre o real, inspirada por Lacan, volta sempre em Deligny: dizer a coisa é matá-la, e o real é aquilo que é encontrado no momento (ponto) fixado. Este é o impasse: para tentar “escapar dessa morte”, Deligny escreve ainda mais, ao infinito... Voltando a si, ele visa esburacar sua imagem, a *pontuá-la*, essa imagem que começa a ser identificada ao vocábulo “Deligny”, aquela que se institucionaliza, que viria a se tornar um “ismo”, uma doutrina ou uma escola. Em seguida, ele deve escrever para não se tornar esse nome próprio cristalizado. E ele se encontra diante dessa tarefa paradoxal: escrever para se tornar uma coisa - e então morrer -, depois, para reparar o mal-entendido, a interpretação, a identificação a uma ideia, um conceito, uma corrente - enfim, para fugir da morte -, escrever, ainda e ainda...

9 Deligny, F. *L'homme sans convictions*, op. cit., p. 1.

10 Ibidem, p. 3.

Essa retomada infinita dos textos, em suas diferentes versões, em seus processos inacabados, suscita uma ruptura com o fim – com um certo enquadramento do projeto e de sua finalidade. Deligny busca esquivar a assinatura: há um deslocamento do sujeito-autor que escreve. Esse processo revela uma escrita que, para além do conteúdo que ela porta, faz de seu próprio método um lugar de luta, afirma uma iniciativa coletiva, uma resistência política.

Quem são ELES, esses ali, próximos, e que vivem de bom grado nos confins desse mundo do verbo que dizem ser o humano mesmo? Do povo, é preciso dizê-lo. INICIATIVA POPULAR, essa brecha nas soluções de reclusão, mesmo que disfarçadas. Para que uma criança possa acontecer em outros que nos lugares previstos pelo Estado por seu estado, é bem preciso que alguns adultos sejam arrancados da força de atração do emprego que os esperava, aqui ou lá, e decidam viver na busca incessante nesse ‘nós outros, aí’ que permita a essas crianças não permitidas de ousar, de ousar ser, estando o verbo aí ou não. [...] Será preciso inovar, partilhar, se impedir de interpretar, tentar e tentar ainda, que essa criança aí e sua história se tornem a questão, a ‘aposta’, de um certo número, de um ‘NÓS’ de presenças próximas. INICIATIVA POPULAR, não há outro termo, nem outra saída para uma ou outra dessas crianças...¹¹

Se Deligny escreve sem cessar, se ele se precisa, é porque espera transmitir essas questões: sua ideia, sua experiência disso que é uma tentativa, enquanto movimento que rompe “o pacto institucional”, e, enfim, essa força que visa destituir a imagem totalizadora do Homem. Há aí uma vontade de transmitir “*um ponto de convicção*”, onde por conta da presença de crianças autistas, nossas convicções são refratárias, como acontece com a luz de sê-la durante um arco-íris¹².

A transmissão de Deligny não é aquela daquilo que ELE fez, ela não pertence unicamente ao sujeito ‘Deligny’, ela pertence a uma memória coletiva, a um comum. De onde a insistência sobre o fato de que ele não é o condutor da tentativa, mas seu cronista-contador. Sem dúvida, não haveria rede sem Deligny; sem dúvida, ele é inicialmente o teórico do que acontece, mas seu material é a vida da jangada, seu texto é a incorporação de propósitos, de

11 Deligny, F. *Œuvres*, Cahiers de l’Immuable/2, p. 885.

12 Deligny, F. *L’homme sans convictions*, op. cit. p. 8.

diários costumeiros das presenças próximas, dos mapas, das fotografias e das imagens filmadas, das trocas com diferentes interlocutores. Há em sua escrita uma experimentação, que sem dúvida se afina, se precisa, e ganha uma forma cada vez mais característica ao longo dos anos – que consisti em dar forma a esse material, a vida desses que lá vivem. Como dito em *Les fossiles ont la vie dure*, texto inédito do início dos anos 1980, “Escrever me ajuda a encontrar as palavras necessárias à montagem da jangada, mesmo que a jangada não seja, para dizer a verdade, meu a-fazer. Ela se faz”¹³.

O material dessas crônicas, a documentação dessa vida costumeira é, em primeiro lugar, o que é necessário reunir para transmitir. A rede se faz, é questão de liga entre uns e outros, e é assim que se forma a escrita de Deligny.

É preciso também dar uma importância central a seus interlocutores diretos que o relançaram incessantemente – Jean-Michel Chaumont, Isaac Joseph, Émile Copfermann, Marcel Gauchet, Louis Althusser, Michel Barthélemy, Renaud Victor, François Truffaut, mas também Félix Guattari, os clínicos italianos, Françoise Dolto...

Deligny passava um tempo considerável respondendo cuidadosamente a cada um deles. Algumas dessas respostas se tornaram livros, outras não. A forma da série *Cahiers d’immuable*¹⁴ é exemplar dessa escrita comum em e da rede: reunião de textos de Deligny, dos passantes, dos diários costumeiros das presenças próximas, das fotos, dos mapas, das cartas. Outros títulos, como por exemplo, *Le croire et le craindre*, *Nous et l’innocent*, *Traces d’I*, *Acheminement vers l’image*, são inicialmente entrevistas com seus interlocutores – Joseph, Chaumont, Victor – que revestem a forma de livro. É Joseph, por exemplo, quem reuniu o livro final *Nous et l’innocent*, a partir do imenso material de Deligny, do qual centenas de páginas não foram integradas ao volume. Haveria exemplos sem fim, e tudo isso mostra que, apesar da impressão que se pode ter por vezes de uma atividade fechada em si mesma, Deligny era continuamente relançado por seus interlocutores e era, por eles, contaminado. Os textos guardam os traços desses diálogos, dessas relações. A obra é o nome de uma rede comum.

13 Deligny, F. *Les fossiles ont la vie dure*, Inédito, por volta de 1980, p. 8.

14 *Três Cahiers de l’Immuable* foram publicados como parte da *Revue Recherches*. Deligny tinha o projeto de um quarto Cahier que nunca foi finalizado.

Há enfim a contaminação por suas leituras: literárias (Conrad, Melville, mas também John Le Carré, por exemplo), antropológicas (diários de viagens), filosóficas, psicanalíticas, artísticas. No entanto, a leitura dos textos teóricos se dava, na maior parte do tempo, de maneira transversal e pouco metódica; sem dúvida, não era a elas que ele dedicava a maior parte do seu tempo - à exceção, talvez, de alguns nomes próprios que desenham a constelação a qual Deligny pertence, e que são suas principais fontes de inspiração teórica: Claude Lévi-Strauss, André Leroi-Gourhan, Henri Wallon e Konrad Lorenz e a etologia de maneira geral.

Nós nos encontrávamos, assim, diante de um grande desafio: estabelecer um arquivo que incorporasse esse contínuo processo de produção, escapasse a um fechamento, e se afirmasse enquanto arquivo vivo e coletivo. Deligny, que arquivava ele mesmo sem cessar em sua escrita, criava desde já mecanismos para escapar a uma normalização fundada na perspectiva de uma origem que o arquivo deveria traduzir. Os espaços de vida em constante mutação, as cartas desordenadas - às vezes, sem destinatário ou sem respostas -, os interlocutores dispersos, a forma mesma de construção da tentativa com seus diferentes colaboradores - que participavam de forma mais ou menos ativa, que permaneciam mais ou menos tempo -, os mapas, fotos, filmes que não se integram a um arquivo textual... O arquivo-Deligny que se produziu nesse trabalho não veio de uma fonte única.

Como dar conta de uma tal atividade viva no seio de um processo de triagem, categorização, definição, e de armazenamento destinado a uma instituição de memória? E que como instituição desse gênero tende a ser conservadora, a visar formar um sentido primeiro, original e total de uma obra, de uma entidade? E cuja problematização exige o debate não apenas sobre o sentido de arquivo, como também da produção e da pesquisa científicas, do acesso ao acervo, do próprio espaço e arquitetura da instituição? Como criar um espaço para percorrer a memória sem fixá-la? Como criar um fundo de um autor, sem assinar seu nome? Em relação ao arquivo-Deligny, como manter vivo um gesto de escrita que buscava continuamente se recriar, se deslocar, problematizar o processo de instituir, permanecer nas margens...?

Pensar o arquivo é pensar a memória. Afirmar uma memória coletiva é construir um lugar de resistência. A memória não pertence apenas a um sujeito, e o sujeito emerge de uma memória que é sempre coletiva. Enquanto reduzirmos a memória a uma memória individual, particular e subjetiva, estará em questão unicamente a história oficial e majoritária, e nós perderemos a complexidade de todo processo histórico enquanto questão de

coletividades. O arquivo-Deligny é uma memória coletiva, a memória de um certo “povo”, de uma iniciativa popular, de uma resistência.

E nós devemos remeter sua escrita à memória de um lugar. A escrita se torna experiência do território, a experiência do território se torna experiência de memória.

O que eu posso dizer agora que eu estou em meu octogésimo-terceiro ano, é que as imagens da profundidade do meu ser se conduzem como essas bestas que vivem em um pântano; elas se matam entre si, se devoram, ou mais ainda se devoram todas vivas ou se acasalam quando encontram seus pares. De onde o fato que eu não pude jamais admitir o inconsciente segundo Freud; o lugar estava ocupado. Eu fico emocionado quando eu encontro a vida dessas imagens que se movem em mim, emocionado às lágrimas que nunca escorrem. Eu nunca ouvi falar dessas imagens que nos assombram; elas me povoam assim que me disponibilizo a sua presença proliferante; eu estou então muito longe dos outros e pronto para escrever. Acontece de eu me por a escrever, o que faço nesse instante, minha mão tão estranha quanto tudo que posso ver, chegando em movimentos convulsivos que a conduzem por caminhos familiares; no coração desses movimentos, a imagem viva que se move como a lava no coração dos vulcões; mas partindo por esses caminhos, eu perderei quem me lê. É preciso voltar ao universo que lhe é costumeiro para então repartir em direção à imagem, se a narrativa me oferecer alguma falha.¹⁵

*Noelle Resende é doutoranda no programa de pós-graduação em direito da (PUC-Rio), tendo realizado o programa de doutorado-sanduiche no Departamento de Filosofia da Universidade de Nanterre (Paris 10).

*Marlon Miguel é doutorando no Departamento de Artes Plásticas da Universidade Paris 8, onde leciona. O doutorado é realizado em cotutela com a (UFRJ) pelo Departamento de Filosofia.

15 Texto inédito sem título, provavelmente de 1996. O texto foi achado no material que já se encontrava no Imec (Caixa DGN 18, p. 12-13).

Querido leitor:

Aprendi a imitar como se não houvesse amanhã. Desde que acordei, falo por citações, repetições, duplos, fotocópias, amigos, conhecidos, vozes, vozes e vozes. Sinto um aperto no estômago, uma náusea que parece vir da zona do escuro, apesar de não conseguir localizar o motivo da aflição em nenhum livro decente, a não ser aquele célebre do Max Weber que fala de *desencantamento do mundo*, mas acho que nem isso me dá sustentação, sinto mesmo um grande enjoo e necessidade de tomar aquele anti-dispersivo que nenhum psiquiatra se dedicou a inventar. Podia ser redundante e dizer: não sei qual é a minha voz. Mas isso é fazer de conta que sou uma virgem com excesso de masturbação que se dá conta de que nunca teve acesso a uma experiência incrível de sexo. E eu gostava de dizer-lhe que para mim é mesmo uma foda irresistível imaginar as minhas ideias próprias de mundo através das vozes dos outros. Vivo na realidade da repetição, imitando um devir-autista, não como uma máquina de semelhanças, mas replicando pela obstinação do vivo, pela insistência incorporal do que não entendo. Dito de outra maneira: vivo do que não entendo, replicadamente na vertigem de um plano chamado História em que nenhum delírio é sobre o pai ou a mãe, mas sobre as *estepes das árias*, os segredos das colmeias, as *geografias* e os *mapas* remapeados do mapa que ninguém consegue mapear direito. Alguém disse isto antes? Sim, disse,

ainda bem que disse, porque eu quero celebrar isso, viver o delírio de desaparecer nas estepes já-ditas.

A minha placenta é o poder-desaparecer. Mapear corretamente mostrou-se um erro no passado. Mas mapear incorretamente mostra hoje a dimensão bárbara de querer traçar o incompreensível com formas conhecidas. Entre ambas as opções, desdecido. Quem são os bárbaros e quem são os civilizados e o que se passa agora agora agora, agora que ponho o dedo (*digitum*) no teclado do meu computador? Que se passa agora agora agora agora que a vertigem de devir-repetidor pode um dia ser combinada com o meu genoma e isso pode levar-nos a algo extremamente violento, onde nada tem que ser dito e as provas serão todas usadas contra mim-todos? Isto será uma novidade? Seguramente terei o direito a ser chicoteada para fora do mundo do trabalho, como outro qualquer membro da sociedade do conhecimento que se arrisca a dizer que não tem valor “criatividade” na sua produção, que é um plagiador num mundo que aboliu a tradição. O meu diagnóstico será “câncer” na forma de replicar o mundo descritivamente como se ele fosse um jogo de insistências repetidas, ainda que muitos outros o façam de forma encoberta e não recebam semelhante punição. Câncer não é um desastre da proliferação celular, de coisas que se queriam antes purificadas, como o Corpo, a Razão, o Sujeito e o Sol? Pois a minha proliferação é a repetição de vozes corretas e incorretas, deixar o monstro viver. Não tenho nada a acrescentar, a não ser que o mundo não para de mudar sempre que dou um passo. Eu igual à medida do Mundo. Antes cidade-estado, hoje corpo-mundo. O mundo engloba o meu passo, globaliza o meu passo, recupera o meu passo, legitima o meu passo, torna-o mais um passo entre outros. O mundo faz o meu passo proliferar, as minhas pernas andam-se. Então, limito-me a ser o mínimo do ser: *aliquid*.

Digo: eu repetirei sem escrúpulos. Digo: eu cultivarei figuras e cosmogonias para falar de todos os nossos papagaios ao espelho. E nem vou entrar na armadilha mais óbvia que se chama *capitalismo cognitivo, identidade planetária, sociedade de consumo, sociedade de informação*, e muitos outros brilhantes termos que tentam explicar os fenómenos apertando o lado de fora com a sua dimensão totalizante. Dar conta do mundo com palavras-mundo não chega. Eu quero celebrar,

não explicar, vitimizar, descrever o presente. Entre muitas outras coisas que não sei, acredito que esta forma contemporânea de criar mundos xerocados pode ser uma forma de magia transformada em ciência, uma forma entre muitas outras, que eu e outros tantos podem servir-se para se fazerem passar por feiticeiros do pensamento. A magia é eu poder fazer literatura dos maiores desastres da humanidade. A magia é eu poder repetir como se adivinhasse o futuro. Não é uma foda irresistível?

Pois bem. Queria apenas dizer, antes de entramos em capítulos mais longos e epidérmicos sobre os efeitos de superfície do corpo-mundo, que eu aprendi a dançar antes de pensar. Isto é uma referência a Beckett, mas talvez não seja uma referência a Beckett porque eu nunca li Samuel Beckett a sério, apesar de ter talentos na área do *rond de jambe* e do *grand jeté* e saber soletrar PLANO DE CONSISTÊNCIA enquanto corro de um lado a outro de uma sala redonda e sem arestas. Também queria dizer que, desde 1993, pelo que me lembro, aprendi a pensar e a dançar sobre os destroços de outras vozes, tendo como referência máxima a voz revolucionária e desconstrutiva de certos “mestres” dos anos 70.

Em 1993, aconteceram coisas muito curiosas. Assim como as guerras mundiais e muitos outros eventos regionais que ganharam o cunho de mundial antes de ser hora de assumir que o mundo é apenas uma praça, 1993 foi o ano de ver que este nosso mundo é apenas uma praça. Para além do hipermercado, do aeroporto, do posto de gasolina, do estacionamento, ganhamos também a rede mundial, a transformação de todos os sinais analógicos em sinal digital, ganhamos o sinal da multiplicação incessante, da estética viral e, ao multiplicar, ocupámos todos os limites e todos os foras, todos os espaços, todos os interstícios. 1993 inaugura o rizoma multiplicador. Entrámos na subjetividade digital que, apesar de vir de “dedo” (*digitum*), tem muito pouco do meu dedo na história.

Gostaria, portanto, que lesse este texto como se fosse você que o tivesse escrito.

XXX

Reinventar a imitação: viralidade e vitalidade

Rita Natálio

Eu sou eu
Mil curtiram essa frase
Eu sou mais eu
Dez mil curtiram essa frase
Eu sou eu ainda mais eu
Cem mil curtiram
Eu sou mais ainda sempre todo eu
Um milhão e cem mil curtiram
Dois milhões e duzentos mil curtiram
Três bilhões e trezentos mil curtiram
Até que o eu deixou de fazer as contas e cedeu

Vivemos no século em que *imitações* e *invenções* parecem partilhar lugares ou funções comuns ou mesmo trocar de lugar. Vidas misturam-se na imitação voraz de modelos, modas e modos de vida, ao mesmo tempo em que se lançam em invenções ou usos inesperados desses modelos através das redes sociais, da experimentação de multi-pan-eco-sexualidades virais, da multiplicação dos consumos, de novas alianças biopolíticas, da reprodução artificial, da subversão dos géneros e dos tipos, do uso de todo o tipo de drogas do regime farmacopornográfico etc. Nesse jogo de funções, *imitação* e *invenção* co-operam ao nível infinitesimal, elas podem ser percebidas como matéria vital de um movimento cada vez mais integrado do capitalismo e dos afetos, mas também operam paradoxais saltos quânticos na reconfiguração das forças, das máquinas, dos corpos e das identidades contemporâneas. Os lugares de ambas são de tal maneira indistintos que no consumo a capacidade de imitação pode funcionar paradoxalmente como uma mais valia na

das forças, das máquinas, dos corpos e das identidades contemporâneas. Os lugares de ambas são de tal maneira indistintos que no consumo a capacidade de imitação pode funcionar paradoxalmente como uma mais valia na construção de um valor diferencial dos indivíduos e dos coletivos (por exemplo, conferindo àquele que imita a construção de um caráter, de originalidade ou de pertença a um determinado tipo), enquanto no campo da tecnologia a capacidade de *invenção* pode ser facilmente manipulada dentro um quadro de oportunidades já produzidas, não se diferenciando muito de uma imitação.

O nosso ponto de partida é este rumo cada vez mais indistinto destas duas forças e a sua relação com a estrutura das relações produtivas, bem como um interesse específico pelo que sustenta o crescimento viral da imitação, uma certa *avidez* (expressão usada pelo sociólogo francês Gabriel Tarde¹) que tende a expandir e a dilatar as imitações, hoje sobretudo com o recurso às redes sócio-técnicas que se fusionam com os corpos contemporâneos. De uma maneira geral, a mais impressionante manifestação deste fenómeno, é o uso do nome “viral” para a difusão em larguíssima escala de ideias, opiniões ou práticas sociais, muitas delas incentivadas por empresas como o Facebook, que apelam a uma promoção viral de conteúdos dos perfis sociais, por vezes em troca do pagamento de uma soma de dinheiro. Andando a passos ritmados com o capitalismo, esse movimento viral da imitação, parece também instaurar um *devir-repetidor* ilimitado que resiste à simplificação do capital e que progressivamente quebra o fundamento das identidades, do indivíduo como centro do conhecimento e da sociedade, dos direitos autorais, e inclusivamente penetra o código genético único que cada ser possuía até há bem pouco tempo para lançar as individualidades num território esquivo, cuja cartografia ainda desconhecemos.

Para tentar pensar esse fenómeno, usaremos a expressão *papagaios ao espelho*, expressão na qual se ensaia um movimento duplo: o de retirar o privilégio atribuído longamente pela tradição ocidental à noção de invenção (colada com a noção de indivíduo e sua indivisibilidade) e o de devolver à imitação a sua potência igualmente criadora, na qual se expressam, de forma voraz, as subjetividades contemporâneas. *Papagaios ao espelho* é a expressão para o modo como a vida individual contemporânea se mistura atualmente numa rede de viralidade processual e coletiva em que milhões de cérebros

¹ Tarde, G. *Lois de l'imitation*, Paris: Ink Book, 2013.

participam e podem ser afetados por uma mesma ideia ou imagem, promover a sua distribuição e compartilhamento, assim como organizar um movimento de opinião ou de reflexão, sem por isso precisarem encontrar-se fisicamente ou separar a sua ideia individual de outra ideia individual. Mais do que uma reinvenção não sobrenatural de uma espécie de telepatia, a imitação viral por via de redes sócio-técnicas extensas efetiva um modo de comunicação planetário. Assim, na possibilidade de estarmos conectados diariamente a outros cérebros, as nossas vidas individuais podem retroalimentar-se dessa propagação viral (e vital) de imagens e signos. E ninguém sabe ao certo o que podem estas novas redes intersubjetivas e como elas se diferenciam das redes sociais mais antigas praticadas pela circulação geográfica de objetos, mercadorias, etnias e narrativas.

Os *papagaios ao espelho* do século XXI são identidades parceladas, fusionadas em redes sociais, misturadas em bancos de dados, dinamizadoras do estilo planetário do *Gagnam style*², identidades maquínicas. Os indivíduos contemporâneos das sociedades pós-industriais são *papagaios ao espelho e em rede*. Quando o espelho e o papagaio se misturam, a invenção e a imitação se comprazem em suas tendências mistas. No espelho não existe um único reflexo, como se encantaria o gosto mais tradicional, mas um jogo de espelhos, proliferação dos simulacros, como temia Platão. E, no papagaio, existe mais do que o mero mimetizador do tempo colonial, mas lei global do antropófago. Pela repetição, imitação e redistribuição de imagens, signos e códigos, estes papagaios pretendem instigar seus territórios existenciais, mesmo que de forma temporária. Pela imitação e pelo contágio delimitam as suas redes de afetos. A antropofagia é a verdadeira lei da imitação, lei que consome o outro por vias multidirecionais, que imita para poder diferenciar, máquina de descentralização e desterritorialização dos poderes que cresce ilimitadamente para além do “eu”, lei do acaso e da fome em que “a indefinição do lugar de produção corresponde à indeterminação da forma das subjetividades produzidas”³.

Assim vista, a imitação é ferramenta de sobrevivência da rede, o Eu-papagaio replica para poder atingir, como na linguagem de Simondon,

2 Single do músico sul-coreano Psy cujo videoclip tem mais de 2 bilhões de visualizações no YouTube, record mundial atingido em 2014.

3 Hardt, M. e Negri, A. *Império*. Tr. br. Berilo Vergas. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 217.

uma “metaestabilidade”, ver-se no espelho e encontrar no espelho uma definição ou um amor irreversível como Narciso, e a partir daí reinventar-se. Diante do espelho, de um ciberespelho, o papagaio encontra a *mise en abîme*, um sem fundo inesgotável onde o crescimento das suas imitações se desdobra num caos de reflexos e possíveis. A pergunta assim se forma: mas o que é, afinal, um indivíduo? Um papagaio em rede, uma composição diferencial de imitações, tendências de mercado, herança cultural, apropriação de imagens ou conteúdos das redes, roubo, plágio, seguidismo, estatísticas do Facebook, estatísticas de eleições, profissão, gênero, hormônios, paracetamol, títulos bancários, dildos, masturbação, e tudo aqui que ele não é, não foi, poderia ser, será?

Olhamos a internet em busca de exemplos. Em primeiro lugar, a história de Cecilia Giménez, espanhola de oitenta anos que tentou restaurar uma pintura do século XIX com a imagem de Jesus Cristo na parede de uma igreja de Borja. O resultado inesperado da sua iniciativa espontânea foi uma imagem de Cristo com aparência simiesca que acabou por ser viralmente compartilhada na internet e, com a distribuição massiva da imagem subvertida, Cecília reatualizou a obra original nos confins do simulacro da gozação. Em seguida, Beyoncé que imitou trechos inteiros da coreografia *Rosas danst Rosas* (1983) e de *Achterland* (1990) da coreógrafa belga Anne Teresa de Keersmaeker no seu clip *Countdown*⁴. Em resposta, Keersmaeker escreve uma carta pública onde defende que a imitação de Beyoncé, embora tenha consequências legais em razão do abuso de direitos autorais, promove uma curiosa reciclagem da obra num público de música pop⁵. Segundo ela, mais do que um problema de plágio, a imitação seria uma ferramenta de difusão em massa de uma obra de caráter experimental, ao mesmo tempo em que transformaria o seu sentido: a coreografia feminista edgy, dos anos 80, diluir-se-ia numa dança *mainstream* do século XXI, divertida, mas sem grande contorno reflexivo. Já Lady Gaga, ao contrário de Beyoncé que acaba por ser legalmente advertida pela companhia Rosas por se recusar a reconhecer a sua imitação/plágio, assume publicamente os seus *rip-offs* e a inspiração em

4 A semelhança pode ser vista aqui: <<https://www.youtube.com/watch?v=PDTom514TM-w>>. Este vídeo foi postado no YouTube já depois de aberta a discussão entre Beyoncé e Anne Therese Keersmaeker. Perante a acusação de plágio por parte de Keersmaeker e da companhia Rosas, Beyoncé respondeu à acusação dizendo que apenas se tinha “inspirado” nos trabalhos da coreógrafa belga.

5 Disponível em: <<http://theperformanceclub.org/2011/10/anne-teresa-de-keersmaeker-responds-to-beyonce-video/>>.

obras de Marina Abramovic e Andy Warhol. Para ela, esses *rip-offs* não anulam a originalidade do seu trabalho e talvez, por isso mesmo, Lady Gaga seja considerada por alguns um contemporâneo Frankenstein que costura no corpo e na sua vida telemediada inúmeras referências de arte contemporânea, cortando pela raiz o cordão umbilical da criação artística *autoral*.

Em 2010, uma adolescente britânica é presa por namorar com uma rapariga da sua idade disfarçada de rapaz. Gemma Baker, considerada uma *himposter*, imitava perfis de rapazes na internet e apresentara-se à sua amiga Jessica, por três vezes, com diferentes nomes de rapazes⁶. Com apenas 15 anos, Jessica chegou a namorar um rapaz chamado “Luke” e um outro chamado “Connor” por alguns meses, sem saber que eles eram, na verdade, a sua amiga Gemma imitando à perfeição diferentes perfis masculinos. Já no Japão, Komodoroid e Otanaroid são dois robôs idênticos a corpos humanos (um imitando uma criança e o outro, um adulto) que foram introduzidos no Museu Nacional de Ciências e Tecnologia de Tóquio como parte de um programa que investiga, segundo seu inventor Hiroshi Ishigura, a “questão fundamental do humano”, procurando suavizar um medo antigo em relação a máquinas com aparência humana.

Lembremos também que, entre 1996 e 2009, em Nova York, o casal norteamericano de músicos, Genesis P. Orridge e Lady Hays (Psychic TV), realizou sucessivas cirurgias plásticas para que os seus corpos e rostos se tornassem idênticos, num ato de amor mais do que simbiótico, usando o pronome WE para se identificarem no seu mimetismo extremo. O *Projeto Pandrógino*, como foi baptizado pelos músicos, implicava uma imitação engajada ao ponto da perda da individualidade e da invenção de um novo tipo de subjetividade (*gender bender* e *identity bender* em simultâneo).

Entretanto, hoje, por todos os lugares do mundos, proliferam nos rios da imitação os denominados *selfies* (autorretratos tirados com celulares e outros tipos de máquinas fotográficas) e os denominados *memes* (ações que são copiadas em larga escala como turbilhões de imitação que viralmente inundam as redes sociais). De uma ponta à outra do globo, navegam *Gangnam styles*, todo o tipo de fenómenos de 1001 versões (ver a propagação via

6Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-2111535/Gemma-Barker-Jessica-Sayers-duped-dating-2-boys-realising-SAME-GIRL.html#ixzz2xRcopMjz>>.

7 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Wyl72Re5110>>

YouTube de vídeos de danças africanas do *ghetto* ou do Bonde das Maravilhas e do Twerk compostos de específicas movimentações de rabos que despertam grupos da periferia a colocar na internet novas coreografias, onde se celebra a excitação e a *multidão queer*⁸). E talvez o mais interessante é que não podemos distinguir essas correntes de imitação massivas de um outro fluxo global e viral de pessoas e ideias como o movimento Occupy, as acampadas, ou as primaveras árabes que com as suas súbitas tomadas de consciência política, económica e climática, lutam por inventar uma alternativa ao *fim do mundo tal como o conhecemos*, contraindo imitação e invenção no centro da sua ação multitudinária.

Em todos estes casos, pela velocidade ou pelo hibridismo, a relação entre imitação e invenção parece de algum modo comprometer noções antigas de identidade, de verdade, de origem, de assinatura ou de autenticidade, colocando questões às divisas que anteriormente nos pareciam um pouco mais seguras: a separação entre um indivíduo e outro indivíduo, a separação entre uma ideia e outra ideia, a separação entre um ser e uma máquina, a separação entre gêneros, a separação entre nações, a separação entre autores, a separação entre indivíduo e rede etc. Que pensar de Aaron Swartz, o *médium* informático de 20 e poucos anos que fez *download* de milhões de arquivos do MIT para uso público, rompendo a barreira da ignorância entre a invenção (o direito de propriedade intelectual sobre artigos científicos) e a imitação (a difusão desse conhecimento por redes de cooperação intercerebral)? Com Swartz, quebram-se separações e com elas todos os direitos de propriedade sobre essas separações, aqueles “bem-sucedidos dispositivos de subjetivação individualizantes” que, como bem lembra Maurizio Lazzarato, dividem “o agenciamento entre sujeitos e objetos, para que os últimos (natureza, animal, máquinas, objetos, signos, etc)” sejam “esvaziados de toda criatividade, da capacidade de agir e de produzir, que é atribuída apenas aos sujeitos individuais cuja principal característica é ser um ‘proprietário’ (ou um não proprietário)”⁹.

Na máquina de imitação viral do século XXI, as formas de circulação de imitações e invenções são o desafio teórico a que se entregam o voo soberano da ética e da capacidade de valorar que estruturam o processo

8 Paul Beatriz Preciado.

9 Lazzarato, M, *Signos, máquinas, subjetividades*. São Paulo: n-1, 2014, p. 36.

social, movimento anterior e posterior à maquinação do capital que, inevitavelmente, também depende do uso destas forças. Nestes exemplos, a possibilidade de circulação de imitações e invenções é cada vez mais veloz, assim como possibilidade de formação de híbridos entre ambas as forças e a possibilidade de pensar os indivíduos de uma forma muito mais porosa às penetrações dessas redes, quer por imitação e contágio, quer pela reinvenção dos códigos que definem as suas identidades e os limites dessas identidades.

Imaginemos, assim, a vida individual entregue à *variação* em rede das suas imitações e invenções (em redes físicas, sociais ou cibernéticas) e na qual, ao mesmo tempo, espelha-se a organização contemporânea das forças produtivas, movida por um certo funcionamento do trabalho imaterial e pelo investimento específico de capital nessa *variação*. Tanto podemos julgar esta produção de subjetividade a partir da captura capitalista (da captura de redes de inteligência coletiva, por exemplo) como da invenção de novas potências e resistências, mas talvez isso seja o menos importante, já que um julgamento não implicado deslizaria para uma avaliação moral, em vez de liberá-lo para um exercício implicado de ética. A noção de singularidade que taceamos aqui, não é nem totalmente livre nem totalmente condicionada, e soma-se a isso que ela precisa se colocar em risco para poder autoinventar-se, o que equivale a dizer que uma certa experiência de dissolução do que é ser-se um sujeito - pelo menos na sua definição moderna, enquanto centro gravítico da ação - se põe em marcha.

Falamos de um crescimento ávido da imitação e de uma vida hiperveloz porque os *papagaios ao espelho* precisam exprimir-se por velozes microinvenções e microimitações, vampirizam vozes, ideias e produtos à imagem da grande máquina capitalista que retroalimentam, vivem imersos dentro de extensas redes de afetos e de informação das quais quase não se separam, como um grande sono fusional. Mas dentro dessas redes, fabricam, por vezes, modos de vida singulares, alguns paradoxais, alguns pujantes, outros frágeis e temporários, e, com todos estes fragmentos, produzem reorganizações de pessoas e de informações, seletivas coleções de amigos, de fotografias, de textos, arquivos onde se misturam obras de arte, filmes e fotografias de diferentes tempos históricos e geografias, novas modalidades de produção artística, novas experiências de família, de relações amorosas, de encontros etc. Estas vidas, na verdade, não são apenas pujantes em *variação* (entre imitação e invenção), elas compõem e propõem modos menos individualizados de agir e de pensar, elas integram as suas imitações e invenções numa estratégia mais distributiva do poder e da responsabilidade, elas aguentam

conviver com informações e experiências díspares, elas produzem o seu próprio trabalho, as suas próprias comunidades de contágio que podem fazer (ou não) da sua experiência singular a criação de uma resistência a um poder instituído.

É por isso que, por todo o lado, encontramos matéria para falar de imitação ávida e de viralidade, mas em lado nenhum podemos avaliá-la certamente. Os pontos de referência parecem ausentes e a velocidade com que surgem opiniões, coletivos e modos de vida é extraordinária, pode mesmo anular a importância deste texto, ao mesmo tempo em que ele é produzido. Os nossos *papagaios ao espelho* podem a um só tempo colecionar perucas africanas, comunicar com bolivianos sobre a nova constituição da Pacha Mama, adorar David Bowie e Jesus Cristo, imitar e juntar pedaços de filmes da Nouvelle Vague que se tornam virais no YouTube, assinar petições contra o estupro de mulheres na Índia, reciclar o seu próprio lixo, dormir de dia e viver de noite, copiar homens, mulheres e outros sexos, visitar Domina-trix, reuniões do MST ou bancos de esperma e ainda escrever sobre Gabriel Tarde e aparar as barbas do Marx, sem medo da incoerência das correntes de imitação que seguem ou das invenções que muitas vezes, involuntariamente, produzem. Um dia, dão por si, e criaram o Google ou um novo tipo de sexualidade, ou tornaram-se internet *stars*. Um dia, são atravessados por ligeiras diferenças no seu olhar ou inventam alguma ferramenta decisiva para agir sobre um determinado problema político, o que não teria sido possível sem uma profusa combinação das suas imitações virais. Da mesma maneira que estas vidas podem estar fusionadas em redes sociais como o Facebook ou o LinkedIn (“o mediatizado é uma subjetividade que, paradoxalmente, não é nem ativa nem passiva, mas constantemente absorvida em atenção”¹⁰), o ponto de referência para a sua variação está de facto ausente e, por isso, resta-lhes enfrentar eventuais saltos quânticos que possam ser produzidos na sua subjetividade. Um dia, quem sabe, atingem o limite da sua velocidade ou da velocidade das redes neurais de informação de que participam.

Neste processo, dificilmente podemos explicar como as imitações se tornam invenções (e viceversa), ou como se inventam novos modos de luta ou novas formas de sociabilidade. São corpos atravessados a todo o momento por linhas de força opostas no sentido do automatismo ou da liberação. O processo de individuação é microscópico, invisível à lente da causalidade e da finalidade

¹⁰ Hardt, M. e Negri, A. *Declaração - Isto não é um manifesto*. São Paulo: n-1, 2014, p. 29.

e nenhuma das forças (imitação ou invenção) possui, afinal de contas, um privilégio. Mas é preciso também contar com o facto, de que as experimentações de cada indivíduo ou coletivo são oferecidas por um mercado de experiências pré-formatado, e só dentro desse mercado essas vidas podem colocar-se em risco e ir além do virtuosismo das combinações que esse mesmo mercado proporciona, para que algo se invente de facto. Assim, ao invés de nos entregarmos a uma avaliação, é preciso entendermos que hoje nos encontramos “diante de uma nova situação: as individualidades e as coletividades não são mais o ponto de partida, mas o ponto de chegada de um processo aberto, imprevisível, arriscado, que deve ao mesmo tempo criar e inventar essas mesmas individualidades e coletividades”¹¹. É claro, podemos encontrar em cada um dos casos que citámos há pouco, de Beyoncé a Aaron Swartz, problemas teóricos menores ou excentricidades de uma sociedade hiperconectada e hiperindustrial, onde na verdade se escondem “autômatos obesos, mediaticamente teleguiados, psicofarmacologicamente estabilizados, dependentes de um consumo (de um desperdício) monumental de energia”¹². Ainda assim, tentemos fazer um esforço para pensar além do julgamento da estrutura das relações produtivas onde se formam estas subjetividades, mesmo que esta estrutura seja em grande parte responsável por conduzir o mundo ao limite dos seus recursos e das suas relações¹³.

Trata-se, no sentido que Pierre Lévy colocou para a cibercultura, de um movimento de “virtualização” das identidades: a existência coloca-se num campo problemático potencial e permite a sua “elevação à potência” num campo mais alargado de tendências e forças. No sentido da oposição filosófica entre atual e virtual, a virtualização para Lévy, no campo técnico, é o movimento inverso da atualização que disponibiliza soluções particulares para um determinado problema, mobilizando o centro de “gravidade ontológica” dos seres e abrindo-os para uma alteridade “especulativa”¹⁴. A ligação dos *papagaios ao espelho* com o campo espectral e rizomático da rede cibernética descrita por Lévy, leva a que as individualidades se expressem nesse campo da virtualização por intermédio de indeterminadas imitações e invenções que expandem os seus corpos mediados.

Nesse enredamento, vemos como é difícil separar o tema deste

11 Lazzarato, M. *As revoluções do capitalismo*. Tr. br.. Leonora Corsini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 28.

12 Danowsky, D. e Viveiros de Castro, E. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, Instituto Socioambiental, 2014, p. 127.

13 Sobre esse assunto dos limites, ver também o novo livro de Deborah Danowsky e Eduardo Viveiros de Castro, op.cit.

texto de uma reflexão intrínseca sobre cibercultura e tecnologia, embora tenhamos tentado seguir, até aqui, um caminho autônomo em relação a esta temática. Sendo assim, perguntamo-nos: o que significa ao certo colocar-se em risco para permitir algum tipo de invenção? Não temos respostas certas, mas talvez a ideia de correr riscos possa significar um mergulho neste paroxismo entre os limites reais do corpo físico e a ausência de limites do corpo social das redes técnicas, e também permitir que a *força-imitação* (de cada indivíduo, comunidade, organização) se torne contagiosa, desmantelando a falsa dicotomia entre o autômato e o gênio, entre a força individual e a força coletiva, permitindo a emergência da multidão. Trata-se sobretudo de quebrar o feitiço que distribuiu, por tanto tempo, privilégios despóticos à força-invenção que garante a integridade das unidades sociais - indivíduo, autor, criador, líder etc - que marcam e acentuam o tempo histórico com a sua originalidade e audácia. É preciso assumir que, talvez, a subjetividade já esteja em risco quando se instaura efetivamente um *devir-repetidor*, um humano que varia louco e sem finalidade, que ultrapassa os limites do corpo físico por suas ações virais de longa distância. Risco de autodestruição como lembra Bifo: “o ciberespaço sobrecarrega o cibertempo, porque o ciberespaço é uma esfera ilimitada cuja velocidade pode acelerar sem limites, enquanto o cibertempo (o tempo orgânico da atenção, a memória, a imaginação) só pode ser configurado até um determinado ponto sob pena de rebentar”¹⁵. Mas também o risco de produzir algo novo: superação das forças que constroem os indivíduos, configuração de uma sociedade pós-individual.

* Rita Natálio nasceu em 1983 em Lisboa. É investigadora, performer e dramaturgista. Terminou recentemente um mestrado no Núcleo de Subjetividade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Brasil) com orientação de Peter Pál Pelbart onde desenvolveu uma pesquisa sobre a relação entre imitação e invenção na vida individual contemporânea a partir das redes sócio-técnicas (apoio de bolsa de estudos da Fundação Calouste Gulbenkian).

14 “A virtualização do corpo não é portanto uma desencarnação mas uma reinvenção, uma reencarnação, uma multiplicação, uma vetorização, uma heterogênesse do humano. Contudo o limite jamais está traçado entre heterogênesse e a alienação, a atualização e a retificação mercantil, a virtualização e a amputação. Esse limite indeciso deve ser constantemente considerado, avaliado com esforço renovado, tanto pelas pessoas no que diz respeito a sua vida pessoal, quanto pelas sociedades no âmbito das leis”. Lévy, P. O que é o virtual?, Tr. br. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996, p. 33.

15 Tradução livre do inglês: “Cyberspace overloads cybertime, because cyberspace is an unbounded sphere whose speed can accelerate without limits, while cybertime (the organic time of attention, memory, imagination), cannot be set up to a certain point - or it cracks.” Berardi Bifo, F. Cognitarian Subjetivation. E-flux journal #20, novembro de 2010.

Somos aqueles que estávamos esperando

Norte Comum

O Norte Comum é um criador de existência e liberdade. Um laboratório de pesquisa e relações que gera ações na cidade. Se conecta com o presente e com as forças abafadas por ele. Não aspiramos um ponto no futuro, um ideal, e sim uma direção ao movimento infinito, ao encontro das forças do presente que o estado atual não deixa vir à tona. O pensamento vive através de sua ação. Um corpo sem forma dada que tem como elementos a cultura, a política e a amizade; para furar as muralhas invisíveis das distâncias de classe e aproximar pessoas que não eram para se conhecer.

Porta de entrada

Pode abrir os olhos. Sente os ruídos? Os carros no viaduto da linha amarela, o trem passando ao longe, o silêncio das casas velhas que ainda usam a calçada. Estamos no subúrbio do terceiro mundo. Você está passando por um portão grande. Dá bom dia para os seguranças. Recebe permissão para seguir. Seguimos juntos. Te mostro as curvas das árvores que desenham sombras no chão a qualquer hora. Te mostro os prédios. Você repara na cor branca, nas rachaduras, no silêncio que volta e meia é rompido por gritos, nas grades azuis que fatiam a visão. Andamos mais um pouco, vemos o Enock dormindo sentado na cadeira de praça sem praça. Paramos em frente de um prédio que tem as janelas escondidas por trás de um cobogó de bolinhas.

Os seguranças da portaria chamam de Casa do Sol. Apesar do nome, a luz entra muito pouco lá. Muita gente chama de Hotel da Loucura, por causa da ocupação cultural que acontece desde 2012 no terceiro andar da enfermaria que está sendo desativada aos poucos. Você quer ir de elevador, eu te

chamo pela escada. Você repara nas paredes azuis, e na temperatura fria delas. Subimos as escadas, passamos por um andar vazio. Você começa a reparar nas tatuagens que vão surgindo no corpo do prédio. Palavras, desenhos, *stencils*. Conseguir sentir a presença daqueles que passaram por ali e deixaram a sua marca? Mãos e tijolos. As imagens enchem nosso caminho de ideias. Chegamos no terceiro andar.

Você escuta o barulho do sax de Matraca e da tuba de Gert. Paula faz bonecos com bexiga e jornal, André carrega três bolsas no pescoço e fala no telefone: tem alguém aí? Vitor dança com Mirian, que canta (Somos um círculo/dentro de um círculo/sem início/e sem fim). Pelezinho te puxa pelas mãos, agora, canta suas músicas e faz embaixadinhas. Te mostra com alegria de criança as frases escritas na parede, declama as poesias e conta sobre a venda de seus CDs. Te fala de cada um que passou por ali. Sente a presença? O Rei está no trono - Reginaldo te olha com a calma de sempre, e lhe dá bom dia. Seja bem-vindo.

Como dar conta de uma experiência coletiva, sem cair na ilusão da representação? Não falar por, não dar voz, nem levar nada para ninguém. Todas as pessoas produzem sentidos, discursos e cultura. Todos somos, todos podemos.

“Tudo está dito / Tudo está visto / Nada é perdido / Nada é perfeito / Eis o imprevisto / Tudo é infinito” (Augusto de Campos, 1974)

Na tentativa de transpor a dimensão do Hotel da Loucura - uma experiência que só pode ser sentida - para dentro das margens do papel, das amarras da língua; tentamos trazer a leveza do corpo que canta, dança e abraça, celebrando a convivência e o cuidado com o outro, com a diferença.

Produzimos os textos por meio de diferentes impulsos e motivações, depois reunimos e misturamos essas produções textuais com olhares distintos e complementares e as trançamos num corpo só.

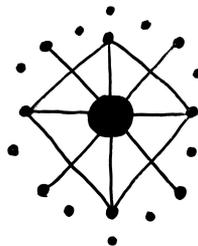
O texto é como uma janela gradeada que atravessa a visão mas não a anula, um mosaico composto por fragmentos de visão que, por sua vez, compõe uma imagem: o Hotel da Loucura.

MANUAL DE LEITURA - EXPLICAÇÕES E CAMINHOS - NÃO QUEIRA ENTENDER, SINTA.

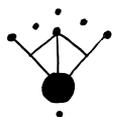
Cada símbolo representa uma criação, o todo antes de ser fragmentado.



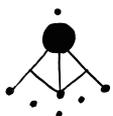
“Somos aqueles que estávamos esperando” - Texto produzido por várias mãos que reflete subjetivamente a experiência individual e coletiva no Hotel da Loucura. Palavras ao vento. - PARA LER COM VOZ ORACULAR, COMO QUE ECOADA PELOS CORREDORES DO HOTEL DA LOUCURA, COMO OS GRITOS QUE VEM DAS ENFERMARIAS.



“Outros Espaços” - Debatendo e trazendo à tona nossas vivências através de uma linguagem própria, *Outros Espaços* é um filme em andamento, com roteiro, produção e equipe de filmagem toda nossa. Falará sobre o Hotel e os coletivos ali residentes, questionando desde as formas de criação até surgimento de um centro artístico num manicômio. O que isso diagnostica na nossa cidade, quantas são as contradições e invenções no nascimento dessa ocupação autônoma? As falas são trabalhadas de forma que se monte um pensamento fluido a partir do que os entrevistados sentem da cidade, afim de entender as motivações que os levam a ocupar as enfermarias do HL - PARA LER COM OS OUVIDOS ATENTOS ÀS MÚLTIPLAS VOZES.



Nós por nós - uma abordagem interna. Transcrição do diálogo entre os membros do NC, o primeiro passo na realização do filme. Discutimos assuntos em torno da pauta proposta em *Outros Espaços*, buscando capturar a essência do trabalho do Coletivo.



Eles e nós - uma abordagem externa. Transcrição da entrevista feita pelo NC com o Coletivo Vô Pixá Pelada, residente do Hotel da Loucura desde o final de 2013¹.



“Transitografia” - Citações, poesias, músicas, fotos, frases que nos saltam aos olhos e estão alinhadas com nosso discurso. - OBSERVAR COMO AS PAREDES DO HOTEL DA LOUCURA SÃO PRESENTES EM NOSSAS VIDAS.



“É preciso expressar a vida” - dicionário afetivo construído coletivamente com palavras que permeiam nosso dia a dia - LER PROFUNDAMENTE, COMPREENDENDO A POTÊNCIA DAS PALAVRAS. O TEXTO É COMO UMA JANELA GRADEADA. SEPARADO POR PARTES QUE NÃO TE IMPEDEM DE VER, MAS FRAGMENTAM A SUA VISÃO. PRESTE ATENÇÃO ÀS PARTES, QUE VAI PERCEBER QUE ELAS COMPÕEM UM TODO.

¹ O Coletivo Vô Pixá Pelada nasceu de um senso de coletividade aliado a uma dose de insatisfação e fortes desejos de participar da construção do pensamento da cidade. O nome veio a partir de um *funk* da MC Debby, “Vou dançar pelada”. Decidimos lidar, já de cara, com o que chamam de subcultura carioca, mas que, na verdade, é o melhor motor de alteridade. Propomos a antropofagia de toda a alienação gratuita e devolvemos meio que por vômito, meio que por arroto, com uma carga de humor e ironia.



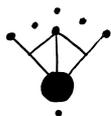
con·ta·to

substantivo masculino

1. Estado dos corpos que tocam uns nos outros.
2. Relação dessa comunicação.
3. [Figurado] Proximidade, influência.



Preciso ser um outro diante da loucura para ser eu mesmo. Existir onde me desconheço, para estar entregue à ressonância dos encontros, onde o mistério vibra o corpo, ao guardar a luz de um olhar no estojo da alma. É o fim e o começo do sujeito-mundo. É preciso ser um novo, de novo, de novo... Se colocar sensível às tensões entre os corpos e à relação destes com o espaço possibilita libertar nossas manifestações expressivas. A linguagem corporal, mídia primária da cultura, é a interseção entre o mundo interno e o externo, impressões e expressões.



Eu cheguei na galera mais ou menos ao mesmo tempo em que iniciamos a ocupação no Hotel da Loucura, e, ao meu ver, foi lá que a parada começou a se entender como um grupo organizado, de fato. Achei muito importante, nesse processo, que inclusive gerou um entendimento mais subjetivo sobre as coisas que a gente faz, nos permitirmos ao erro e a comportamentos que poderiam ser estranhos se não compartilhássemos de ideias lançadas por pessoas que já estavam ocupando aquele lugar. Sobre realmente se permitir à loucura, ao delírio - **gê**

O trabalho do Norte Comum começou em 2011, e do final de 2012 para o começo de 2013, foi como se um vulcão explodisse, e começasse ali uma nova configuração. Assim que nos conhecemos, em 2011, chegamos a procurar um lugar, mas claro que não conseguimos encontrar, nem era o momento, partimos para as ruas, praças, no trânsito da multidão. Mas depois de um tempo é necessário achar um espaço para conseguir aprofundar mais as relações uns com os outros, e tentar criar um sistema que não se dilua como na movimentação dos espaços públicos. E, por acaso, a gente tropeça no Hotel. Não teve nada planejado, a gente ainda estava se conhecendo e se entendendo. Vimos que, dentro de um

espaço, entendemos com mais clareza o que estamos fazendo, e como se dão as dinâmicas de estímulo de grupo. Só que o Hotel tem uma diferença dessa casa aqui (atual sede do Norte Comum em Benfica) e de outros lugares... pra criação, o Hotel talvez seja o templo da criatividade, muita coisa é permitida ali, e ao mesmo tempo as coisas mais essenciais são proibidas. Como o direito à vida, à cidade, a se relacionar com as pessoas. É uma prisão. A gente tá dentro de uma prisão se sentindo livre. O Hotel tem uma dinâmica muito específica, uma história muito carregada, de resistência pela criatividade e pela arte, e o espaço afeta a gente, assim como as pessoas afetam o espaço. A importância da ocupação se dá nos vários trabalhos instalados, nas diferentes realidades compartilhando o mesmo espaço, e também na capacidade de aproximar pessoas muito diferentes através de amizades. A contemplação é coletiva - **carlos**

O espaço afetando as pessoas é um debate sério na geografia, a gente sempre estuda o espaço sob o aspecto do homem modificando o meio, como um agente que detém conhecimento e modifica a paisagem. Pouco se reconhece do efeito da paisagem no homem. E o Hotel é um exemplo muito forte de como o espaço mexe com nossos corpos. Se você vai da ocupação artística do Hotel da Loucura para o andar de cima, onde ainda funcionam as enfermarias, a sensação no corpo é muito discrepante - **gabi**



tem·plo

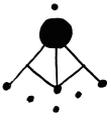
substantivo masculino

1. Casa de oração em que se adora uma divindade; igreja.
2. Sinagoga, mesquita.
3. A Ordem dos Templários.
4. [Figurado] Lugar sagrado ou venerável.



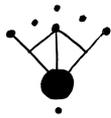
O chão do meu terreiro fica no fim do mundo, no fim do fundo, no fim do fim, o Instituto Municipal Nise da Silveira. Nesse espaço incomum, dotado de um norte comum - afeto -, emerge uma das mais profundas experiências de convivência e criação na cidade, o Hotel da Loucura. Subvertemos a lógica do manicômio, propondo

transformar os mapas sociais através da alegria de ver crescer o desejo de construção de novos códigos culturais, que enfrentem os obstáculos reais que os “órgãos especializados” não deram conta.



Como é que foi essa chegada/adaptação no hospício?

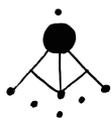
Foi bem difícil, nenhum membro do coletivo tinha algum envolvimento com saúde mental. Ninguém conhecia mesmo, a maioria nunca tinha entrado dentro de um espaço como esse. E foi uma descoberta muito boa, perder esse medo e desvendar a história daquele lugar. Poucos conheciam a Colônia Juliano Moreira, já que alguns membros moravam na Zona Oeste, então nossa experiência vinha mais de lá, que já é um outro espaço. De cárcere também, mas bem diferente de como é aqui



Os espaços e aparatos culturais do Rio de Janeiro não dão conta da quantidade de pessoas e grupos que precisam se organizar, principalmente quando falamos de lugares na Zona Norte e no subúrbio. E acho que é por isso que a gente acaba procurando locais alternativos que possam receber essa galera toda. E movidos por essa dificuldade chegamos ao Hotel da Loucura. Jamais pensei em trabalhar dentro de um hospital psiquiátrico, nunca tinha entrado num lugar desses, e pensava como seria possível fazer nosso trabalho ali dentro. Adentrar nesse campo desconhecido me fez desconstruir muita coisa, principalmente em relação aos meus medos e preconceitos, e saber que tudo que fazemos ali dentro tem tudo a ver com saúde. Lá tudo flui de uma forma muito orgânica, a relação é verdadeira e afetuosa, e aqueles que a princípio conhecemos não pelo nome, mas como “pacientes”, hoje são nossos amigos, nos chamamos pelo nome, nos abraçamos, nos beijamos, nos tocamos... É preciso estar de verdade no Hotel da Loucura, com o coração aberto para se entregar a um mundo outro. Ninguém está ali por obrigação, a coletividade é que nos faz sonhar - **marcell**

Nosso aprendizado maior foi chegar lá sem saber o que esperar ou como agir. Fomos abertos à experiência, a construir em processo. O Norte, em sua trajetória, é composto por pessoas que

se propõem a agir muito fora da sua zona de conforto, e chegar no Hotel, que se propõe ao inesperado, gerou uma construção muito baseada no afeto, e de conhecimento mútuo. Aprendemos a lidar com o espaço, com a Soninha, a Mirian, ao longo do tempo. Uma das coisas que a gente traz, e pode carregar para outras experiências, é estar sempre aberto a aprender, nada está pré-estabelecido, as coisas vão se construindo. Então se propor a trabalhar com uma coisa totalmente nova, às vezes, é meio bizarro, você fica meio perdido, mas na verdade pode ser muito mais fluido, mesmo que desafiador, se comparado a um trabalho que você já está habituado. E nossa entrada no Hotel foi muito na base do inesperado, da possibilidade, com abertura completa para o que pudesse vir e aceitação dos processos pessoais e coletivos. Entendemos que o novo surge o tempo todo. Foi um processo de compreensão do processo coletivo eternamente mutante e mutável - **gabi**



Como surgiu o coletivo?

E como vocês conheceram o Hotel?

O trampo do Coletivo surgiu numa ação nas eleições de 2012, era uma ação política bem isolada, e por conta de uma ameaça de morte aos participantes dessa ação, acabou-se criando o coletivo para proteger a identidade das pessoas. A gente chegou no Hotel através da rede do Norte Comum, numa convocatória de uma reunião para conhecer o espaço e o coletivo. E já vão fazer dois anos que a gente se aproximou do espaço. Nesses dois anos, estou a seis meses morando aqui do lado, e isso já diz bastante coisa. Eu me mudei pra ficar mais perto.



coi·sa

(latim *causa*, -ae, causa, razão)

substantivo feminino

1. Objeto ou ser inanimado.
2. O que existe ou pode existir.
3. Negócio, fato.
4. Acontecimento.
5. Mistério.
6. Causa.
7. Espécie.
8. Qualquer objeto que não se quer ou não se consegue nomear (ex.: *dá-me essa coisa aí*).



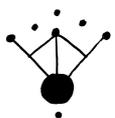
“NÃO BASTA O SABER DENTRO DAS CUCAS ILUMINADAS, É PRECISO SABER MEXER COM AS COISAS”²



Coisas essas que toquem a verdade que dorme dentro do corpo e criem um canal possível e aberto, no qual a delicadeza incompreendida da loucura nos ensine a maestria da alegria e do sofrimento, a capacidade de se encantar, e de ter fé num sonho coletivo, pois as minhas dificuldades e limitações são nossas.



“Corpo presente / Atento e ativo / Altivo, vivo / Corpo ser / Essência / Em potência / A boca cheia / Pra falar do movimento / Arripio” (Gabriela Faccioli)



O que mais me chama atenção com relação ao Hotel é que ele realmente é produtor de conhecimento. Essa crise que se vive no mundo, a falta de referências e objetivos comuns, tá ai circulando, eu vejo diversas pessoas sem rumo, perdidas. E é impressionante que os estímulos que tenho com o Hotel da Loucura me guiam para outros lugares e me tornam mais sensível para identificar o que compõe minha natureza - **edu**



afeto lét

substantivo masculino

1. Impulso do ânimo; sua manifestação.
2. Sentimento, paixão.
3. Amizade, amor, simpatia. adjetivo
4. Dedicado, afeiçoado.
5. Incumbido, entregue.

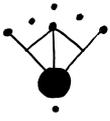


movimento

substantivo masculino

1. Ato ou efeito de mover ou de mover-se.
2. Mudança de lugar ou de posição.
3. Evolução.
4. Agitação.
5. Animação.
6. Revolta; sedição.
7. Giro.
8. Marcha (dos corpos celestes).
9. Gesto, ademane.

² Amena Mayall (Extraído do trecho “é preciso tomar o que é nosso por direito” da “Carta poema das sociedades secretas”, 1975).



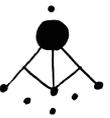
O cuidado com o outro, que não deixa de ser o cuidado consigo, ecoado nos corredores em músicas do Ray Lima, me marcou muito quando cheguei no Hotel, e ainda marca muito a forma de nos relacionarmos em coletivo. Nós como extensão. Só existirá o Norte Comum, esse movimento com força de mudança, enquanto o cuidado que a gente tem um com o outro permanecer vivo. Essa percepção é muito fruto da nossa relação com o Hotel, e das transformações que o Hospital experimentou a partir do trabalho da Nise da Silveira e de seus discípulos, como o Vitor Pordeus. Esse cuidado é um dos principais legados entre os grupos que trabalham lá. A galera é muita unida. O CRUA, e a Vô Pixá Pelada dialogam em diversas áreas, e tem muito em comum, além da forma de se organizar. É importante ressaltar essa reapropriação do Hospital como um espaço que pensa a saúde em suas várias formas. Esse foi um ponto de virada no Norte Comum, da gente pensar cultura e arte como elementos dentro de diversos outros. Quer dizer: Saúde, direito à memória, à cidade, habitação, enfim... Várias outras questões que perpassam o fazer artístico. O grande ensinamento da vivência no Hotel pro Norte, ao meu ver, é esse cuidado com a outra pessoa; sempre se preocupar em como você irá afetar a outra pessoa no seu fazer - **ju**



E é nessa encruzilhada entre arte e ciência que tomamos o que é nosso por direito. A arte na construção comunitária e a ciência na lembrança do que está gravado em nós. Pois nossa história e ancestralidade pautam o nosso percurso, a nossa saúde mental.



“Cuidar do outro é cuidar de mim, cuidar de mim é cuidar do mundo.” (Ray Lima, Ciranda)³



Como é essa relação desenvolvida com os clientes diante de toda essa situação que se sabe que acontece? Você tem vínculos de amizade? É muito forte, você acaba conhecendo a história deles, desde a infância até por onde passaram. Eu já presenciei maus tratos também. Você cria um vínculo bem pessoal; quando sai daqui, sente saudade, pensa na pessoa, você tá num lugar e pá, “vou levar isso pra Luciene, porque ela vai gostar”. São amizades que valem a pena.

³ Disponível em: <<http://www.cenopoesiadobrasil.blogspot.com.br/>>.



“A minha geografia é a da amizade; me coloque para tomar cerveja no inferno com um do peito e o inferno será o meu país acolhedor.”⁴



abayomi

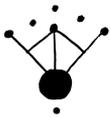
abay = encontro
omi = precioso



constelação

substantivo feminino

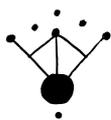
1. Grupo de estrelas fixas que, ligadas por linhas imaginárias, formam também uma figura imaginária, a que corresponde um nome especial.
2. [Figurado] Conjunto de adornos brilhantes.



O que é um ponto numa cidade? O que é uma construção destinada à disciplina dos corpos? Por excelência, a gente tem a oportunidade de implodir uma instituição que não dá mais conta de uma experiência ativa da vida, pra que a gente possa florescer e propagar cada vez mais a renovação de quem nós somos. Uma atualização do desejo. O Hotel da Loucura, pra mim, nada mais é do que uma parte do processo que é a própria vida na cidade. Que tanto normatiza e homogeniza o comportamento das pessoas que isso reflete no corpo, na mente, e na saúde. O Hotel é um espaço, é um ponto que não existe numa cidade, porque só existe dentro de nós. É uma memória, positiva pra curtição de novos desafios que, a todo o momento, encontramos. A cidade, em escalas muito grandes, forma uma massa de coação de símbolos, corpos máquinas estão nos coagindo constantemente. Estar num espaço com um afeto catalisador que passa pelas pessoas de uma forma tão duplicadora, permite que nós levemos o Hotel para todos os lugares, e para todas as pessoas que estão convivendo com a gente. O Hotel é revolucionário enquanto resistência afirmativa, ele transforma as pessoas a partir do que elas são. E não como uma ideia externa que se impõe ao comportamento humano. Ele não vai de encontro, e sim ao encontro. É a resistência mais positiva que eu já vi na é um espaço libertador, de cuidado, de transformação. Um ponto não é nada, o

4 Luiz Antônio Simas (2015).

que é um ponto? Um ponto não existe. Existe sim um afeto, algo que tem que ser compartilhado por todos, que é aquilo que nos mantém vivos e que sustenta o desejo de continuarmos vivendo aqui - **edu**



Existem movimentos contra-hegemônicos que mudam o posicionamento das pessoas, configurando relações antes impensáveis na cidade. O Hotel é um dos lugares que possibilitam esses encontros, essas relações. De forma não efêmera, pela intensidade do contato, não tem como a pessoa passar ilesa por ali. O Hotel se apresenta como um movimento contra-hegemônico pelo impacto que ele causa nos que se permitem vivê-lo. Quantas vezes já escutamos de pessoas que vão ao Sarau, que não conseguem saber quem é ou não é usuário do sistema de saúde? - **ju**

A construção que acontece no Hotel vai contra tudo que foi feito na história da cidade, criada para “atender” um sistema político segregador. É a retomada de um espaço construído pra segregar e sua transformação em um espaço de união - **gê**



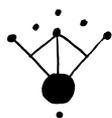
Ali acaba funcionando como uma aldeia para as pessoas que não se adequam a determinado tipo de formato que é dado pela produção artística da cidade. Acaba sendo uma prática de uma utopia possível... Como é esse sentimento de liberdade dentro do hospício?

Acho que pelo fato de ser um espaço autogestionado, compartilhado por uma galera, esse já é um gatilho para gerar algo muito bom entre as pessoas, até porque é a gente que está gerindo, sem nenhum apoio, então um coletivo apoia o outro da maneira que dá. O toque experimental é muito forte entre todos os grupos presentes ali. Desde o Teatro a vocês também, o pessoal do áudio visual... E aquele espaço proporciona isso, até pela dimensão dele. Experimentar coisas de grandes proporções, com bastante pessoas.

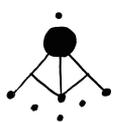
Como vocês lidam com os resquícios do Hospício?

É bem estranho, um dos principais símbolos desse lugar, além das grades, são os cadeados e as chaves. Isso aqui é tudo chave daqui. Quando você chega, e vai conhecendo e se integrando com o espaço, você vai ganhando chaves, e entendendo cadeados e

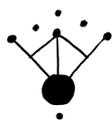
portões. A gente ainda está fortemente ligado a isso. Trancamos as coisas, botamos cadeados. Isso mostra que o hospício está vivo, a todo vapor. E faz a gente pensar muito nosso papel aqui dentro. O que de fato queremos fazer nesse espaço, ainda cheio de chaves. É bem difícil quebrar isso ainda, mesmo pra gente com todo esse processo experimental, livre, autônomo, autogerido.



Tem um território mental, lá, estabelecido. Esses territórios subjetivos que dão sentido as coisas. Tem que se criar uma ficção pro espaço, é a ficção que segura a onda, porque senão iríamos subir e fazer guerra no andar de cima. A gente se liberta fingindo que aquelas grades não atrapalham a visão - **carlos**



Como vocês pensam as instalações das baias? Na real, a nossa principal ideia, desde o começo, é criar espaços expositivos pra galera poder pôr trabalhos e levar trabalhos para as pessoas que estão ali dentro. Com esse princípio a gente transformou o antigo refeitório da enfermaria numa galeria de arte. Pra trazer esse desafio do cubo branco, clássico da galeria, e ver como funcionaria ali dentro, com janelas, com grades, e aquele sol todo. Como uma caixa cênica; levar o pessoal pra expor, e experimentar bastante.



O hotel é o espaço da utopia, de construir o novo. Não que não se pareça com o lado de fora, mas consegue superar umas dificuldades que temos no dia a dia. Como a de enfrentar os conflitos de uma maneira mais humana e instaurar esse lugar de debate, de discussão, de discordância e de convivência - **carlos**

A fantasia saiu um pouco do circuito do dia a dia de todo mundo, e o Hotel nasce como um lugar onde a fantasia é levada a sério - **alice**



gen-te

(latim *gens*, *gentis*, conjunto de pessoas com o mesmo nome, raça, família)
substantivo feminino

1. Conjunto indeterminado de pessoas.
2. Conjunto dos habitantes de um território, país. = POPULAÇÃO, POVO
3. .Gênero humano. = HUMANIDADE
4. Alguma ou algumas pessoas (*em oposição a ninguém*).
5. Grupo de pessoas com afinidades ou interesses comuns.

6. Grupo de homens armados. = BANDO
7. Índole das pessoas.
8. Ser humano. = PESSOA
9. Os membros de uma família.



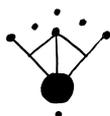
As tradições, aprendidas ou herdadas no âmbito familiar e comunitário, se transformam em alternativas e caminhos de educação e desenvolvimento. Há algo surpreendente na possibilidade das pessoas se olharem nos olhos, para que se recordem o motivo pelo qual estão aqui.



“Ouço seus olhos / de inteiro abraço / entrego meu coração / nas águas de outro mundo.” (Pablo Meijueiro, 2015)



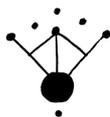
Vive-se um tipo de cegueira generalizada, produtora de guerra, pobreza, racismo, e muito dinheiro na mão de (famílias) instituições políticas e jurídicas empenhadas em censurar e restringir potenciais democráticos. Tripalium e não trepam, fabricam e não brincam, destroem demais, pois não existe espaço para a manifestação de nossa incompletude, dos rios que nos separam e das águas e afluentes que nos aproximam.



Realmente, a Rua Carioca e todas essas ruas que surgiram depois da Primeiro de Março ainda não encontraram uma verdadeira utopia compartilhada pelas pessoas. Porque até então se jogava merda pelas janelas. Os portugueses tinham hábitos que giravam em torno do urinol. E o que tinha na rua eram pessoas querendo ganhar dinheiro. Quem não era da máfia portuguesa estava precisando sobreviver. A rua brasileira sempre foi o encontro de diversos interesses, muito guiados pelos interesses europeus, nunca algo por nós planejado. O carioca sempre andou na cidade assistindo a paisagem. Encontrou no seu semelhante formas de convivência não institucionais através da religião, do samba, futebol, pilequi, poesia... Foi assim que se construiu algo que resistisse ao que estava nas instituições, na escola, no serviço militar, na polícia, na família. Mas a rua do carioca ainda está por acontecer! - **edu**



Queria que você falasse um pouco da influência do funk nas criações. A gente gosta muito de funk, tá sempre escutando, procurando músicas novas. E quando a gente saía pra fazer ações na rua, cantávamos muito essas músicas. Até como forma de disfarçar mesmo, pra quem estava na rua olhando o que a gente estava fazendo. A gente estava cantando e dançando, e a partir disso começamos a fazer músicas nossas, funks com temáticas que o coletivo estava trabalhando. Nos identificamos com a batida, é uma linguagem que alcança rápido.



A crise não é a pobreza, a pobreza é parte do sistema, planejado para ter pobreza. O que eles não gostam é quando o pobre aparece. E se tu for ver esses espaços que criaram para os desviantes, para os marginais e os loucos, a prisão e o hospício são tipo irmãos gêmeos. E uma coisa que a cidade não destina ao pobre é o espaço, a moradia. E é aí que vem a favela. A favela é a resistência pelo direito a um espaço na cidade. E quem são essas pessoas? São os descendentes de africanos, de índios, são os rurais vindo dos interiores do Brasil, são os nordestinos que surgem na paisagem dos grandes centros. E se tu for ver é fichinha, quem tá na favela são essas pessoas, que são as mesmas que estão no presídio, e no hospício. A maioria das pessoas que você conhece lá no Hotel são de classes populares, de áreas periféricas, vem da rua, às vezes não tem casa. Pra você ver como a sociedade é projetada para interditar os seres humanos que não interessam à paisagem capitalista - **carlos**

O sistema público/manicomial é muito cruel para grupos muito específicos. Quem são os loucos do manicômio? Só os pobres enlouquecem? Viramos o espaço do avesso, fazemos o contrário do que está sendo dito implicitamente para ser feito, rindo da cara do Estado - **gabi**

É muito difícil dar continuidade a um trabalho num espaço público. No centro da cidade isso é inviável, porque são espaços que interessam ao planejamento político e urbano. O hospício é tão deixado de lado que a gente é capaz de ocupar por três anos um prédio público, do jeito que estamos ocupando, tensionando vários limites, sem grandes problemas com o poder público, e isso reflete também o quanto está abandonado - **carlos**



a-gente

(*latim agens, agentis, que produz efeito, ativo, forte*)

1. Que opera = ativo ≠ paciente, passivo
2. O que opera ou é capaz de operar. ≠ paciente
3. Pessoa ou empresa que promove negócios alheios.
4. Causa, princípio.
5. Autor.
6. Sujeito de oração ativa.
7. Causa motriz. = potência



Temos que ter a ousadia de inventar um Brasil possível, com capacidade de acolher e produzir ninhos, onde a qualidade da relação transforme a informação em conhecimento, pois educação é a invenção humana para transmitir o humano, e temos a sorte de esbarrarmos na incapacidade de o futuro acontecer como prometido.



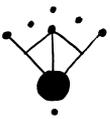
Oriki de Oxalufã

*A lesma no conforto
do caracol
não vê o sol.*



Como a gente consegue transpor os muros daqui?

É bem delicado, não tem muita diferença na forma de lidar com as coisas, tanto aqui dentro como lá fora. Claro que aqui a gente sai com uma visão diferente de como as coisas estão sendo praticadas aqui fora. Eu não trato as pessoas aqui como doentes, nem as pessoas aqui fora. Eu consigo entender que as pessoas que estão aqui fora, estão muito mais debilitadas na maioria das vezes, do que as que estão aqui dentro encarceradas...



Talvez pra sair de lá teria que se pensar num procedimento que instaure a mesma coisa que o teatro faz, porém de outras formas. Ali dá certo daquela forma, mas não necessariamente aquela forma se aplica a outros espaços. Contudo, vamos abrir as artes, animar o conhecimento para todos os espaços da vida. Superar essas heterotopias de desvio, superar o descontrole... Quem sabe, para pluralizar o que o Hotel oferece, devêssemos procurar praças públicas, ou não lugares, o metrô, o ponto de ônibus - **edu**

Eu queria problematizar nossa relação com o mundo real. Todo mundo sabe o quanto de bem o Hotel faz pra gente. E o quanto daquilo ali pode ser um mundo real, um mundo possível. Fora dele, temos caminhos mais pré-estabelecidos, estamos menos suscetíveis ao lúdico, a brincar com os caminhos. É a relação com o Sesc, editais, busca de recursos, estrutura de trabalho. A forma que vivíamos ali era mais saudável, nos afetava de maneira positiva, o carinho, o abraço. Saber que a sua presença faz uma diferença do caralho pra Luciene, trocar uma ideia com ela pela manhã, quantas possibilidades não apareceriam. O que seria então o mundo real? - **ju**



co·le·ti·vo *lèt*

(*latim collectivus, -a, -um, recolhido*)

adjetivo

1. Que forma coletividade ou provém dela.
 2. Que pertence a ou é utilizado por muitos (ex.: obra coletiva; transporte coletivo).
- substantivo masculino
3. Conjunto de indivíduos que formam uma unidade em relação a interesses, sentimentos ou ideais comuns (ex.: coletivo de artistas). = COLETIVIDADE, COMUNIDADE
 4. [Gramática] Diz-se de ou substantivo que, mesmo no singular, representa pluralidade (ex.: as palavras bosque, dúzia, multidão, rebanho são coletivos).



“Certos grupos são mais perigosos quando se divertem do que quando odeiam.”⁵

[outras publicações relevantes]⁶

5 Marcelo Yuka. *Astronautas Daqui*. São Paulo: LeYa Brasil, 2012.

6 Miranda, R. *Corpo-espaço – Aspectos de uma geofilosofia do corpo em Movimento*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. || De Certau, M. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980. || *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [online].

* O Norte Comum atua na Zona Norte do Rio de Janeiro desde 2011. Aproxima as pessoas do seu pensamento acerca da cidade, e tem na amizade sua base mais sólida de organização. O texto para o Caderno de subjetividades contou com muitas mãos para sua realização, mas teve como “Cambonos”: Pablo Meijueiro e Gabriela Faccioli, ambos integrantes do NC desde o princípio.

Arte, clínica e guerrilha: “the wall, the war”

Paula Patrícia Francisquetti

Acreditar no mundo é também suscitar novos espaço-tempo,
mesmo de superfície ou volume reduzidos.¹

Gilles Deleuze. Conversações

Acreditar no mundo é acreditar nas possibilidades do mundo,
é estar em condições de conectar-se com suas forças,
é acreditar naquilo que vemos ou ouvimos,
é apostar na nossa força em fazer conexão -
é estender o fio de nossas simpatias.
Simpatizar com o dever do mundo e o
dever dos outros
nesse mundo e o dever outro dos outros nesse mundo.

Deleuze/Peter Pal Pelbart. Splendor of the seas.²

Debruço-me sobre a experiência de uma Cia teatral chamada Ueinzz que nasceu num hospital-dia e tomou outras direções; um campo de experiência que articula arte e clínica. E esse campo de experiência passa pela guerrilha, pelo enfrentamento dos muros do mundo, muros esses que se erguem e se mostram a todo o momento para aqueles que portam aquilo que chamamos de loucura, de sofrimento mental extremo. Tais muros se erguem também para muitos outros, basta ver o estreitamento do campo da experiência

¹ Deleuze, G. *Conversações*. Tr. Br. Peter P. Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 217.

² Pelbart, P. P. P. Splendor of the seas. In: *O Averso do niilismo - cartografias do esgotamento*. São Paulo: n-1, 2013, p.249.

ver o estreitamento do campo da experiência presente na vida de muitos, a vida *standard*, a vida muitas vezes reduzida à pura sobrevivência. A situação extrema dos refugiados migrantes à beira do túnel que liga a França à Inglaterra e em diversas fronteiras europeias, as balsas repletas à deriva no Mediterrâneo nos apontam tais muros de forma brutal e contundente. Quando caiu o muro de Berlim havia 16 muros em fronteiras, e, hoje, em 2015, existem 65 deles, sendo o mais recente o da Hungria na fronteira com a Sérvia, com 177 km de extensão e 4 metros de altura³.

A Cia teatral Ueinzz nasceu num hospital-dia faz aproximadamente 19 anos. Há mais de 11 anos transformou-se numa companhia independente. Atualmente nos encontramos numa galeria de arte que é também uma espécie de centro cultural, a Galeria Virgílio, no bairro de Pinheiros, em São Paulo. Desde 2012, convivemos, criamos, sem a presença de um diretor, numa horizontalidade, experimentando a quebra da hierarquia.

Aliás, o que faz de um grupo um coletivo é essa quebra de hierarquia, e, ainda, a liberdade de circulação, a heterogeneidade e a possibilidade de encontro. Jean Oury, no livro *O Coletivo*, discorre sobre essas características que marcam um coletivo. Para ele, “o coletivo seria, talvez, uma máquina de tratar a alienação, todas as formas de alienação, tanto a alienação social, coisificante, produto da produção, como a alienação psicótica”⁴. A quebra da hierarquia aponta na direção de uma desalienação, de uma experimentação de lugares diversos.

Desde o início do Ueinzz, a ideia era fazer um teatro que pudesse ser mostrado fora dos limites do hospital-dia, do campo da saúde mental; nos recusamos a fazer algo para apresentar para nós mesmos. Queríamos um teatro para ir ao mundo, para ser mostrado no mundo, um teatro-mundo, um pedaço do mundo liberto de clausura, um respiradouro - importante notar que um fora está presente em nossa história desde o começo, o que tem sido fundamental, pois traz arejamento, possibilidade de encontro, de estranhamento e de devir, devir outro.

Muito de nosso processo de criação coletiva é fruto de encontros e de experiências feitas pelo grupo no decorrer do tempo e nos diferentes espaços

3 Randolph, E. [AFP]. Reportagem. Quando caiu o muro de Berlim havia mais de 16 a separar fronteiras no mundo, agora há 65. *Público*, 30/08/2015. Disponível em : <<http://publico.uol.com.br/mundo/noticia/em-todo-o-mundo-ha-65-muros-construidos-ou-em-construcao-1706358>>.

4 Oury, J. *O coletivo*. São Paulo: Hucitec, 2009, p.39.

configurados. Em nosso percurso, a convivência que se adensa nas viagens, uma das facetas desse fora, tem sido importante, pois é quando se intensificam fluxos, conexões vitais, estranhamentos. Ana Goldstein, de nosso grupo, apontou que as viagens trazem ao grupo algo de uma experiência inaugural, funcionam como um ponto de mutação, levam a transformações em cada um de nós e no grupo, assim como desbravam caminhos, travessias e novos processos.

Esse fora, essa exterioridade, está na possibilidade de estranhamento do mundo. Renato Cohen, teórico e difusor da performance, que trabalhou conosco por cerca de oito anos, até falecer precocemente em 2003, sempre deu importância ao estranhamento na ativação de processos de criação. Peter Pál Pelbart, no texto já citado, ao aproximar do grupo os nômades de um conto de Kafka, diz: “não é que eles se movam o tempo todo, mas sua maneira de estar ali e de carregar em si um fora, faz com que algo em torno deles se mova ou fuja”⁵. Um dos atores do Ueinz brinca sempre com as geladeiras de Pinheiros, bairro onde nos encontramos; assim denuncia e faz piada com o desenfreado consumismo da classe média paulistana - uma das pontas da injusta desigualdade social em que vivemos.

Não somos um grupo de tratamento, de terapia. Nosso empenho está em oferecer uma sustentação ao processo criativo coletivo, às conexões com artistas e, mais que isso, dar sustentação a uma forma de estar junto, de viver, de circular, de explorar o mundo e de poetar. Mas essa sustentação pode ser chamada de clínica? Sim, se pensarmos numa dimensão ampliada da clínica.

Positivar a loucura, abrir espaço, brecha, para que ela possa existir sem ser massacrada, tem efeitos terapêuticos, é clínico. A liberdade é clínica. Quanto alguém pode mudar? O que em alguém pode se transformar? Ao mesmo tempo, há um perigo em fazer da loucura um estandarte, pois ela implica sofrimento, angústias terríveis, abandonos, solidão. Ainda assim, nossa experiência não tem nada a ver com cuidar no sentido de normalizar alguém doente, domesticar, fazer algo bonitinho, agradar, adequar ou algo parecido, mas segue na direção de inventar possibilidades de conexão, de partilha, de criação, levando em conta diferenças, modos de existência.

Essa sustentação era inicialmente feita por terapeutas e, pouco a pouco, passou também a ser feita por pessoas diversas que entraram no

5 Pelbart, P. P. P. *Splendor of the seas*. In: *O Averso do niilismo - cartografias do esgotamento*. São Paulo: n-1, 2013, p. 251.

grupo através de conexões com as artes. E mais: essa sustentação é feita por todos os componentes do grupo, pois já temos muitos anos juntos, nos conhecemos... Nas viagens, um “cuida” do outro, embora existam polarizações em direção a alguém que demanda mais. Nas viagens, irrompem situações inusitadas e intensas a todo o momento. Lidar com tensões, fantasias, delírios, dilemas existenciais dá muito trabalho, e abrir brecha implica muita “guerra”. Daí também a sensação de guerrilha.

Diante dos muros, da insistência e do tensionamento em direção ao isolamento, à exclusão, a domesticação, a normalização impossível e acachapante, fazemos a sustentação de uma rede que produz mundo, que é parte do mundo, assim como nos leva ao mundo e cria, em meio a muita luta, frestas, zonas livres, pontes. Um aspecto dessa rede: acontece muitas vezes de alguém se sentir excluído do grupo. A experiência cotidiana de exclusão é muito forte e vem à tona em diversos momentos. Quando alguém cai para fora da rede, bate a porta da sala de ensaio e sai andando; quando alguém acha que não tem lugar no grupo e quer sair pela cidade desconhecida e desaparecer, quando algo assim acontece, ativamos a rede. Trata-se aí de trazer esse alguém de volta e isso pode acontecer de várias maneiras: às vezes, deixando a pessoa ir, às vezes, conversando, às vezes brincando, às vezes, brigando, às vezes, rindo, às vezes, negociando, às vezes, acompanhando até algum lugar como a padaria, o narcóticos anônimos, outras vezes apenas ficando ao lado, em silêncio. Esse sintoma da exclusão pipoca com frequência entre nós e indica a importância de cuidarmos para não esgarçar esse tecido que tende a se romper, que é frágil. Não se trata de agarrar, de convencer, de alguma camisa de força e sim de deixar o desejo seguir seu curso.

Nossa composição grupal é heterogênea, com atores vindos de diversos lugares. Essa mistura é muito fértil. A entrada de pessoas de fora do campo da saúde mental tem sido muito importante, pois possibilita a experimentação de diferentes formas de conexão, distanciamento e sustentação grupal; possibilita-nos a sustentação de uma rede num campo de heterogeneidade. Quanto mais diversidade, melhor; essa textura do ambiente é fundamental, enriquece as possibilidades de transferência, de conexão e possibilita escolha. Segundo Oury, Deligny dizia: “é importante que as pessoas que trabalham não se pareçam”⁶.

6 Oury, J. *O coletivo*, op. cit., p. 26.

Por exemplo, um ator do grupo, ao fazer conexão com alguém que vem das artes, estabelece com ele uma tal proximidade, uma amizade, que o leva a dormir na casa dessa pessoa, a almoçar no bar da esquina próximo ao lugar onde ensaiamos; a frequentar aulas em museus; a cruzar com pessoas novas, por exemplo, numa reunião com curadores. Com tudo isso, ele passa a empreender uma outra circulação pela cidade - e assim uma fresta se abre para ele. E, do outro lado, esse que vem de outro planeta, do trabalho e da frequentação nas artes, encontra nesse ator uma forma mais direta, sem véu, irreverente, de estar junto, de encarar o mundo, de circular pela cidade, de olhar e de conversar com os mendigos, os vendedores *hippies* nas calçadas, os motoristas de ônibus, os pregadores da Praça da Sé, os vendedores de uma loja de carros importados da Avenida Brasil, os *rappers...*, para ele também outra fresta se abre.

Em nosso grupo convivem muitas modalidades de relações, de co-testemunho, de conexões-de-borda, e os lugares são intercambiáveis. As distâncias entre um e outro podem mudar a cada momento. A imagem da jangada, proposta por Deligny, é muito boa para pensar no jogo das distâncias e dos pesos de um grupo. Segundo ele, a jangada não deve ser sobrecarregada, pois há o risco de afundar e virar, se a carga estiver mal distribuída. E mais..., nas suas palavras inspiradoras:

Uma jangada sabem como é feita: há troncos de madeira ligados entre si de maneira bastante frouxa, de modo que quando se abatem as montanhas de água, a água passa através dos troncos afastados. Dito de outro modo: não retemos as questões. Nossa liberdade relativa vem dessa estrutura rudimentar, e os que a conceberam assim - quero dizer, a jangada - fizeram o melhor que puderam, mesmo que não tivessem em condições de construir uma embarcação. Quando as questões se abatem, não cerramos fileiras - não juntamos os troncos - para construir uma plataforma concertada. Justo o contrário. Só mantemos do projeto aquilo que nos liga. Vocês vêem a importância primordial dos liames e modos de amarração, e da distância mesma que os troncos podem ter entre eles. É preciso que o liame seja suficientemente frouxo e que ele não se solte.⁷

Importa-nos tecer a rede, jogar fio, dar fio, puxar o fio, sustentar a rede, manter a navegação da jangada. Aliás, o Ueinzz é expert em jogar fio,

⁷ Deligny, F. Jangada. *Cadernos de Subjetividade*, Núcleo de Estudos e Pesquisa da Subjetividade, São Paulo, ano 10, n. 15, 2013, p. 90.

boia, em receber pessoas as mais variadas, com a condição de que possam respeitar nosso coletivo e cada um de nós. De quando em quando, recebemos visitas. Para nós, o mais importante é a disponibilidade em pegar uma das pontas da rede; é fazer conexão com uma ética, um modo de estar junto. Deligny tem muito a ensinar sobre o estar junto, as teias, os espaçamentos, a não rotulação, a guerrilha, a liberdade, o agir e não o fazer etc.

Um aspecto da ética. Uma pequena história. Quando fomos a um festival, em julho de 2014, fizemos uma conversa aberta sobre o Ueinzz e, entre outras pessoas, vieram vários usuários de serviços de saúde mental. Notamos que, durante essa conversa, uma “profissional da saúde” começou a nos explicar, a nos dizer o que uma usuária havia dito. No Ueinzz isso não cabe. Ninguém representa ninguém, ninguém fala por ninguém, ninguém explica a fala de ninguém. Cada um fala por si e do seu jeito, não se atribui sentido ao que o outro quis dizer. Cada um entende o que o outro diz como quer, como pode, como lhe interessa.

Alejandra Riera, com quem fizemos muitas parcerias, comentou sobre o estar junto Ueinzz, numa correspondência, da seguinte maneira:

- Ueinzz é um lugar de existência e de vida onde a pessoa se torna bastante importante para viver por si e pelos outros. O inverso de simplesmente sobreviver e de viver sofrendo com aquilo que nos atravessa as vezes. Eu compreendo essa invenção fundamental que se apoia na rede de amizades. É verdade que quando Ueinzz chega, quando está presente, ele-ela, “faz lugar” e alguém como X, com quem não se falava antes, encontra um lugar, torna-se alguém com quem partilhar momentos do vivido, longe, muito longe do que seria a ideia de “tomar conta” de um doente. Cada um é nesse lugar UEINZZ um amigo, uma amiga, um próximo, com mais potência do que se estivesse sozinho. Nesse sentido, UEINZZ é invenção de um lugar sem lugar preciso e momentos de vida partilhados.⁸

Sim, o Ueinzz é invenção de um modo de partilhar e de experimentar diferentes lugares, e não um lugar de “tomar conta”; é invenção de um modo de criar com outros, de copoiese. No grupo, alguém não se reduz a um único papel, e mesmo alguém que costuma ocupar um papel importante fora dali, pode ficar sem papel, enquanto outro que costuma ficar excluído dessa

⁸ Riera, A. E-mail de 13 de agosto de 2015.

lógica de papéis, ali vira protagonista, diretor de cena e dá entrevista na rádio ou na televisão. Um ator deu uma entrevista hilária na rádio finlandesa, ao contar que a ideia de criar o Ueinzz começou numa pescaria. Essa quebra da “verdade” dos fatos, essa pequena ficção de nossa vida comum, rendeu muito...

Já no final de nossa primeira apresentação, um ator gritava que estava curado, e pode-se dizer que ficou curado mesmo, curado da condenação ao pesado papel de doente mental que carregava havia anos. Durante a apresentação, ele experimentou um desmanchamento desse papel de doente, ao qual estava preso, e pôde viver outra coisa. Ele pôde, também, ver outros do grupo mudarem de papel. É interessante que, quando nos apresentamos, o público não consegue discernir se aquele que está em cena é terapeuta ou não, isso fica borrado, o que atesta esse desmanchamento de papéis e aponta para uma transversão.

Experimenta-se um deslizamento de papéis, inclusive para o sem papel. Alguém pode, por exemplo, por alguns momentos, até mesmo desaparecer, assim como também pode ser terapeuta, ator, figurante, cozinheiro, motorista, médico, faxineiro, cuidador, sonhador, acompanhante, ovelha, astronauta, desenhista, diretor, escrevente etc. Um dos atores do grupo diz que gosta do Ueinzz porque este é o único lugar em que ele pode morrer, desaparecer. Curioso que, em um *workshop* em Gasglow, tenham surgido várias cenas de morte, inclusive uma cena de morte foi improvisada na primeira apresentação. O ator ficou ali estatelado no chão até depois dos aplausos, o que provocou certo assombro, e levou outros do grupo a improvisar a partir daí.

Processos

Nossa experiência passa mais pela performance do que pelo teatro. Uma das marcas que Renato Cohen nos deixou é a do *Work in Process*, do processual, procedimento importante na arte contemporânea, hoje. A peça nunca é a mesma, é maleável, mutável, embora alguns fragmentos se mantenham. O cotidiano, os encontros que acontecem durante o período de apresentações de determinada peça promovem alterações nas cenas, inflexões – camadas se superpõem, se desdobram, se abrem, pois há porosidade, tanto algo da vida vem para a cena, como algo da cena migra para a vida.

Em nosso roteiro, surgem, muitas vezes, subtextos, improvisos, momentos de suspensão, em que ninguém da trupe sabe o que vai acontecer. Momentos-surpresa. Numa das apresentações do *Cais de Ovelhas* um dos atores faltou. Durante a cena da qual ele participava, e na qual a atriz que

contracenava com ele lia um obituário, sem perceber que ele não estava, ela o chamou, os outros do grupo prontamente responderam: ausente; daí seguiu-se a leitura do obituário e se formou um coro para responder: ausente. Fulano de tal, morto em tal dia: ausente, e assim por diante. Invenção no imediato do acontecimento, prontidão, conexão. O divertido parece acontecer quando algo descarrilha, rompe o esperado.

No ano de 2014, metade do grupo fez uma viagem para Buenos Aires, para uma experiência fílmica com Alejandra Riera, e metade ficou. O grupo que partiu, entre outras coisas, fez uma filmagem diante de uma escultura do Colombo caída numa praça próxima da Casa Rosada. Uma ação poética de protesto contra a violenta colonização da América, o massacre dos ameríndios. O grupo que ficou em São Paulo, por sua vez, criou uma cena que entrou para o Cais de Ovelhas. Nessa cena, índios embebedam Colombo e o mandam de volta para a Europa na forma de um pássaro. Achei isso muito bonito, uma cumplicidade, um grupo encontrou um jeito de se sintonizar com o outro, mesmo a muitos quilômetros de distância. Duas ações poéticas, uma em um trecho de um filme e a outra em uma cena da peça, em conexão, em ressonância.

Mais um exemplo de *work in process*, de porosidade e de algo que migrou da cena para a vida. Só para dar uma ideia de uma certa pulsação que incide no nosso pequeno coletivo. No Cais de Ovelhas, uma atriz dizia: Catiti, catiti, imará, notiá, notiá, imará, ipeju (Lua nova, lua nova, leva lembranças ao meu amor). A repetição que o teatro traz colaborou para o catiti transbordar da cena para nosso cotidiano, virar uma brincadeira entre nós. Quando alguém quer muito que algo aconteça, chama a palavra mágica - catiti, catiti...

A própria peça *Cais de Ovelhas* é um exemplo de porosidade, de trânsito, de algo que atravessa de um lugar para outro: foi uma forma de o grupo elaborar a experiência de uma viagem transatlântica, na qual, entre tantas outras coisas, incluindo a realização de duas performances (uma em Lisboa e outra em Santos), fracassou um projeto de filme com mais dois outros grupos e rompemos com o diretor com quem trabalhávamos. Foi uma experiência forte e difícil, de suspensão ativa, de resistência em fazer obra⁹, em cair no produtivismo, tão caro à lógica do navio “*shopping center*” onde estávamos. Decidimos, após esse momento, ficar sem diretor, N-1. Um novo modo de trabalhar surgiu daí. Esse espaço vago deixado pelo diretor nos levou a outra

⁹ É muito curioso que uma profusão de novos processos tenha se dado após esse importante momento de suspensão que citei. Ali veio à tona uma ideia fundamental para nossa

movimentação, a outra experimentação de papéis, a outra forma de criar juntos. A peça que se seguiu a esse momento, o Cais de Ovelhas, começa com a trupe numa balsa de naufragos à deriva, em meio a uma tempestade. Em outro momento, a trupe em cena assiste uma teia-rede nascer das entranhas de um dos atores e depois dança com ela.

Mais outro exemplo dos fluxos. Em abril desse ano, na viagem que fizemos para Gasglow, surgiu uma forte tensão, uma tensão existencial. Um dos atores estava num momento de vida de muito esforço para mergulhar no mundo, para se inserir em diversos contextos e, por diversas vezes, brigou com um outro que não tem isso como questão e, às vezes, parece aposentado. Ele não conseguia aceitar a atitude do outro, o que achava ser um conformismo, uma desistência diante do muro. Esse outro, o aparente aposentado, com quem ele brigava, tem essa postura, soa conformado em alguns momentos, mas também subverte o tempo todo, joga, é sacana, põe o dedo na ferida do outro, tem uma irreverência que desconcerta quem está por perto. Seguiram-se momentos de tensão em torno dessa briga que sacudiu a todos. Na última apresentação, numa cena, um deles chama o outro para uma luta de box - no final dessa luta surgiu uma declaração de amor nada piegas, em que dizem estar no mesmo barco. Remam juntos. Terminaram com um abraço fraterno.

vida grupal - a ideia de desobramento, inoperância. Ideia trazida por Erika Inforsato, componente do grupo, a partir de Blanchot. Então, o que seria desobramento? Seria não fazer obra e até mesmo resistir a isso, resistir ao produtivismo. Segundo ela, na ausência de obra algo do comum pode aparecer e de fato apareceu, surgiu um coletivo na sua radicalidade. Cf. Inforsato, E. A. Longe, quando a estranheza ameaça tornar-se familiar. *Cadernos de Subjetividade*, Núcleo de Estudos e Pesquisa da Subjetividade, São Paulo, ano 8, n. 13, p. 155-163, 2011.

A seguir, retomando palavras de Erika Inforsato (*Desobramento: constelações clínicas e políticas do comum*. São Paulo: n-1, no prelo), num trecho muito bonito, Peter Pal Pelbart, no texto "Splendor of the seas" (*O avesso do nihilismo...*, op. cit., p. 257), diz: "Sustentar o insustentável, um encontro com a gravidade da vida, sobretudo populações em processos de desfiliação e vulnerabilidade, diz a autora, demandam uma prontidão, uma distância que não quebra o afeto, essa ascense, de jamais pressupor o que é a vida do outro, ou jamais investir nos vínculos obrigatórios, livrar-se do telos, resistir às intervenções espetaculares, visíveis demais, prescritivas: resistir a reinventar a roda, apenas fazê-la girar em outra direção, mesmo que se chegue ao ponto de arrebenção do encontro. Por vezes, é preciso largar uma situação... deixar de querer salvar e ser salvo, desistir do arremedo para que algo seja possível. Sustentar a suspensão, a deriva em vez da oposição, a infiltração em vez da intervenção, deixar o campo aberto em vez de apostar nas edificações."

Nesse teatro performático acontece algo de verdade, que migra para a vida e vice-versa. Algo da vida pode de fato se resolver em cena. Pode-se pensar que esse teatro tem algo de real - “Ele é vivo e corporal, próximo da dança às vezes, do butoh, um corpo que sente...” como diz Ana Goldstein¹⁰. Um teatro de poucas palavras. Não há representação e sim apresentação, ou uma mescla das duas. Quando vem uma representação, muitas vezes, ela se quebra, esboroa. Acontece, com frequência, um comentário da cena em plena cena. Algo da ordem da ficção está presente de forma fragmentária, não linear, polifônica. Uma ficção que não se deixa domesticar, que inflete na vida, no amor e na morte, e resiste à interpretação, ao deciframento. Uma ficção que nos leva para outros mundos, outros planetas, e que afeta, daí sua mágica. Para quem assiste uma peça Ueinzz é mais interessante se deixar levar, se render a um gesto, uma cor, um ruído do que procurar entender, encontrar um fio narrativo.

Como nasce uma peça?

Uma peça tem vários pontos de começo. Nasce em cada um de nós num momento diferente. Quando esses pontos começam a formar uma constelação, um desenho, algo emerge. Atualmente, estamos montando uma ficção científica que tem o nome provisório de “Aventura sideral”. Durante uma improvisação do *Cais*, alguém trouxe a imagem de uma carruagem de fogo que vai para o céu num momento de apocalipse, e aí pipocaram cenas com uma máquina do tempo que levava pessoas para outros planetas. Um dos começos da nova peça talvez venha da força desse improviso que mobilizou a todos. Outros pontos dessa constelação: o encanto de um ator do grupo pelos aviões; a proposta de outro de uma filmagem num cemitério de aviões; e a guerra, a guerrilha, a importância de encontrarmos zonas livres, zonas autônomas, outros planetas a habitar, pois esse nosso mundo estreita muito as possibilidades de existência.

Temos dado atenção à matéria e aos registros. Recolhemos rastros de nossa experiência em fotos, filmes, desenhos, mapas, escritos. Essa matéria secretada na experimentação cotidiana, esses fragmentos, vem para as

¹⁰ Carvalho, A. G. Caminhos Poéticos: Traços de um Renato Cohen em um Teatro Transgressivo. In: Dawsey, J. C. et al. (org.). *Antropologia e Performance - Ensaios Napedra*. São Paulo: Terceiro Nome, 2013, v. 1, p. 411-423.

cenar, assim como os figurinos, os cenários e outras criações do grupo. Deposições poéticas vão se acumulando, circulando no nosso cotidiano. Por exemplo, foi criada uma camiseta com os números tal como foram escritos inicialmente por um dos atores da companhia que, frequentemente, dá de presente para as pessoas bilhetes com números da sorte para serem apostados na loteria.

A exposição *Arte atual festival coisas sem nomes*, da qual participamos através do convite-fresta do Pedro França, que faz parte do grupo, nos levou a experimentações. Fizemos, com os trabalhos do Pedro, um corpo a corpo, pequenas coreografias e cenas, onde as placas, as lonas e os papéis se transformam em mesa, cama, abrigo. Durante montagem para a abertura da exposição, destruímos uma pré-montagem e fizemos outra, depois de uma experimentação corporal em que nos banhamos e cochilamos nas diversas placas e papéis - processo que nos trouxe muitas ideias para a peça na qual estamos mergulhados nesse momento. Nesse corpo a corpo, encontramos muita liberdade, o que lembra Deligny quando diz que a liberdade é como água, concreta, real. Teria aí algo do aracnídio?

Estamos no início do adensamento da peça nova. Inventamos que ela vai acontecer em episódios, para que possamos montá-la pouco a pouco, pois não nos interessa uma lógica produtivista, a obra pronta, acabada, mas o cuidado com os processos, as ideias, as imagens que vão surgindo lentamente e entrando numa espécie de jogo que implica porosidade, sensibilidade, fragilização. Cabem aí muitas tentativas, repetições, pequenas e grandes mudanças nas cenas. Pode-se jogar muita coisa fora, pode-se aproveitar muita coisa, não tem certo ou errado. Uma cena poderia ser uma zona livre, alegre, um convite ao agir e não ao fazer.

Nota de agradecimento: ao Ueinz pelo encontro.

*Paula Patrícia Francisquetti - Amante das pequenas facções e do experimentalismo.

Atalho contemporâneo na avenida moderna ou a crítica da razão rua

Ophelia Patrício Arrabal

Aclimação: Utopia, Distopia

Seu é a sua, nosso. A praça é nossa. A rua é nossa. A pátria é nossa. A pátria é a nossa mátria. A cidade é nossa. Praça de alimentação. O urbano como espaço. O indivíduo é formado pelo coletivo, o coletivo pelo indivíduo. O urbano é coletivo, transporte coletivo, atalho para a rua, as máquinas são formas de vida, a intervenção artística como um deslocamento do olhar, da relação dos indivíduos com o coletivo e o espaço urbano, um desvio, um atalho para outros modos de ocupação da cidade, para outros modos de relação com o espaço público. A aura é nossa. A praça com grades é patrimônio x MATRIMÔNIO, botar o bloco na rua. A modernidade criou cidades duras, pensou cidades-máquina, quis cidades concretas imortais, mas as margens do rio, degradadas, desmatadas, desbarrancadas, desgarradas invadem o próprio rio assoreando o leito, sufocando a correnteza:

o rio é rua
o tempo é um rio,
cidade inundada
enchente de gente

O determinismo cartesiano e militar da engenharia e do urbanismo moderno passou suas máquinas *esplainadoras* sobre a natureza irregular e irrigada do terreno carioca. Criando assim grades de asfalto e concreto sobre rios, canais, lagoas, mangues, charcos, enseadas. Mas a água vai se infiltrando sob a cidade invadindo os esgotos, devorando as ruas.

Brasília é a cidade inexistida que precisou ser inventada.

Daqui, do centro da Pátria, levo o meu pensamento a vossos lares e vos dirijo a minha saudação. Explicai a vossos filhos o que está sendo feito agora. É, sobretudo para eles, que se ergue esta cidade síntese, prenúncio de uma revolução fecunda em prosperidade. Eles é que nos hão de julgar amanhã.

Juscelino Kubitschek - Discurso na inauguração de Brasília

São as favelosts. Apelido dado ao maior fenômeno urbano de todos os tempos, grandes aglomerações de habitação e ocupação confusa entre as megacidades (supergruetos de capitalismo exacerbado na cidade terra). [...] Favelost. Não é uma favela de periferia standard, nada disso, muito além disso. [...] Em favelost não tem rua, nem avenida. É tudo alameda medieval, estreita conexão de quarteirões. Não tem carro em favelost. Só motocicleta e o metrô de popa. Metrô improvisado com barcos vindos da região dos lagos adaptados aos trilhos com um motor que senta a popa quinze pessoas em cada embarcação. [...] Serra pelada. Caixa de pandora. Arca de Noé. Faroeste barroco, favelost. Super quintal de próteses. A nova franquia social da cidade Terra. A tal, terceira bola girando em volta do forno solar.

Fausto Fawcett - Favelost

*E a cidade se apresenta / Centro das ambições / Para mendigos ou ricos / E outras armações / Coletivos, automóveis, / Motos e metrôs / Trabalhadores, patrões, / Policiais, camelôs
A cidade não pára / A cidade só cresce / O de cima sobe / E o de baixo desce / A cidade não pára / A cidade só cresce / O de cima sobe / E o de baixo desce*

Chico Science - A Cidade

tô com deus sou herói, / sem carteira assinada profissão motoboy, / tudo de ruim já sumiu da minha lista, / chamo no grau detono na pista, / também sou artista, / versão brasileira do motoboy paulista.

[...]

Eu levo sua pizza, entrego sua mensagem, / percorro em um segundo os quatro cantos da cidade, / observe com atenção que você vai perceber / sou cenário da cidade que não para de crescer

Marcelo Veronez - A poesia dos motoboys

Fissão do moderno X contemporâneo

A contemporaneidade é o corta-caminho existencial que o ser humano pós-humano, pós super-homem, pós-sub-humano arranjou para fugir da encruzilhada da modernidade e seu pessimismo suicida. Uma encruzilhada sem saída como 4 becos sem saída, como uma cruz com toda a carga do pensamento cristão.

A contemporaneidade é um motoboy cortando rápido a avenida por entre os carros parados no engarrafamento da agonia moderna do apocalipse tecnológico do aquecimento global do terrorismo ecofacista.

- Quem faz o trânsito não é nós, nós custura!!!

- A cidade é um organismo vivo. É uma ferida incrustada na crosta terrestre, mano!!!

A crítica à modernidade perpassa um debate sobre o retorno do teológico-político, embora o político tenha surgido justamente da separação do fazer crítico de qualquer religião divina-mágica-transcendente absoluta. A descredibilização do papel político por campanhas midiáticas, do rádio ao facebook, leva a um estado de crença. Acredita-se ou não em determinado político, assina-se ou não um abaixo-assinado com o pensamento escorado pelo gosto. Estética-estática. Cola-se um adesivo na janela do carro e ok. É a crítica à falta de embate crítico. O que é único da contemporaneidade é a possibilidade de ressignificação de lógicas dialéticas ancestrais no que chamaríamos de mobilidade de sistemas. O pensamento contemporâneo tem a dinâmica de um corpo em estado físico indefinido, que ora se solidifica e em seguida se liquefaz novamente. Como uma massa de tapioca. Um biólogo ou um cientista social se parecem muito mais com um artista que se parece muito mais ainda com um confeitiro ou um publicitário que também se parece muito com um astrólogo.

A contemporaneidade lida com a história como Ouroboros, uma serpente que come a própria cauda, é o atropelamento engavetamento de todas as eras da humanidade juntas e misturadas. Cooperação quântica alquímica. No caldo do hoje, o primitivo, o gótico ou o barroco estão tão presentes quanto o moderno, o tempo foi liberto das amarras da linearidade e pulverizado em forma de galáxia. Talvez, para nós, indivíduos comportados de uma classe letrada, formados por uma persistência das ferramentas do pensamento moderno, que não arredam o pé das academias, talvez para nós a contemporaneidade ainda se pareça com algo que pode ser chamado de pós-moderno. Mas, se nos desviarmos um pouco do nosso confortável metiê

pós-graduado, perceberemos que nas ruas, para a maioria das pessoas, o universo mágico religioso de culturas orais arcaicas tribais está tão presente em seu cotidiano quanto qualquer teoria da Escola de Frankfurt.

O desejo moderno de onipotência sobre toda a cultura e toda a história foi a máquina que mais destruiu templos, valores e imagens do passado, para criar o templo hegemônico global que tem como deus o trabalho, como grande poder criador o dinheiro, e como prática religiosa a ciência e tecnologia.

Então, se por um lado, a maioria dos seres humanos nunca teve um contato direto com os conceitos determinantes da modernidade, por outro, sabemos que através de uma absorção diluída e pulverizada desses, quase todos se curvaram à santíssima trindade moderna do trabalho pai, tecnologia filho e dinheiro espírito santo. Mas a grande carta na manga da humanidade que permitiu a virada do jogo e a fuga da encruzilhada moderna, foi que o trabalho, a tecnologia e o dinheiro começaram a dar sinais de falência antes de se completar a catequese total da humanidade. Ou seja, a vida ainda cresce, se multiplica e se diversifica mais rápido que a capacidade de captura e adestramento do aparelho moderno capitalista. E então, quando em meados do século XX a modernidade começa a perceber que vazamentos, glitches e bugs são muito maiores que sua capacidade de orquestração e controle, ela deixa de ditar as regras e começa a correr atrás da humanidade, tic tac, tic tac, tic tac, construindo um discurso baseado na ideia de que um matrix ciborg teria capacidade infinita de assimilar tudo que é externo a ele, de reverter todas as forças contrárias a seu favor. Mas isso cria uma espécie de doença autoimune no sistema, uma obesidade mórbida que acaba por inchá-lo de tal forma que se torna insustentável. E do meio desse tumor começam a brotar linhas e novos espaços salutares, por onde saltam os motoboys da selvageria pós-sub-humana!

O moderno teve a pretensão de ser pra sempre. Mas como já disse o poeta, o pra sempre, sempre acaba. Ou como diz a Mamãe Coruja, pra sempre é muito, muito tempo e o tempo tem seu jeito de mudar as coisas.

Com o distanciamento que vamos tomando do século XX, percebemos que a contemporaneidade é um caldeirão de multitudes onde o moderno com todo seu elenco é apenas mais um ingrediente da sopa e não o caldo que costura tudo. Ele já passou, mas reluta-se nos círculos dialético-sofismais, quando na verdade estamos falando de sistemas autopoieticos. Se o moderno teve como meta a destruição e a desconstrução do passado, o contemporâneo tem como prática a reciclagem, a reapropriação, a reocupação de todo o

passado, presente e futuro. É comum ver o duelo “indivíduo x coletivo” em arenas intelectivas, embora a real oposição da multidão ou das multiplicidades seja o povo massificado.

Da situação artística urbana - um ensaio geral

A arte da contemporaneidade deve habitar a urbe de forma camuflada, ser ambígua no espaço da correria, corredor. O *outdoor*, artístico ou publicitário, está num lugar de contemplação que não captura mais, é como a extensão de um museu de antiguidades das últimas novidades, não desloca o olhar, é o esperado, a atualização constante tal qual o *outdoor* deva propor. A intervenção artística deve estar em outro lugar. Deve surpreender, pegar o público de calça arriada, envolver.

O *outdoor*, e toda a cultura do espetáculo com grandes esculturas coloridas, luminosas, etc., se coloca do lado de fora, em um campo virtual, pois não divide nem compartilha o espaço urbano com o coletivo público de passantes que a observam. Na verdade, o espetáculo acaba por excluir qualquer possibilidade de observação, contato, reflexão: recreação e introspecção; promove nos espectadores uma rápida, indolor, ascética e superficial conexão que pretende injetar uma informação simples e imperativa no inconsciente coletivo, como a picada de um veneno homeopático que aos poucos vai impregnando todo o organismo e todo o imaginário humano.

Em geral essa informação se resume a:

- COMPRE!
- TER É PODER!

Por este distanciamento redirecionador, o espetáculo se caracteriza pela cultura da telecomunicação, que está sempre além dos indivíduos que a consomem, intocável como fetiche máximo baseado na promessa de um gozo infinito. Esta é a imagem fundamental de toda a publicidade, pessoas sempre felizes, limpas, saudáveis, sorridentes e retocadas com clone stampo ou healing brush da última versão do editor de imagens-luxo; uma vida perfeita proporcionada pelo poder de posse de objetos de consumo. Desta forma, o espetáculo serve à economia megaindustrial como um promotor de dispositivos telecomunicativos que afastam os indivíduos uns dos outros e do espaço comum, embrulhando cada ser humano em uma bolha de segurança, em uma cabine telefônica, com várias opções de cores e motivos, com direito à crítica especializada.

O ideal ascético e o aparelho mega industrial esterilizaram e

mecanizaram, programando, dentro de um sistema complexo de códigos disciplinares, todas as relações entre os indivíduos. O resultado é uma vida social que tende à total intermediação de aparelhos telecomunicativos. O sistema econômico quer que toda a relação entre um indivíduo e outro se dê através de um aparelho telecomunicativo. Na transversal da telecomunicação, a intervenção artística propõe o *espaço envolvente*, oferecendo ao indivíduo o toque e o acolhimento, e se possível a sensação festiva de estar entre amigos. O *espaço envolvente* deve ser um espaço experimental e lúdico, e deve necessariamente, mesmo que por um curto período de tempo, transportar as pessoas para um outro contexto, algo como a descoberta das Américas e seus povos bárbaros.

Podemos pensar também no *espaço envolvente* como um primeiro ato, um caminho para esta viagem, este deslocamento. Um portal quadridimensional. Pode ser como uma armadilha sem dor, uma arapuca atraente o bastante para capturar os seres humanos e se transformar numa nave e levá-los a lugares insólitos, livres, quem sabe, das redes de marionetes eletromagnéticas.

O atalho possível proposto pelas manifestações atuais de arte em espaços públicos é o da ressensibilização, de ressocialização desses espaços e dos indivíduos e coletivos que habitam e transitam por eles. As práticas de mercado transformam o espaço urbano em espaço de comércio cada vez mais loteado, cercado, murado, patrimonializado, estratificado, standartizado. Se queremos enxergar auras na contemporaneidade não precisaremos medir o número de *retweets* ou views do YouTube, tampouco o volume da tiragem, muito menos ver e atualizar *clippings* de mídia. Ela, se existe, é presentificada na afetabilidade que experiências relacionais promovem a quem quiser cooperar e inserir-se em dinâmicas sociais atípicas num espaço escolhido, sitespecificado ou não, onde há a dimensão poética destas trocas.

A multidão requer um pacto e, assim, a aura da praça é nossa.

A intervenção artística no espaço urbano deve promover uma ressignificação desse espaço como espaço público, do público e para o público, deve funcionar como uma força descompartmentadora de espaços, uma ação que busque a horizontalidade social desses espaços. Dessa forma, as experiências mais contundentes e com potencial de transformação e deslocamento de pontos de vista, tanto no plano individual como na esfera social, são aquelas que promovem o contato direto, corporal, interativo, integrativo com o outro que pode ser tanto um indivíduo como um coletivo. Por isso é fundamental distinguirmos a escultura monumental da intervenção artística,

pois enquanto a primeira se dirige às massas, com um discurso concluído, que só emite, não absorve nem reflete, geralmente baseado em conceitos de beleza e impacto visual na paisagem; a segunda se dirige ao seu semelhante no intuito de construir, junto com o outro que a vivencia, um diálogo que deve necessariamente se manter aberto. O receptor está no mesmo nível do emissor e por isso essas posições se tornam intercambiáveis. A intervenção deve ser aberta a interação; é permeável e por isso se constrói no processo de contato e contágio com o público, não começa nem conclui, se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser. A intervenção artística em espaços públicos funciona como um mapa 1:1 desses espaços. Um mapa aberto, conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente; pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Sua relação com o território é construída no momento do ato, a partir dos nossos desejos. Um mapa que possa separar o conceito de espaço dos mecanismos de controle, que invente para nós uma cartografia da autonomia.

* Ophelia Patrício Arrabal – oparrabal@gmail.com

[Imagens]

As imagens que compõem este atlas são fragmentos visuais disponibilizados pela maioria das práticas apresentadas nesta edição.



[Modo de vida Aruanda - Fonte: Arquivo UAP]



[Modo de vida Aruanda - Fonte: Arquivo UAP]



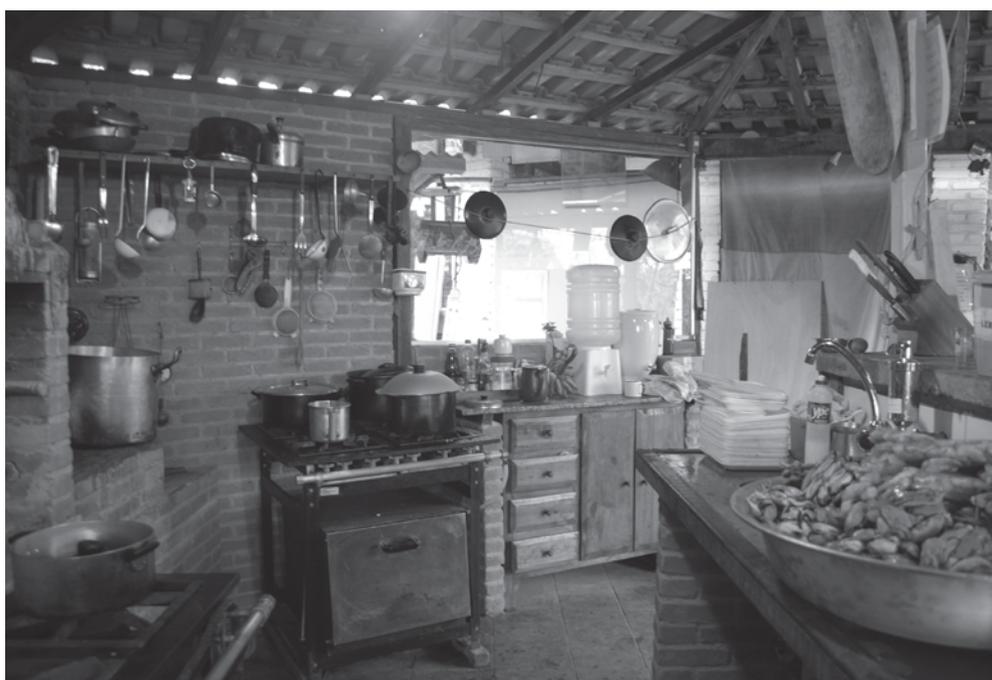
[Modo de vida Aruanda - Fonte: Arquivo UAP]



[Modo de vida Aruanda - Fonte: Arquivo UAP]



[Modo de vida Aruanda - Fonte: Arquivo UAP]



[Modo de vida Aruanda - Fonte: Arquivo UAP]



[Modo de vida Aruanda - Fonte: Arquivo UAP]



[Modo de vida Aruanda - Fonte: Arquivo UAP]



[Modo de vida Aruanda - Fonte: Ligia Nobre]



[Árvore-Escola, Grupo Contraflê e Campus in Camps, 2014/2015]



[Rebelião das Crianças, Grupo Contrafilé, 2006]



[Quintal - São Bernardo do Campo, SP. Grupo Contrafilé 2013]



[Rebelião das Crianças, Grupo Contrafilé, 2006]

HAIŪ ASHU IXANU HUNI KUI

HAWĒ
DAUTI BUYA

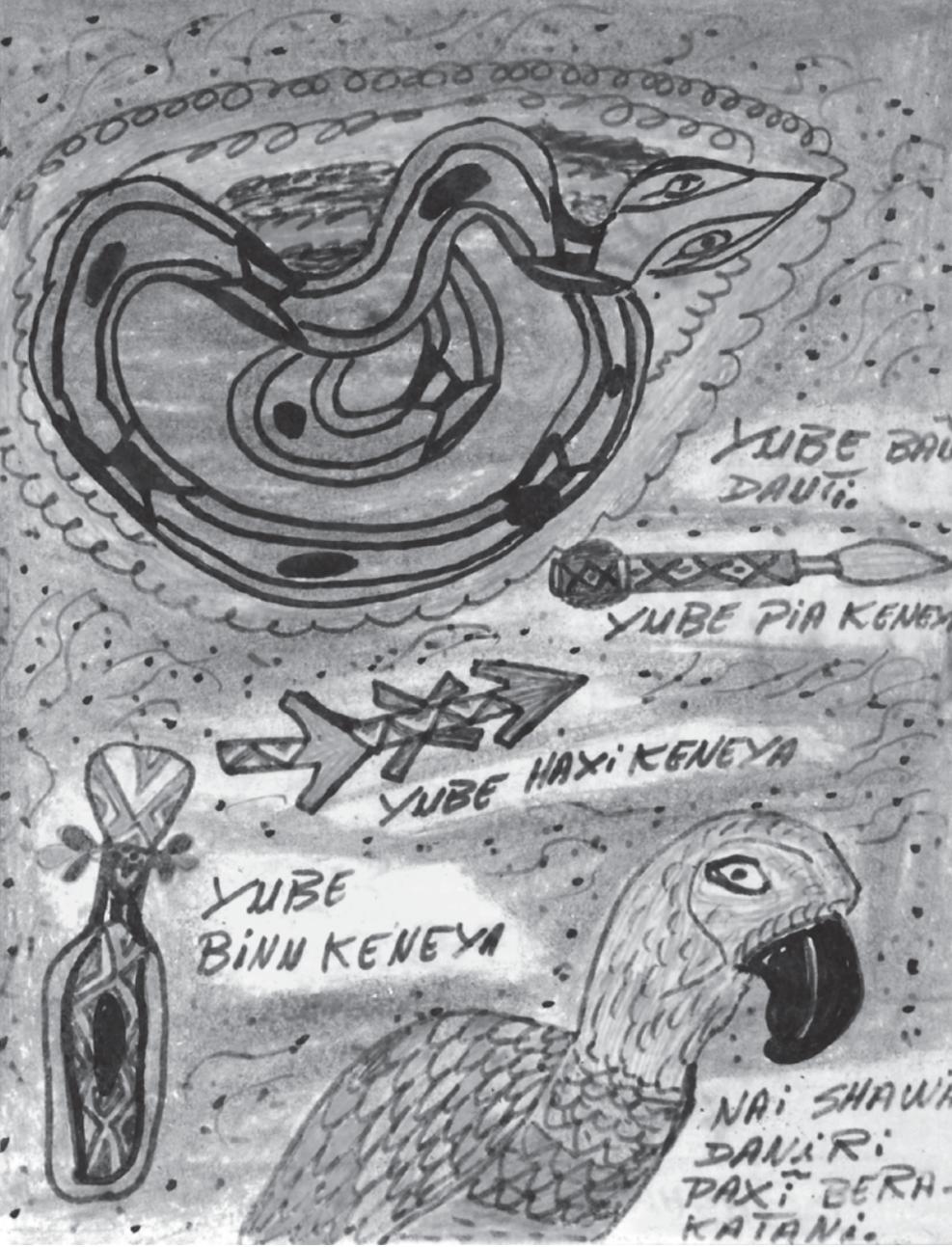


[Movimento dos Artistas Huni Kuin]



[Desenho de Kixtin Huni Kuin - MAHKU, 2011]

DESENHO: YUBEBAŨ DANŨ
HAWĒ DAN TIBUYA.



[Desenhos de Bane - MAHKU, 2007]



[Movimento dos Artistas Huni Kuin, 2012]



[Movimento dos Artistas Huni Kuin, 2012]



[Reginaldo - Fonte: Norte Comum]



[Hotel da Loucura - Fonte: norte Comum]



[Enock e Pelezinho - Fonte: Norte Comum]



[Mirian - Fonte: Norte Comum]

me chama!



[Me Chama! - Fonte: Opavivará]



[Fernand Deligny e o gesto da escrita - Fonte: Noelle Resende]

meatable :

- les lieux
- les archives

Vous avez vu le petit livre sur les hiennos.
Ce reste plus m'a surtout que les hiennos
gardent l'empreinte des événements qui
ont eu lieu près d'elles, à leur portée :

La question qui se pose est :
les individus et le rôle

Este livro foi composto em Greta Text Pro
e Fedra Sans Pro sobre papel Pólen bold 90g/m²
para o miolo, papel Kraft para a capa e impresso na
Gráfica Cinelândia em São Paulo - SP.

